

ALMANAQUE

outubro 1959



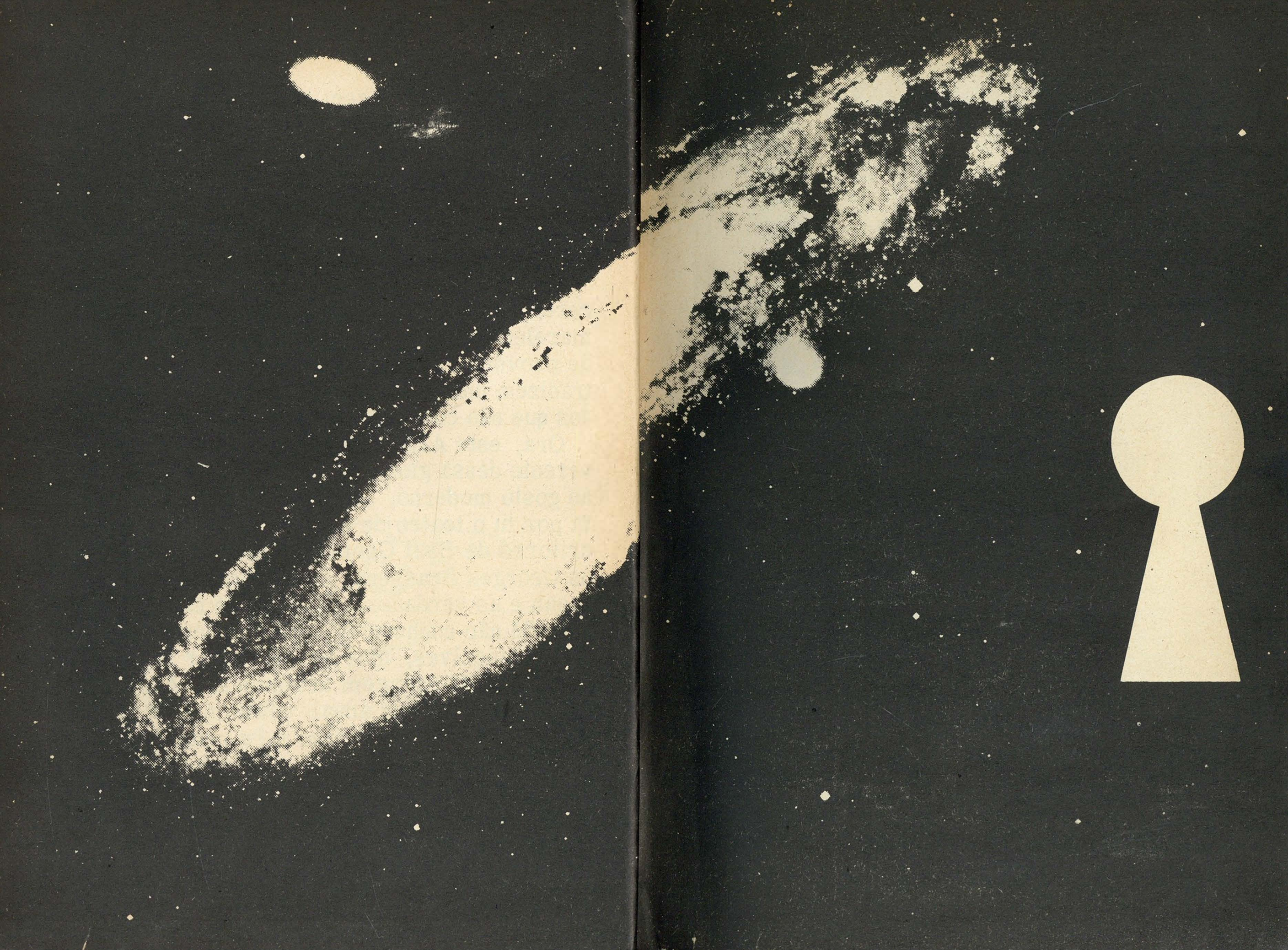


Um almanaque, dizem as enciclopédias, é um livrinho de calendario bem medido e matérias várias de instrução e recreio, tábuas, coisas de todo o gosto, etc., etc. Inventaram-no os chineses, que são seres pacientes e engenhosos, muito dados às belas alegrias, as artes e aos passatempos mais complicados.

Almanaque, não se sabe bem porque, tem um certo sabor a ornato, a antiquilha e a papel amarelecido. Cheira a naftalina e anda salpicado de provérbios muito conselheirais, que se contradizem uns aos outros, e de anedotas de soldados que não conhecem a mão esquerda.

Ora, este ALMANAQUE é um herdeiro irreverente dessa gloriosa familia de anciãos. Vem ao gosto moderno, segundo a "linha 1959", trata por tu o teatro de Beckett e Ionesco, os escritores da Beat Generation, os Pat Boone ou os Georges Brassens, os intimos da Françoise Sagan e as verdadeiras causas do caso Pasternak. Só não conhece os segredos dos painéis de Nuno Gonçalves, mas há-de chegar lá um dia.

Com tanta bagagem acumulada o ALMANAQUE não podia ser anual. Muito menos perpétuo. Mas mensal. E num mês reunirá tudo o que de importante se passou nesses dias do calendário, quer na actualidade, quer no passado, desde que o mundo é mundo e se dispôs a contar as suas aventuras no campo da ciência, das artes, da literatura e das mil e uma maneiras de se divertir.



ALMANAQUE

Efemérides	11
A mulher do mês: Lola Montes	17
Flos Sanctorum: S. Plácido	23
3 poemas de amor	27
Jornal de actualidades	31
Astrologia, Quirologia e Caracteriologia, pelo Prof. C. Radini	36
Caça	46
Pesca	53
Floricultura	57
Antiquarium	60
«Incerteza», conto de Cécile Monfort	62
Como se diverte Londres	69
Boémia de Outros Tempos, por Lourenço Rodrigues	74
Um animal por mês: o Burro	79
Divulgação científica	82
«Os conselhos de Salomão», conto de Boc- caccio	87
Cartas de amor célebres: Abelardo e Heloísa	90
Um país por mês: o Afeganistão	94
As latitudes da felicidade: Suécia	101
«A atitude perante a vida», conto de Roy Benson	108
As grandes sagas: Conquista do Everest	111
Um filme por mês: «A Lenda do Reno»	117
Casanova	123
Armazém de letras	127
«Dois burgueses e um cadáver» por Urbano Tavares Rodrigues	128
No reino de Pacheco	137
Naufrágio na ilha dos Ladrões	139
Surprise party	145
Aperitivo	146
Os três amores da B. B.	147
Saber inútil	152
Leia, medite e responda	153
A canasta	155
Ilusionismo	161
Jogo do Minotauro	162
Paciências	164
Elvis Presley	165
Test: Não responda se for snob	168
Discoteca	169
Miles Ahead	171
Caterina Valente	172
O crime ao alcance de todos	176
Romance: «Os irmãos Whiteoak» por Mazo de La Roche	177



Director: J. A. de Figueiredo Magalhães • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues • Propriedade: Grupo de Publicações Periódicas • Redacção e administração: Rua da Misericórdia, 125-1.º • Expediente e contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º • Telefones: 31892/3 • Composto e impresso na Casa Portuguesa, R. das Gáveas, 109 • Cada vol.: 15\$00 • Assinatura semestral: 75\$00 • Anual 145\$00

OUTUBRO / 1959



Até ao dia 24 o Sol encontra-se no signo zodiacal da **Balança**. As 4 h e 12 m desse dia o Sol entra no signo do **Escorpião**. De 1 a 31 os dias decrescem 1 h e 8 m.

O dia 1 tem 11 h e 40 m e a sua noite 12 h e 20 m. O dia 31 tem 10 h e 32 m e a sua noite 13 h e 28 m.

No dia 1 o Sol nasce às 6 h e 31 m e põe-se às 18 h e 21 m.



1 — 5.ª feira. — S. Verissimo. — Feiras de Budens, Moncarra-pacho, Vila Velha de Ródão.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 2.18 | **H O R A** 14.30
ALT. 4.02 | **ALT.** 4.21

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 8.00 | **H O R A** 20.20
ALT. 0.93 | **ALT.** 0.77

2 — 6.ª feira. — Santos anjos da guarda. — Lua nova às 12.31.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 2.54 | **H O R A** 15.10
ALT. 4.19 | **ALT.** 4.34

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 8.39 | **H O R A** 21.00
ALT. 0.75 | **ALT.** 0.65

3 — Sábado. — Santa Teresinha do Menino Jesus. — Feiras de Abela, Vieira do Minho.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 3.30 | **H O R A** 15.50
ALT. 4.29 | **ALT.** 4.39

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 9.18 | **H O R A** 21.35
ALT. 0.65 | **ALT.** 0.62

4 — Domingo. — S. Francisco de Assis. — Feiras de Castelo Branco, Guarda, Moimenta da Beira, Ponte de Sor, Redondo, Tavira, Alcanena, Entradas, Leça do Bailio, Sabóia, Vila Franca de Xira. — Festa anual de Nossa Senhora do Monte do Carmo, tem a duração de três dias.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 4.06 | **H O R A** 16.30
ALT. 4.32 | **ALT.** 4.35

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 9.52 | **H O R A** 22.10
ALT. 0.63 | **ALT.** 0.67

5 — 2.ª feira. — S. Plácido. — Feira anual de Vila Franca de Xira, Vau.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 4.42 | **H O R A** 17.12
ALT. 4.27 | **ALT.** 4.23

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 10.30 | **H O R A** 22.56
ALT. 0.71 | **ALT.** 0.83

6 — 3.ª feira. — S. Bruno. — Feira de Almacil.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 5.30 | **H O R A** 18.00
ALT. 4.14 | **ALT.** 4.03

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 11.16 | **H O R A** 23.42
ALT. 0.87 | **ALT.** 1.05

7 — 4.ª feira. — Nossa Senhora do Rosário.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 6.21 | **H O R A** 18.50
ALT. 3.97 | **ALT.** 3.80

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A — | **H O R A** 12.08
ALT. — | **ALT.** 1.09

8 — 5.ª feira. — Santa Brígida. — Feira de Alcácer do Sal.

MARÉS

P R E I A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 7.12 | **H O R A** 19.50
ALT. 3.78 | **ALT.** 3.57

B A I X A - M A R
M A N H ã | **T A R D E**
H O R A 0.32 | **H O R A** 13.08
ALT. 1.32 | **ALT.** 1.36

9 — 6.º feira. — São João Leonardo. — Feiras de Relíquias, Penalva do Castelo. — Quarto crescente às 4.22.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 8.17 | HO RA 21.05
 ALT. 3.61 | ALT. 3.41

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 1.30 | HO RA 14.19
 ALT. 1.67 | ALT. 1.57

9

10 — 7.º feira. — S. Francisco de Boim, Feiras de Cabaças (Alvaiázeres), Casteleiro, Gomes Aires, Nisa, Vila Real de Santo António.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 9.32 | HO RA 22.25
 ALT. 3.53 | ALT. 3.39

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 2.50 | HO RA 15.50
 ALT. 1.77 | ALT. 1.64

10

11 — Domingo. — S. Anastácio. — Feiras de Póvoa de Rio de Moinhos, Santarém, Vale de Açor (Mértola).

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 10.56 | HO RA 23.48
 ALT. 3.58 | ALT. 3.52

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 4.42 | HO RA 17.16
 ALT. 1.75 | ALT. 1.53

11

12 — 2.º feira. — Nossa Senhora dos Remédios. — Feiras de Évora e Lagos.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA — | HO RA 12.07
 ALT. — | ALT. 3.74

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 18.16 | HO RA —
 ALT. 1.36 | ALT. —

12

13 — 3.º feira. — S. João Rei.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 0.48 | HO RA 13.02
 ALT. 3.71 | ALT. 3.93

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 6.39 | HO RA 19.06
 ALT. 1.40 | ALT. 1.19

13

14 — 4.º feira. — S. Calisto.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 1.38 | HO RA 13.52
 ALT. 3.89 | ALT. 4.09

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 7.24 | HO RA 19.46
 ALT. 1.21 | ALT. 1.06

14

15 — 5.º feira. — Santa Teresa de Jesus. — Feiras de Alagoa, Cacela, Cotimos, Mogadouro, Penamacor, Sertã.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 2.22 | HO RA 14.34
 ALT. 4.05 | ALT. 4.19

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 8.04 | HO RA 20.24
 ALT. 1.06 | ALT. 0.97

15

16 — 6.º feira. — S. Ambrósio. — Lus cheias às 15.58.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 2.58 | HO RA 15.14
 ALT. 4.15 | ALT. 4.21

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 8.36 | HO RA 20.56
 ALT. 0.97 | ALT. 0.94

16

17 — Sábado. — Santa Margarida Maria Alacoque.

MARÉS

PREIA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 3.30 | HO RA 15.48
 ALT. 4.16 | ALT. 4.17

BAIXA - MAR
 MANHÃ | TARDE
 HO RA 9.08 | HO RA 21.27
 ALT. 0.93 | ALT. 0.95

17

18 — Domingo. — S. Lucas.
— Feiras do Ervedal, Calvos.
Castro Verde, Mercês.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 4.07 | HORA 16.22
ALT. 4.13 | ALT. 4.07

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 9.40 | HORA 21.57
ALT. 0.95 | ALT. 1.01

18

19 — 2.ª feira. — S. Pedro
de Alcântara. — Feira de Óbidos.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 4.36 | HORA 16.56
ALT. 4.03 | ALT. 3.93

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 10.12 | HORA 22.30
ALT. 1.02 | ALT. 1.11

19

20 — 3.ª feira. — São João
de Cândia. — Feiras de Faro.
Fundão, Santa Iria (Tomar).

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 5.12 | HORA 17.30
ALT. 3.94 | ALT. 3.76

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 10.46 | HORA 23.05
ALT. 1.13 | ALT. 1.23

20

21 — 4.ª feira. — Santa Úrsula.
— Feira de Teotónio.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 5.48 | HORA 18.04
ALT. 3.81 | ALT. 3.59

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 12.27 | HORA 23.40
ALT. 1.27 | ALT. 1.34

21

22 — 5.ª feira. — S. Alexandre.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 6.24 | HORA 18.40
ALT. 3.66 | ALT. 3.45

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA — | HORA 12.00
ALT. — | ALT. 1.43

22

23 — 6.ª feira. — S. Severino.
— Feira do Bonfim.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 7.00 | HORA 19.30
ALT. 3.52 | ALT. 3.29

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 13.11 | HORA 24.46
ALT. 1.11 | ALT. 1.58

23

24 — Sábado. — S. Rafael. —
Feira de Aljustrel. — Quarto
minguante às 20.22.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 7.50 | HORA 20.42
ALT. 3.41 | ALT. 3.22

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 1.09 | HORA 13.50
ALT. 1.72 | ALT. 1.72

24

25 — Domingo. — S. Erispim.
— Feiras de Melões, Vila
Nova de Além, Santa Maria de Mercês, V.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 9.10 | HORA 22.00
ALT. 3.36 | ALT. 3.23

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 2.25 | HORA 15.20
ALT. 1.83 | ALT. 1.75

25

26 — 2.ª feira. — S. Evaristo.
— Feira de Monchique.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 10.26 | HORA 23.15
ALT. 3.41 | ALT. 3.36

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 3.48 | HORA 16.39
ALT. 1.83 | ALT. 1.65

26

27 — 3.^a feira. — Santa Antónia. — Feira de Torres Novas (até 7 de Novembro): encerramento da feira das Mercês em Sintra.

MARÉS

P R E I A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 11.35 | H O R A —
 A L T. 3.56 | A L T. —

B A I X A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 5.07 | H O R A 17.40
 A L T. 1.68 | A L T. 1.44

27

29 — 5.^a feira. — S. Feliciano.

MARÉS

P R E I A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 1.05 | H O R A 13.20
 A L T. 3.82 | A L T. 3.99

B A I X A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 6.46 | H O R A 19.14
 A L T. 1.16 | A L T. 0.95

29

28 — 4.^a feira. — S. Judas Tadeu. — Feiras de Alcobaça, Montalegre, Proença-a-Velha, S. Simão (Tabua), S. Simão de Aguda, Sardoal, Vidago.

MARÉS

P R E I A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 0.13 | H O R A 12.30
 A L T. 3.57 | A L T. 3.77

B A I X A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 5.57 | H O R A 18.30
 A L T. 1.43 | A L T. 1.18

28

30 — 6.^a feira. — S. Ângelo. — Feiras de Chaves, Sendim (Miranda do Douro).

MARÉS

P R E I A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 1.51 | H O R A 14.06
 A L T. 4.05 | A L T. 4.18

B A I X A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 6.33 | H O R A 19.58
 A L T. 0.77 | A L T. 0.76

30

31 — Sábado. — S. Quintino. — Feiras de Silves, Ajustrel. — Lua nova às 22.41.

MARÉS

P R E I A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 2.34 | H O R A 14.51
 A L T. 4.23 | A L T. 4.31

B A I X A - M A R
 M A N H ã | T A R D E
 H O R A 8.19 | H O R A 20.40
 A L T. 0.73 | A L T. 0.65

31



«Cada um atira a sua pedra conforme a força do braço que tem» poderia ter dito o Sr. Kruschtfchef com o gosto acentuado por provérbios que caracteriza os seus discursos.

E enquanto ele manda para a Lua um foguetão, nós aqui, o G. P. P., mandamos humildemente para a rua um Almanaque. A força do nosso braço é esta e a pedra vai-lhe ao tamanho...

Temos pois o foguetão russo na Lua. E as reacções que este facto tem provocado foram das mais variadas. Os cientistas reconheceram-no como reconheceram antes a electricidade, a desintegração atómica e os antibióticos. Os outros observaram: «Estou convencido que pouca gente se preocupará com o facto» (Selwin Lloyd); «Não há a certeza que o foguetão tenha atingido a Lua» (Richard Nixon); «Não vejo que este facto venha trazer mais felicidade aos homens» (Albert Schweitzer). Poder-se-ia responder perguntando: ao primeiro, em que conhecimento das pessoas se baseou; ao segundo, porque é que, por exemplo, vacina os filhos, se só acredita no que vê; ao último, o que entende por felicidade.

Do lado russo as afirmações foram diferentes e encomiásticas: «A grande nação russa conquistou mais uma vitória». Frases como esta são também suscep-

abertura

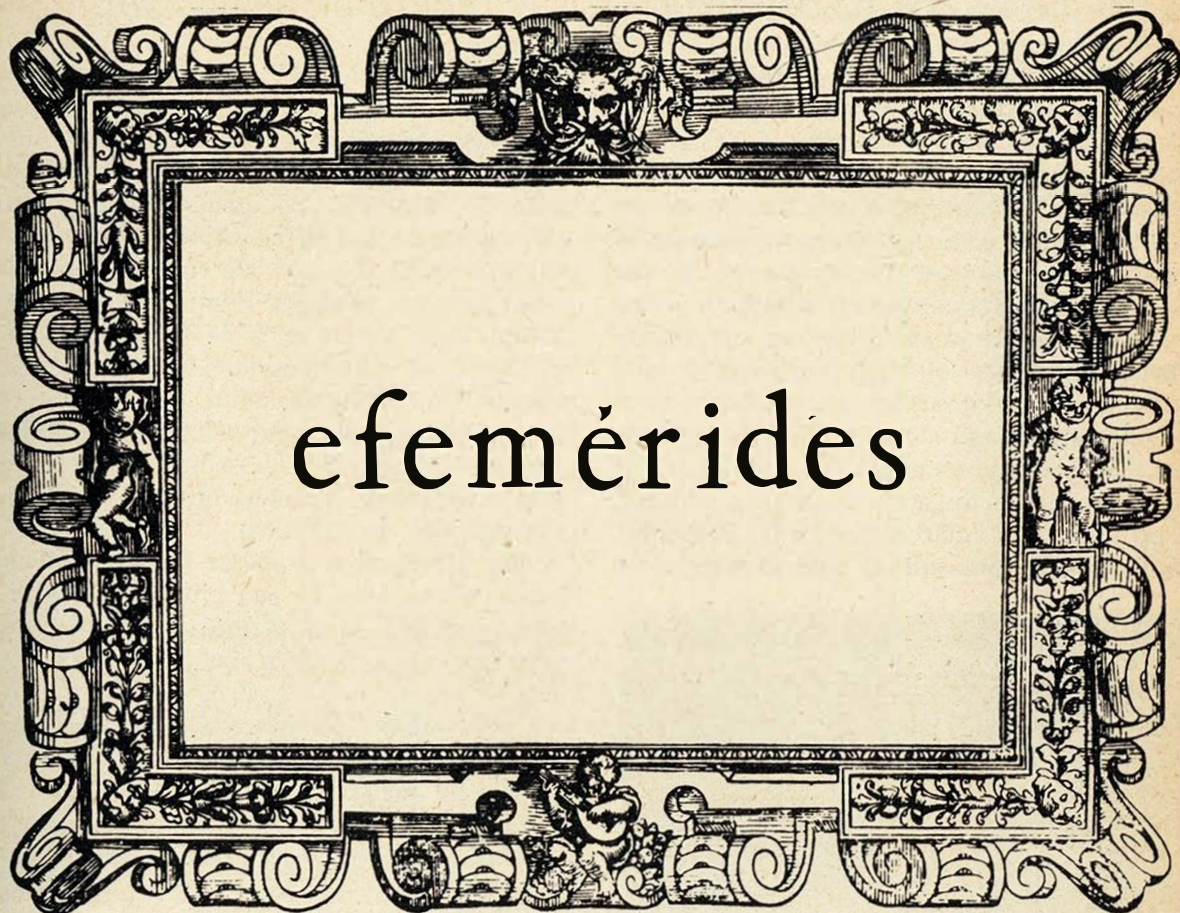
tíveis de crítica. Porque não se trata apenas de uma vitória russa e esse aspecto assume importância só quando a propaganda entra em jogo. O foguetão é o fruto de uma mentalidade científica que começa nos gregos e, nos últimos três séculos, encontrou, na Europa, os seus mais altos representantes. Essa mentalidade desenvolveu-se em luta constante contra as superstições e muitos homens pagaram com a vida a sua insistência em pensar livremente.

Mas o foguetão russo veio chamar a atenção do mundo ocidental por outras razões ainda. O tempo dos cavaleiros andantes, em ciência, está passado. Há 3 séculos era possível ao bom Leeuwenhock construir as suas próprias lentes e, com um microscópio improvisado, observar na água pequenos seres até então insuspeitados.

Hoje, o estudo científico mais humilde, implica considerável despesa em material e em organização de equipas. E por esse lado parece que temos de tirar o chapéu aos políticos russos que o perceberam a tempo.

O foguetão está pois na Lua, índice de uma ciência universal que caminha em constante progresso. Estamos, como homens, orgulhosos disso e esperamos que dele possam vir insuspeitados benefícios.

Entretanto vamos escrevendo o Almanaque. O mundo caminha para conquistas técnicas que nem podemos suspeitar. Mas em todos os tempos ao lado dos homens que construíam o futuro foram necessários os homens que distraíam o presente — chamassem-se eles Sófocles, Lord Byron, Piero della Francesca, ou fossem humildes e anónimos autores de Almanaques.

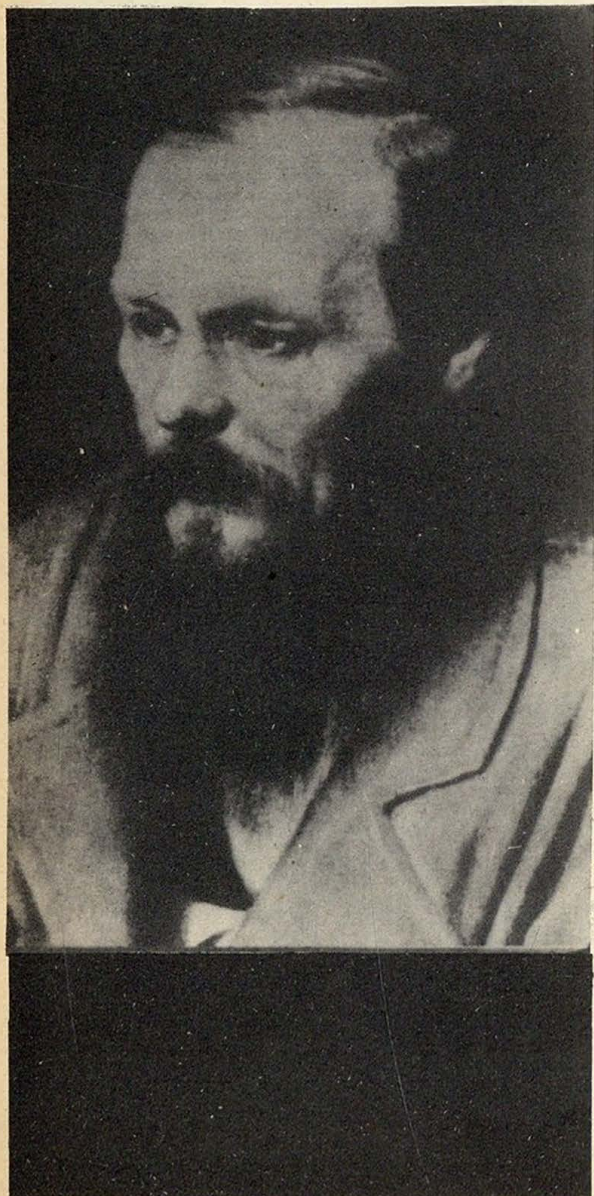


efemérides

outubro
através
dos
tempos

NASCIMENTO DE DOSTOIEVSKY

30 de Outubro de 1821. Sessenta anos depois, Dostoievsky escreverá uma carta: «Sou escritor cheio de defeitos (...). Quantas vezes, após um exame de consciência, verifico que não exprimi a vigésima parte do que pretendia, e talvez mesmo do que podia ter dito. O que vale é a esperança de que Deus acabará por me enviar a força e a inspiração necessárias para que eu me realize plenamente, para que eu possa expor tudo o que guardo no coração e na fantasia». Poucos meses após este desabafo e estas esperanças Dostoievsky morre, sem que Deus lhe tenha enviado a força e a inspiração pedidas. E no entanto já então escrevera **Os Possessos, Os Irmãos Karamasoft, O Eterno Marido!**



MORTE DE REMBRANDT

8 de Outubro de 1669. Rembrandt chegara a ser o pintor da moda e a viver com a opulência de um grande senhor. Mas a sua consciência artística levou-o a não se curvar perante as exigências de quem lhe pagava e conduziram-no à miséria. Como fossem raras as encomendas e como não tivesse dinheiro para pagar aos modelos, Rembrandt quase se limitou nos últimos anos de vida a retratar os pobres, os mutilados, os coxos e os cegos que abundavam na Holanda, em consequência de oitenta anos de guerras contínuas. Pintou também mais de sessenta auto-retratos onde se espelham todas as dúvidas, todas as interrogações da sua alma.

Como Beethoven, e apesar da vida difícil, Rembrandt através da sua pintura foi exprimindo à medida que os anos passavam, um maior optimismo e um maior amor pelos homens.

Os seus últimos autoretratos são uma mensagem de esperança comparáveis à nona sinfonia do genial compositor de Bonn.

Quando, muitas vezes, a idade vai acrescentando o cabedal de cinismo privado de cada um de nós, é consolador o exemplo deste homem — a quem a vida não poupou e que com tanta humanidade estendeu sempre a outra face à vida.

MORTE DE CHOPIN

17 de Outubro de 1844. Já em 1830 ele escrevia: «Ah, que tristeza não será morrer distante da terra onde se nasceu! Que terrível seria para mim ver debruçados sobre o meu leito de morte um médico desconhecido ou um criado indiferente em vez da presença dos meus verdadeiros amigos!»

Morreu longe da pátria. Em todo o caso teve perto de si nos últimos momentos alguns amigos fiéis e não apenas um médico desconhecido e um criado indiferente. Morrendo, foi na sua arte que pensou. Disse para Marcelline e para M.^{lle} Gavard:

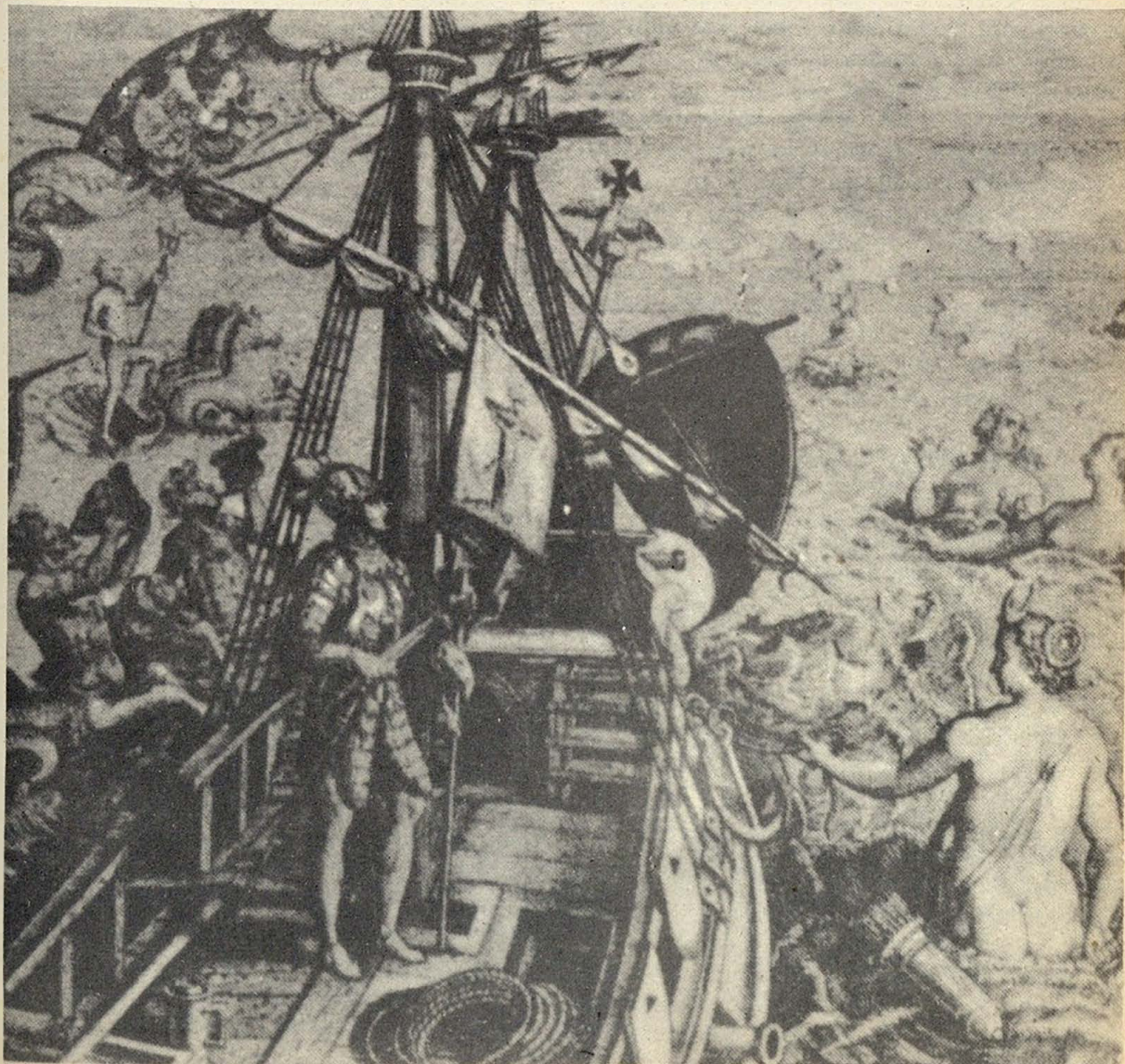
«Vous ferez de la musique ensemble, vous penserez à moi, et je vous écouterai». Depois, voltando-se para Franchomme acrescentou: «Vous jouerez du Mozart en mémoire de moi.»

Fizeram-lhe a vontade. Chopin foi enterado ao som do Requiem de Mozart.

CRISTÓVAO COLOMBO DESCOBRE A AMÉRICA

12 de Outubro de 1492. «Quando o sol nasceu viram então uma ilha de 25 léguas de comprimento, plana e sem montes, cheia de árvores muito verdes com uma lagoa ao meio, povoada de muitos habitantes, os quais ocorriam à praia assombrados por ver tantos navios, que mais lhes pareciam animais desconhecidos, e esperando pela hora em que tudo saberiam, embora os cristãos não tivessem menos pressa de saber que espécie de homens seriam eles. Esses desejos depressa foram satisfeitos porque o Almirante mandou deitar a âncora ao mar e dirigiu-se para terra, des-

fraldando o estandarte real; os capitães dos outros dois navios fizeram o mesmo, entrando nas suas barcas com a bandeira de Espanha onde se inscrevia uma cruz verde com um F de um lado e vários FF coroados do outro lado, entre D. Fernando e D. Isabel. Dando graças a Deus, com os joelhos por terra, beijaram-nos com lágrimas de alegria. O Almirante levantou-se depois e deu à ilha o nome San Salvador. Tomou posse da ilha em nome dos Reis Católicos com a solenidade e as palavras que se requeriam, na presença de muitos indígenas que se tinham aproximado; os cristãos aceitaram-no como Almirante e Vice-Rei e juraram-lhe obediência.» (Fernando Colombo, **Historia del Almirante don Cristóbal Colón**).



A MORTE DE GOMES FREIRE

Enforcam-se às vezes, os mártires da pátria...

18 de Outubro de 1817. Na véspera do dia 18 aparecem os ministros que vêm assistir à execução, e, às onze e meia da noite do mesmo dia, uma patrulha com o carrasco. — Alto! — Haddock tenta demorar-lhe a entrada na Torre, mas Pedro Duarte grita que lhe abram as portas: — Eu sou aqui o único governador! — Que tenta Haddock? Salvá-lo? Impossível. É a hora em que um padre, fr. Diogo de Mello e Menezes, o confessa. O desgraçado espera ainda a morte sem afronta, com três balas no peito.

O dia dezoito é um dia de sol, que promete uma noite esplêndida. Faz enfim a barba, calça-se, veste a sua melhor sobrecasaca, prepara-se para comandar o fogo. Mas apresenta-lhe a alva e anunciam-lhe o garrote: cai num rápido delíquio de que sai para ouvir ler a sentença com tranquilidade, dizendo algumas palavras amargas sobre o seu primo D. Miguel Pereira Forjaz. Pede para escrever (é a sua última vontade) a parentes e amigos. Recusam. Por intermédio do tenente-coronel Haddock despede-se de Campbell. O grupo dos esbirros espera. Quatro e meia, cinco horas... Haddock entra, aperta-lhe a mão. — É um sinal maçónico! — exclama Pedro Duarte. Desde as cinco e meia que a tropa está debaixo de forma. A essa hora (às sete diz Falcão) abrem-se as portas do calabouço. Nova cena: Pedro Duarte e os esbirros, mal o avistam, fogem e requerem ao coronel Amaral, comandante do regimento 19, que tire o comando da força a Haddock, porque o viram apertar a mão ao preso e fazer-lhe sinais maçónicos. Gomes Freire, de alva e descalço, espera — a força, erguida na esplanada, espera...

A repetidas instâncias de Pedro Duarte e dos outros, o coronel Amaral participa o caso a Campbell, que envia o seu ajudante de ordens para se informar, não anuindo, apesar das instâncias dos esbirros, a retirar o comando ao tenente-coronel Haddock. Tornam os ministros a mandar perguntar se lhes garantem as vidas, ao que o inglês responde secamente: «que não lhes garante as vidas mas que responde pela fidelidade dos oficiais e pela disciplina dos soldados». — E nisto se passa uma hora, prolongando-se o suplício

de Gomes Freire, que se conserva de pé e descalço e que tem forças para sorrir. Levam-no para o lugar do suplício, no Alto do Alqueirão. Custa-lhe a andar descalço. Haddock dá-lhe uns sapatos. Não lhos deixam calçar. Na esplanada estão debaixo de forma cinco companhias do 19 e ainda ali os esbirros, com o Pedro Duarte à frente, demoram a execução, pedindo ao coronel Amaral que dê a voz de meia volta à direita, para que os soldados virem as costas ao patíbulo, não vá Gomes Freire fazer-lhes algum sinal que os revolte. Amaral recusa: «Não faço essa injúria a bravos que tantas vezes encararam o inimigo sem nunca lhe voltar as costas». Haddock chora, os soldados choram (carta de Falcão) Gomes Freire sobe ao patíbulo: — «Amei sempre a pátria e nunca fui traidor. Perdoem-me todos, e vocês soldados, que foram sempre a minha gente, continuem a servir a pátria como sempre a serviram portugueses...». (Carta de Falcão) — Vai continuar, mas os padres abafam-lhe as palavras; desatam a cantar, numa descomposta gritaria. Deita-lhe enfim as mãos o carrasco...

Os basbaques de Belém vão ver de longe a fogueira que reduz a cinzas o cadáver de Gomes Freire. «Lembro-me, diz o autor dos ÚLTIMOS QUARENTA ANOS, que fui com meu pai a um dos altos da serra, porque se avistava S. Julião da Barra e a fogueira em que ardia o general». NADA DE NOVO — diz Beresford na ordem do dia 19 — e assina marquês de Campo Maior. Nada de novo... O corpo de Gomes Freire «mal queimado foi atirado ao mar, que pouco depois o lançou de si primeira e segunda vez, foi roído pelos cães, que por fim enterraram na praia um resto». (Raul Brandão, **A Conspiração de 1817**).

LANÇAMENTO DO SPUTNIK

4 de Outubro de 1957. Anunciou-se oficialmente o lançamento do primeiro satélite artificial. Este engenho de forma esférica, media 58 cms de diâmetro e pesava 83 kgs. Descrevia uma trajectória elíptica à volta da terra a uma altitude de 900 kms e, à velocidade de 29.000 kms à hora, realizava um circuito completo em 1 h e 35 m. O satélite desintegrou-se em 10 de Janeiro de 1958.

MORTE DE TYCHO-BRAHÉ

24 de Outubro de 1601. Copérnico era um grande matemático e um grande teórico, mas tinha poucas qualidades de observação. Com Tycho-Brahé sucedia precisamente o contrário: era um prodigioso observador, embora fosse um matemático mediocre.

Opunha-se ao sistema de Copérnico porque o considerava incompatível com a Física e com as Escrituras. Como poderia a terra mover-se no espaço? — perguntava.

Com o objectivo de demonstrar a falsidade do sistema de Copérnico observou minuciosamente os astros. Essas observações — feitas sem o auxílio de lunetas astronómicas, nesse momento ainda por inventar — espantam ainda hoje os astrónomos. Elas revelaram a Tycho-Brahé que o sistema de Ptolomeu não era satisfatório, mas faltou-lhe o génio da inovação. Pretendeu aperfeiçoar esse sistema — o que era uma causa perdida — e considerou que a terra ficava no centro de uma esfera onde estavam fixas as estrelas e que o sol girava em torno da terra, mas (a sua originalidade começa aqui) os outros planetas girariam em volta do sol.

Esta teoria não teve importância, mas as suas observações tiveram uma influência colossal na história da ciência.

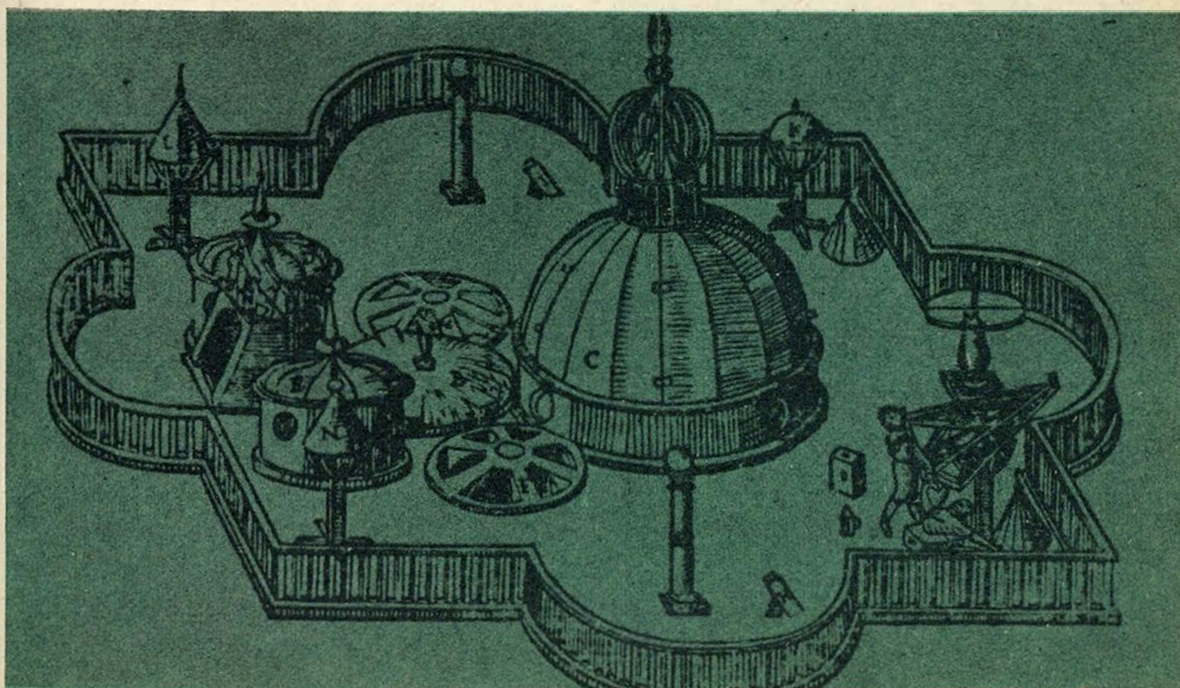
Kepler, um dos discípulos de Tycho, apro-

veitou as observações do mestre para estabelecer as suas leis e assim revolucionar a astronomia.

No entanto, há uma parte da sua obra que ultrapassa os problemas puramente técnicos. Ele descobriu na noite memorável de 11 de Novembro de 1572 um objecto brilhante na constelação da Cassiopeia. Depois, a pouco e pouco, o objecto desapareceu. Ora bem: de acordo com a ciência clássica esse facto era inexplicável porque somente na Terra e perto da Terra havia corrupção, coisas que apareciam e desapareciam. No mundo estelar tudo era perfeito e imutável. «Todos os filósofos — escreve Tycho-Brahé — estão de acordo que nas regiões etéreas do mundo celeste não há geração, nem corrupção». E, perturbado com a sua descoberta, acrescenta: «O que acabo de ver é verdadeiramente um milagre, o maior que se produziu desde o começo do mundo, só comparável à paragem do sol a pedido de Josué e às trevas que envolveram o astro real no momento em que Cristo foi pregado na cruz.»

Tycho-Brahé, preso às velhas ideias, não soube tirar todas as conclusões dessa grande descoberta. Mas, revelando graças à observação directa que o mundo das estrelas também era sujeito às mudanças, ele dava indirectamente um golpe terrível na cosmologia aristotélica.

Observatório astronómico de Tycho Brahe



FERNÃO DE MAGALHÃES DESCOBRE O ESTREITO DE MAGALHÃES

21 de Outubro de 1520. «...tendo Magalhães navegado para sudoeste oitenta léguas, achou uma enseada e embora às cegas, resolveu entrar por ela dentro e avançou cinco léguas até à noite (...) Magalhães estava mui pensativo, ora alegre, ora triste; quando lhe parecia ser aquele o estreito que ele havia jurado encontrar alegrava-se tanto que dizia palavras de muita satisfação, mas instantes depois tornava-se triste, se por qualquer razão imaginava que se tinha enganado. Ao cabo de muito hesitar determinou que aquela navegação se fizesse até ao fim». (Gines de Mafra — piloto da nau Trinidad.). Magalhães, depois de ter sido abandonado pelo primo que regressou a Espanha, enviou duas naus para explorar a enseada e descobrirem uma passagem para o Pacífico. Uma das naus regressou sem nada encontrar. «Mas a outra trouxe muito boas notícias, dizendo que haviam achado sinais indicativos de haver ali o estreito e a passagem que buscavam para o outro mar do sul, porque haviam navegado dois ou três dias pelo golfo adiante e quanto mais adiante seguiam mais se estreitava ele,

à maneira de um canal. E avançando sempre, era cada vez mais profundo. A própria direcção da corrente parecia indicar ser aquele o estreito que ia dar ao mar do sul. Ouvindo estas boas novas mandou o capitão Magalhães que as três naus desfraldassem as velas e que iniciassem a viagem na boa direcção (...). O estreito que com tantos trabalhos haviam buscado era este certamente (...).

Tinha mais de 25 léguas e em alguns sítios a largura atingia cerca de três ou quatro léguas, embora noutros não fosse além de meia, e encurvava-se sempre para ocidente (...) nunca deram por nenhum homem naquelas margens, mas, certa noite, viram muitos fogos na terra que lhes ficava à esquerda, para o Sul, e concluíram que haviam sido descobertos pelos habitantes da região (...). Acabado pois de passar todo o estreito (...) e chegados ao mar, o qual creio nunca havia recebido nem nele haviam navegado outras naus (...) vendo Magalhães que a terra firme (que ficava à direita) dava uma volta e seguia para o norte, deixou a dita terra à direita e navegou (...) por aquele muito espaçoso e incógnito mar com a intenção de ir navegando por aquela derrota... (Maximiliano Transilvano — *Relación de cómo y por quién y en qué tiempo fueron descubiertas las islas Molucas*).



A CAPITULAÇÃO DO TRIUNFADOR

26 de Outubro de 1860. Por um momento a Itália tremeu. Garibaldi depois das grandes vitórias na Sicília e em Nápoles aproveitaria o seu prestígio para cortar definitivamente com Vítor Manuel e proclamar a república?

No dia 26 de Outubro, Garibaldi foi ao encontro de Vítor Manuel prestar-lhe as suas homenagens. O diálogo foi seco: «Como tendes passado, meu caro Garibaldi?», disse o rei. «Bem, e Vossa Majestade?» — «Menos mal». Então Garibaldi voltou-se para os companheiros e gritou: «Saúdem o rei da Itália!» — «Viva o rei!», responderam todos. Estava feita a paz. Vítor Manuel nem mesmo o convidou para almoçar. Garibaldi dirigiu-se então para uma taberna onde comeu pão e queijo, e bebeu água.



a
mulher
do
mês

LOLA MONTES

Quem observasse aquela mulher ainda jovem (quarenta anos apenas!), cuja beleza, apagada embora por um vestido negro, resplandecia, poderia imaginar que estava ali quem fora talvez a maior amorosa do século, essa Lola Montes que, desde a longínqua Índia até à Europa e desde a Europa até à América e à Austrália, conquistara e por vezes destruíra os corações de marajás, de reis, de milionários, de escritores, de compositores, de simples e modestos homens da rua? David Ferguson refere-se nas suas **Memórias** à Lola Montes que ele conheceu: «Muito antes de me dizerem quem era aquela mulher, já eu dera por ela. Via-a todas as manhãs, pregando a caridade, com os olhos incendiados pelo sacrifício. Nunca me detive para ouvir os seus discursos. Senti sempre um imperdoável mal-estar ao ouvir tal espécie de pregadoras. Apeteceu-me sempre gritar-lhes: em vez de pregarem a caridade e o amor, porque não são caridosas, porque não vão amar os homens reais que vivem sobre a terra? Lola Montes tinha todo o ar de uma mulher a quem

Lola Montes se sentira iluminada e arrependida, alguns meses antes. Regressando lá, ela procurara, pois, a pura origem da sua redenção. Dela dizia depois o reverendo Hawks: «Nunca vi um arrependimento mais profundo, uma contrição mais sincera e mais absoluta que a daquela pobre mulher, cuja beleza de alma em que morreu redime bem os pecados que a beleza do seu corpo suscitou».

SANGUE ANDALUZ

Falando de Lola Montes, dizia certa vez o grande escritor Théophile Gautier: «É o sangue espanhol, é o sangue espanhol!» E assim ficava explicado o carácter fioso, agitado e sensual dessa mulher. Ela mesma citava Sevilha como a sua terra natal. E, embora, insistisse em declarar que seu pai fora oficial às ordens de Don Carlos, admitia à sua ascendência cigana, pelo lado da mãe.

Mas a verdade era outra: Lola Montes nasceu em Limerick, na Irlanda... Sua mãe não era cigana, mas crioula. E o pai era oficial,

história de um lindo corpo

os homens nunca haviam dado importância e que encontrava naquela actividade pretensamente caritativa a sublimação dos seus desgostos. Mal a via, eu apressava o passo e fecharia os ouvidos se não parecesse estranho um tal gesto no próprio centro de uma cidade tão preconceituosa como Londres. De uma vez ela dirigiu-se-me e obrigou-me a aceitar um dos numerosos folhetos que constantemente distribuía a este ou àquele. Nem mesmo sobre o título debrucei os meus olhos. Não tinha qualquer curiosidade. Tive apenas a delicadeza de aceitar o papel e de o deitar fora somente quando ela já não me poderia ver.

Um dia notei-lhe a falta. Perguntei então sem grande curiosidade, num bar que ficava ali perto, se sabiam o que lhe sucedera. «Refere-se a Lola Montes?», perguntou-me o criado. «Dizem que foi para a América».

Era verdade. A Inglaterra nunca respondera ao que dela esperara, tanto nos velhos tempos de pecadora, como nessa época de arrependimento. Fora na América que

mas um modestíssimo oficial do exército britânico.

Casara-se aos dezasseis anos com um homem de sessenta. Mas pouco depois era rapta por um jovem oficial e consorciava-se com ele. Acompanhou então o marido à Índia, para onde ele fora destacado.

AVENTURA EM KABUL

Dir-se-ia que o destino se empenhava em preparar a sua perdição. O jovem oficial seu marido estava permanentemente embriagado. A viagem era longa e múltiplas as possibilidades de fácil convivência. Assim, quando chegou a Calcutá o seu futuro (ao menos o futuro próximo) estava traçado. Lola Montes durante a viagem conhecera dois amantes. Quantos viria ainda a conhecer antes que o arrependimento descesse sobre a sua consciência?

A sua beleza tornara-se lendária. Os marajás vinham esperar Lola ao caminho, beijavam-lhe os pés, pretendiam comprá-la a peso

de ouro! Eis aí, porém, um dos traços do carácter dessa mulher paradoxal: jamais se vendeu!

O príncipe de Kabul apaixonara-se por Lola. E então os acontecimentos precipitaram-se. O marido surpreendeu-os juntos num dos jardins do palácio!

Lola abandonou o marido e regressou à Europa. E por um pouco casava-se imediatamente com o capitão Lennox, que com ela viajava. Mas a família de Lennox ameaçou-o, e ele, um homem fraco, deixou Lola Montes.

Não foi feliz nesta sua estadia em Inglaterra: Harold Power, o famoso compositor de música ligeira, conta que várias vezes ela procurou trabalho, como bailarina, num dos teatros em que ele trabalhava. «Falei ao Pat e ele procurou interessar Twist. Mas Lola Montes dançava muito mal—pelo menos foi esta a explicação que me deram». Corria uma outra versão. Twist teria procurado aproveitar-se da pobreza confrangedora de Lola e esta recusara-se, indignada. O mais curioso é que esta atitude tinha qualquer coisa de incompreensível. Ninguém seria capaz de pôr as mãos no fogo pela virtude da graciosa Lola. Ao que parece, a miséria em que ela vivia

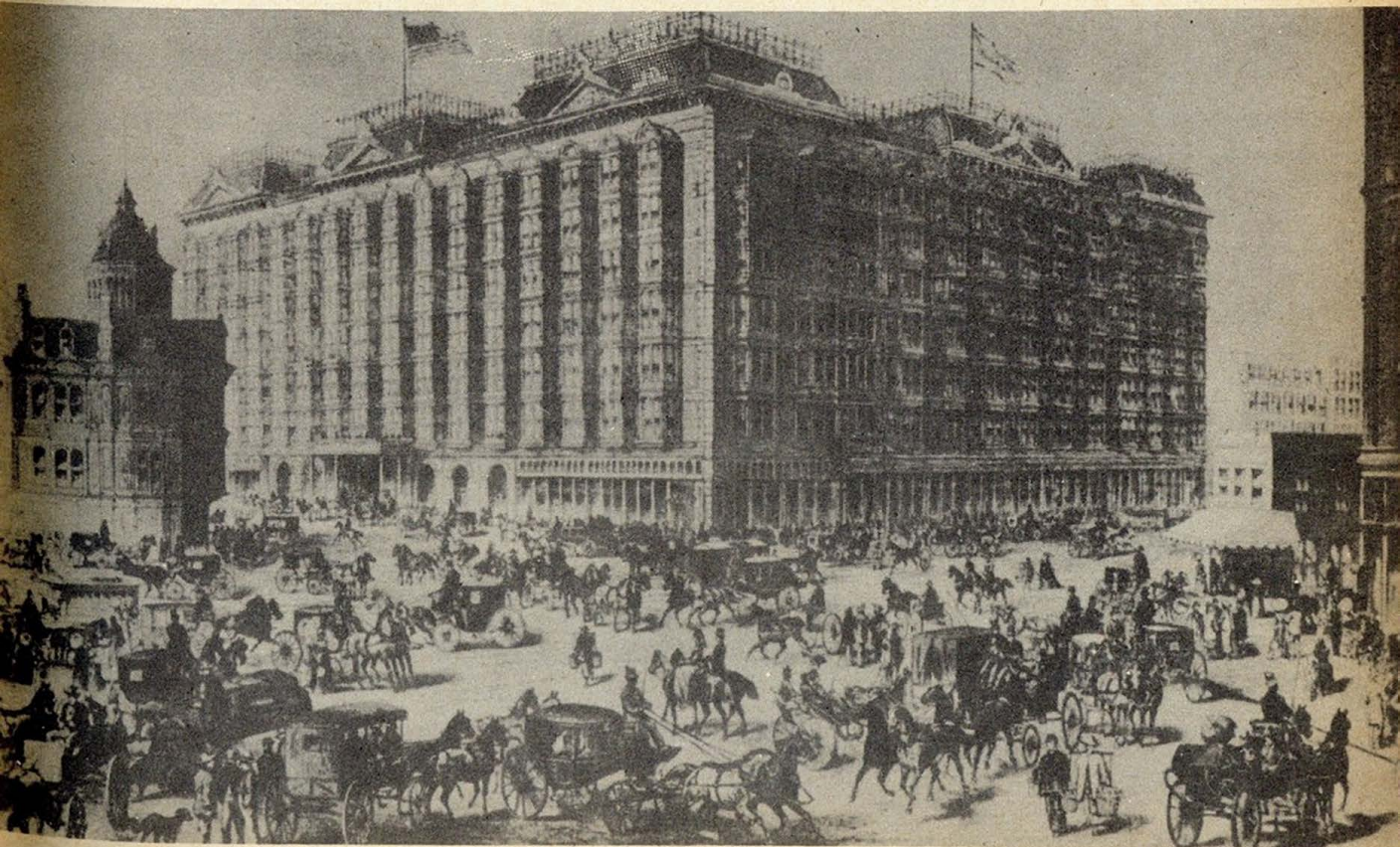
obrigava-a a um comércio que não lhe permitia, coerentemente, tais atitudes de pudor ofendido! Vá a gente compreender as mulheres!

CONSPIRAÇÃO EM VARSÓVIA

Obtidos uns dinheiros, parte para Madrid, onde consegue um relativo triunfo.

Mas será em Varsóvia que a sua estrela começará a brilhar, embora de início tenha chegado a cantar nas ruas da cidade. O director de um dos principais teatros descobre-a, porém, e Lola Montes torna-se conhecida de um dia para o outro.

Bailarina famosa, dela diria um jornalista prestigioso: «Lola Montes é possuidora de vinte e seis dos vinte e sete atributos definidores da beleza imorredoura. Três atributos brancos: a carnação, as mãos, os dentes; três atributos negros: os olhos, as sobrancelhas e as pestanas; três róseos: os lábios, as faces e as unhas; três largos: o corpo, a cabeleira e as mãos; três pequenos: as orelhas, os dentes e o nariz; três largos: o peito, a fronte e o intervalo que separa as sobrancelhas; três cheios: os lábios, os braços e a barriga das pernas; três delgados: a cintura, as mãos e



as pernas; três finos: os dedos, os cabelos e a boca...» Um outro jornalista comparou os joelhos de Lola aos «primeiros degraus da Escada de Jacob, que leva ao Paraíso».

Quem diria? Lola Montes teve de fugir da Polónia (depois de se haver refugiado no consulado da França) acusada de participar com os patriotas polacos numa conspiração contra o domínio russo! Mas que se passara então?

Isto apenas: o vice-rei russo, Pasckiewich, apaixonara-se por Lola Montes. Esta, porém, recusara-lhe as pretensões. Resultado: Pasckiewich ordenou aos seus esbirros que vaiassem Lola durante uma das representações. Ela aceitou o desafio. Interrompeu o espectáculo e desmascarou a manobra do vice-rei. Os patriotas polacos aproveitaram a oportunidade para aplaudir a bailarina e protestar contra as tropas russas de ocupação.

De madrugada os agentes da polícia apresentaram-se em casa de Lola Montes com um mandato de captura, mas ela recebeu-os de pistola em punho. Depois fugiu para o consulado da França.

«SONHO DE AMOR»

A seguir encontramos Lola Montes instalada no apartamento de Franz Liszt em Berlim. Mas essa ligação durou apenas quatro semanas. E desta vez não foi Lola quem renunciou ao apaixonado, mas ele quem a abandonou. Lola Montes precipitara o rompimento de Liszt com a condessa d'Agout, mas o interesse do grande compositor fora passageiro. Lola Montes era bela; faltava-lhe, porém, uma cultura sólida para que pudesse prender o autor da **Sinfonia Fausto**.

Regressando a casa, de certa vez, depois de um passeio a cavalo, Lola descobriu que Liszt fugira. Para maior humilhação deixou-lhe um sobrescrito cheio de dinheiro.

Lola Montes estilhaçou tudo o que de quebrável havia no apartamento, atirou o dinheiro ao fogo e partiu para Paris. Na ilusão de que Liszt lá estivesse?

É positivo que Lola Montes nunca mais procurou aquele que fora a grande paixão da sua vida. Diz-se que foi de propósito assistir a um concerto em Nancy, mas Liszt nunca teria sabido ser ela uma das suas ouvintes!

Em Paris conseguiu apresentar-se na Ópera. Foi um fracasso. Gautier, que a protegera, declarou que ela tinha umas pernas bonitas mas que não sabia servir-se delas... De uma

forma mais rude, Charles Maurice exprimiu-se assim: «As maneiras de Lola Montes cheiram a caserna. Estaria melhor numa cavaliária do que no palco da Ópera».

Estreou-se depois no Teatro de Saint-Martin, e foi acolhida com extrema frieza. Ter-se-ia apagado a sua estrela? Num gesto quase desesperado apresentou-se nua em pleno palco. Consequência: foi julgada e proibida de dançar em Paris.

Entretanto ligara-se com Dujarrier, que era o proprietário de **La Presse**. Um outro apaixonado de Lola desafiou-o para um duelo cujo trágico desfecho foi a morte de Dujarrier no Bosque de Bolonha.

Com essa morte herdou Lola vinte e cinco mil francos. Agora a sua ambição era simples: casar-se com um rei...

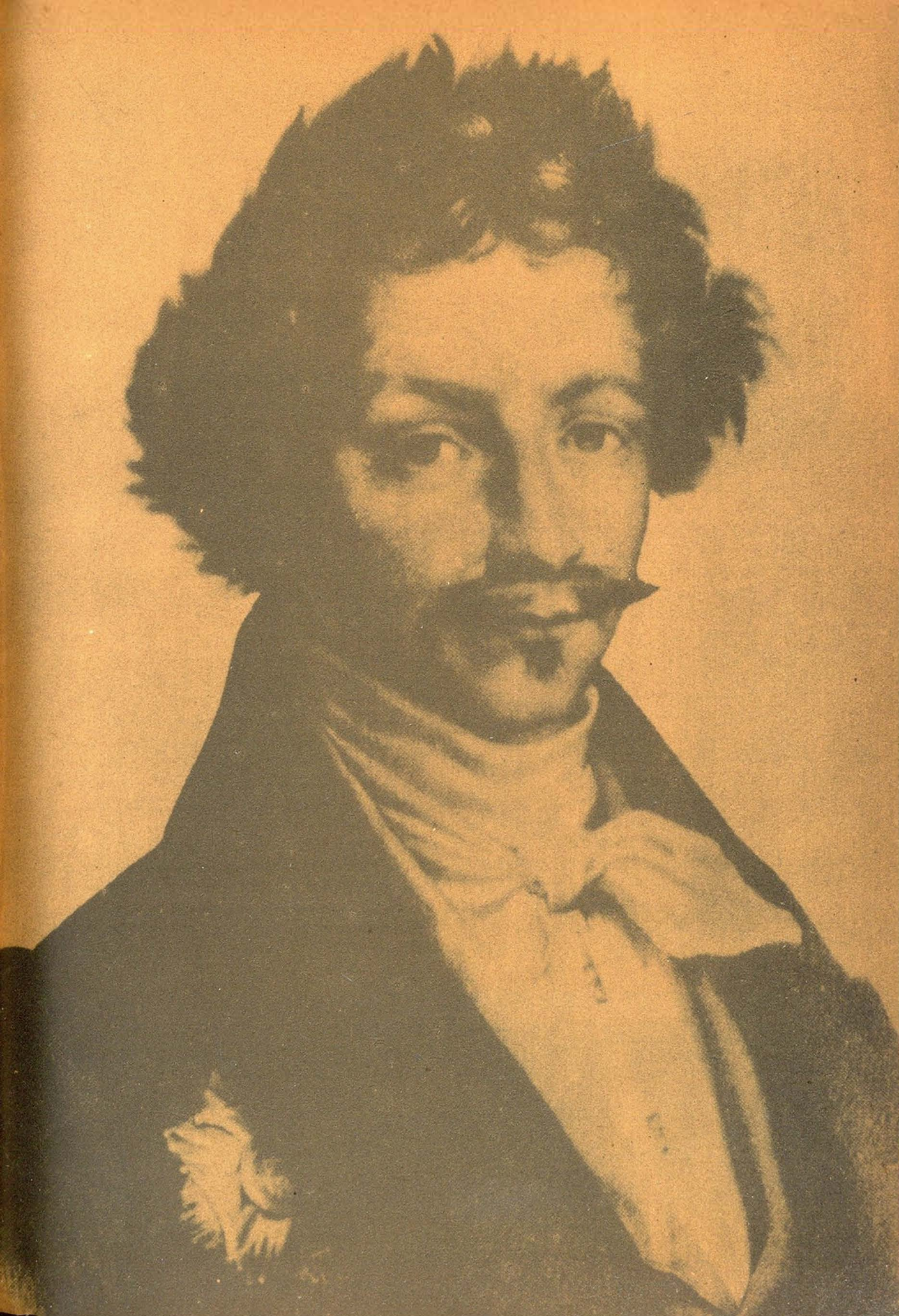
A CONQUISTA DE MUNIQUE

Escolheu Luís I da Baviera. E como não era fácil conhecer directamente o rei procurou aproximar-se dele através do barão de Maltitz.

Abertas enfim as portas da corte, não lhe foi difícil obter de Luís I autorização para dançar na ópera de Munique!

Escândalo! Lola Montes fora tempos antes reprovada ao tentar ser admitida na Ópera! E o modo como agora dançava indignava grande parte da assistência, que se manifestou ruidosamente com assobios e protestos. Indignado, o rei foi aplaudi-la ao palco e garantiu-lhe que aquela cena não se repetiria. Para tal dispôs as coisas de modo a que a sala estivesse sempre cheia de pessoas contratadas para a aplaudirem. Mas a imprensa desencadeou uma ofensiva contra a «Espanhola» e contra a protecção de que era objecto por parte do rei. O arcebispo interveio dizendo que o demónio se servia dela para dominar o rei.

Seguiu-se uma luta surda entre Luís I e os seus ministros. Estes procuraram afastar Lola: chegaram a oferecer-lhe 2.000 libras esterlinas para que abandonasse a Baviera. Lola, com o profundo desprezo que o dinheiro sempre lhe merecera, mandou expulsar de sua casa o barão **Von Zintenan** (que se havia encarregado de tal missão). Novo escândalo! Sabedor do que se passava, o rei sexagenário, comovido com a fidelidade de Lola Montes, apresenta aos ministros a proposta para que fosse considerada condessa de Landsfeld. Os



ministros recusaram-se a dar o seu acordo e Luís I demitiu-os.

Novo ministério, nova recusa. Luís I ameaça os ministros com a abdicação.

Escreve então — 6 de Julho de 1847 — uma carta que ficará célebre: «Minha Lolita, o mundo odeia-te e persegue-te, mas sejam quais forem os esforços que façam os teus inimigos para nos desunir, o meu coração ligar-se-á mais ao teu. Quanto mais eles te odeiam mais tu és amada e mais adquires aquilo de que eles desejam despossar-te; nunca me separarei de ti. Pertença-te para sempre e tu para sempre me pertences! Que felicidade aquela que, como a vaga, se renova ela mesma no seu movimento eterno! Conservar-te-ei sempre um coração constante e uma verdadeira fidelidade alemã. Vida da minha vida, sou teu, sou teu escravo. Nenhum artifício conseguirá desligar-me de ti. É contigo que terminará a minha peregrinação terrestre. Encontrei em ti o que nunca encontrei em ninguém. Porque os meus olhos lêem nos teus o amor!»

Entretanto dão-se incidentes nas ruas de Munique. O trono vacila, a população apedreja o palácio. Perante isto a própria Lola Montes resolve abandonar o reino antes mesmo de Luís I ordenar a sua expulsão.

Terminara a sua vida aventureira? Ainda não. Atingira, é certo, o seu momento mais alto. De regresso a Paris encontrou quase todas as portas fechadas. Afinal não era apenas a Baviera que a expulsava, era a própria Europa que a esquecia.

Resolveu conquistar a América. Para começar casou-se com um famoso jornalista. Não foi feliz, mas não se deu por vencida. E essa mulher, que tivera a seus pés os próprios príncipes, segue numa caravana de pioneiros na direcção do Oeste. Viagem penosa, de

resto. Por duas vezes a caravana foi atacada por peles-vermelhas. E em ambos os casos Lola Montes apareceu na primeira fila de espingarda em punho!

Viveu depois com um domador de feras alemão, Karl Adler.

Ninguém a queria acreditar quando contava a sua história. Enfurecia-se então, e por mais de uma vez esbofetêo aqueles que a serviam, julgando descobrir um sorriso incrédulo, que na maior parte dos casos não existia.

Adler reformara-se e comprara uma fazenda; Lola Montes dedica-se à agricultura e conhece (consoante mais tarde confessará) uma época de felicidade quase completa. Mas a felicidade e a vida sossegada nada queriam dela. Karl morre; pouco tempo depois a propriedade de Lola é inteiramente destruída por um incêndio.

Que fazer? A Europa era uma porta fechada. A América também. Era preciso descobrir um novo continente. Uma terra onde pudesse aparecer cheia ainda de um prestígio que a realidade já sumira.

Parte então para a conquista da Austrália, onde obtém os seus derradeiros triunfos.

Era ainda uma mulher nova, afinal. Mas uma súbita iluminação obriga-a a formular as terríveis perguntas: «Que tem sido a tua vida? Que fizeste tu para melhorar os teus semelhantes?» Torturada, fala com um padre, que lhe diz que todos os pecados têm perdão se o arrependimento for sincero.

Morreu na véspera de Natal com quarenta e dois anos de idade. «Mas sinto-me feliz, muitíssimo feliz», respondia a todos quantos dela se aproximavam, quando já a morte projectava a sua sombra escura sobre o modesto catre onde se acolhera, completamente exausta por uma vida ousadamente vivida.





**FLOS
SANCTORUM**

HISTÓRIA DA VIDA E MARTÍRIO DE S. PLACIDO DISCÍPULO DE S. BENTO

No tempo em que Ludovico reinava em Itália na antiga Roma e Justino e Justiniano eram imperadores na Roma nova e na cadeia de S. Pedro residiam João I e Félix, houve um varão por nome Tertúlio, nobilíssimo, o qual era o principal da corte dos imperadores e na antiga Roma tinha a honra de Patrício. E sendo da nobreza e geração dos Anícios resplandesceu com tanta prudência que era de todos chamado pai da pátria. Este varão casou com uma nobre senhora da geração dos Octávios, formosa no corpo e nos costumes e de tão boa árvore houve muito bons frutos. O primeiro foi Plácido, o segundo Eutício, o terceiro Vitorino. Depois pariu uma filha a que puseram o nome de Flávia. Tendo estes filhos, Tertúlio Patrício ensinou-lhes o caminho do Senhor, a seguir a paciência, humildade, castidade e outras virtudes. Porque ainda que

escorregaram-lhe os pés e caiu na lagoa e levou-o a água a distância de um tiro de besta. E Santo Amaro, seu companheiro, por mandado de S. Bento (o qual conheceu em espírito este desastre, estando na sua cela) o tirou da água livre e são e o trouxe a terra, como temos dito na vida de Santo Amaro. Depois disto subiu o Padre S. Bento ao Monte Cassino, a edificar um mosteiro e levou consigo a Amaro e Plácido, seus discípulos já mancebos e ornados de Santos costumes. Sabendo Tertúlio Patrício, que o Padre S. Bento queria edificar o mosteiro nas suas terras foi muito alegre: e um dia levando consigo alguns Senhores de Roma, foi ao Monte Cassino onde era começado o mosteiro: e eles lançados em terra aos pés do Santo, os levantou e os levou à Igreja e recebeu-os benignamente. Então rogou Tertúlio ao Padre S. Bento, que houvesse por bem, ele e os seus frades de o receber em sua companhia. O qual feito ofereceu logo a Deus e ao Padre S. Bento, todo o Monte Cassino, com todas suas pertenças

S. PLÁCIDO

andasse ocupado nos negócios do Império não deixava por isso as coisa do Serviço de Deus.

Naquele tempo resplandecia como a estrela de alva, o glorioso S. Bento e começaram muitos a concorrer a ele e ouvir ao Senhor, debaixo da religião e disciplina do seu Servo. Ouvindo Tertúlio Patrício a fama da sua santidade o foi visitar com outros principais do Império. Chegando ao Mosteiro, tanto que viu vir a S. Bento, desceu do cavalo e lançou-se a seus pés, pedindo-lhe com muitas lágrimas que lhe alcançasse de Deus perdão de seus pecados. O glorioso Santo o levantou da terra com muita reverência e o instituiu suficientemetne do que pertencia à sua salvação. E depois da prática familiar, recebendo dele Tertúlio grandê gosto, lhe ofereceu e deu logo a seu filho Plácido de idade de sete anos, para ser instruído na sua doutrina e religião. Vendo o varão de Deus o santo menino subir cada vez mais de virtude em virtude, amava-o cordialmente como seu próprio filho. Este sendo menino, indo buscar água a uma lagoa

para todo o sempre: e disso fez doação por instrumento público. E juntamente lhe deu castelos, vilas e herdades que lhe pertenciam de direito hereditário. E também lhe deu muitas outras terras que tinha na Sicília. Aconteceu ao mesmo tempo que os arrecadadores das herdades de Sicília, escreveram a S. Bento, fazendo-lhe saber que não podiam arrecadar bem as rendas, porque algumas herdades andavam usurpadas. Ouvindo isto S. Bento, ajuntou toda a congregação em capítulo e disse-lhes o que se passava em Sicília. Finalmente de comum parecer foi eleito S. Plácido para fazer este caminho porque ninguém poderia defender as herdades por serem de seu pai. E disse-lhe S. Bento; Filho meu caríssimo, cingi como prudente vossos lombos e aparelhai-os para este trabalho, que por mim vos dá Cristo, pois por amor de nós obedeceu até à morte; nem vos dê turvação o comprido caminho, lembro-Vos o dito do Apóstolo: Não são dignas as penas e trabalhos desta vida da futura glória que esperamos.

O Senhor Jesus seja sempre convosco e vos leve à vida eterna. E deu-lhe por companheiros a Govdiano e Donato e beijando-o o deixou ir em paz Partidos vieram ter a Capua, onde foram recebidos de S. Gregório, Bispo daquela cidade. E o alcaide mor da cidade estando muito doente da cabeça foi a S. Plácido dizendo que fizesse oração por ele haver saúde. Espantou-se S. Plácido destas palavras e disse: I-vos embora, que não é meu fazer esses milagres, senão do Beatíssimo Padre nosso S. Bento e dos Santos que agradam a Deus: então lhe rogou o Bispo Germano e sua cleresia que satisfizesse a fé do suplicante. Vendo S. Plácido que não era justo desprezar os rogos de tal Padre, levantou os olhos ao céu e orando por ele alcançou perfeita saúde. Na mesma cidade dava vista a um cego. Prossequindo seu caminho, junto da outra cidade deu perfeita saúde a um filho de uma viúva que era paralítico e estava «in extremis». E também livrou por suas orações um mouco e um mudo. Sarou de febres a um quartanário e um doente de podraga, orando por ele e fazendo o sinal da cruz que lhe deu saúde. E um surdo, outro cego, e outro mudo sarou de maneira que o mudo falou, viu o cego e o surdo ouviu. Livrou também do demónio um demoninhado com suas orações.

Finalmente estando em um navio veio apontar à cidade de Messina em Sicília e vindo em terra, mandou a Gordiano que fosse à cidade e lhe chamasse a Messalino, cidadão romano, grandíssimo amigo de seu pai que nela morava. O qual vindo logo ao cais e conhecendo S. Plácido, lançou-se a seus pés por ter ouvido a fama de sua santidade. Disse-lhe então o varão de Deus a causa porque o mandara o Padre S. Bento aquela terra. O cidadão ouvindo-o com alegria, o levou para sua casa e tratou assim a ele como aos companheiros com muita honra e humildade. E deu logo aviso Messalino a todos os amigos e conhecidos do pai de S. Plácido da sua vinda. E mandou chamar os arrecadadores de seu pai que viessem reconhecer as escrituras de doação daqueles bens que seu pai tinha dado ao mosteiro o qual se fez logo sem alguma condição. Disse então Plácido a Messalino. Não convém ao monje morar nas casas seculares porque é contra nossos estatutos: portanto busquemos nas herdades de meu pai onde possamos edificar um mosteiro. Foram-se então junto do mar e acharam um

lugar onde S. Plácido traçou o mosteiro e assinou o lugar onde se havia de edificar o oratório de S. João Baptista. E ajuntando muito dinheiro das rendas que ali tinham em breve tempo puseram a obra em perfeição. O bem aventurado S. Plácido trabalhava de executar tudo aquilo que de seu mestre aprendera, castigando seu corpo com vigílias e abstinências, sujeitando o espírito para que não se levantasse contra o Senhor. Era muito dado à oração e lição: nas meditações era contínuo e com espírito de compreensão derramava muitas lágrimas. Todo o tempo da sua vida era quaresma e nunca bebia vinho. Na quaresma, no domingo, terça e quinta-feira somente com pão e água se contentava e nos outros dias nem comia. Sempre usou de cilício, e quando cansava de orar ou de estar de joelhos, antes tomava o sono assentado que deitado. Nunca o viu a'guém mudado mas sempre modesto, grave, humilde, manso e piedoso. Nunca falou com alguma pessoa senão constringido de alguma necessidade, ou por proveito do mosteiro ou do próximo. Sua prática era ensinar a desprezar as delícias do mundo e imitar a Cristo Crucificado. E crescendo cada vez mais em toda a perfeição de virtudes. Nenhuma coisa lhe era mais grata que não antepor o rico ao pobre. E havendo compaixão dos necessitados acorria a suas necessidades.

Acabado o mosteiro, em pouco tempo se ajuntaram trinta monjes, dedicados ao Serviço de Deus e à Igreja e Mosteiro, com muita solenidade dedicada pelo Bispo de Messina. Não faltavam milagres que rectificassem a santidade do varão de Deus e ainda que os homens se calassem, os milagres o denunciavam por todas as partes. Porque em Sicília maiormente em Messina, muitos cegos foram alumiados e muitos foram endemoninhados, livres do demónio e muitos paralíticos foram sãos e muitos leprosos foram limpos e aos doidos e tolos deu perfeito uso da razão (coisa que raras vezes lemos os santos terem feito) e muitos de diversas enfermidades, pela virtude de sua oração, alcançaram saúde.

Sabidas estas maravilhas em Roma, os irmãos de S. Plácido convém a saber, Eutício, Vitorino e Flávia desejaram de o ir ver, e de conselho de seus parentes entraram num navio e chegando ao porto e cidade de Messina, saíram a terra e foram-se ao Mosteiro de S. João Baptista onde seu irmão

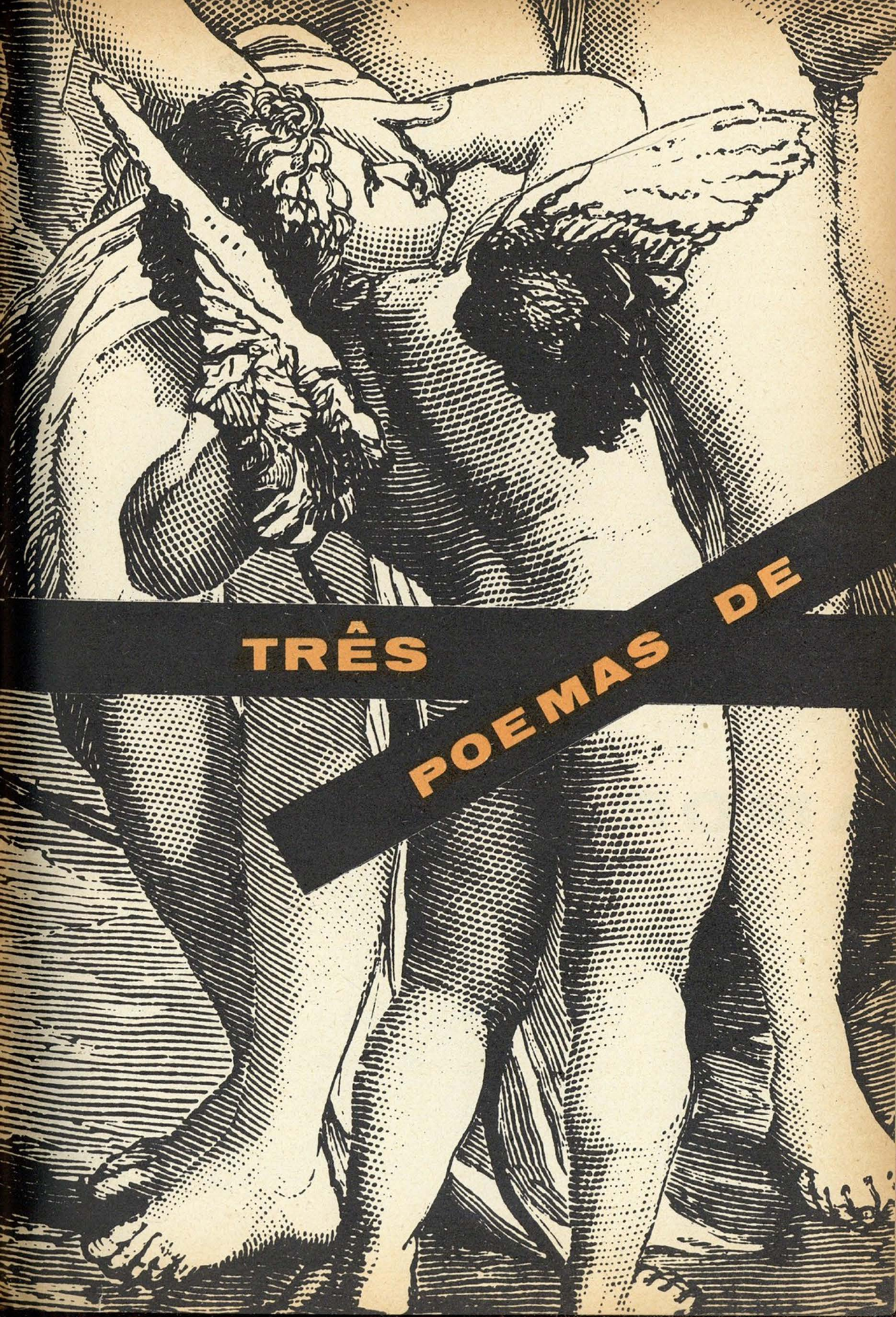
Plácido presidia e vendo-o não o conheceram: porque desde que seu pai Tertúlio Patrício o ofereceu a S. Bento, sendo de sete anos, nunca mais o viram. Mas declarando-se com eles os recebeu com muita alegria e estiveram com seu irmão Plácido alguns dias.

Neste tempo reinava em Espanha um genio chamado Abdala, um péssimo rei, perseguidor e inimigo de Cristo, que determinava destruir toda a religião cristã e aventurar o culto de Molacreusa, seu ídolo. E a muitos cristãos martirizou com zelo infernal. Ajustou pois este tirano uma grossa armada, e fez capitão dela um cruel pagão chamado Mamucham e mandou-o contra o Romano Império dizendo-lhe que queimasse todas as cidades e lugares e que destruísse as igrejas e constrangesse os cristãos a adorar o seu demónio Molacreusa e que matasse cruelmente os que não quisessem. Vindo estes pagãos e entrando em Sicília com dezasseis mil homens e não podendo sair da cidade Vitorino, Eutício e Flávia sua irmã vieram os inimigos àquela cidade e foram dar no mosteiro de S. Plácido, e de noite lhe quebraram as portas e todos os que ali acharam prenderam e puseram em ferros. E dos companheiros que vieram do Monte Cassino com S. Plácido, um por nome Donato que era já velho foi logo degolado. E Gordiano mais mancebo, fugindo por um postigo, escapou. Mas S. Plácido com Eutício, Vitorino e Flávia seus irmãos com trinta monjes, foram presos e presenteados diante de Mamucham. E sabendo o tirano que Plácido era o principal, disse-lhe: Nega a Cristo e seguindo o mandado do nosso rei Abdala adora o nosso ídolo e soltar-te-ei. Respondeu S. Plácido: Nunca negarei o Senhor Jesus Cristo e sabe que pelo seu amor desejo morrer. Disse então o tirano a Eutício, Vitorino e Flávia e aos trinta monjes: Vós outros que dizeis?

Quereis obedecer ao mandado do nosso rei e adorar o seu Deus e negar o vosso Cristo? Responderam os Santos: Faze o que quizeres, porque em nós não há mais que um só coração, uma fé e um só modo de viver: por tanto aparelhados estamos para morrer pelo amor de Cristo. Ouvindo isto o cruel capitão aceso em ira e furor, mandou a todos despir e com varas gravíssimas açoutar, dizendo: Acabar-se-hão as palavras com os açoutes. Mas os santos estavam muito alegres, porque eram dignos de serem açoutados pelo nome

de Jesus. E dizendo-lhe os mártires, nem com teus afagos e mimos, nem com tuas ameaças nos poderás mudar do nosso propósito. O capitão com ira os mandou despir e atormentar cruelmente todos os membros. E não podendo dobrar ao que ele queria, a Flávia irmã de S. Plácido, que era femosíssima, mandou-a despir nua, e enforcar com a cabeça para baixo e estando assim lhe disse: Ó mais doida de todas as mulheres como não há vergonha de estar assim nua? Respondeu a Virgem; um só é o Criador do macho e da fêmea pela qual nenhuma culpa se há-de atribuir a mim de estar nua sendo mulher: e sabe que não somente estou aparelhada para sofrer a nudeza do meu corpo mas também a espada, cutelo e fogo por amor daquele senhor que por amor de mim quis ser despedido e nu e ser açoutado e crucificado. Ouvindo isto o tirano a mandou mui cruelmente açoutar e além disso atormentar na fronte e na testa e braços. Mas vendo que estavam todos muito firmes na Fé de Cristo mandou-os cruelmente açoutar por tanto espaço, até que nas mãos dos algozes morressem e fazendo assim os algozes cuidaram que eram já mortos e os deixaram. Mas o Senhor mandou o seu Anjo que os curou de todas as suas chagas.

Não cessando os bemaventurados Mártires de provocar o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, o cruel capitão com ira mandou-os juntamente com S. Plácido pillar com uma pedra e mandou cortar a língua a S. Plácido; mas ele com a língua cortada bradava e dizia; seja o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo bendito e louvado. Mandou então o tirano entregar a Flávia Virgem nas mãos dos rufiões para a corromperem mas a Santa Virgem fazendo orações sempre permaneceu inteira: porque todo o que a ela queria chegar logo seus membros ficavam com grandes dores. Vendo isto o tirano buscou e inventou outras crueldades. E mandou atar os Santos mais fortemente e que lhes pusessem sobre as pernas âncoras e sobre âncoras grandes penedos para que com este tormento ou negassem a Cristo ou morressem: mas eles ficaram sãos e livres. Por derradeiro pronunciou o diabólico capitão que fossem degolados e os seus corpos carecessem de sepultura para que fossem comidos das bestas e aves: e desta maneira alcançaram a palma do martírio. Padeceram a 5 de Outubro.



**A
TRÈS**

POEMAS DE



AMOR, 58

SIGAMOS O CHERNE!

(Depois de ver o filme «O Mundo do Silêncio»,
de Yves Costau)

Sigamos o cherne, minha Amiga!
Desçamos ao fundo do desejo
Atrás de muito mais que a fantasia
E aceitemos, até, do cherne um beijo,
Senão já com amor, com alegria...

Em cada um de nós circula o cherne,
Quase sempre mentido e olvidado.
Em água silenciosa de passado
Circula o cherne: traído
Peixe recalçado...

Sigamos, pois, o cherne, antes que venha,
Já morto, boiar ao lume de água,
Nos olhos rasos de água,
Quando, mentido o cherne a vida inteira,
Não somos mais que solidão e mágoa...

ALEXANDRE O'NEIL
No Reino da Dinamarca

CAVALINHO, CAVALINHO

Corria o meu cavalinho
quando acordei de repente.
Mas que lindo cavalinho!
Tinha a brancura do linho,
e um olho muito verdinho,
fluorescente.

Corria, corria, corria, corria,
Corria e espinoteava,
galopava e relinchava
numa autêntica euforia.

Corria, corria, corria, corria,
e de repente estacava,
e novamente corria,
corria e espinoteava
numa doida correria.
E cada vez que corria,
e em cada volta que dava,
sua crina se agitava,
se espargia e sacudia
num jeito que se diria
ser assim que lhe agradava,
ter prazer no que fazia.
E o cavalinho corria,
corria sempre, corria,
na senda que rescendia
na manhã do laranjal.
O solo fofo gemia.
Brandos, os ramos teciam
acenos de ritual.
Tenros, os pomos tremiam
no compasso musical.

Sobre a garupa de neve,
abraçado ao seu pescoço,
eu era uma pena leve
soprada com alvoroço.

Se ele corria, eu corria,
se ele saltava, eu saltava,
tudo quanto ele fazia,
todas as voltas que dava,
tudo, tudo eu repetia,
na mesma doida euforia
que cansava e não cansava.

Mas que lindo cavalinho!
A sua crina macia,
loira de barbas de milho,
deixava um estendal de brilho
na senda que percorria.
Apetecia mexer-lhe,
sentir-lhe o fofo e o calor



daquela crina macia
que agitava e sacudia
como um doirado vapor,
Mas que lindo cavalinho!
Meu amor!

Não tinha sela nem brida,
nem cabeçada nem freio,
nem qualquer espécie de arreo
que lhe ofendesse a nudez.
Era um ser vivo total,
um emaranhado de vida
num gozo todo animal:
crina de loiro brunida,
corpo de branco cendal,
cascos de ágata polida,
ferraduras de cristal.

Mas que lindo cavalinho!
Senti-lhe o bafo cheiroso,
o tumulto harmonioso
do trote das nédias ancas.
Chamei-lhe os mais lindos nomes;
flor de nata, lua cheia,
flocos de espuma na areia,
poço de camélias brancas.
Beijei-lhe o focinho ardente,
mordisquei-lhe o corpo nu.

(Que eu sabia, intimamente,
que o cavalinho eras tu).

ANTÓNIO GEDEÃO
Teatro do Mundo



HOJE FOSTE A PRIMAVERA

Hoje foste a Primavera, a alegria
das flores, a sedução da vida...

Com os teus olhos negros, os teus lábios
grossos, o teu nariz de coisa nenhuma
entraste como uma jarra ou um navio
que atravessasse a sala e me levasse para a Aventura.

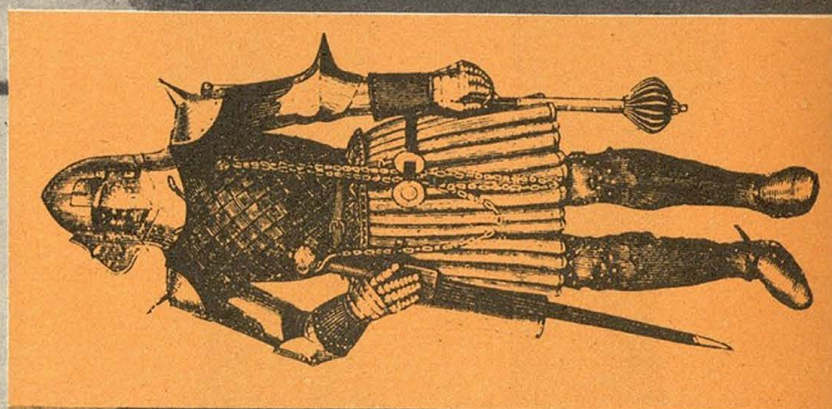
O teu bilhete de identidade marcava vinte e cinco anos,
os teus sapatos claros tinham um laço de rafia,
num dos teus dentes havia um luminoso ponto de «baton».

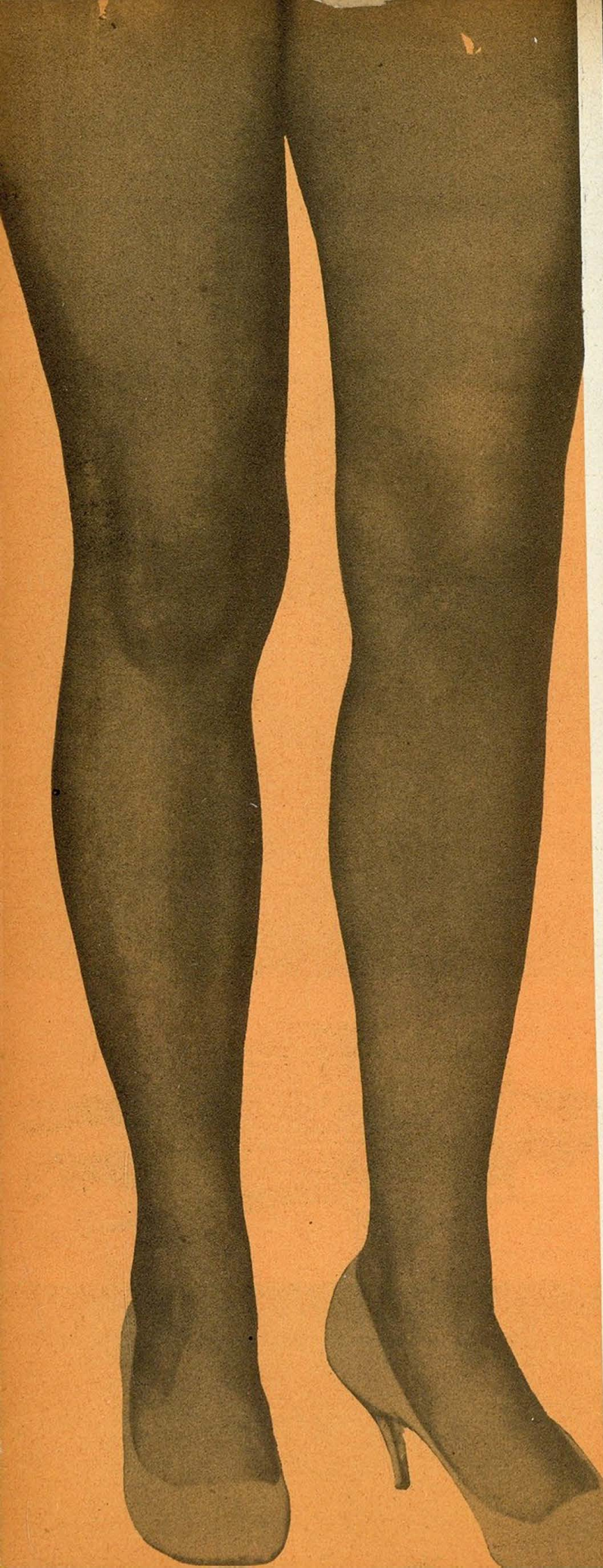
Pequenas coisas que libertam do inferno a inocência...
Pequenas, minúsculas coisas que constroem uma saudade
e me entram no coração como se fossem pássaros.

EGITO GONÇALVES

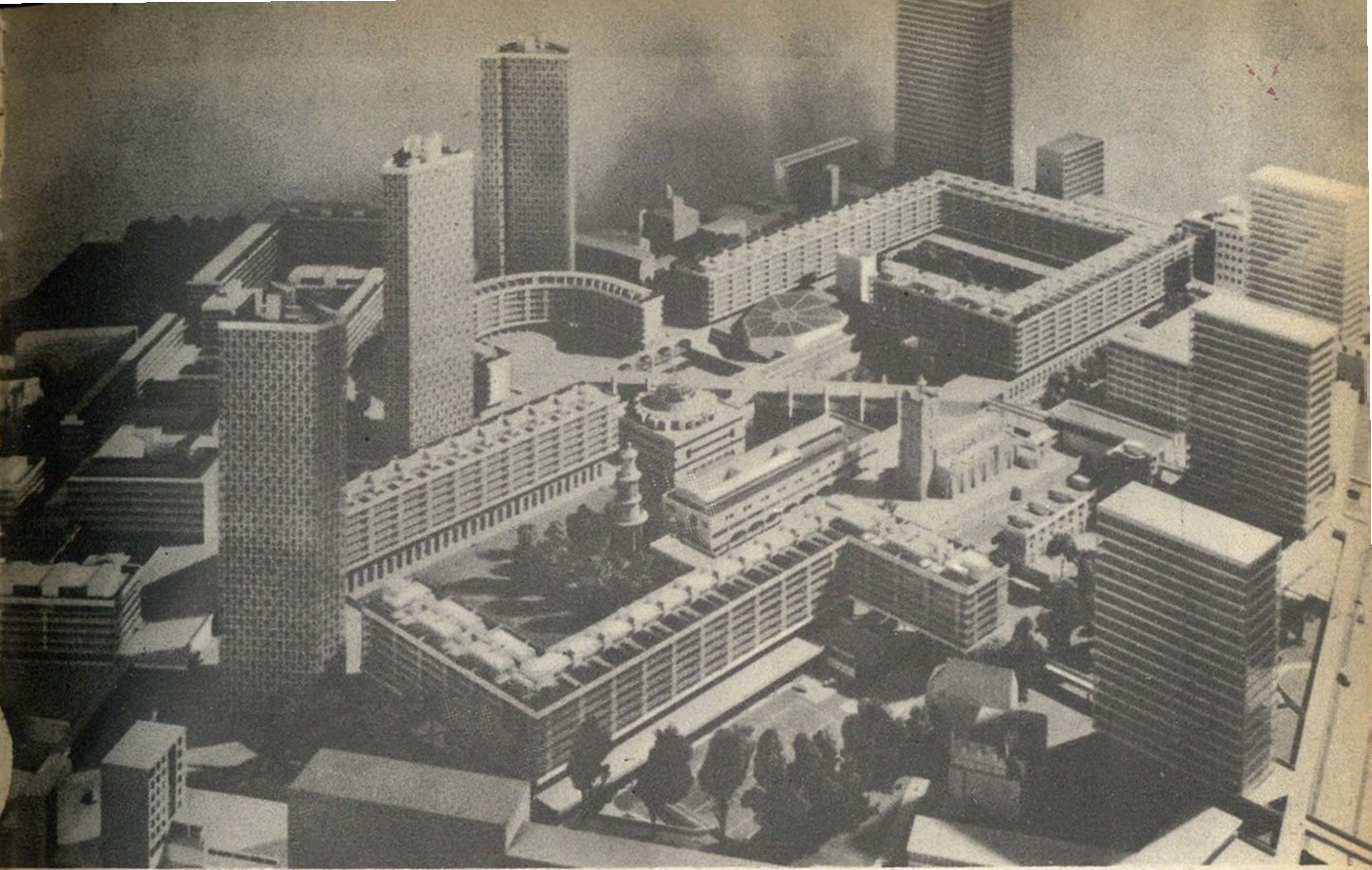
A Viagem com o Teu Rosto

JORNAL
DE
ACTUALIDADES





59



«Maquette» do futuro arranjo de uma zona da City de Londres mais atingida pela guerra, que foi submetida à aprovação da municipalidade londrina.

ESCRAVATURA BRANCA — Os «Platters» foram presos num hotel de Cincinnati, acusados de «auxílio e encorajamento à escravidão branca». Orval Faubers entretanto, deve recordar com nostalgia os tempos da escravidão negra.





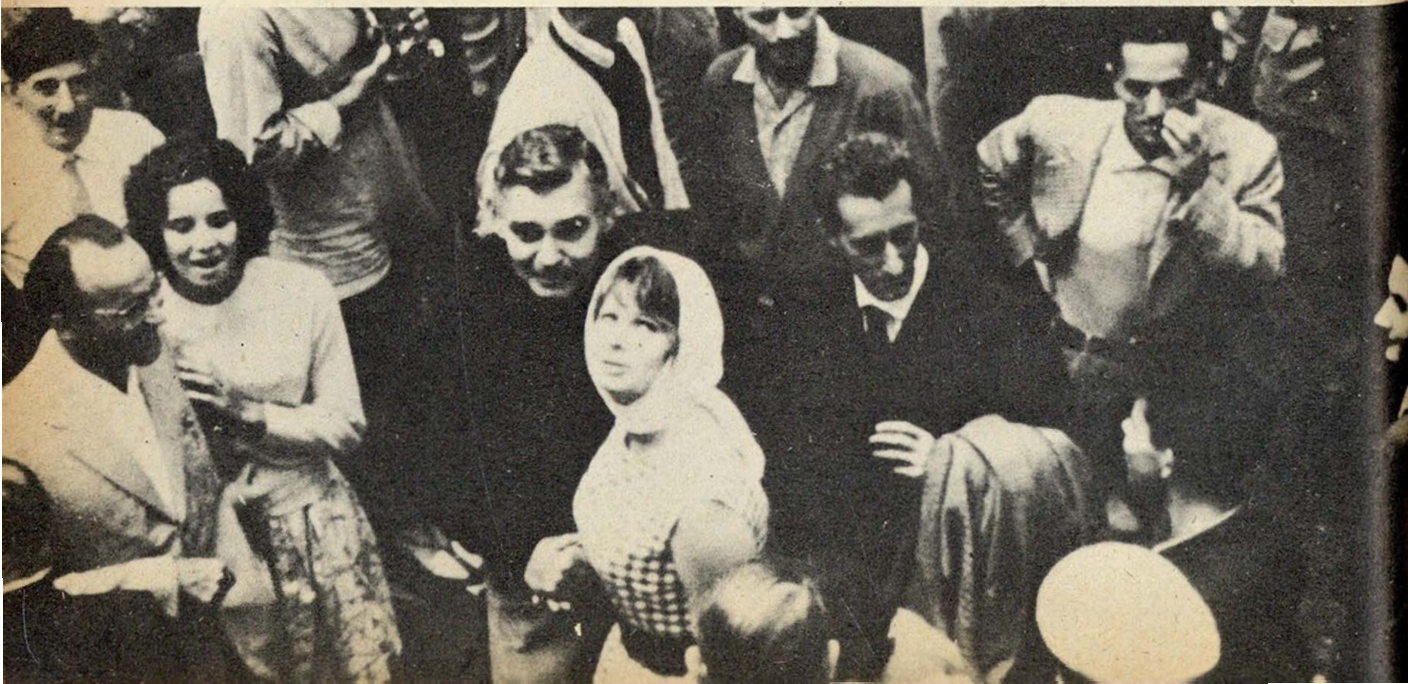
O SENHOR «K» NOS ESTADOS UNIDOS —
Dois homens, dois países, dois sistemas. Um
objectivo comum: Paz para o Mundo.



BILLY WRIGHT, o mais célebre defesa-central de
todos os tempos — disputa a sua última partida.
Um ídolo que passa à história.

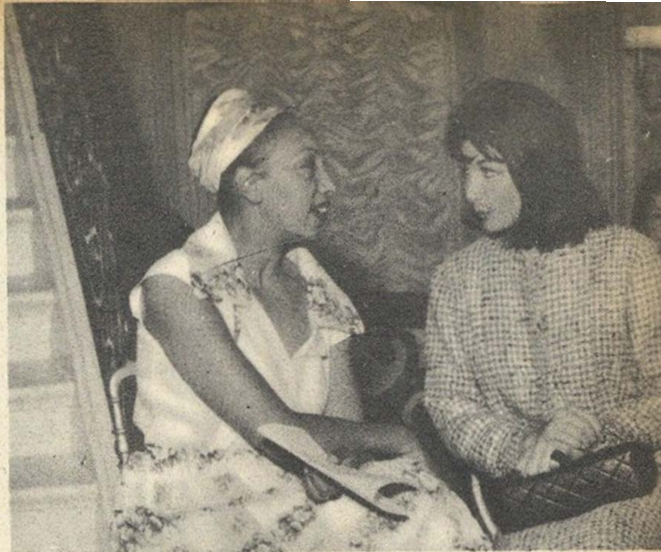
Carlo Ponti e Sophie Loren foram processados
mento a máquina da justiça não veio da Igreja
dade não perdoa as felicidades muito evidentes, e
escondem-se as chagas

por bigamia. Mas a denúncia que pôs em movi-
nem do Estado, vem de um particular. A socie-
sob a capa aparatosa e digna da moral, escondem-se as chagas tenebrosas de inveja.

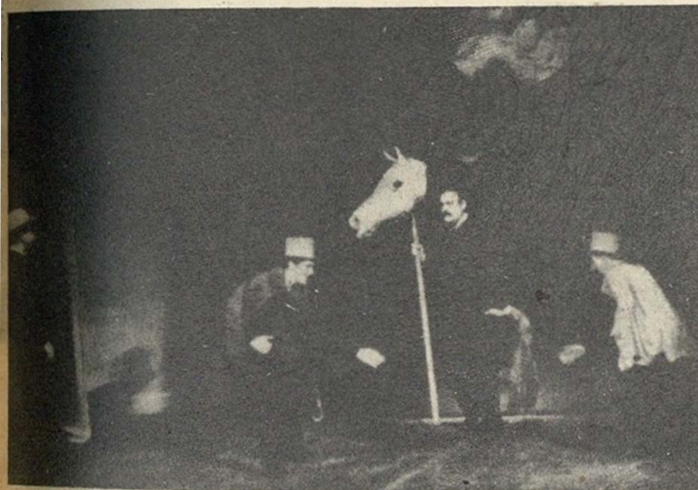




Depois de terem lido os jornais, estes quatro cachorrinhos manifestaram o seu descontentamento, rasgando-os implacavelmente. E tinham Depois de terem lido os jornais, estes quatro razão, quem sabe?



AS DEUSAS — Josephine Baker e Juliette Greco juntas «chez Dior». Que ficará para os vindouros da nossa mitologia? Quem são hoje as Helenas de Tróia?



ULISSES — Teatro Sarah Bernhardt em Paris. — O Ulisses de James Joyce levado à cena. Depois de Beckett e Ionesco, expoentes do anti-teatro, pergunta-se: «Quem não quer beber café para que precisa de chávena?»



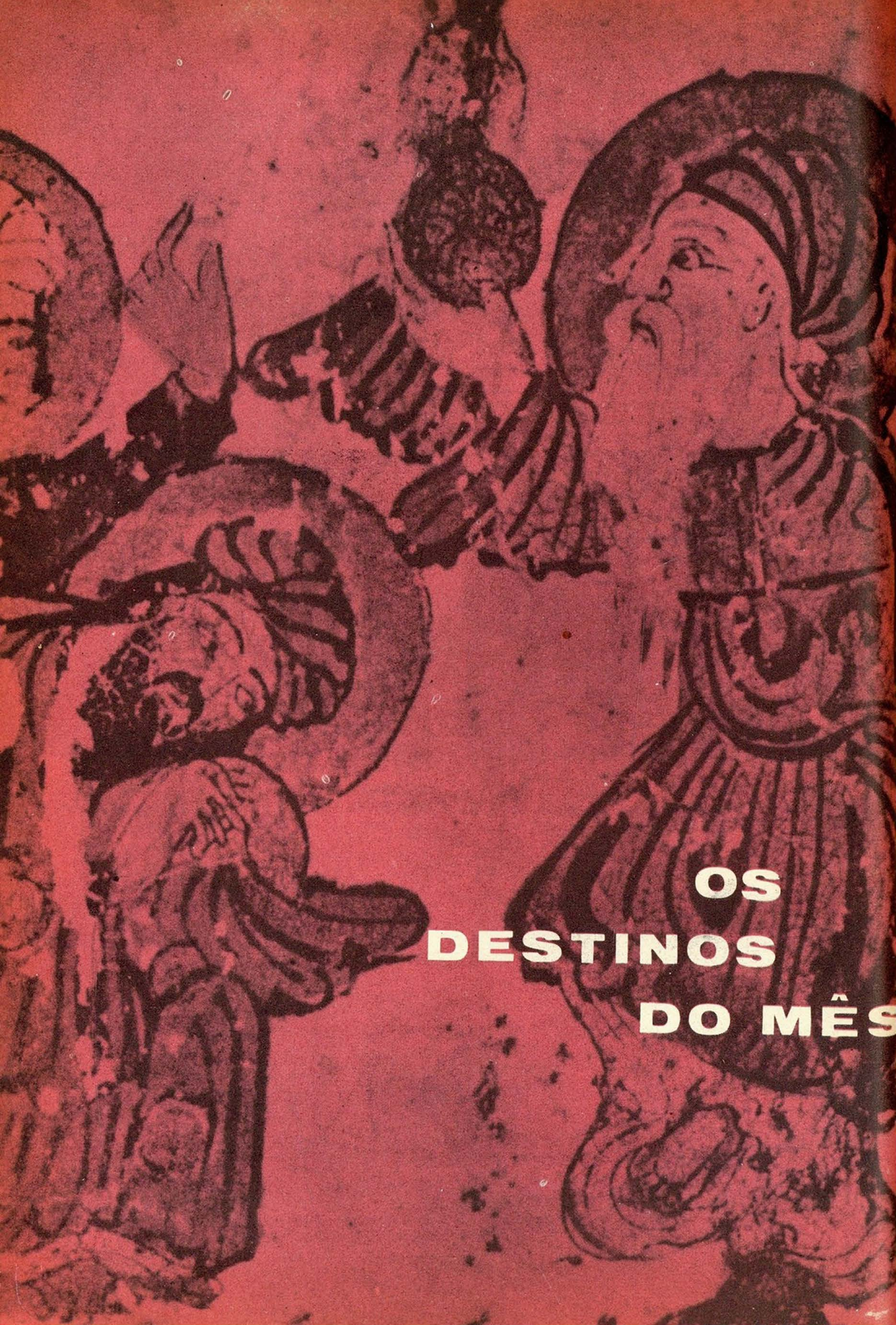
OSSOS DE OFÍCIO — Bombeiro preso em França acusado de vários crimes de fogo posto. Insanidade mental? Má compreensão das suas atribuições profissionais?



CHA E SIMPATIA — Jayne Mansfield, marido e filhos, tomando chá com Lady Attlee. Lady Attlee está à direita.



Vestidos já feitos para senhoras apresentados por gentis modelos ingleses, em Hanover Square, Londres.



**OS
DESTINOS
DO MÊS**

ASTROLOGIA

AQUÁRIO, de 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro.

1.º Decanato de 20 a 30 de Janeiro:

Momento a utilizar para que possa demonstrar o seu valor profissional. A situação financeira entre em equilíbrio. A saúde deve ser cuidada.

2.º Decanato de 31 de Janeiro a 9 de Fevereiro:

É necessário manter boa vontade para resolver os seus assuntos de maneira favorável. Alguns desentendimentos são possíveis em particular nos assuntos de ordem afectiva.

Cuidados indispensáveis nos alimentos e bebidas.

3.º Decanato de 10 a 18 de Fevereiro:

Possibilidade de novas actuações no domínio profissional. Nos assuntos de carácter sentimental é necessário haver boa compreensão da sua parte e não tomar atitudes desnecessárias.

PEIXES, de 19 de Fevereiro a 21 de Março.

1.º Decanato de 19 a 29 de Fevereiro:

A parte financeira e mesmo a sentimental encontram-se equilibradas. Evite questões ou polémicas.

O clima astrológico é favorável para tomar resoluções profissionais.

2.º Decanato de 1 a 10 de Março:

Reserve-se quanto possível nas manifestações de casos íntimos para com aqueles que não sejam verdadeiramente amigos.

3.º Decanato de 11 a 20 de Março:

A situação sob o ponto de vista material não encontra um clima astrológico dos mais favoráveis. Por outro lado todos os assuntos em que o seu mérito esteja em jogo os pla-

netas ajudarão pelas boas configurações que formam. Evite todo e qualquer excesso.

CARNEIRO, de 21 de Março a 20 de Abril.

1.º Decanato de 21 a 30 de Março:

O aspecto sentimental apresenta-se um pouco caótico, dando origem a instabilidade ou a irritabilidade. No plano material, tendências favoráveis para a consolidação de ideias ou negócios.

2.º Decanato de 31 de Março a 9 de Abril:

A actividade física resolverá os problemas de carácter financeiro, ou pelo menos proporcionará condições futuras. Deve ser optimista e ajudar-se a si próprio para conseguir os seus objectivos.

3.º Decanato de 10 a 19 de Abril:

Este período é favorável ao arbítrio e à vontade de realização. Marte o seu planeta e Vénus que domina o seu decanato, não ajudam grandemente, portanto evite discutir com pessoas de opinião diferente da sua.

TOURO, de 20 de Abril a 21 de Maio.

1.º Decanato de 20 a 29 de Abril:

Desde que saiba utilizar a sua actividade numa direcção inteligente, o mês a partir do dia 10, encontra configurações astrais que muito favorecem os seus assuntos de negócios e financeiros. No sector amoroso algumas decapções são possíveis.

2.º Decanato de 30 de Abril a 9 de Maio:

Perspectivas regulares no sector sentimental. A Lua que comanda o seu decanato, implica no seu sistema nervoso, principalmente no começo do mês. A ocultação marcada pela Lua no dia 2 não favorece totalmente, por isso deve ser prudente em todos os assuntos.

3.º Decanato de 10 a 20 de Maio:

Se mantiver firme o seu desejo de qualquer coisa que ambicione ver realizada, encontrará no decorrer do mês oportunidades graças a outras pessoas.

GÊMEOS, de 31 de Maio a 21 de Junho.

1.º Decanato de 21 a 31 de Maio:

Os negócios ou assuntos que se refiram a dinheiro devem ser regulados com prudência. Sentimentalmente o domínio astrológico é confuso, o mesmo sucedendo no domínio da saúde.

2.º Decanato de 1 a 10 de Junho:

Cuidado com as confidências, sobretudo com amigos de recente data.

Não perca tempo com assuntos cujo resultado não seja imediato. O período astral aconselha concentração.

3.º Decanato de 11 a 20 de Junho:

Deve actuar com ponderação para evitar o risco dos juízos precipitados. O período é favorável às viagens.

CARANGUEJO, de 21 de Junho a 23 de Julho.

1.º Decanato de 21 de Junho a 1 de Julho:

Actue numa direcção certa e os benefícios aparecerão. Boas inspirações aliadas à sua intuição permitirão bons resultados no sector financeiro. Sentimentalmente os aspectos astrológicos são confusos.

2.º Decanato de 2 a 11 de Julho:

Aguarde calmamente o efeito da sua actuação porque algo de benéfico pode apresentar-se no decorrer do mês. Procure entretanto renovar as suas forças. Evite questões e não entre em discussões especialmente se os assuntos não lhe disserem respeito.

3.º Decanato de 12 a 22 de Julho:

Evite todos os assuntos que possam vir a ferir a sua susceptibilidade, especialmente nos

assuntos de amor. O mês inclina-se mais para as coisas administrativas do que para quaisquer outras.

LEÃO, de 23 de Julho a 23 de Agosto.

1.º Decanato de 23 de Julho a 2 de Agosto:

É provável que uma grande simpatia de carácter amoroso possa tomar lugar no seu dia a dia; não deve contudo seguir o instinto. Cuide-se de prováveis distúrbios orgânicos consultando o médico se for necessário.

2.º Decanato de 3 a 12 de Agosto:

Os aspectos astrológicos indicam bons augúrios especialmente se o céu de nascimento apresentar boas configurações. As relações de amizade ou com superiores serão de grande utilidade. Sentimentalmente é possível que pequenas nuvens venham obscurecer as condições normais.

3.º Decanato de 13 a 22 de Agosto:

Condições actuais favoráveis para o prosseguimento de empreendimentos, normalmente se ultrapassou os 40 anos e não atingiu os 45. O domínio sentimental não está desfavorado. Praticamente, caso saiba encaminhar os seus assuntos, as condições materiais mostram-se auspiciosas.

VIRGEM, de 23 de Agosto a 23 de Setembro.

1.º Decanato de 23 de Agosto a 2 de Setembro:

As configurações planetárias não são muito favoráveis. Por isso deve estar atento para evitar perdas de ordem material ou despesas desnecessárias.

2.º Decanato de 3 a 12 de Outubro:

Os assuntos de carácter doméstico devem ser tratados com calma. As despesas terão de ser moderadas para, desta forma evitar obstáculos de ordem financeira. De uma maneira geral o mês não é desfavorável desde que haja prudência.

3.º Decanato de 13 a 22 de Outubro:

Um mês praticamente neutro, onde o livre-arbítrio impera. Nos diferentes sectores da

vida as condições estão dependentes das suas atitudes e também dos seus nervos.

BALANÇA, de 23 de Setembro a 2 de Outubro.

1.º Decanato de 23 de Setembro a 2 de Outubro:

Altura favorável para consolidar os projectos de amor. Os contratos de ordem financeira encontram um tempo actual astral favorável.

2.º Decanato de 3 a 12 de Outubro:

Durante o mês as condições afectivas podem apresentar-se algo tensas, podendo mesmo haver algumas decepções. Pequeno acidente ou incidente. No domínio profissional os planetas dão inclinações favoráveis.

3.º Decanato de 13 a 22 de Outubro:

Deve regular cuidadosamente as despesas supérfluas e também as coisas de ordem sentimental. Seja ponderado e encare os problemas pelo seu prisma real. Evite negócios que não tenham sido bem preparados.

ESCORPIÃO, de 23 de Outubro a 23 de Novembro.

1.º Decanato de 23 de Outubro a 1 de Novembro:

Boas condições para regular a saúde. Uma nova vitalidade se apresentará para os doentes. Os assuntos de ordem familiar encontram-se um pouco duvidosos. Evite irritar-se. Financeiramente o clima astrológico aconselha prudência.

2.º Decanato de 8 a 11 de Novembro:

As condições astrológicas dão predisposições favoráveis quanto às realizações. No domínio sentimental é provável que tenha um ligeiro aborrecimento.

3.º Decanato de 12 a 21 de Novembro:

Evite despesas desnecessárias. É provável que tenha qualquer pequena perda ou inutilização de um objecto de estimação. Evite

negócios arriscados. Prováveis reuniões de amizade ou divertimento. Favorável para viagens.

SAGITÁRIO, de 22 de Novembro a 21 de Dezembro:

1.º Decanato de 22 de Novembro a 1 de Dezembro:

A parte sentimental no domínio dos amores apresenta-se favorável. Quanto ao sector de ordem material as condições astrais são algo duvidosas.

2.º Decanato de 2 a 11 de Dezembro:

As condições planetárias dão inclinações neutras sob o ponto de vista material. Sentimentalmente, os astros podem proporcionar o início de um amor.

3.º Decanato de 12 a 21 de Dezembro:

Boa altura para o emprego **judicioso** de capitais. Os resultados podem apresentar-se mais tarde. Sob o aspecto sentimental as condições planetárias dão inclinações relativamente favoráveis.

CAPRICÓRNIO, de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro.

1.º Decanato de 22 a 31 de Dezembro:

Desde que tenha havido desentendimento de ordem afectiva é o momento presente o mais favorável para reconciliação. No sector profissional uma provável surpresa agradável. A saúde deve ser acautelada.

2.º Decanato de 1 a 10 de Janeiro:

É particularmente devido às suas reacções pessoais que o mês decorrerá. O livre-arbítrio impera durante este período. Assim aconselha-se ponderação nas palavras e nos actos e especialmente evitar desentendimentos com pessoas de opinião diversa à sua.

3.º Decanato de 11 a 20 de Janeiro:

Não são desfavoráveis os acontecimentos afectivos se conseguir actuar com compreensão e vontade. Probabilidades no sector profissional. Algumas incompreensões serão resolvidas pela vontade própria.

QUIROLOGIA

«DEUS PÕE COMO UM SELO SOBRE A MÃO DE TODOS OS HOMENS PARA QUE CADA UM CONHEÇA AS SUAS OBRAS»

(Bíblia Sagrada — JOB 37÷7)

O princípio da quirologia compreende a análise das mãos pela sua configuração geral, forma dos dedos e dos nós dos dedos, espaço entre cada um dos dedos, as linhas, as elevações, as cavidades e se são macias ou rijas. O seu valor é positivo embora se não possa prever o futuro com exactidão. Tal estudo porém pode dar análises detalhadas sobre o carácter e as características anatómicas e fisiológicas de cada indivíduo, e daí tirarem-se conclusões lógicas sobre o futuro.

Emprega-se geralmente sem razão o nome de quirologia à quiroscopia (estudo da mão impressa a tinta), à quiromância (adivinhar através da mão) e ao quirodiagnóstico (estudo das tendências anatómicas e fisiológicas).

Parece que foram os antigos gitanos oriundos da Hungria e do Egipto quem utilizou pela primeira vez as linhas da mão no sentido da quiromância. O estudo científico partiu de alguns médicos e investigadores, tais como Purkinge (1823) e Faunds (1880), o primeiro defendendo tese na Faculdade de Medicina de Breslau e o segundo fazendo demonstrações num hospital de Tóquio. Deve-se porém a Galton as teorias principais estabelecidas nos anos de 1888 a 1891, início dos estudos dactiloscópicos que Vucetich, Henry e o Dr. Latzina aperfeiçoaram.

A título de curiosidade notamos que foi Portugal o segundo país do mundo que adoptou as impressões digitais (1903), sendo o Brasil o primeiro (1901).

O nome inicialmente adoptado por Vucetich era arvezado (icnofalangometria), pelo que o Dr. Francisco Latzina o alterou para «dactiloscopia», que se universalizou.

Quando um quiromante amador deseja aplicar as regras da quirologia correctamente deve observar com critério as indicações fornecidas pelos diferentes sinais que as mãos apresentam. Deve também observar as duas mãos para verificar se as indicações de uma estão expressas na outra; desta forma consegue obter os indispensáveis conhecimentos sobre a personalidade.

Se o consulente dissimular hábilmente as suas tendências poderá ficar perplexo, pois só formando um juízo sobre a personalidade lhe é possível indicar as situações dependentes das tendências observadas, que são, de resto, as predisposições sobre o futuro. A complexidade é mais aparente do que real.

Para ajudar o estudo da personalidade temos de conhecer o temperamento. Sem carácter fisiológico, os temperamentos são: nervoso, bilioso, sanguíneo e linfático.

Todas as pessoas que por curiosidade se interessam por quirologia pretendem, sem quaisquer bases técnicas, entrar em previsões e pormenores que um quirólogo experimentado não pode honestamente interpretar.

Uma das perguntas que a maioria faz ao quirólogo ou ao pseudoquirólogo é:

«Vivo muitos anos?» ou então: «Quando morrerei?»

É impossível responder-se a esta pergunta com a certeza de acertar.

Há uma série de factores que impossibilitam qualquer humano de dar exactamente uma resposta.

Primeiro porque a vida (e o destino) a Deus pertence; segundo porque todo o ser humano com os seus vícios, o seu temperamento e os seus alimentos mal escolhidos pode antecipar o seu fim; terceiro porque é tal como o dormir, que a biologia ainda não descobriu exactamente o «como e o porquê», mantendo-se o seu mistério. Há porém um processo, mais ou menos empírico, que dá a média da duração de uma vida se abstrairmos daqueles três importantes factores.

O processo é fácil. Senão vejamos: toma-se a linha da vida, com a linha do coração, mais a linha da cabeça (não esquecendo os braceletes, que dão a conclusão) e a linha do destino, encontra-se a média, e já está!

Sem querer antecipámo-nos um pouco. Vamos primeiro estudar os temperamentos, depois ver as linhas da mão correspondentes à idade em que terminam e a seguir estabelecer o cálculo por cujo resultado ninguém pode responsabilizar-se sem um conhecimento absoluto dos três factores há pouco indicados.

A gravura representa a mão normal com as linhas completas e a indicação das idades correspondentes a cada linha.

MÃO NORMAL

linhas

A = coração

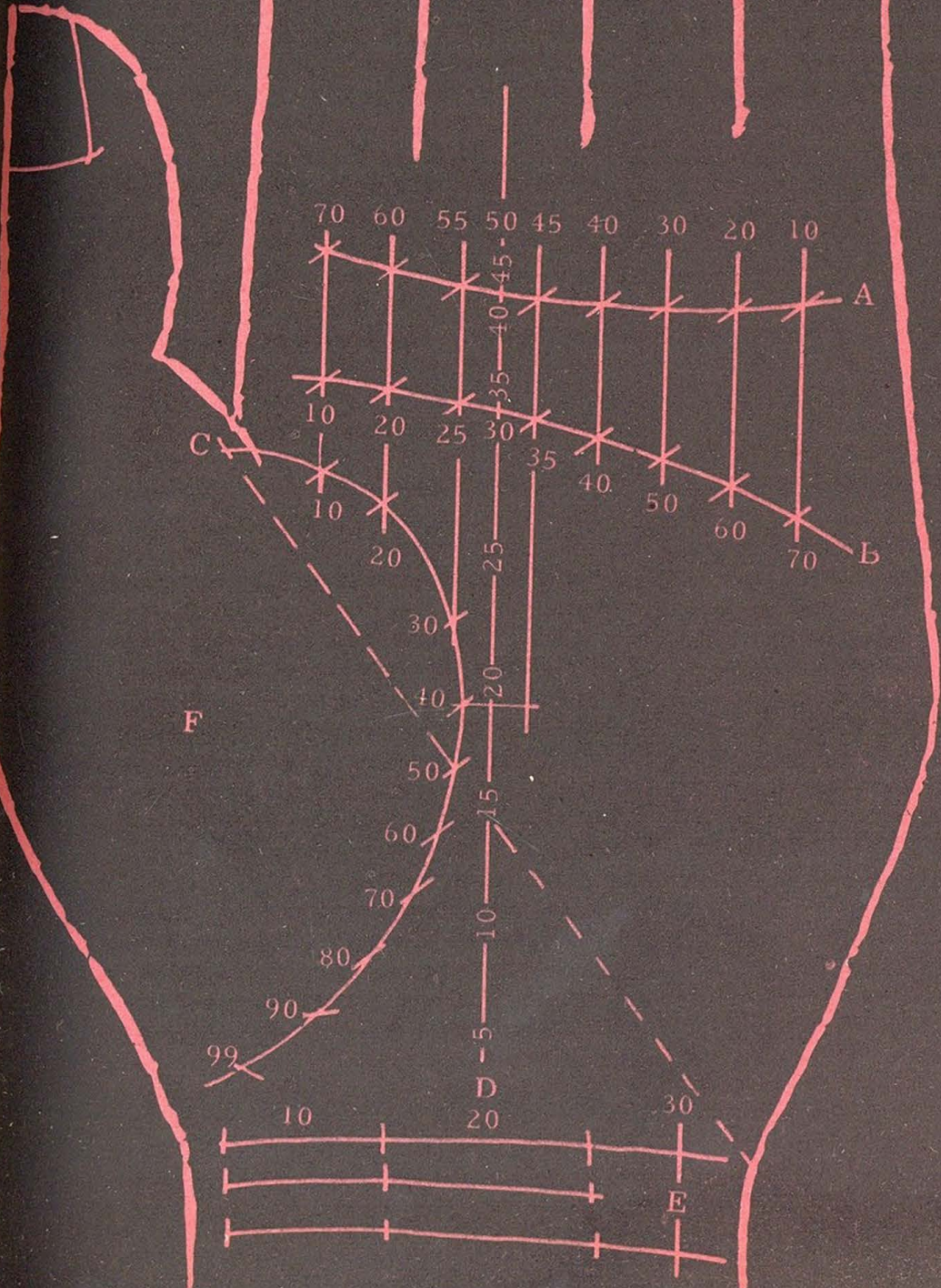
B = cabeça

C = vida

D = destino

E = os 3 braceletes

F = monte de vénus



TEMPERAMENTO NERVOSO

O temperamento nervoso reconhece-se quando a mão (geralmente pequena) é seca e alongada, por vezes triangular ou de contorno bizarro, muito marcada por numerosas linhas, dedos geralmente pontiagudos, auricular curto, linha do coração em ramos ou elos. O nervoso é um emotivo instável, por isso é de prever durante a vida variações importantes; é o indivíduo inquieto que pode mudar de trabalho, de residência, de preocupações e que facilmente se divorciará. Pelo menos 60 por cento dos divórcios são de indivíduos de temperamento caracteristicamente nervoso. A sua conduta em ziguezague poderá, por vezes, dar-lhe felizes resultados se a inteligência ajudar; também poderá dar grandes catástrofes financeiras ou outras.

O nervoso tem imaginação viva. Os seus amores e os seus ódios estão dependentes dos seus caprichos ou da sua exaltação.

Se o indivíduo é nervoso pode anunciar-se uma vida movimentada, a menos que seja um inválido, ou, melhor, um valetudinário.

TEMPERAMENTO BILIOSO

Manifesta-se o temperamento bilioso por uma mão rectangular ou quadrada, magra, firme, musculada, quente, amarelada. A palma da mão é geralmente encovada, de linhas bem marcadas, acastanhadas. Os dedos são longos e espatulados. O polegar é comprido, a linha da cabeça direita e longa.

O bilioso é antes de mais um ambicioso e um dominador. Pode prever-se, portanto, que tem possibilidades de sair do seu meio para novas e melhores situações. Se for inteligente e a saúde o ajudar, a sorte aparece-lhe sempre. Apesar disso as suas iniciativas nem sempre são coroadas de êxito. Alguns pecam por excesso de audácia e também por tudo desejarem abraçar. De uma maneira geral são insubordinados e indisciplinados por natureza. A ambição é fria e inclinada a preferir um casamento de conveniência fazendo por vezes sofrer aqueles que o amam. Desta forma pode prognosticar-se ao temperamento bilioso uma vida pouco longa, porque dispersa as suas forças e energias; gastando-as porém pode anunciar-se-lhe bons resultados, porque a sua vontade é forte e a razão é justa.

TEMPERAMENTO SANGUÍNEO

O sanguíneo tem a mão larga e curta, quente, húmida, espessa, corada e coberta de

pêlos sobre o dorso. O Monte de Vénus é firme. O polegar é curto. As linhas são avermelhadas e pouco numerosas.

Em frente de um sanguíneo pensamos logo em todas as consequências possíveis da impulsividade irreflectida em todos os domínios. É um indivíduo que agirá numa actividade superficial que implica variações de destino muito menos amplas do que um nervoso ou um bilioso.

O sanguíneo é normalmente optimista, alegre, encontrando na vida sempre boas coisas. Colérico, será praticamente impossível, porém está pronto à reconciliação. A sua ira não dura muito, quer com os amigos quer com o cônjuge.

Vaidoso, o sanguíneo deixa-se absorver pelos aduladores. Tem enormemente desejos de consideração pública, o que geralmente obtém. Pode prever-se que poderá ser distinguido durante a vida, de uma ou de outra forma, o que lhe dará prazer.

Sem erro, pode prognosticar-se que terá ocasiões em que a mesa ou a comida e as diversões ou os prazeres são tendências irresistíveis; portanto procurá-las-á para sua satisfação.

TEMPERAMENTO LINFÁTICO

A mão do linfático comporta uma palma bastante comprida, espessa, mole, húmida, fria e branca, manchada de arruivado nas costas das mãos. Os dedos são curtos e deslocados; as falanges superiores são reversíveis; linhas pouco numerosas, largas e pálidas; unhas largas.

Calmo, frio e paciente, o linfático é essencialmente um indivíduo que «continua». As modificações da sua vida não se produzem bruscamente, sendo capaz de elevar-se a uma boa situação se for inteligente — porque sabe conduzir-se na vida, porque possui o senso do método, da organização e da perseverança.

Submete-se quase sempre à lei, às regras e aos costumes.

Preocupa-se frequentemente com o que se come e com o que se bebe, De uma maneira geral não segue quaisquer doutrinas políticas, porém é sensivelmente religioso, aceitando (às vezes por conveniência) tudo o que respeita a dogmas.

Raramente se encontra um linfático com predisposição para o divórcio; resigna-se quasesempre, pois não gosta de alterar os seus hábitos.

MORFO-FISIONOMIA

Dois homens igualmente superiores, Drs. Lavater e Gall, demonstraram, através dos seus trabalhos, que a morfofisionomia, no sentido geral da sua expressão, é o estudo do indivíduo «interior» observado pelo seu «exterior físico», ou seja o conjunto formado pela configuração do crânio (frenologia), rosto, testa, nariz, orelhas e queixo, pela expressão e configuração dos olhos e da boca (fisionomia), que, devidamente catalogados, permitem tirar conclusões sobre a personalidade e carácter, podendo em muitos casos prever, dentro de certa margem, o futuro.

A primeira obra publicada sobre o assunto traz a assinatura do Dr. François-Joseph Gall e tem por título ANATOMIE ET PHYSIOLOGIE DU SYSTEME NERVEUX ET DU CERVEAU EN PARTICULIER, cuja edição foi iniciada em 1819.

O estudo da fisionomia e da frenologia compreende dois ramos distintos do conhecimento morfofisionómico, mas podem ser expostos separadamente.

A fisionomia resume-se nos sinais exteriores de cada indivíduo, que, na expressão de Lavater, é de todos os espectáculos o mais digno de ser visto. A antiguidade não desconhecia esta verdade: no templo a Apolo, o deus da sabedoria, está inscrito o célebre axioma: «Conhece-te a ti mesmo».

Admitimos no homem duas naturezas, uma toda física, outra toda moral. O homem, considerado como um conjunto de forças animais superiores, revela o lado físico da sua natureza, que actua em conjunto com as forças do espírito e da actividade intelectual. Tudo isto mais ou menos está retratado na fisionomia humana.

Se confrontarmos um estudo quiroscópico com um morfofisionómico e grafológico do mesmo indivíduo verificaremos que um completa os outros.

Ora a morfofisionomia impõe-se ao estudante como prática no desenvolvimento das suas faculdades de observação e comparação, permitindo desde o começo a formação de juízos que definem as características do indivíduo observado.

A divisão de um rosto encontra-se nos desenhos n.ºs 1, 2 e 3.

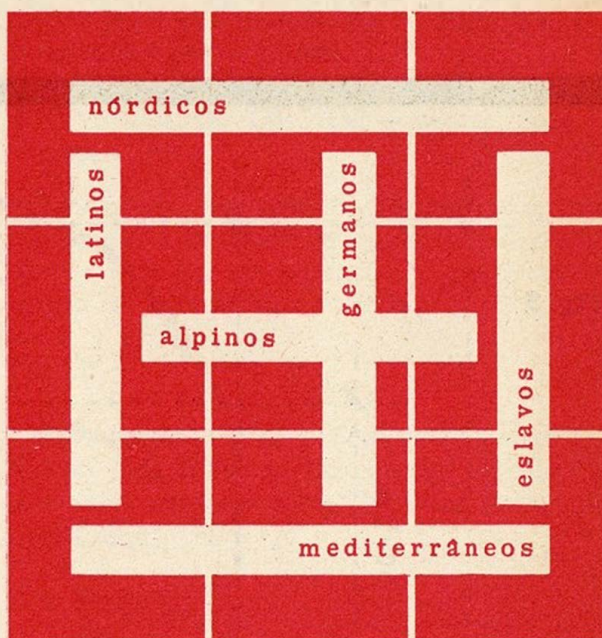
Os tipos básicos são cinco, vistos de frente:

Redondo, rectangular, triangular, oval e quadrado.

O rosto mais comum e de mais difícil interpretação é o rosto oval, pois a sua observação está dependente quase totalmente das outras características fisionómicas.

Um rosto visto de perfil tem três tipos distintos: côncavo, convexo e perpendicular.

Temos ainda a considerar as diferentes raças humanas. O quadro da figura n.º 4, idealizada pelo Dr. George Montandon, mostra a classificação rácica de nórdicos, alpinos e mediterrâneos, coincidindo com os tipos da civilização: latinos, germanos, eslavos. Temos ainda de considerar os três grandes grupos: branco, amarelo e negro.



O estudo de qualquer fisionomia deve ser feito prudentemente, para evitar conclusões erradas. As dificuldades do fisionomista não são exageradas. O sentido fisionómico é comum e por assim dizer universal. Todavia os bons fisionomistas são raros. O espírito de observação exigido é a primeira condição, seguida de grande persistência e vontade. Diz Lavater que a falta de força de penetração pode deformar o ponto de vista de quem observa. Bernardin de Saint-Pierre dizia que deve procurar-se a verdade de uma fisionomia sem qualquer má vontade, livre de paixões; de outra maneira nunca se encontra.

Os exercícios fisionómicos devem ser feitos cautelosamente. O indivíduo que se examina deve encontrar-se calmo, observando-se depois as variações que as emoções provocam no

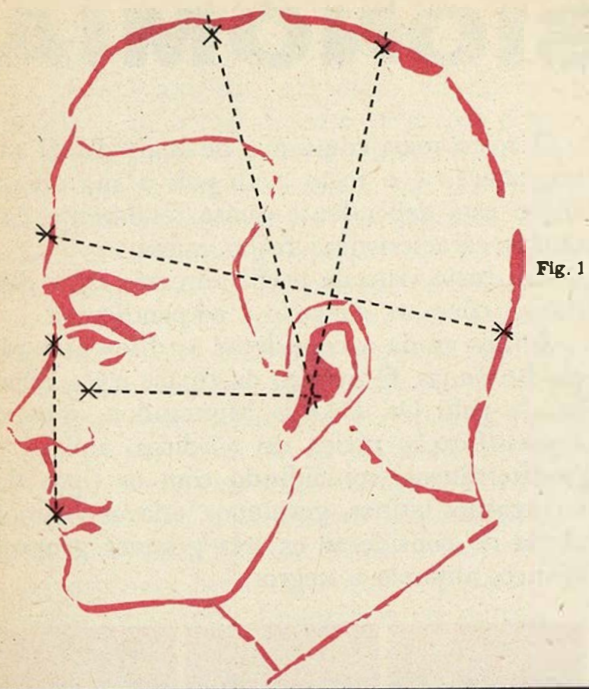


Fig. 1

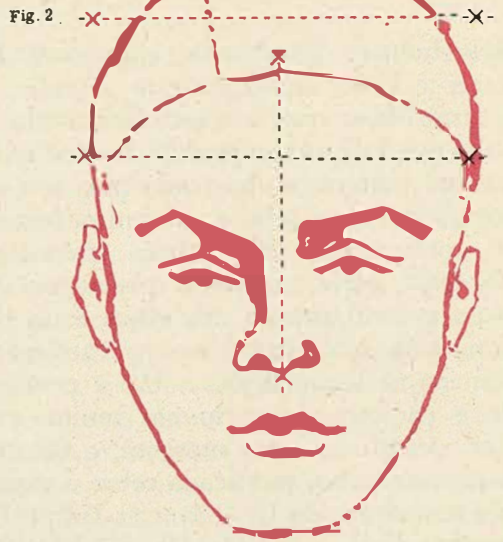
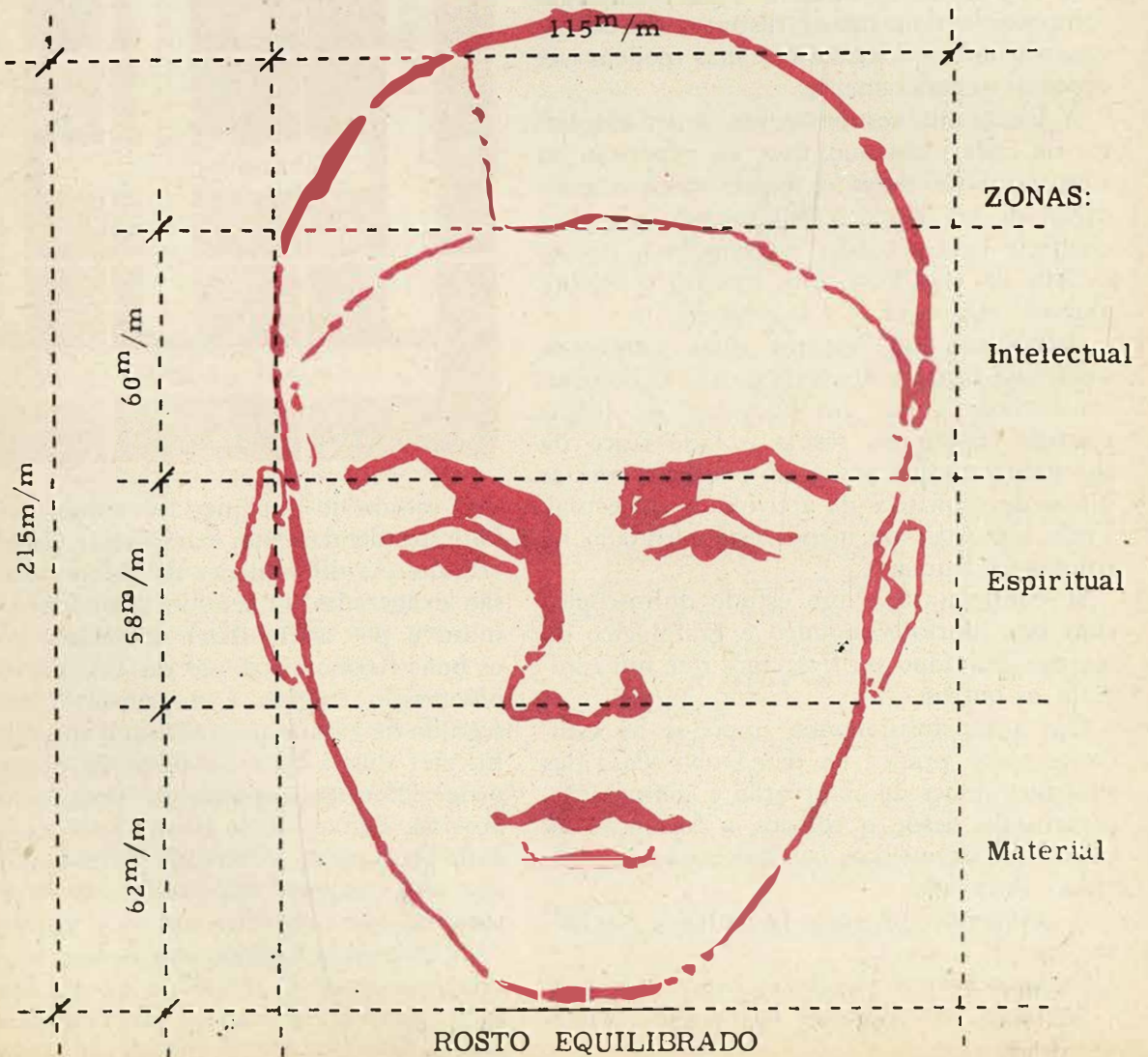


Fig. 2

Fig. 3



seu rosto. Este transmite como um espelho todas as facetas interiores quando um indivíduo não se julga observado ou quando em estado de irritação.

Um rosto com as características básicas denominadas correctas deve estar de acordo com a fig. n.º 3, e especificamente:

1.º Igualdade entre as três zonas: a fronte, o nariz e o queixo.

2.º A fronte deve terminar horizontalmente; consequentemente, as sobrancelhas serão horizontalmente dispostas, serradas e fortes.

3.º Os olhos (sem interesse de pigmentação) devem estar a uma distância equilibrada, e as pálpebras superiores cobrirem a pupila à roda de $1/5$ a $1/4$.

4.º Nariz de dorso largo e paralelo.

5.º Boca horizontal, em que o lábio superior e a linha central se baixa um pouco ao meio. O lábio inferior não deve ser maior do que o superior.

6.º Nariz arredondado levemente saliente.

A reunião de todos estes traços é raríssima.

Quanto à beleza feminina, se analisarmos as diferentes épocas ficamos sem saber o que pode considerar-se como beleza. Se no século passado as senhoras gordas e anafadas significavam beleza, na presente época são as mais ou menos magras que satisfazem os estetas.

Entrando particularmente na divisão dos rostos, veremos o que apresentam as diferentes configurações.

DE FRENTE

REDONDO

Este rosto é mais comum nas mulheres do que nos homens. A tendência natural é para encarar a vida pelo lado bom, sendo pouco propensa a questões filosóficas. Propensão para encarar os factos da vida por um prisma prático.

RECTANGULAR

Bastante corrente nos homens. Apresenta as características intelectuais mais acentuadas do que as físicas. É raro encontrar-se esta configuração nos indivíduos que executam trabalhos árduos. Propensão para encarar os factos da vida por um prisma intelectual. Também apresenta tendência para a volubilidade.

QUADRADO

Tendências mais práticas do que teóricas. No domínio sentimental é também o senso prático que prevalece. O carácter é equilibrado. Propensões especulativas.

LOSANGULAR

Típico de trabalhador. Representa a resistência física e a força dirigida. O idealismo é puramente superficial.

TRIANGULAR — vértice para baixo

Tipo corrente do indivíduo espiritual. O espírito e a inteligência dominam quase totalmente as preocupações materiais. A sensibilidade é grande; a imaginação ou a arte encontram-se sempre presentes.

TRIANGULAR OVÓIDE — vértice para cima

Típico do comerciante em que todas as acções são puramente materiais. A sensibilidade é relativa. As aspirações estão positivamente no lado prático da vida.

OVAL

Tipo corrente onde podem encontrar-se todas as características dos outros e onde os diferentes complementos do rosto fornecem conclusões.

DE PERFIL

CONVEXO

O temperamento é nervoso; rapidez de pensamento ou de execução.

Energia latente e o sentido prático das questões.

CONCAVO

Temperamento sem grandes oscilações. Teimosia por vezes exagerada. Mais teórico do que prático. Normalmente é vagaroso nas palavras e na vida.

PERPENDICULAR

Temperamento regular, sentido de observação e de método. Equilíbrio em quase todos os sectores da vida. Razão e ponderação.



O Sol ainda vem longe. Mas no lusco-fusco da manhã que se avizinha há um estranho e desusado movimento de vultos expectantes que parecem ansiar a claridade como quem espera um redentor.

Há silêncio nos campos e nos montes. Um silêncio constrangido feito de dúvidas e de nervosismos.

Até o nocturno rouxinol se engasgou, e envergonhado não foi capaz de reatar o fio dos seus trinados.

Se os irracionais habitantes dos bosques e dos matos, dos campos e dos vinhedos tivessem capacidade para guardar recordações de ano para ano e de localizá-las em datas precisas, de certo saberiam que o grande dia tinha chegado.

E que aquele movimento silencioso não era mais do que o suave prelúdio da imensa fusilaria que sem dó nem piedade os iria rechassar dos seus domínios obrigando-os a

poucos caçadores a relacionarem já com o seu desporto-rei, aceitando sem contestar o patronato de Santo Humberto.

Quanto a nós habituados desde sempre a ver a gentil figura da Deusa por vezes tão belamente representada numa larga teoria de obras de arte que abrange todos os campos, humildemente confessamos que sem quaisquer condicionalismos de carácter religioso preferimos sinceramente a impiedosa filha do arrogante Zeus.

Se estabelecermos um paralelo entre Outubro e a luta livre poderemos talvez defini-lo com certa propriedade como sendo «o mês do «vale tudo»».

Tudo, desde o caçar com furão, o faltar ao trabalho; ser malcriado para a sogra, ou dar mesmo uma chumbadita nos fundilhos de qualquer colega menos prudente, que não poucas deste género acontecem no longo curso dos seus tão intensos trinta e um dias.

CAÇA

procurar refúgios contra a sanha dos atiradores. O dia tinha chegado. Dia de luto para os bichos e de alegria para os homens.

Um dia que tornara longos os outros dias. Longos e difíceis de passar.

Dias sem história em que se contaram histórias. Histórias que começavam sempre pela história de um outro dia irmão daquele dia.

Outubro é para a imensa falange de adeptos de Santo Humberto, um mês verdadeiramente à parte.

Ele começa por aquilo que se chama «Dia da abertura qual», e decorre normalmente em condições climatéricas de uma tal amenidade que bem se pode sem favor considerar «o mês da caça».

Acabaram-se as restrições. Agora nem perdizes nem coelhos podem viver sossegados.

De parceria com algumas lebres, e uns tantos cisões e escassas abetardas, considerados como espécies indigas, pagam o seu largo tributo à saudosa Diana dos tempos idos. E dizemos saudosa Diana por bem

Se bem que quase todos os caçadores «saiam muito bem o que fazem» muito embora nem sempre façam o que deviam saber, julgamos talvez não ser desacertado lembrar algumas coisitas que poderão ter certa utilidade.

Assim para as perdizes pensamos que se empregarem chumbo 6 terão mais probabilidade de abater a caça.

Para-as lebres o chumbo indicado é o 4 ou o 5 consoante a natureza dos terrenos em que se caçar; Para os coelhos e para as marrequinhas que começam neste mês a fazer a sua aparição nas nossas charnecas e alagadiços parece-me que o chumbo mais acertado será o 5 se bem que para os coelhos se possa alternar com o 6.

Finalmente para as abetardas, se tiver sorte de lhes chegar o tiro, dê-lhes com chumbo 2 ou 3 e peça à Providência que o ajude a acertar em qualquer ponto vital, pois uma abetarda é sempre um «episódio» que se recorda a vida inteira.

Para aqueles que atiram a tudo quanto calha, se a arma for de dois canos poderão usar um cartucho com chumbo seis e outro com chumbo 5, ficando assim mais ou menos preparado para o que der e vier.

Os que caçam com furão, ou antes, aqueles que utilizam o furão para fornecerem o tacho com alguns saborosos coelhinhos, será talvez conveniente informarem-se se nos conelhos onde vão caçar o seu uso é permitido.

E muito principalmente será prudente que todos os caçadores verifiquem se nada esqueceram em matérias de licenças, pois a falta de qualquer delas pode trazer-lhes sérios aborrecimentos que se podem cifrar em multas de 350 a 500 escudos, para as armas não manifestadas, multa de 500 escudos e perda da arma para os casos de irregularidades na transacção de armas entre particulares, multas de 100 a 1.000\$00 para os casos de esquecimento ou de falta de licença de porte de arma. Isto sem contar, claro está, com as multas mais ou menos pesadas para a falta ou esquecimento da licença de caça, falta da licença do cão ou cães, da licença dos batedores quando os utilizem e do furão quando com ele caçar.

Os custos destas licenças oscilam entre 27 e 45 escudos o que não é de forma alguma um impedimento para quem a estas dispendiosas andanças cinegéticas se dedica.

E sobretudo nunca esqueçam de levar os vossos cães açaimados na via pública, pois a falta de açaimo além da pequena multa de 25\$00 que vos poderá custar, pode dar origem à interminável série de sensaborias e despesas que uma dentada sempre acarreta.

E posto isto vamos como de costume dedicar algumas linhas aos animais que vos servem de caça, esperançados de que a muitos dos nossos leitores elas ajudarão a melhor conhecer as manhas, os hábitos e as características de tão gentis bicharocos.

A PERDIZ (Perdiz rubra)

Pela sua abundância, pela excelência da sua deliciosa carne e pela variedade de tiros que permite, a perdiz é a espécie número um, a mais procurada e sem dúvida alguma aquela que a maioria dos caçadores mais gostam de abater. Sem atingir a estatura da gigantesca abetarda, nem sequer da galinha sua parente muito próxima é no entanto bas-

tante maior que a codorniz e sobretudo muitíssimo mais pesada.

É uma ave de voo rápido, e por vezes desconcertante. No entanto dadas as suas características físicas facilmente somos levados a verificar que a perdiz foi muito mais feita para se deslocar a pés do que para voar.

Com efeito a maior parte da vida deste galináceo é feita «a pé», e só em casos de muita necessidade se serve das asas como meio de deslocação ou de defesa.

Há mesmo determinadas alturas da sua vida em que o voar se lhe torna quase que interdito de tão pesada que está.

Quando caminha a perdiz fá-lo rapidamente, com notável elegância. O corpo levemente inclinado para diante facilita-lhe a marcha tornando-a aos olhos de qualquer caçador relativamente experimentado, mais do que inconfundível.

O seu corpo é revestido de penas de várias cores matizadas em que predominam as castanhas desde o acre ao avermelhado as cinzentas e as esbranquiçadas e em que o negro põe uniformidades que lhe dão à máscara e ao todo um ar de forte personalidade. O bico e patas igualmente vermelhas completam este conjunto tornando-a num animalinho deveras atractivo.

Duma maneira geral a perdiz encontra-se mais ou menos espalhada por todo o território continental se bem que a sua densidade varie bastante de umas zonas para outras.

Esta densidade de distribuição tem como base fundamentais, não só a necessidade de se estabelecer perto de terrenos aonde tenha alimento com que criar os filhos pelo que procura geralmente as proximidades das zonas cultivadas, mas também as dificuldades que essas zonas oferecem como terrenos de caça do que resulta ser sempre mais abundante onde quer que melhor se defende.

É esta necessidade de se defender contra os seus perseguidores quer humanos quer irracionais que determina a fixação em zonas pedregosas semeadas de pequenos arbustos, onde as urzes e os matos ásperos predominam.

Normalmente as perdizes vivem em bandos que só se desfazem em meados do inverno dando início à época dos acasalamentos que principia em fins de Fevereiro e que por vezes se estende até Abril.

Os machos em maior número que as fêmeas disputam-nas entre si, o que como em todos os casos idênticos, quer se trate de homens quer de bichos, dá sempre lugar a tremendas zaragatas em que geralmente os mais fortes sendo os vencedores, dão continuidade ao princípio da selecção natural das espécies.

Desta disparidade de números entre os dois sexos resulta uma louvável monogamia. O ninho da perdiz é como o da codorniz um desleixo pegado. Um pouco de palha ou de erva colocada sem grandes preocupações nas vinhas ou nos restolhos e é quanto lhe basta.

A fêmea põe dez a dezoito ovos cinsento-amarelados e pintalgados de castanho de onde após uma incubação de vinte e quatro dias nascem os engraçados perdigotos.

Como a maior parte das mães a perdiz é um notável exemplo de devoção e de sacrifício pela prole tudo fazendo para a manter incolume e a coberto dos constantes ataques que as aves de rapina, os animais daninhos

e a espécie à parte de feras conhecidas por «caçadores furtivos» contra eles desencadeiam.

Um extraordinário sangue frio, aliado a uma excepcional percepção dos perigos são as mais maravilhosas das armas com que a natureza dotou a mãe perdiz, cuja assombrosa coragem lhe deviam grangear a admiração de quantos a conhecem.

Quantos e quantos casos, nos têm sido relatados de perdizes chamando sobre si a atenção dos inimigos para que as suas proles logrem escapar.

De perdizes heróicas e decididas enfrentando os próprios cães de asas abertas e bico em riste lançando-se resolutamente ao ataque e conseguindo por vezes amedrontar os adversários pondo-os em fuga.

De perdizes cobrindo a ninhada com as asas contra as investidas dos alados rapaces, e defendendo-a à bicada até ao limite das suas forças.

De perdizes que depois de chamarem sobre si a atenção dos inimigos os atacam à bicada para de seguida se escaparem em curtos voos aumentando cada vez mais a distância que os separa das tenras presas que cobiçam.

Heróico e admirável animalzinho que tão belo exemplo nos dá.

A caça à perdiz pode ser feita de salto com a ajuda de cães de parar, sem dúvida a mais bela, e de batida.

A caça de salto é aquela que melhor põe à prova as qualidades do caçador.

Para se matarem perdizes de salto, torna-se necessário ter boas pernas, muito fôlego e um razoável conhecimento de distâncias e da influência dos ventos.

É por ela que se começa e é a ela que se dedicam apaixonadamente os verdadeiros caçadores até que a falta de pernas ou de fôlego os obrigue a procurar o cómodo sucedâneo das caçadas de batida em que pouco mais têm a fazer do que saber atirar.

Na caça de salto à perdiz os cães de parar são postos rapidamente à prova, e o espectáculo dos fiéis companheiros «trabalhando» a caça é sem dúvida mais uma fortíssima razão para lhes darmos a nossa incondicional preferência sejam quais forem os resultados, sejam quais forem os números com que se enfeitemos os «matadores» e as vedetas das batidas.



Qual é o mais perigoso dos animais?

Estamos certos de que, ao lerem o título, têm já uma resposta pronta... Bem, aotem-na e vejamos se têm razão.

Mas antes de começarmos o nosso inquérito, é preciso que nos entendamos: de que animais se trata? Não falaremos aqui de pequenos bicharocos tais como gafanhotos e formigas, que, reunidos em grande número, causam enormes destruições, nem dos mosquitos transmissores da febre amarela, ou dos ratos que transmitem o micróbio da peste. Não. Só trataremos dos grandes animais, ferozes e selvagens, e do interminável cortejo de vítimas que fazem todos os anos!

Uma regra geral que precisamos de ter sempre presente é que, em princípio, os grandes animais não atacam o homem, excepto em dois casos excepcionais: quando são atacados e feridos e, no que respeita aos grandes carnívoros, quando se tornam, por razões que explicaremos, «comedores de homens» e, por consequência, muito perigosos.

*

Vejamos o primeiro caso: uma das espécies mais temíveis é provavelmente o grande búfalo africano. Foi por um deles, que ferira, que foi morto o aviador Latham, no princípio deste século. Há muitos outros exemplos. O perigo reside no facto de esses búfalos viverem geralmente nas planícies de capim alto, onde podem conservar-se escondidos e imóveis. O caçador que feriu um deles e comete a extrema imprudência de lhe seguir a pista marcada com vestígios de sangue corre os maiores riscos. O búfalo, que primeiro fugiu, parou e escondeu-se, observando a chegada do seu inimigo. Quando este está apenas a poucos passos, carrega! O homem não tem qualquer possibilidade de fugir e é esmagado selvaticamente.

O mesmo perigo, pelas mesmas causas, existe com o elefante. Esse enorme paquiderme, o maior de todos os animais terrestres actuais, é desconfiado e receia o homem, evitando-o normalmente. Mas quando ferido torna-se furioso e implacável procurando a todo o transe destruir o seu adversário. Todavia, na floresta, o caçador que se transformou em caça tem maiores possibilidades de escapar do que na planície. Isto não impede que passe um mau bocado quando vê avan-

çarem sobre si sete toneladas barrindo furiosamente.

Do rinoceronte há quem diga que carrega sem provocação. Mas essa opinião vem, sem dúvida, de um erro de julgamento. Um rinoceronte assustado foge sempre contra o vento, sem se importar com o que tem pela frente. Se o homem se encontrar no seu caminho, tanto pior para ele. O animal não se desviará! Mas se se afastar a tempo, não o perseguirá e continuará a galopar a direito, de cabeça baixa, o que não fazem nem o elefante nem o búfalo.

A resposta do animal provocado ou ferido é ainda mais viva entre os grandes carnívoros. Mas as suas reacções são as mesmas que as das espécies precedentes e não vale a pena insistir no assunto. Falemos antes dos comedores de homens, tornados por assim dizer «profissionais».

Na grande maioria dos casos, quer esses animais sejam leões, tigres ou panteras, o gosto da carne humana chega-lhes na velhice.

Na Índia, principalmente, os tigres que já não têm suficiente agilidade para saltar sobre um veado ou um grande antílope, apertados pela fome, perdem o receio do homem e arriscam-se uma noite a atacar uma criança ou uma mulher que esteja de costas. Notam então, de repente, que essa espécie de caça é indefesa e, tomando-lhe o gosto, nunca mais querem outra.

Por vezes esse gosto vem-lhes em consequência de uma epidemia ou de uma guerra que deixa por toda a parte agonizantes e cadáveres sem sepultura. A guerra dos maratas, no Dekkhan, foi uma oportunidade desse género. Enquanto um exército em retirada, o de Sir Thomas Hislop, passava pelo selvático vale do Tapti, os tigres seguiam-no e apanhavam os retardatários. Depois disso não quiseram outra caça e foi necessário começar outra guerra, dessa vez contra eles.

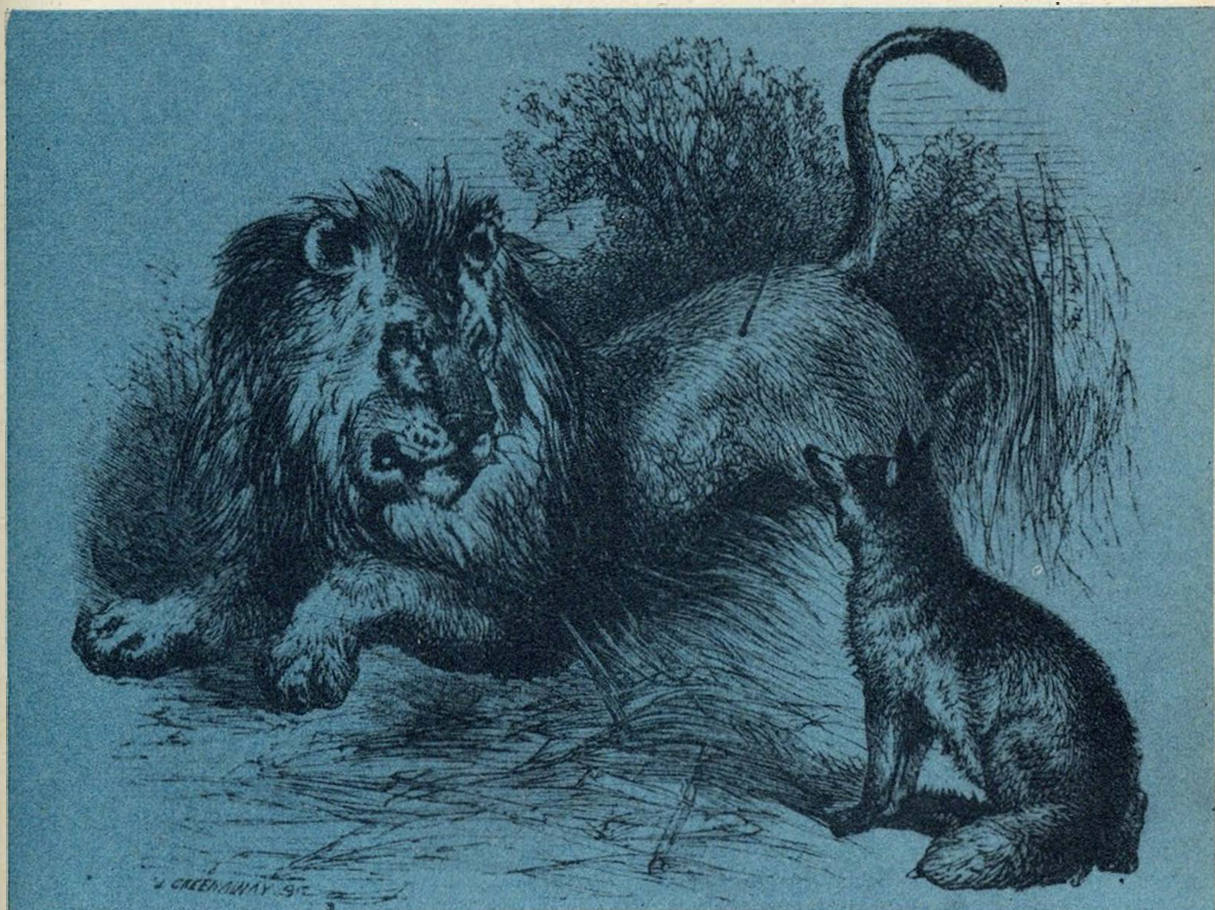
Esses tigres são, na maioria, fêmeas. Uma delas foi, durante muito tempo, o terror do Mysore. Um oficial inglês, Sanderson, passou vários anos a segui-la, correndo de um lado para o outro cada vez que ela cometia mais uma morte, mas sem nunca conseguir matá-la. Um dia, quando pedia informações numa aldeia, viu chegar um pequeno boi doméstico a galope, boi esse que foi reconhecido pelos indígenas como sendo a montada de um dos seus sacerdotes. Seguiu-se a pista do animal e encontrou-se, com efeito,

numa ravina, o cadáver meio devorado de um velho. Mas, enquanto Sanderson continuava as suas pesquisas, encontrou o corpo esfacelado de um pastor, morto pelo mesmo animal. A morte, dessa vez, era muito recente e a fera não podia estar longe. No dia seguinte, com efeito, uma bala pôs fim às suas façanhas. Contrariamente à regra, era uma fêmea na força da idade.

Apesar de tudo, o reccio hereditário do homem continua a existir, mesmo entre esses animais que o escolhem como vítima. O general Burton conta a curiosa história de um tigre fêmea das províncias centrais que se especializara em atacar as suas vítimas pelas costas, quebrando-lhes o pescoço e arrastando-as para a selva. Um dia a mesma cena

pelas costas, pois ela estava encostada às rochas, o animal recuara sempre que via aqueles olhos fixos nele. Acabara por desistir e, apertado pela fome, atacara outro infeliz cujos restos foram encontrados um pouco mais longe.

Muitos exemplos semelhantes poderiam ser citados, pois o número de homens mortos pelos tigres e panteras, num único ano, em toda a Índia aproxima-se do milhar. Não abandonemos a Índia sem dizer uma palavra acerca dos lobos, que no fim do último século, juntamente com 10.000 cabeças de gado, sacrificaram em cada ano uma média de um milhar de seres humanos, quase todos crianças. Este número tem vindo a diminuir sensivelmente de então para cá.



se repetiu, mas, como se soube mais tarde, o animal, ao fugir, deixara cair a sua presa numa ravina onde o homem ficara sentado, encostado à rocha, com os olhos abertos.

Quando foi encontrado, alguns dias depois, viu-se um grande número de marcas provando que a fera voltará obstinadamente à procura da sua vítima. Não podendo atacar

Mas os comedores de homens que tiveram mais triste celebridade na história do nosso tempo são provavelmente os leões, devido aos famosos leões de Tsavo, que tiveram a honra de uma interpelação de Lorde Salisbury, primeiro-ministro, na Câmara dos Lordes! Era na altura da construção do caminho de ferro de Uganda, na África Oriental. Esses

leões, que eram dois, começaram por atacar os carregadores indianos, os mais inofensivos, e depois, tomando confiança, atacaram os africanos, mais combativos e, finalmente, os próprios brancos, arrancando os homens das barracas e levando-os sem que ninguém tivesse tempo de intervir.

Um dos seus ataques mais audaciosos foi ao engenheiro O'Hara, na tenda que ele ocupava com a mulher e dois filhos. Todos dormiam quando a Sr.^a O'Hara sentiu a sua almofada ser-lhe arrancada bruscamente de debaixo da cabeça. Na mesma altura, lá fora, uma sentinela deu o alerta e disparou um tiro. A Sr.^a O'Hara correu para a entrada da tenda mas o soldado gritou-lhe:

«Não saia, o leão anda por aqui!» E disparou um segundo tiro, que afastou momentaneamente o felino.

Todo o resto da noite o ouviram rugir, mas sem o ver e conservaram-no em respeito disparando ao acaso, de vez em quando, só desapparecendo de manhã. Mais tarde encontraram o cadáver do engenheiro que o leão matara no início do ataque, mas que não ousara levar.

Foi um caçador famoso, o coronel Patterson, quem conseguiu finalmente acabar com os dois comedores de homens, depois de eles terem feito centenas de vítimas.

Na África ou na Índia as panteras tornam-se frequentemente comedoras de homens e, apesar do seu pequeno tamanho, são tão temíveis como os seus grandes rivais porque são ainda mais audaciosas e mais ágeis. Nas estatísticas indianas contam-se anualmente as suas vítimas por um milhar, em números redondos.

Passaremos rapidamente por outras espécies: ursos, hienas, etc., menos importantes que as anteriores, para citar alguns exemplos de um género novo.

Se se exagerou muito as histórias de marítimos e navegadores devorados por tubarões é sobretudo porque acontece frequentemente serem encontrados restos humanos no corpo desses grandes peixes. Mas na maior parte dos casos, esses restos vêm de cadáveres. Os vivos só raramente são atacados, o que, aliás, não quer dizer que nunca o sejam.

Os crocodilos são mais agressivos e parece provado que, pelo menos em África, fazem tantas vítimas como os leões e as panteras. Isso é-lhes facilitado pela maneira como ata-

cam. O reflexo da água torna-os invisíveis até ficarem ao alcance da vítima. Então, pobre do garoto que veio brincar à beira da água ou da mulher que veio lavar a roupa! Uma das mãos ou um pé ao alcance do sáurio e depressa são agarrados. A presa não é devorada imediatamente, como acontece por vezes dizer-se. Mas, rapidamente arrastada, é afogada e o réptil leva-a então para algum esconderijo onde a deixa por alguns dias, só então a devorando, pois apenas se alimenta de carne putrefacta. Foram encontrados cadáveres desses tendo apenas ligeiros ferimentos no sítio por onde haviam sido agarrados.

Devemos agora procurar entre todos estes exemplos aquele que será o maior matador de homens? Ainda não, pois não falámos das serpentes.

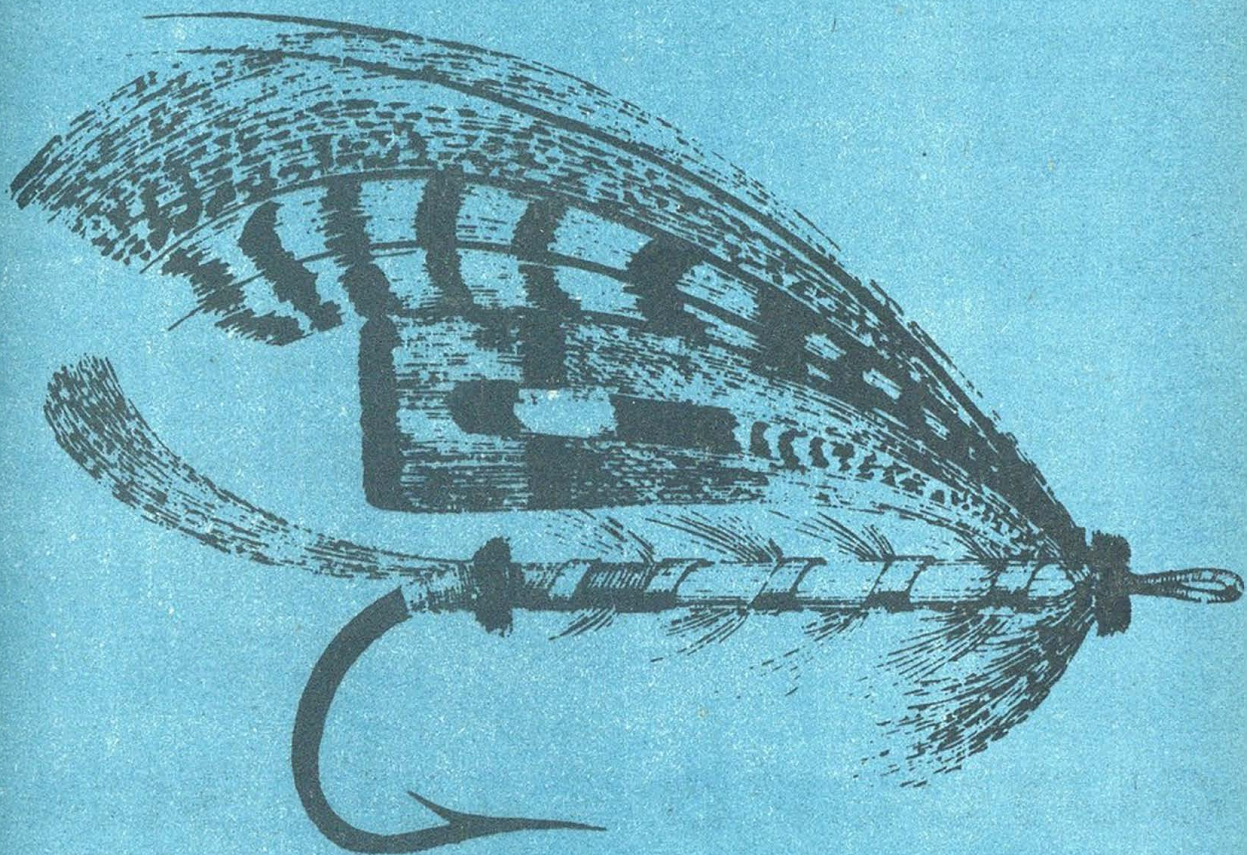
Eliminemos imediatamente as maiores boas e pítons, que parecem ser as mais terríveis, mas que praticamente não fazem vítimas entre a espécie humana. Além disso, não são venenosas e só em circunstâncias muito especiais atacam o homem. Sem dúvida um píton de 5 ou 6 metros que nos rodeasse com os seus anéis far-nos-ia passar um mau quarto de hora...

Mas, repetimos, os casos autênticos são muito raros, se é que de facto algum existe! Contrariamente, as espécies venenosas são, de todos os animais, as mais mortíferas. As grandes cobras indianas são acusadas de fazerem anualmente 20.000 vítimas. O número é talvez exagerado, sobretudo nos nossos dias. Mas mesmo metade é ainda um número impressionante, e nesta lista fúnebre ficará à frente, apesar de tudo.

No entanto, não nos deixemos impressionar pelos números e não imaginemos, a partir deles, que os países tropicais são inabitáveis... Olhemos antes à nossa volta... Em Inglaterra, dizem-nos as estatísticas, 9.000 a 12.000 pessoas são mortas anualmente por automóveis. Na América 13.000 a 16.000 são vitimadas.

Não procuremos mais listas. Em face destas talvez já possamos concluir que entre os homens e as serpentes... vá o diabo e escolha.

E quando lermos nos jornais que a Sr.^a Fulana de Tal acompanhou o seu esposo na viagem que ele fez à selva, não vamos ficar obrigados a cumprimentá-la no regresso como uma excepcional heroína... ou então, teremos de nos considerar heróis, pois atravessamos a rua todos os dias!



PESCA

Se bem que na pesca as «aberturas» não tenham a mesma universalidade que na caça, o mês de Outubro sem qualquer oficialização, bem entendido, poderia talvez considerar-se como o mês da abertura da pesca aos sargos.

Estamos imaginando, as caras desdenhosas de muitos «puristas» de nosso conhecimento, se é que acaso se dignarem ler estas nossas costumeiras linhas.

Pesca aos sargos! Mas que categoria têm essas bichezas para que se lhes dê qualquer lugar de destaque?

Se virmos a coisa pelo seu prisma, o prisma de uma escassa minoria que pode ir pescar trutas à Escócia, salmão ao Canadá, espartes ao largo de Sesimbra, atuns à Nova Escócia, ou tubarões ao golfo do México, de facto os sargos não têm mais valia que quaisquer modestos carapausitos de gato.

Mas a verdade é que temos de encarar

muito embora as fotografias largamente distribuídas e as notícias generosamente pagas nos leguem à efémera admiração de uns quantos crédulos como os mais aureolados dos heróis de ópereta.

É assim que disfarçados com basófia e mentiras mal engendradas e pouco convicidas, se arrastam amargurados alguns quantos complexos de inferioridade.

O sargo é o prato de sustância do mês. Chegam aos estuários dos grandes rios gordos e doirados, combativos e comilões.

E enquanto os pargos e douradas se afastam buscando águas mais calmas, a sargaria instala-se junto às rochas como dona e senhora de todos os «pastos».

É a altura dos «arranca nabos» darem um arzinho da sua graça sacando a golpes de manivela e a poder de trancas os nobres lutadores a quem nem sequer dão tempo para respirar.

OUTUBRO E A PESCA

a vida com olhos diferentes. E aos olhos do pescador «vulgaris de Lineu» que bate rochedos e areais na esperança duns peixitos, o sargo quer tenha duzentas e cinquenta gramas, quer tenha três quilos, que por vezes acontecem e até maiores, é sempre um convidado que se recebe de braços abertos.

De resto todos esses pescadores «pseudo puristas» começaram a sua carreira por apanhar sargos, e muitos subiram os degraus seguintes quando ainda os não sabiam apanhar, razão talvez porque com os outros peixes encontraram as mesmas dificuldades o que nem sempre a pecunia, nem a corte dos ajudantes consegue suprir.

Pelo menos fica-se sempre com a impressão de que nos intrujámos a nós mesmos, e bem no íntimo radica-se a ideia de que não fomos nós que «apanhámos» esses peixes,

Felizmente que os «arranca nabos» apenas dão um arzinho da sua graça pois na maior parte das vezes, se limitam a «estenderem a corda» e a perderem as chumbadas.

Os sargos não nasceram para ser arrancados com 0.50 nem para ser rebocados por mastros de navio.

Se esses «sarrafistas» arredado o tolo receio de perder peixes e material os tentassem pescar à boia com aparelhagem adequada, ou ao fundo com canas e linhas finas depressa acabariam concordando que até aí tinham apenas perdido tempo.

Os resultados em quantidade e em prazer são tão diferentes que nem se podem estabelecer comparações.

Em pesqueiros onde os sarrafistas só acidentalmente tiravam o seu sargo, tivemos marés de trinta e tantos e quarenta bicharocos. Isto sem engodo e numa zona onde

difícilmente se poderia julgar possível tal chacina.

E a razão desta disparidade reside unicamente no facto de termos empregado uma cana ligeira, um 0.18 ou 0.20 uma boiazita e um camarãozinho vivo arrastando pelo fundo, na ponta dum terminal que «varria» todas as passagens dos gulosos sargos.

Da mesma maneira há quase trinta anos, quando ainda esta arejada e saudável fúria de pescar não galvanizava as nossas gentes, e os pescadores se contavam pelos dedos introduzimos um sistema de pesca às tainhas que nos permitiu trazê-las de grandes distâncias quando de todo em todo não se queriam fazer à pedra, por mais engodo que se gastasse.

Hoje tudo pesca «a correr» às tainhas e de certo muitos há desses «puristas» que se consideram os inventores desse processo que sendo velho, apenas nos limitamos a introduzir em determinada região.

Com linhas finíssimas e amostras microscópicas e canas truteiras, todos os anos sacamos ao lançado ligeiro razoável número de robalos e até fataças, numa costa em que bem poucos se apanham.

Com canas truteiras sacámos carpas com quase uma dezena de quilos, e lindas Achigãs (belos tempos em que ainda as havia) na maravilhosa lagoa das Sete Cidades.

E nunca nos aconteceu, a não ser quando por desleixo ou incuria nossa no apertar do «drydrag» ou no uso de pescas rendidas, sentirmos os tais peixes «tão grandes que rebentam tudo» de que os sarrafistas, que usam 0.60 para apanhar sarguetas, falam todos os dias.

As linhas só rebentam (salvo casos excepcionais) por culpa nossa ou quando as dificuldades do pesqueiro facilitam os peixes, cortá-las em rochedos ou prendê-las em galhos.

Pelo peso dos peixes que normalmente pescamos... é quase sempre fantasia falar-se em tais roturas.

É por termos certa experiência destas andanças da pesca em que quase desde o berço

andamos metidos, e por termos lentamente evoluído desde a pesca «pela certa» até aos limites do fino que vos aconselhamos «sacá-nabos» a que mudeis de tática e a vós principiantes a que não vos deixeis influenciar pela ideia de que «esta cana forte e esta linha grossa é que são boas para apanhar peixes grandes».

Mas deixemos a teoria e os conselhos e o passado e voltemos ao nosso mês.

Na costa além dos sargos as tainhas ainda continuam, como aliás durante todo o ano, com maior ou menor intensidade, a dar um arzinho da sua graça, podendo mesmo com facilidade proporcionar-nos razoáveis pescarias de «molecas» de bom lote.

Os robalos e as bailas descem as costas, vorazes e atrevidas. É sempre aconselhável experimentarmos um lançado ligeiro pois onde todo o resto falha pode sempre dar bons resultados.

Ao largo, de barco, quando os dias nos ajudarem poderemos ter alguns felizes encontros com esses extraordinários combatentes que se chamam atuns de cacho ou albacoras, que numa cana flexível com um 0.30 a 0.35 (isto se não nos quisermos fazer à quantidade) nos poderão proporcionar momentos do mais intenso prazer.

No rio, Outubro quando o tempo ajuda é o mês das grandes carpas e dos grandes barbos. As primeiras chuvadas deixaram uma certa turvação nas águas e as comedorias que arrastaram aguçaram-lhes os apetites tornando-as mais atrevidas.

Agora já não passam desdenhosas pelas iscas virando-lhes as costas em meneios receosos.

De quando em quando há um que se enforca, e ao som do carreto a guinchar torna extraordinariamente feliz o ditoso dono da linha em que se prendeu.

Para as trutas continuam de pé os mesmos princípios do Setembro que findou.

Só moscas e amostras pequeníssimas poderão normalmente dar alguns resultados.

Mistérios do Mundo dos Peixes

Sabia-se desde a antiguidade que a enguia se encontrava nos rios, lagos e pântanos da Europa e mesmo nas regiões montanhosas, mas que era igualmente encontrada no mar e nos estuários, e que, portanto, era simultaneamente peixe de água doce e peixe do mar. No entanto, ignorava-se onde nascia.

Plínio, o Velho, dizia que as pequenas enguias eram formadas a partir dos pedaços de pele que as grandes abandonavam quando se esfregavam nas rochas. Só no primeiro quartel do nosso século conscienciosos estudos permitiram conhecer a reprodução desse animal, o seu **habitat** e as suas viagens.

Os ovos são postos em quantidades fantásticas em pleno Atlântico, no mar dos Sargaços, a grande profundidade. Sobem à superfície e libertam larvas em forma de folhas, chamadas «leptocéfalos». Esses pequenos seres transparentes, que têm meio centímetro de comprimento inicialmente, deslocam-se para o nordeste, pelo Gulf-Stream, e têm 75 milímetros ao fim de três anos, ao chegarem às costas europeias, onde se transformam em **civelles** (ou **cipalles**).

Os **civelles**, embora menos numerosos que os leptocéfalos, penetram em filas cerradas pelos cursos de água da Europa, do cabo Norte a Portugal, invadem o Mediterrâneo e sobem mesmo os **neds** da África do Norte. Não conhecem qualquer obstáculo, atravessando zonas secas para atingir lagos e fossos isolados, parecendo subir as cascatas e estabelecendo-se finalmente, em número mais ou menos reduzido, no interior.

As larvas tornam-se enguias amarelas e passam uma dezena de anos na água doce. Atingem aí o seu tamanho definitivo, que pode ir até 1,40 m. Quando iniciam a descida para o mar, deixam de alimentar-se e de crescer, adquirindo uma nova pele cinzenta e negra: são as enguias prateadas.

E até à reprodução, em breve seguida da morte, não voltam a alimentar-se.

Assim que estão aclimatadas à mudança de água, dirigem-se velozmente para o local do seu nascimento, que é também o seu túmulo. Os ovos são postos, supõe-se, a 100 metros de profundidade. O ciclo está completo. Ignoram-se ainda as causas desse ciclo e como se orientam esses estranhos peixes para nunca se enganarem no caminho de volta aos Sargaços natais.

O Pesqueiro do Ministro

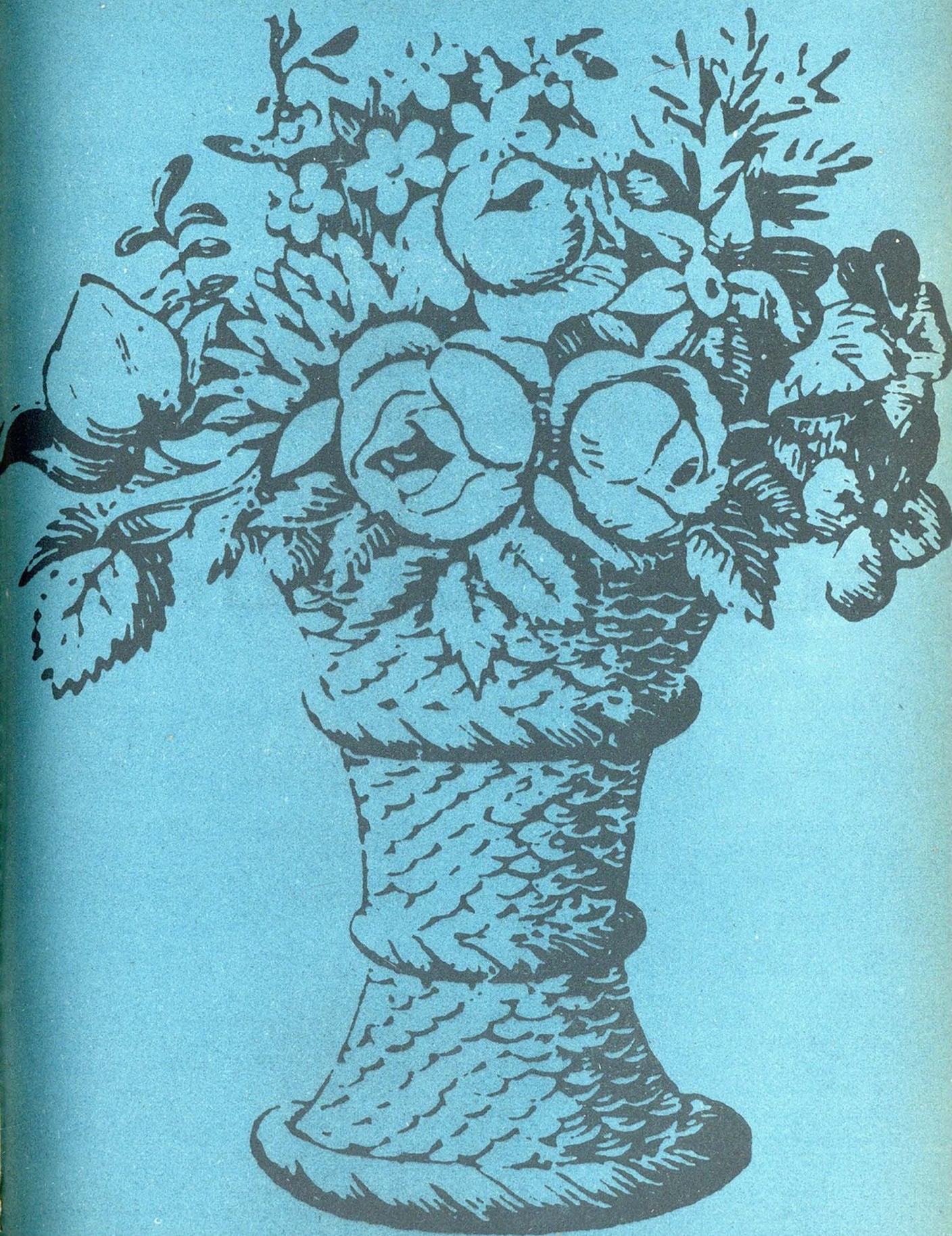
Desporto, vício ou mania, o certo é que a pesca tem representado um papel discreto mas eficaz na história da Humanidade.

É à pesca que os homens das antigas idades devem o facto de ter ousado afrontar os mares desconhecidos. Foi igualmente para garantir os direitos de pesca que diversas nações fizeram a guerra. A própria pesca à linha representou um papel, embora modesto, na história dos indivíduos. Esse calmo passatempo fez por vezes zaragatearem uns com os outros diversos pescadores desejosos de obterem um «bom lugar». Nem toda a gente pode, com efeito, ser ministro da Instrução Pública como o foi o Sr. de Salvandy, durante o reinado de Luís Filipe, e servir-se das suas funções para garantir o exclusivo de um pesqueiro de cadozes.

O Sr. de Salvandy abandonava todas as manhãs, bem cedinho, o seu Ministério para se dirigir, rente às paredes, à ponte da Concórdia, onde descobrira um pesqueiro de cadozes. O ministro pescava entusiasmado até que os passantes, cada vez mais numerosos, o faziam retirar-se, receando ser reconhecido. Uma manhã, ao chegar, Salvandy encontrou o seu lugar ocupado! Um velhote pescava os «seus» cadozes! Furioso, o ministro foi-se embora. No dia seguinte o velhote continuava lá. Ao fim de quatro dias, Salvandy não se conteve. Travou conversa, e discretamente perguntou ao intruso se não tinha ocupação mais séria do que a chacina dos cadozes.

— Infelizmente não! — retorquiu o velhote. — Era reitor da Academia de Lyon, mas o Sr. de Salvandy, o ministro da Instrução Pública, demitiu-me, baseando-se num relatório inexacto. Vim a Paris para me explicar, mas não consigo obter uma audiência de Sua Excelência!

Salvandy nada respondeu, mas correu rapidamente ao seu Ministério. Examinou de relance o processo do infelizmente reitor e verificou que o seu rival fora vítima de uma injustiça; imediatamente resolveu o assunto. Nessa mesma tarde o velhote «dos cadozes», nomeado para outro posto, deixava Paris. E no dia seguinte o ministro pôde enfim recuperar o pesqueiro e voltar ao seu passatempo favorito!



Outubro é um mês propício a várias práticas relacionadas com a jardinagem. Passaram os grandes calores do estio, a temperatura mais amena e o ar mais húmido são favoráveis ao desenvolvimento de múltiplas espécies que ornamentam os nossos campos e jardins.

Vamos apresentar sumariamente certas noções de jardinagem em geral tendo escolhido para este mês de Outubro alguns problemas levantados pela aclimação.

É do conjunto dos vários elementos meteorológicos e da energia solar que resulta o clima de uma dada região. Aclimatar uma planta é adaptá-la a um clima diferente do da sua região de origem. Em certos casos de adaptação mais difícil, as condições naturais do local são insuficientes e esta é apenas possível com o auxílio de meios técnicos — os abrigos — que se destinam a procurar

As cortinas de árvores ou de arbustos, formando sebes vivas, podem também desempenhar uma acção fundamental na protecção contra os ventos.

Neste caso as cortinas devem ser normais à direcção dos ventos dominantes — geralmente Leste-Oeste, para protecção dos ventos frios do Norte — e constituídas por árvores ou arbustos resistentes ao vento e de folhagem permanente (Cipreste, Cedro do Buçaco, Mioporo, Lingustro, Pitosporo, etc.).

A fim de tornar mais eficaz a acção protectora destas cortinas, pode-se aumentar a sua espessura plantando, em quicôncio; como convém, mais do que uma série de plantas, e também provocar e manter a baixa ramificação das mesmas, o que se consegue aparando-as por cima e lateralmente,

FLORICULTURA

modificar os factores climáticos locais, no sentido de os tornar tanto quanto possível iguais aos do «habitual» natural das plantas que pretende aclimatar.

Os abrigos destinam-se também a permitir as florações fora da época em que naturalmente ocorreriam (forçagem).

Damos a seguir algumas noções sobre abrigos:

ÁRVORES e ARBUSTOS: As plantações densas de arvoredos podem ser aproveitadas para defender, pela sua folhagem, as culturas dos ardores do sol — **Refrescadouros.**

Com este objectivo devem escolher-se árvores de larga copa e de folha caduca. (Lódão, Freixo, Nogueira, Plátano, Ulmeiro, etc.) que, no Verão, pela sua sombra, atenuem a excessiva evaporação provocada pela intensa radiação solar e, no Inverno, uma vez despidas, facultem às culturas a reduzida acção calorífica e luminosa que permite combater a excessiva humidade e os seus possíveis efeitos cloróticos.

formando assim uma verdadeira «sebe talhada».

As cortinas nestas condições desempenham quase sempre, simultaneamente, o papel de vedação fechada.

MUROS — Podem ser de alvenaria ordinária ou de tijolo.

Assim com as sebes vivas, têm dimensões variáveis e orientação indicada pela predominância dos meteoros mais prejudiciais.

A cultura das plantas pode ser feita em faixas de terra que se estendem ao longo do muro e de largura dependente da altura do mesmo. No caso das sebes vivas a cultura feita nestas condições é prejudicada pela concorrência radicular das plantas que constituem a própria sebe.

Dada a variabilidade da incidência dos meteoros, que não pode ser acompanhada pela orientação dos muros, a acção destes como abrigo não é permanente. Por isso, e principalmente pelo facto de ser elevado o custo da sua construção, raras vezes são

feitos com este exclusivo objectivo, interessando sobretudo o aproveitamento dos já existentes.

ESTEIRAS — São geralmente utilizadas como protecção das plantas durante qualquer período delicado da sua vida.

A esteira é um abrigo móvel do mais largo uso. É tão frequente a sua aplicação na protecção das sementeiras contra os ardores do sol, como contra as baixas temperaturas e geadas nas estações frias. Também podem ser utilizadas no ensombramento de estufins e de estufas e até na defesa contra os ventos.

Podem ser feitas com cana, tábua, bunho, junco, esparto, etc., e são ligadas por arame ou por fio resistente e alcatroado. Para melhor conservação podem ser banhadas num soluto de sulfato de cobre a 10 por cento.

Devem ser as dimensões que tornem prático o seu manejo.

Quando as esteiras são utilizadas horizontalmente, abrigando culturas feitas ao ar livre, podem ser estendidas sobre simples «armação» que assente em quatro estacas cravadas no solo e que sobressaia alguns centímetros acima das plantas. Assim facilmente se enro'am e desenrolam conforme as conveniências.

«ABRIGO» próprio dito — É uma construção de dimensões variáveis com o

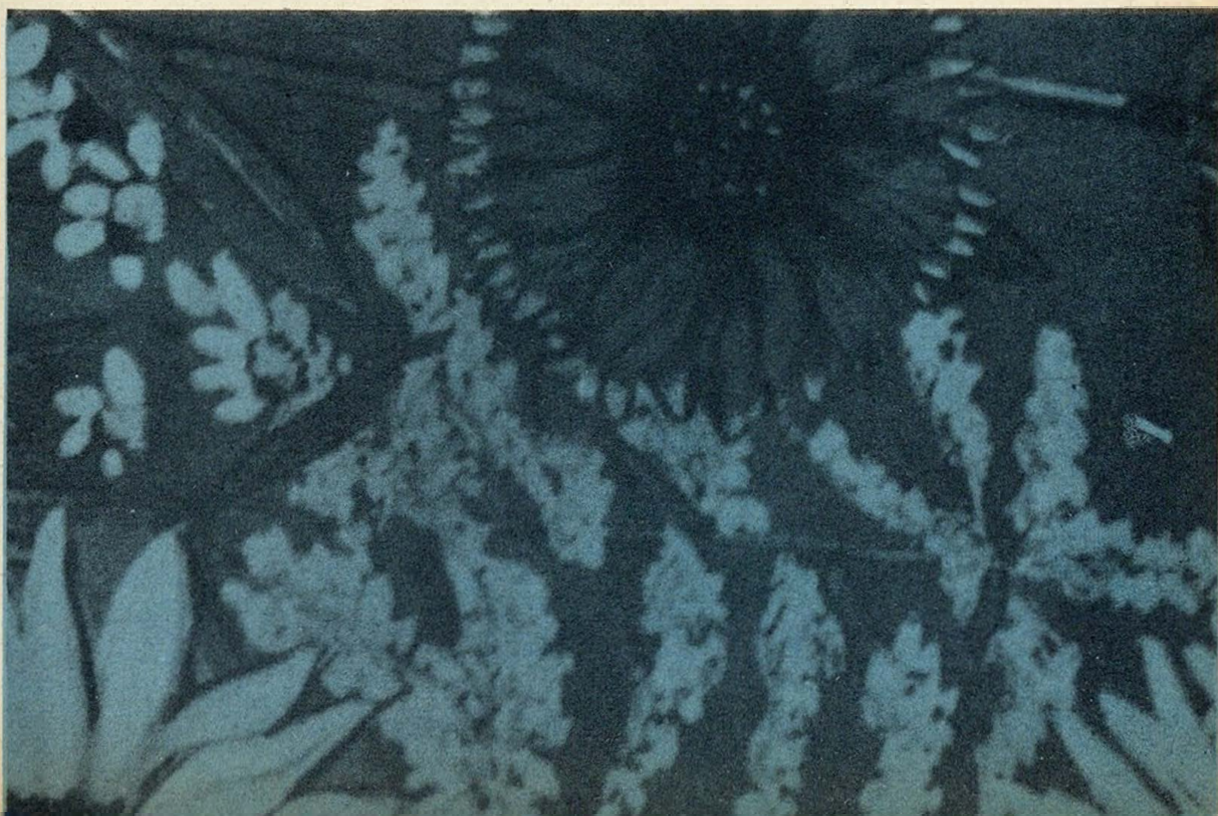
número e o porte das plantas a abrigar e cuja planta e alçados têm geralmente a forma rectangular. É assim constituída por quatro paredes e uma cobertura plana horizontal.

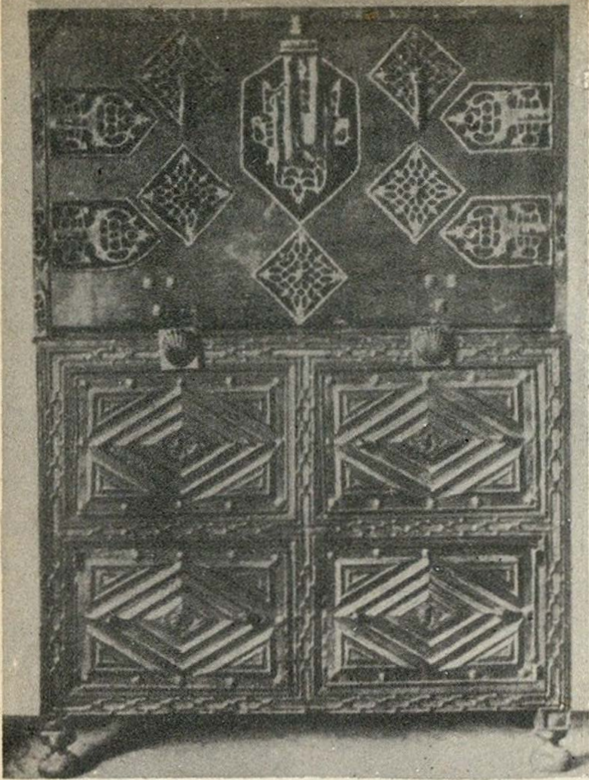
As paredes são formadas pelo soco, que pode ser de alvenaria ordinária ou de tijolo (normalmente 80 cm de altura), e pelo «rotulado», constituído por «stores» ou painéis de fasquias afastadas 1,5-2 cm umas das outras e ligadas por arames resistentes. Uma ou duas portas convenientemente localizadas completam o conjunto.

Esta construção, também chamada «cabanajo» e impròpriamente «estufa fria», constitui um abrigo onde o vento, a temperatura e a luminosidade diminuíram e a humidade se conserva mais facilmente. A protecção contra a geada também está assegurada.

O «clima» assim criado presta-se óptimamente para a cultura permanente, na nossa região, de Kentias, Aucubas, Fetos, Begónias, Philodendrons, Clivias, Aspidistras, Rhododendrons, Ciclames, Gloxíneas, etc.

Durante este mês de Outubro em zonas não aclimatadas podem semear-se ervilhas de cheiro e maravilhas e plantar estacas de alecrim, murtas, rainunculos, lírios e baunilha.



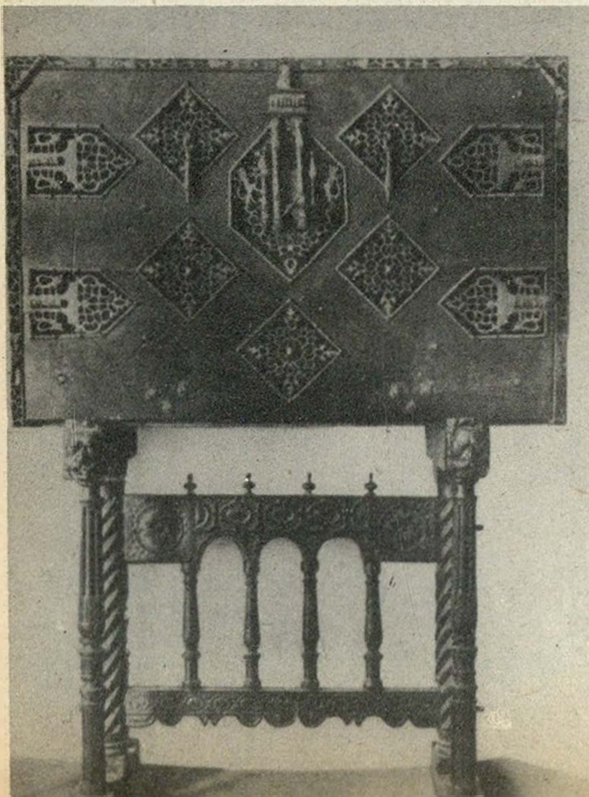


CONTADORES HISPANO-ÁRABES

Acreditar que os estilos se limitam com datas é negar a continuidade histórica da cultura. Podemos no entanto considerar que há determinados momentos em que uma série de factores converge para resultados que são marcos na evolução cultural de um povo. É dentro desse critério que nos atrevemos a localizar no tempo um determinado tipo de móvel. Da mesma maneira nos parece evidente ser estreito considerar que, a cada estado cabe forçosamente um estilo nacional. Num estado, neste caso a Espanha do século XVI, há naturalmente de região para região uma grande diversidade de costumes, temperamentos, modos de vida e influências que necessariamente se traduzem em diferentes expressões de mobiliário.

A marcenaria espanhola da época, não obstante a sua actualidade em relação aos

ANTIQUARIUM



movimentos artísticos europeus, está muito longe de ser um decalque de exemplos estrangeiros.

Do choque das influências flamengas e do renascimento italiano com a cultura local, resultaram exemplares cuja originalidade resiste a todos os confrontos.

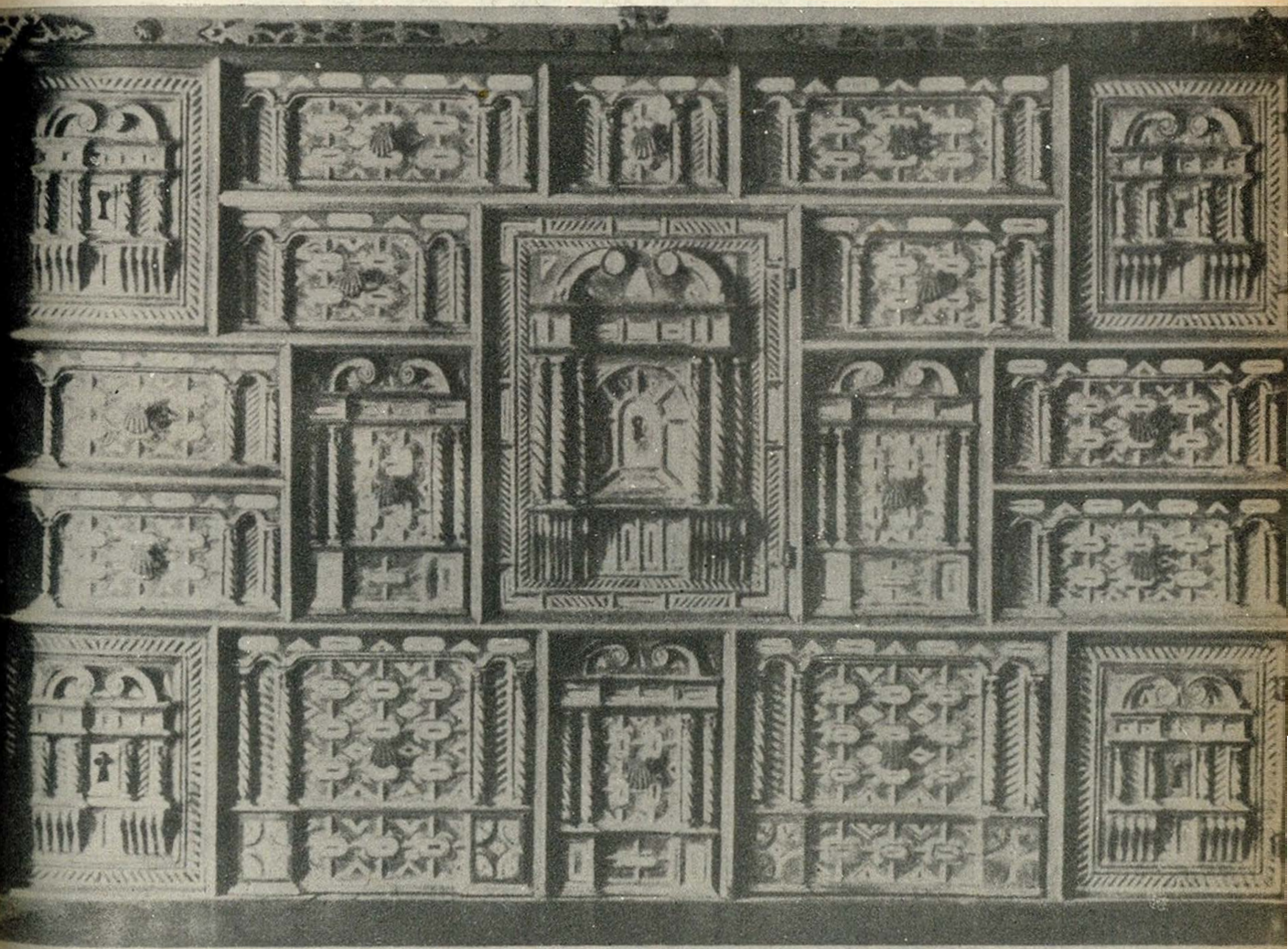
O contador hispano-árabe, conhecido por «vargaño», de que nos ocupamos aqui, é uma peça muito típica do mobiliário do Sul da Espanha, onde justamente apenas se sugerem essas influências, filtradas pelos técnicos e pelo gosto da herança árabe. Obedece a um esquema simples e claro. É constituído por uma caixa, cuja tampa pode ser descida e utilizada como escrivaninha assente numa base, que ou é aproveitada como armário ou composta de dois apoios constituídos cada um por três colunas, ligados por uma travessa em forma de arcada. A tampa é enriquecida com um exagerado número de ferragens de

latão, ferro ou cobre, delicadamente trabalhadas, assentes sobre fundos de veludo de cor, e que não são estranhas à vitalidade da influência moura.

Descida a tampa descobre-se um espectacular conjunto de gavetinhas e armários, de disposição caprichosa, e decoradas com uma profusão de trabalhos de talha pintada e embutidos de metais, madeiras ou marfim.

rei Filipe III proibiu a importação de contadores da Nuremberga, justamente com o fim de proteger indústrias nacionais. Existem em Portugal vários exemplares, alguns dos quais podem ser observados na sala das Pegas do Palácio de Sintra, e, aparecem por vezes outros nos antiquários de Lisboa.

É difícil atribuir a este contador um valor comercial pois, como é claro, varia de móvel



As madeiras mais usadas na construção dos contadores hispano-árabes são: a nogueira, o cedro, o pinho e a pereira.

Pode considerar-se um móvel característico do século XVI se bem que o seu fabrico continue por muito tempo, principalmente em Sevilha e Salamanca.

Vem a propósito contar que, em 1603, o

para móvel e depende de muitos factores.

Podemos no entanto dizer, a título de curiosidade, que em 1939 foram negociados alguns por preço de ordem dos 20.000\$00. Calculamos no entanto o seu valor actual, no nosso mercado, em quatro ou cinco vezes mais.

incerteza

Marcelle acabara de retirar o dinheiro que um freguês deixara sobre a mesa; contara-o lentamente, um tudo-nada distraída, sem reparar na generosidade da gorjeta, e foi ainda com um modo distraído que descobriu, arrumado no outro lado da rua, um velho Rolls-Royce cinzento. Naquele instante esqueceu-se de que estava ali em Rapallo para se lembrar daquele dia em que Ralph súbitamente a apertara a si e lhe murmurara aos ouvidos palavras que a emoção não lhe deixara perceber, mas cujo sentido era claro, tão claro como essa manhã de uma nascente Primavera em pleno e brumoso Inverno.

Respondera-lhe que sim. De mãos dadas haviam caminhado pelas margens do Tamisa, observando o vaivém de um guindaste

gigantesco que descarregava um barco sujo e feio.

A pequenina válvula que no cérebro de Marcelle costumava fechar a corrente do passado abria-se. Marcelle foi até junto do balcão e pôs sobre ele a bandeja com as duas chávenas de café, mas o seu espírito lembrava-se do dia em que conhecera Ralph — duas semanas antes de o ter beijado pela primeira vez. Marcelle tinha ido a casa do tio para que ele lhe emprestasse um livro. O tio não estava. Estava apenas Ralph Andersen, sentado numa poltrona, folheando uma revista.

As suas primeiras palavras para Ralph:

— Perdão! Não me tinham dito que estava alguém na sala!

conto de cécile de montfort



Ralph levantara-se. Teria talvez uns quarenta anos (mais tarde ela soube que tinha trinta e cinco); era alto, o cabelo grisalho, um permanente sorriso que parecia cínico a princípio, mas que logo se revelava de pura simpatia.

— Sou eu quem devia pedir perdão! — disse. E acrescentou: — Será melhor não pedirmos perdão... É a sobrinha de David? — Como ela concordasse com um gesto de cabeça: — Vejo que ele tem razão...

— Que lhe disse de mim o tio David?

Fora isso há quantos anos? Marcelle não teve tempo de contar. Sentiu que as mãos de Arthur lhe tapavam os olhos.

— Adivinha quem é? — Marcelle não respondeu. Sentiu as mãos de Arthur repousarem-lhe sobre os ombros; virou o pescoço e fixou os olhos castanhos do marido.

— Às vezes tenho saudades do nevoeiro de Londres — disse, deixando que uma ruga lhe pusesse uma sombra sobre a testa. De novo se lembrava do Rolls-Royce cinzento.

Sim. Fora há quantos anos? O tio David telefonara para casa a dizer que não poderia chegar tão cedo. Ralph resolveu não esperar e Marcelle saíra com ele.

Convidou-a a ir a uma casa de chá e ela aceitou. Um vago sentido de adivinhação dizia-lhe que Ralph viria a ter um importante papel na sua vida. Olhava para ele e adivinhava-o. A diferença de idades não lhe metia medo, revestia-se para ela de um nebuloso sabor de romantismo, esse romantismo que dois sucessivos desgostos de amor não haviam destruído, mas, pelo contrário, consolidado. Agora, olhando para Ralph, ouvindo as palavras que ele pronunciava com uma lentidão rebuscada, Marcelle sentia-se feliz por todos os sofrimentos que no passado a haviam atingido. Todos esses desgostos surgiam-lhe agora como a tempestade que anuncia os belos dias de Primavera.

Para Ralph, Marcelle era o amor largamente esperado e do qual desesperava já. David Lawrence vezes várias lhe falara da sobrinha e Ralph muito tempo antes de pessoalmente a conhecer, surpreendera-se muitas vezes a pensar nela. Assim, quando viu Marcelle, estava predisposto a amá-la. Melhor, amava-a já.

Desde os doze anos que Marcelle sonhava com o teatro. Ora acontecia que Walt Taylor

(o grande empresário londrino) era amigo de Ralph e que precisamente nesse momento procurava descobrir uma nova actriz que interpretasse a mais recente das peças de Somerset Maugham.

Marcelle tinha todas as qualidades necessárias para o papel e Walt Taylor ficou entusiasmado com a descoberta. Meia dúzia de ensaios haviam-no convencido de que a estreia de Marcelle Lawrence seria o grande acontecimento teatral da época.

Quantos anos se haviam passado? Arthur conversava com um freguês. Dir-se-ia que os anos nenhuma influência haviam tido sobre ele. Estava a sorrir e Marcelle reconheceu o sorriso do marido como aquele mesmo sorriso que outrora a encantara no dia em que o vira pela primeira vez. «Ainda gostarei dele?», pensou Marcelle. Não se atreveu a responder. Continuava a olhá-lo, a olhá-lo demoradamente, quando alguém a chamou.

— Vou lá eu... — disse Arthur.

— Não..., eu vou — respondeu Marcelle, e apressou-se a seguir ao encontro de dois novos fregueses que tinham acabado de se sentar.

Espreitando para a rua, Marcelle verificou que o Rolls cinzento ainda se encontrava lá. Ah, se ela se lembrasse do número do carro de Ralph!

Seria hoje uma grande actriz — quem sabe? — se tivesse ficado em Londres. E estaria casada com Ralph. Teria um Rolls-Royce como aquele e não seria apenas a dona (envidada) daquele pequenino café de Rallo.

Arthur, ali agora a conversar com um freguês, fora chamado por Walt para fotografar Marcelle. Ralph não pudera vir nesse dia, e quando, acabado o ensaio e acabadas as fotografias, Marcelle saiu, quem encontrou ela? Arthur, aparentemente absorvido pela contemplação de uma montra. Marcelle dispôs-se a passar por ele sem nada lhe dizer, mas Arthur voltou-se no momento exacto em que ela estava por detrás dele. A verdade é que não havia ali qualquer acaso (conforme Arthur mais tarde lhe declarou). Estivera à espera dela muito simplesmente...

— Posso acompanhá-la?

Marcelle estava cansada.

— Porque não?

— Se fôssemos tomar qualquer coisa?

— Porque não?

Três meses se passaram sobre esse dia sem que mais nada sucedesse entre eles. E a ausência inesperada desse homem depois da primeira vez em que o vira, da primeira vez que o acompanhara a um bar, perseguia-a como qualquer coisa fora do programa.

Mas quando o tempo passa as coisas esquecem.

Marcelle continuou a acompanhar Ralph e a preparar-se para a grande estreia.

— Sentes-te feliz? — perguntou-lhe Ralph certa vez.

— Porque não havia de sentir-me feliz?

Ralph estendeu o braço por cima dos ombros dela e apertou-a contra si.

— Não me perguntas se também me sentirei feliz?

— És feliz, Ralph?

— Apenas se tu me disseres que também o és...

— Porque não havia de ser?

— Em vez de fazeres perguntas, porque não respondes, Marcelle?

Marcelle caiu-lhe nos braços e apertou-o com quanta força tinha contra o seu coração.

— Como não havia de ser feliz, Ralph? Antes de tu apareceres eu nada era, parecia que não sabia o que queria, andava perdida por este mundo, procurava... Nem sei mesmo o que procurava...

— Procuravas-me a mim?

— Procurava-te a ti.

Marcelle continua a olhar para Arthur. Qual dos dois amara? Os dois? Lembra-se desses três meses de intervalo entre a primeira e a segunda vez que esteve com Arthur. Três meses de uma estranha felicidade em que só a esperança de triunfar no teatro (esperança que desde menina a acalentava) e o calor dos braços fortes e confiantes de Ralph a amparavam.

Então, na semana anterior à estreia da peça de Somerset Maugham, Arthur reapareceu.

Ralph telefonara para o teatro a avisar Marcelle de que não esperasse por ele. Como se sentia aborrecida com aquela falta! Aquele fim de tarde em que tanto lhe apetecia o apoio de Ralph...!

Saiu. Arthur observava a mesma montra do passado. Dizer-lhe qualquer coisa? Marcelle resolveu passar por detrás dele sem uma palavra.

Mas ele voltou-se:

— Você aqui...?

Encaminharam-se lentamente para o mesmo bar onde haviam estado da outra vez.

Arthur aproximou-se de Marcelle, que nesse momento, com os olhos distantes, abria uma garrafa de cerveja.

— Em que estavas a pensar? — perguntou, afagando-lhe os cabelos.

Ela respondeu com uma pergunta:

— Há quantos anos foi...?

— O quê?

— Há quantos anos nos casámos, Arthur?

— Três anos e meio...

— Lembro-me tão bem do dia em que nos conhecemos!

— Da primeira vez que te vi pensei logo: «hás-de ser a minha mulher!»

— Se eu tivesse sabido! Porque estavas tão seguro da tua força? Se eu tivesse sabido não me casava contigo...

Arthur despediu-se de Marcelle. Tinha de ir a Génova tratar de um negócio e não poderia regressar antes da noite.

Meia hora depois — nem tanto! — entrava um grupo de ingleses. Entre eles um velho conhecido: Ralph.

— Marcelle!

— Ralph!

— Há quantos anos não te via!

— Continuas na mesma!

— Aquele Rolls-Royce era o teu...?

De repente serenou toda aquela expansão que se multiplicara em palavras ditas por um e pelo outro ao mesmo tempo, e ficaram ambos silenciosos, interditos, incapazes de falar!

— Não conheciam Marcelle? — disse ele, depois de alguns momentos, virando-se para os amigos.

As voltas que o mundo dá! Abandonara Ralph repentinamente, deixando-lhe apenas um bilhete: «Esquece-me, Ralph. Eu não poderia tornar-te feliz!». Que se passara, afinal?

Nesse bar londrino onde estivera com Arthur pela segunda vez tudo se precipitara.

— Porque olha para mim com esses olhos?

Arthur respondera:

— Quero decorar a forma do seu nariz, a linha das suas sobrancelhas, essa cor azul dos seus olhos...

— Para quê?

— Não — disse ele, após uma pausa. —



Se nunca mais te visse (começou a tratá-la por tu) é que necessitaria de decorar o teu rosto; mas não preciso. — Levantara-se, pusera o dinheiro em cima da mesa, pegara no braço de Marcelle, arrastara-a para a porta, para a rua.

Quando o ar fresco da noite que se aproximava lhe deu uma bofetada em plena face, Arthur prosseguiu:

— Não preciso de decorar as linhas do teu rosto porque quero que estejas sempre na minha frente, viva, realmente viva, comprehendes?

Ela nada dizia. Ele continuou:

— Queres ser a minha mulher?

— Arthur! Mas eu estou noiva de Ralph, a minha estreia no teatro será dentro de cinco dias!

— Que importa tudo isso, Marcelle?

E de súbito Marcelle sentira que o chão lhe faltara debaixo dos pés. Que era preciso abandonar tudo, trocar tudo pelo amor de Arthur.

— Durante estes três meses não perdi tempo, Marcelle. Eu sabia que virias a ser minha mulher. Sabes o que fiz durante estes três meses? Não imaginas? — Obrigou-a a dizer se imaginava ou não.

— Não imagino—respondeu ela, submissa.

— Tinha a certeza de que virias a ser minha mulher. Procurei um barzinho na Costa Azul, qualquer coisa que nos desse a possibilidade de viver... Comprei um em Rapallo.

— Tinhas o dinheiro, Arthur?

— Pedi-o emprestado, tenho um amigo muito rico...

— O dinheiro que eu ganhar no teatro...

— Não haverá dinheiro no teatro, Marcelle. Partiremos depois de amanhã...

E assim se fez, conforme a vontade de Arthur.

Arthur mandara um telegrama de Génova a dizer que não podia regressar naquela noite. Porquê? Esse facto inesperado irritava-a como se fosse um aviso do destino.

Convidara Ralph para jantar, convencida de que Arthur estaria presente. E agora era tarde para dar o dito por não dito.

Ei-lo, precisamente, que chegava!

— Imagina que, afinal, Arthur não pode vir! — disse Marcelle, na esperança de que Ralph dissesse que nesse caso se retirava. Mas Ralph Anderson ficou.

— Sentes-te feliz, Marcelle?—perguntou ele.

— Porque o perguntas?

— Parece-me ler tristeza nos teus olhos...

— Não, Ralph. Sou feliz, muito feliz...

Inesperadamente os soluços embargaram-lhe a voz, as lágrimas toldaram-lhe a vista.

— Porque me deixaste, Marcelle? Que se passou, que aconteceu, que nunca pude compreender?

— Deixa-me, Ralph.

— Não, Marcelle. Antes podia ter hesitações, mas agora, não... Agora... — Levantara-se e passava-lhe as mãos pelos cabelos.

— Deixa-me...

— Marcelle!

— Peço-te! Prometo-te que amanhã falarei contigo, mas agora deixa-me só, Ralph!

Automáticamente, sem consciência do que fazia, foi buscar uma mala. Para quê? Não encontrou resposta para esta pergunta. Mesmo sem achar resposta, abriu ainda uma gaveta e ficou a olhar para as camisolas que estavam aí arrumadas. Para quê? De repente sentiu que uma frase lhe fustigava os ouvidos: «Ralph Andersen gosta de ti, Ralph Andersen seria incapaz de partir para Génova e de passar lá um ou dois dias sem que se soubesse porquê; Ralph Andersen abrir-te-ia as portas do futuro. Sem um movimento, Marcelle continuava a observar a gaveta aberta. «Que é a tua vida com Arthur? Esse trabalho de manhã à noite...»

Sentiu que alguém mexia na porta da rua. Arthur que regressava?

Fechou a gaveta e abriu a porta do quarto.

— És tu, Arthur? — perguntou.

— Não! — respondeu ele.

Marcelle desceu rapidamente as escadas e ele recebeu-a nos braços. Apertou-a com muita força e depois afastou-a para lhe melhor lhe poder interpretar a expressão do olhar.

— Que se passa? — perguntou.

— Nada, querido Arthur... Porque me querias deixar sòzinha esta noite? Sabes como isso me aborrece!

— Não penses nisso... Não é verdade que estou junto de ti?

— Vamos sair, vamos dar uma volta a ver o mar... Queres?

Saíram. No céu, onde as estrelas mal se distinguiam, a Lua era o espelho redondo da última felicidade que os dominava.



COMO SE DIVERTE LONDRES

Dignidade e resignação, puritanismo e interesse pelo macabro: em tais circunstâncias não é difícil cair na melancolia. Em todo o caso, quando os ingleses chegam ao estrangeiro é ver como se libertam de todos esses complexos e revelam uma insuspeitada alegria de viver.

OS TIMIDOS ESPECTADORES

Dizia certa vez um parisiense que os ingleses se «divertem tristemente». Poderia acrescentar-se: «divertem-se com dignidade e resignação». Frequentam os **nighth-clubs** com a timidez melancólica de quem vai às sortes. Nada há de mais patético do que ver um **gentleman** de Liverpool, rigorosamente vestido de negro e sóbriamente perfumado com **lavander**, corar perante uma **soubrette** do

Café de Paris em Picadilly Circus. Mas esta austeridade não significa que os **night-clubs**, as famosas **coffee-houses** e os teatros de variedades londrinos sejam sem interesse e tristes, não significa mesmo que os espetáculos de carácter idêntico que nos oferece Paris ou Berlim sejam mais livres e chocantes. Nada disso. Podem ver-se em Picadilly Circus as bailarinas mais perturbadoras de todo o mundo ocidental. Mas o entusiasmo do palco não se estende aos espectadores, que (ao menos aparentemente) permanecem frios.

Se por acaso, num recinto nocturno de Londres, descobrimos alguém que exprime livremente o seu entusiasmo, podemos ter a certeza de que não é um inglês. Talvez seja um americano. E se não for um americano é quase de certeza um italiano: um italiano do norte, ou, mais provavelmente ainda, do sul.

«Olhemos as estrelas para nos libertarmos das misérias do mundo» tal é o título deste quadro da revista «Não se fala noutra coisa».





Cantando lânguidamente, esta artista francesa procura entusiasmar os ouvintes. Estes, porém, escutam-na impassíveis, como mandam as regras da alta sociedade. O entusiasmo ficará para quando visitarem a França.

Noutra qualquer cidade que não fosse Londres o nome de **Os Dois Túmulos** dado a um recinto de diversões seria, só por si, o bastante para afastar todos os frequentadores.



O **pub** é um botequim. Reúne as características do restaurante, do bar e da hospedaria. Os amigos, os namorados e até os solitários refugiam-se nos **pubs**. Bebem cerveja preta, **whisky**, **gin-and-tonic** e conhaque. Comem salsichas, sanduíches, batatas fritas.

Os **skiffle-groups** são a grande novidade musical de Londres. Pretendem caricaturar os quartetos clássicos e são constituídos por um guitarrista, um tangedor de **sugar-box**, um tocador de tambor e um flautista.





«Olé! Olé!», gritam as bailarinas do Casanova no final do seu número. Agitam as saias de organdi e de seda numa atmosfera que parece mais francesa do que britânica. À saída estão à espera delas os maridos, os noivos ou as mães, e são muitos os admiradores que têm de bater em retirada. Um inquérito recente provou que as bailarinas inglesas são as mais religiosas do mundo.



A FÁBULA DA ÁGUA E DO BICARBONATO

Um dos aspectos mais curiosos da mentalidade inglesa no que diz respeito aos divertimentos consiste nos modos diversos de se comportarem consoante se encontram na pátria ou no estrangeiro. Na terra natal um pesado véu de puritanismo envolve-lhes os espíritos e, perante um espectáculo demasiadamente picante, todos eles aparentam um certo ar de desgosto e de indiferença. Mas quando vão a Paris as coisas passam-se de outro modo: procuram divertir-se furiosamente como se assim pretendessem ganhar o tempo perdido. Como já alguém disse, os ingleses em Inglaterra lembram uma colher de bicarbonato que não encontrasse um copo de água. Mas quando chegam a Paris a água aparece e surge então uma inesperada efervescência. Os únicos ingleses que na própria pátria procuram revoltar-se são os «angry young men». Estes denunciam implacavelmente a hipocrisia das gerações que os precederam.

Um beijo no inferno. No Love and Hell reúnem-se os existencialistas. Nas paredes, máscaras de diabos e chamas vermelhas e douradas. Os jovens bebem burguêsmente um café ou uma Coca-Cola, mas aquela atmosfera demoníaca dá-lhes uma certa ilusão do pecado.



BOÊMIA DE OUTROS TEMPOS

lisboa
de há
cinquenta
anos

Neste ano da era atômica onde o mocidade salta vertiginosamente do **rock and roll** para as extravagâncias do **hula-hula**, não se calcula o que era a boémia do século passado, nesses bons tempos em que a mocidade muitas vezes ultrapassava triunfalmente os setenta anos...

Desaparecidos os bigodes e substituídas as botas, encurtadas as ceroulas e instalados nos pulsos os relógios que noutro tempo, em cordões de ouro, se prendiam à casa dos coletes, tudo se modificou com o andar do tempo, como aliás é natural.

Padrão da época era o célebre D. José Coutinho, pitorescamente alcunhado de **Avô dos Janotas**, e que ainda em 1883 calcorreava sobranceiramente o Chiado, catrapiscando com guloseima as elegantes da Lisboa de então. Nunca os cálculos falharam a este sibarita estúrdio, a não ser no balanço que fez à sua existência atribulada. Possuidor de

razoáveis bens, aos quarenta anos decidiu que não passaria dos setenta e dividiu a sua fortuna equilibradamente pelos trinta anos que ainda lhe faltavam para gozar as delícias da vida. Apenas Deus não lhe fez a vontade e José Coutinho viveu até aos noventa anos. Então foi o pânico. Os recursos acabaram e o resto da sua existência foi atormentada, embora sempre vivida com fidalgo estoicismo.

Neste relatório que hoje começamos a fazer acerca da boémia dos tempos que já lá vão, o nome do **Avô dos Janotas** não podia ser esquecido. Sabe-se que a sua última paixão foi aos sessenta e três anos, grande idade para tomar juízo, coisa que ele nunca teve.

Com o seu bigode branco e o monóculo a franzir-lhe o olho direito, D. José Coutinho de Lencastre fez da plateia de S. Carlos o seu aguerrido campo de manobras. Enumerar as suas aventuras seria dedicar-lhe inteiramente este artigo de hoje, mas uma delas ficou célebre e merece ser relatada:

Em 1856 veio ao nosso teatro lírico a cantora Giuli Borsi, mulher magra, já entrada no verão da vida mas com uns olhos perturbadores capazes de incendiarem a fácil fogueira voluptuosa do nosso herói.

O **Avô dos Janotas** enfeitiçou-se por ela e sempre que o soprano, já no declínio da sua carreira, acabava de cantar, ouvia-se um «bravo!» isolado do meio da plateia. Havia um sorriso geral porque todos sabiam que era D. José Coutinho a manifestar o seu ardor amoroso. Terminado o seu contrato, a cantora partiu para Itália e como deferência convidou o seu fiel admirador a ir almoçar um dia com ela a Milão. O **Avô dos Janotas** não tomou o convite por cerimónia e daí a dias aparecia na cidade italiana como se Milão ficasse à distância de Sintra!

Mas tudo isto o popularizava. Até que num dia de Inverno de 1884 o curioso boémio deu a alma ao Criador, levando para o céu vasta bagagem sentimental.



Este irrepreensível janota, que levava todas as manhãs duas horas a preparar a sua **toilette**, deixou saudades à rapaziada de então e dele disse sem favor um dos seus panegiristas: «Atravessou impávido quatro gerações de gente nova, sempre bem vestido, sempre alegre, sempre cortês, sempre à altura dos seus joviais companheiros de cafés, de teatros e de jantares».

Nesta altura, para regalo dos pândegos da época, aparecia a fazer furor uma jovem de nome Emília Letroublon, rapariga em cujas veias corria o sangue francês de sua mãe, dona de hospedarias em Lisboa. Esta mocidade desequilibrada, com mais formosura que talento, deixou memorável história na boémia do tempo e cabelos brancos nos empresários que a contratavam. No Ginásio chegou a trabalhar com o grande Tabora, que ria bondosamente do seu irrequietismo sem remédio.

Uma noite, com a lotação esgotada, Letroublon desapareceu e durante um mês ninguém mais a viu. Soube-se depois que andou por Sintra e arredores na estouvada companhia de boémios fidalgos, mas ao regressar todos lhe perdoaram e tornaram a contratá-la à mercê de novas aventuras. Todas as tentativas de regeneração foram inúteis. Chegava a sair altas horas da noite vestida de marinho!

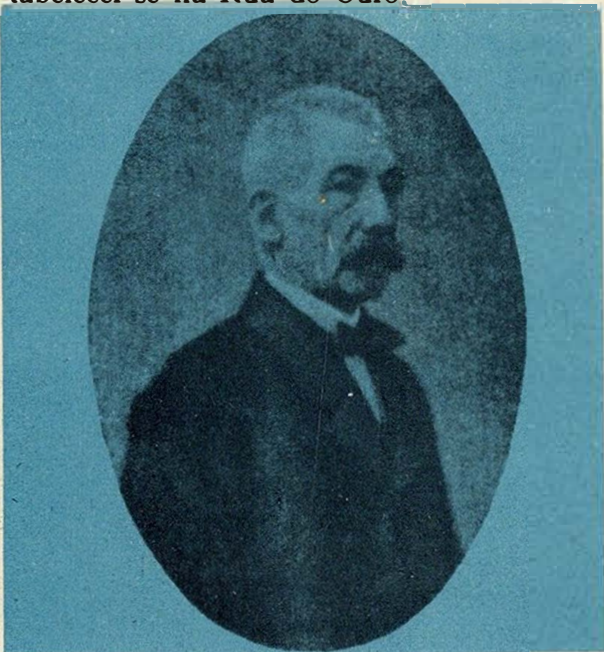
Passou pelo Teatro D. Maria e pelo Príncipe Real, onde se representou a **Grã-Duquesa de Gerolstein**, um dos maiores êxitos da época.

Numa das suas crises vendeu tudo e passou a dormir no camarim do teatro. Crises passageiras porque a sua gaiatice rapidamente substituíra os seus passados devaneios. E numa madrugada de Julho de 1895 falecia aquela que tanto dera que falar aos boémios do tempo.

A marialvada alfacinha de há cem anos libertinava-se largamente no café-concerto, copiado de Paris, que se inaugurara na noite seguinte ao Natal de 1857. Caiu lá o Carmo e a Trindade, toda a fina flor da rapaziada alegre da época. Logo na noite da abertura, segundo as crónicas, houve lá mosquitos por cordas. O direito de admissão que a empresa procurava manter não era respeitado porque os conflitos sucediam-se. Duas formosas francesas de aspecto duvidoso foram impedidas de lá entrar, e com os aplausos de alguns frequentadores, já esquentados pelos vapores do álcool, chegaram à desfaçatez de esbofetarem um pobre Municipal.

Claro que o burburinho foi tremendo. Este Café tomou mais tarde o nome de Casino Lisbonense e ali **cancanizou** toda a estúrdia dos saudosos tempos de D. Luís I, que no palácio real traduzia pachorrentamente Shakespeare...

Este café-concerto teve uma sucursal no velho Passeio Público, onde os incidentes turbulentos continuaram. Fez furor neste café-concerto uma cançonetista chamada «**Madame Dargis**» que uma noite ia morrendo queimada por se lhe ter incendiado o vestido. Embora bastante trintona, algumas paixões despertou e por cá se deixou ficar trocando a certa altura a sua profissão de bailarina medíocre pelo ofício de luveira, e chegou a estabelecer-se na Rua do Ouro.



Outro divertimento da boémia da época eram as chamadas «touradas de fidalgos». Entre outras, ficou célebre a que se realizou precisamente há cem anos, em 1859, na praça de touros do Campo de Santana. Além da grande afluência plebeia, toda a fidalguia alegre ali esteve para aplaudir os grandes amadores do toureio como o conde de Vimioso, o conde da Vidigueira, D. João de Meneses, etc., etc.

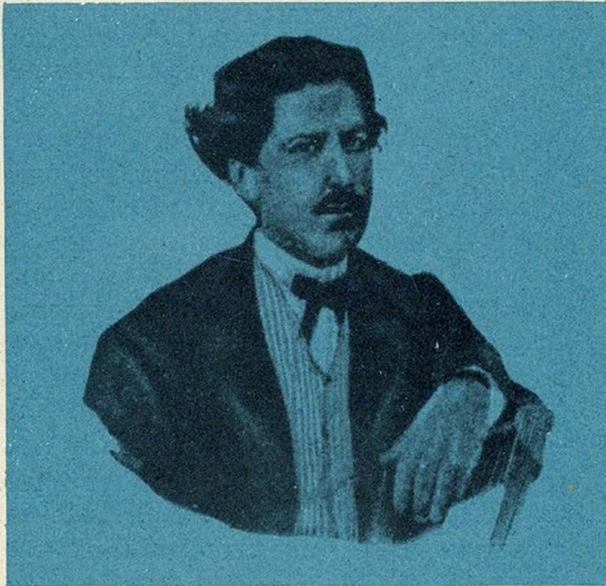
O Vimioso era sem favor o mais notável de todos os cavaleiros tauromáquicos, exímio nas sortes à estribeira e elegantíssimo no traje e no porte. Ficou na história dos grandes acontecimentos taurinos aquela tarde quente de Agosto de 1859.

À noite cantava-se e batia-se o fado nos tempos em que ainda não havia consumo obrigatório, o vinho jorrava em catadupas dos pichéis, as postas de peixe frito eram devo-

radas às dezenas e assim se divertiam os janotas do século passado. O progresso matou todo este pitoresco e a juventude de hoje diverte-se de outra forma.

O prólogo mais característico das corridas de touros de então consistia nas célebres esperas. O que hoje Vila Franca ainda evoca por tradição e casticismo é um simples arremedo. As esperas de touros as que os nossos avós boémios assistiram eram um espectáculo cheio de movimento, a predilecta diversão que enchia as medidas aos amadores de touradas.

Nesses dias apareciam, cheios de entusiasmo e ralé, os mais conceituados batedores da praça tendo à frente como vedeta o **Zé Gordo**, que morreu proprietário em Loures, e



o Pingalho, que mais tarde teve uma cocheira em Santos. Também as bisbilhotices da época falam de outro abalizado batedor de nome Gradil, reformado pela vida com uma hospedaria em Estremoz. Um dos mais acreditados investigadores da boémia do século passado refere-se desta forma saborosa às arrebatadas esperas de touros:

«As carruagens batiam galhardamente, as rodas feriam lume e os cavalicoques pareciam ter asas nos pés. De caminho molhava-se a palavra ou petiscava-se no Telheiro, de Frielas, na Nova Sintra, da Calçada de Carriche, no Colete Encarnado (que bastantes anos depois deu assunto a uma opereta de fama), no Quebra-Bilhas, ou no Salgado, do Arco do Cego. As tipóias rodavam velozes. Espanholas com muito carmim nas faces deixavam palpitar à brisa as franjas das mantilhas. Sobre penteados impossivelmente castelhanos

espetava-se a clássica **peineta** e o cravo tradicional. **Sucios** de jaqueta e chapéu faziam uma chiada de todos os diabos.

Cavaleiros cavalgando azémolas do Arco do Bandeira apareciam envoltos no pó dos caminhos e o séquito da boiada coleava estrada fora, produzindo um fragor ruidoso.

Nesta lufa-lufa havia uma alegria particular **sui generis** no tilintar dos chocalhos, no tropel dos cavalos, no estalar dos chicotes, nos barretes dos campinos, nos aros das esporas e até no mugido dos touros, que, de hastes afiadas e focinho negro erguido no ar, haviam de ir no dia imediato receber as farpas agudas dos bandarilheiros, enquanto a banda dos cegos da Casa Pia desafinava conspicuamente.

Se no meio da festança da condução adregava haver uma intercorrente tresmalhação de gado, então é que eram elas. Os touros lá andavam pelas ruas da cidade, às marraçadas, fazendo tropelias, investindo com os transeuntes, que tratavam de pôr-se a salvo, fugindo, a sete pés brancos como a cal da parede.

Pois há sessenta anos já este inimitável cronista dizia com mágoa:

«Tudo isso morreu, tudo se foi neste desaparecimento de todas as nossas velhas coisas. Onde estão os alegres amadores taurinos dessa época famosa, dos que jamais faltavam a uma espera? Uns baldearam-se à sepultura e outros limitam-se a desfiar o piedoso rosário das suas recordações. Desapareceram o marquês de Belas, o Ferreira Pinto, o Domingos Ardisson, o Anadia, o José Gama, o marquês de Castelo Melhor, o D. Manuel da Ponte e quantos mais.

Onde estão as frecheiras que davam a suprema nota festiva à diversão, as mulheres que viviam ao sabor da fantasia? Um encontram-se nos registos dos cemitérios, outras gastam o resto da vida a rebocar-se com cosméticos, **pour reparer des ans l'irréparable outrage**».

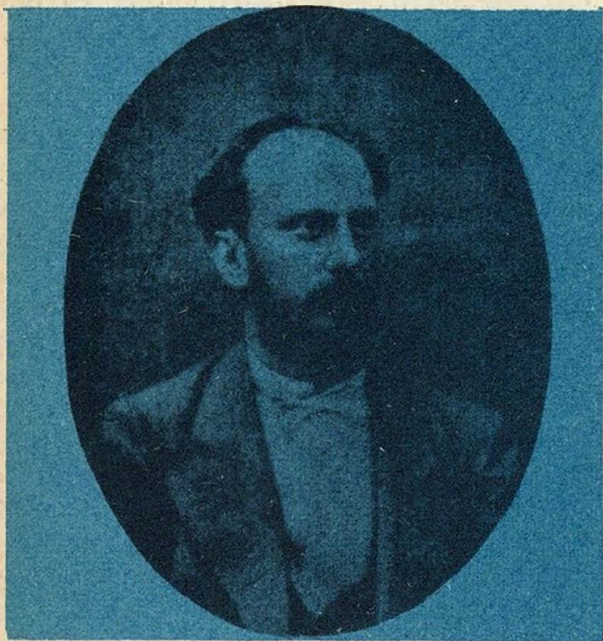
Nenhuma descrição mais exacta podia haver do que esta de um velho aficionado, figura grada da Lisboa antiga, que assistiu pessoalmente com o irrequietismo boémio de outros tempos a tudo isto. Hoje, volvidos bastantes anos, só nos livros podemos encontrar testemunhos dessa diversão a que nunca faltavam os pândegos de sangue na guelra. Paz à sua alma.

As corridas de tipóia eram também o prato obrigado da época. O boleiro tinha a maior

consideração dos estúrdios de fama. Foi a sua idade de ouro.

Cada batida a Sintra custava uma moeda, que equivalia a quatro mil e oitocentos réis. Evidentemente que esta mocidade taula tinha também as suas companheiras alegres como duas irmãs, filhas de um brigadeiro e muito conhecidas em Lisboa, a **Catarina da Touca**, disputada pela sua esfuziante alegria, uma camarada pretensiosa a quem puseram a alcunha da **Perinha de Cheiro**, uma Conceição capelista que chegou a ter trem seu, a **Maria dos Espartilhos** e outras cuja fama efémera não chegou até nós.

Na Porcalhota era sempre normal uma pequena paragem, onde os fregueses, acamara-dando com os boleiros, refrescavam as goelas nas tabernas de ramo de louro à porta, entremeando as anedotas com os seus agradáveis copitos do sumo da uva...



Outro divertimento completamente diferente da actualidade era o Entrudo, três dias que faziam perder a cabeça aos folgazões do princípio do século.

Bons tempos em que era possível esborrachar dúzias de ovos nos chapéus dos transeuntes. Os ovos custavam então oito vinténs a dúzia e todos os homens usavam chapéu. Hoje poucos usam chapéu e os ovos custam cem vezes mais...

O **corso** na Avenida, com os cortejos, onde predominavam os batalhões carnavalescos, trazia meia Lisboa para a rua. Os bailes de máscaras, especialmente os do Teatro D. Maria, eram dos mais concorridos, embora de uma assistência um tanto mesclada, mas em

S. Carlos é que a **jeunesse dorée** alfacinha se divertia sem deixar os seus créditos por mãos alheias.

Numa noite de Carnaval no nosso teatro lírico, um grupo de foliões resolveu festejá-lo atirando pastéis de nata aos espectadores. O governador civil, que assistia à função, proibiu o uso desse género de projecteis, mas daí a momentos entrava num camarote o infante D. Afonso, irmão do rei D. Carlos, que gostava de divertir-se o mais portuguêsamente possível. Sabendo da proibição, sorriu, resolvendo não a respeitar, recomeçando o combate com os pastéis de nata sem respeito pela autoridade. O governador ainda pensou intervir mas ao ver que uma pessoa real desrespeitava as suas ordens, retirou-se, vexado, com grande gáudio dos elegantes brincalhões, que voltaram à execução de toda a série de tropelias.

Numa dessas noites memoráveis colocaram uma pequena bigorna de ferreiro fazendo, com o auxílio de martelos, um barulho ensurdecedor! Aqui têm o que era o Entrudo de há meio século. O Carnaval de Lisboa adquiriu tal fama pela sua brutalidade e extravagância que um dia o ministro da Rússia no nosso país pediu a um grupo de rapazes da nossa melhor sociedade que lhe fizesse uma demonstração na sua residência.

O ministro morava no prédio onde está actualmente o Grémio Literário. A rapaziada elegante iniciou então a sua **brincadeira**, partindo todas as vidraças das janelas, quebrando os espelhos das salas com projecteis pesados e tais diabruras fizeram que o pobre diplomata, enfurecido, pediu que se pusesse termo à demonstração, mil vezes arrependido de a ter ingenuamente solicitado.

Felizmente o progresso fez terminar com esses dislates que por vezes originavam conflitos desagradáveis, e afinal, antes o Entrudo ter morrido, como sucedeu, do que continuar vivo origem dos mais desvairados desmandos.

Esta série de anotações, que já vai longa, mostra como os boémios do século passado se divertiam, de forma bem diversa da actual. Talvez a vida de agora ganhasse em composição o que perdeu em pitoresco. A paixão do cinema vinha longe, os desportos limitavam-se à equitação, à esgrima e pouco mais e numa ilustração de 1905 é curioso ver um grupo de jogadores de **foot-ball**, todos de fartas bigodeiras...



um
animal
por
mes

O BURRO

Não foi por acaso que ALMANAQUE escolheu para primeiro animal desta sua rubrica o burro. Preferiu-se o burro não só pelas inumeráveis virtudes deste estimável bicho, mas também para deixar aos portugueses do futuro um repositório acessível onde possam encontrar facetas curiosas da vida de um animal cuja raça estará então muito provavelmente extinta — restando dele apenas alguns ossos brancos a marcar o lugar dos antigos abates clandestinos.

Esperemos todavia que assim não seja, que os burros possam voltar a encontrar a paz da velhice momentaneamente perturbada e que para bem da família portuguesa, se não generalize um provérbio muito nosso: «Dentada de burro cura-se com o pêlo do mesmo burro».

Nalguns países de influência helenística, a montada de Cristo recebeu do povo o qualificativo de Cristófero, «Que leva o Cristo», donde derivaram os nomes próprios de Cristóforo e Cristóvão.

O poeta Filemon morreu de riso à custa de um burro a comer figos.

Entre os índios de Madureia (?) uma das primeiras castas, a dos auvaraducos, pretendia descender de um burro. Os fiéis desta casta tratavam os burros como irmãos, tomavam a sua defesa, levavam a tribunal e faziam condenar a multas pesadas quem os carregasse demasiadamente, lhes batesse ou insultasse sem razão e por maldade.

Quando chovia faziam cobrir os burros para que se não molhassem — e quem os montasse nessa altura poderia fazer viagem aproveitando a mesma cobertura, desde que fossem pessoas de boa condição.

Durante a expedição de Bonaparte ao Egipto o general Friant, atacado de surpresa pelos mamelucos, levantou-se nos estribos e gritou: «A divisão forma em quadrado, com os sábios e os burros no meio!» A ordem, apesar de a situação ser grave e o ataque violento, foi recebida com uma gargalhada geral. Mas no que diz respeito aos burros e aos



sábios a crónica acrescenta «que só se perderam dois levando um deles o outro em cima».

A palavra «burro» não era um insulto entre os gregos. Homero compara Ajax, vítima de maus tratos, a um burro comendo trigo quando atacado à pedrada por guardas; na Bíblia há citações semelhantes.

Beatriz, mulher do imperador Federico Barba Ruiva, sofreu em Milão indignantes ultrajes. Os revoltosos, tendo-a aprisionado, passearam-na pela cidade montada numa burra, virada para o lado da cauda e segurando esta como se fossem as rédeas.

Tal insolência não ficou impune: o imperador tomou a cidade em 1162, arrasou-a e os habitantes só puderam salvar a vida com a condição de tirar com os dentes um figo enfiado no traseiro da burra em que tinham passeado a imperatriz.

Desde então ficou este hábito meridional e mediterrâneo de fazer figas...

Um dia Demóstenes, procurando chamar a atenção do povo para qualquer grave assunto de que dependia a salvação da Re-

pública, apercebeu-se de que não o ouviam apesar dos esforços que fazia para que se estabelecesse o silêncio. Serviu-se então de um expediente:

«Duas palavras apenas», gritou. «Só lhes quero contar uma anedota».

O barulho cessou na assembleia e o orador começou assim:

«No Verão passado, um rapaz tinha alugado um burro para ir de Atenas a Megara. Partiu escarranchado no burro, que o próprio dono levava à rédea. Por volta do meio-dia, o calor era insuportável. O rapaz e o dono do burro pararam e quiseram aproveitar a escassa sombra que o animal projectava. Mas não havia espaço para os dois. Começaram a discutir quem o ocuparia. O homem afirmava que tinha alugado o burro e não a sombra; o rapaz sustentava que alugara o burro com todas as suas dependências. Enfim envolveram-se em grande discussão.»

Chegado a este ponto da narrativa, Demóstenes fez menção de descer da tribuna. Mas os cidadãos chamaram-no com grandes gritos e pediram-lhe que acabasse a sua história. Demóstenes fingiu ceder, e no silêncio restabelecido, gritou num tom indignado:

«Como são as coisas! Escutais-me atentamente quando vos conto a história da sombra de um burro e recusais ouvir-me quando se

trata dos vossos mais legítimos interesses!»

Assegura-se que a lição pareceu boa aos atenienses e o orador pôde então tratar como devia o assunto que o levava à tribuna.

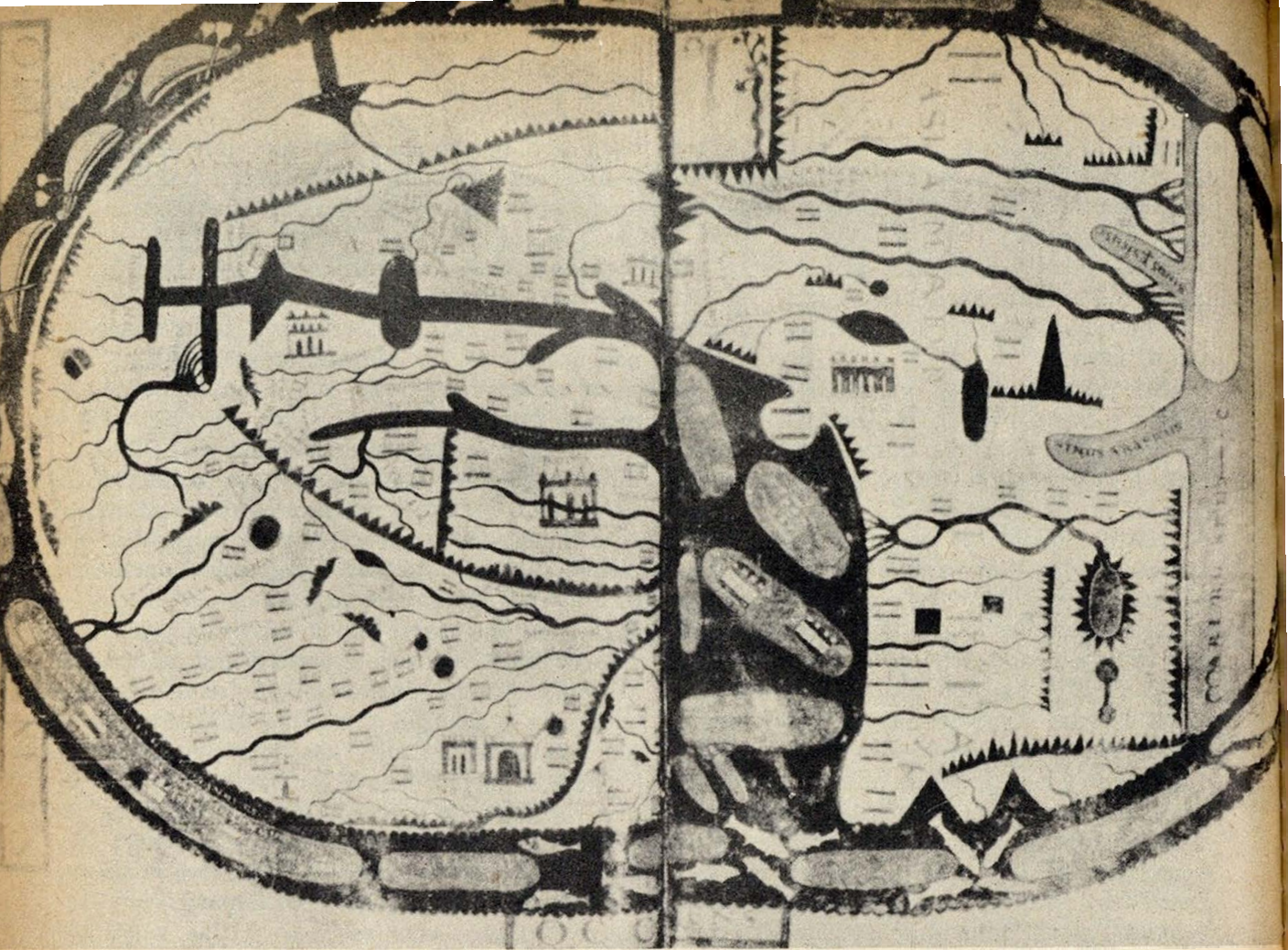
Quando o sábio Orígene e o subtil Pórfiro iam beber conhecimentos às doudas lições do grande Amónius, que ensinava belas-letas nas academias de Alexandria e de Rodes, viam entre a multidão que o ouvia o seu próprio burro.

Este burro era o exemplo de todos os auditores. Logo que o dono desmontava, em lugar de seguir para a estrebaria, entrava, subia os degraus, e sentava-se entre os assistentes. Silencioso, todo orelhas, o respeitável bicho escutava as lições de Amónius.

Dizia-se que tinha um gosto pronunciado pela poesia, a ponto de preferir não tocar nos alimentos que lhe colocavam em frente a interromper a atenção prestada à leitura de um poema ou de uma passagem filosófica.

Quando ouvia o desenrolar harmonioso das matérias viam-no dar enérgicos e inequívocos sinais de aprovação com zurros prolongados e graves, mas quando lhe recitavam maus versos sacudia as orelhas com impaciência e raspava o chão com os cascos. Uma vez a lição terminada, levantava-se, descia os degraus do anfiteatro e vinha até à porta esperar o seu venerável dono.





DIVULGAÇÃO

A ASIA NO SEC. XII

CIENTÍFICA

Quais os conhecimentos geográficos dos europeus no século XII quando os comerciantes ocidentais não conheciam ainda o Oriente, quando Marco Pólo não tinha ainda viajado, quando Afonso Henriques lutava ainda contra os mouros?

Segundo Honorius Augustus Lunensis, que escreveu uma das mais famosas enciclopédias dessa época (*De Imagine Mundi*) a Terra era redonda e a sua superfície distribuía-se por cinco zonas: duas zonas extremas, uma zona ao meio (desabitadas as primeiras por causa do frio e a última por causa do calor) e duas zonas intermédias habitáveis. Porém, o homem apenas conhecia uma dessas zonas, que era dividida em três partes (Europa, Ásia e África) pelo Mediterrâneo.

A ARVORE DA IMORTALIDADE

Segundo mestre Honorius, a Ásia tem o nome de uma rainha. Fica a leste do Paraíso Terreal. O Paraíso é uma região inacessível aos homens porque é defendido por um muro de ouro que se ergue até ao céu. Aí se acha a árvore da vida, cujos frutos tornarão imortal aquele que os provar. No Paraíso há uma grande fonte que dá origem a quatro grandes rios: o Ganges, o Nilo, o Tigre e o Eufrates. Quem caminha do Paraíso Terrestre na direcção da Índia atravessa forçosamente uma região desértica infestada de serpentes de grande ferocidade. Depois passa-se o rio Indo (também chamado «oceano Índico») e que vai desaguar no mar Vermelho. Nesse rio acha-se a ilha de Ceilão, com as suas dez grandes cidades, e a ilha do Japão, com as suas montanhas de ouro e prata guardadas por grifos e dragões. Perto ficam os povos de Gog e de Magog (povos ferocíssimos). A Índia é habitada por numerosas raças. Os pigmeus vivem nas montanhas e têm apenas dois côvados de altura.

Com oito anos já eles são velhos e começam a reproduzir-se aos três! É nessa região que cresce a pimenta.

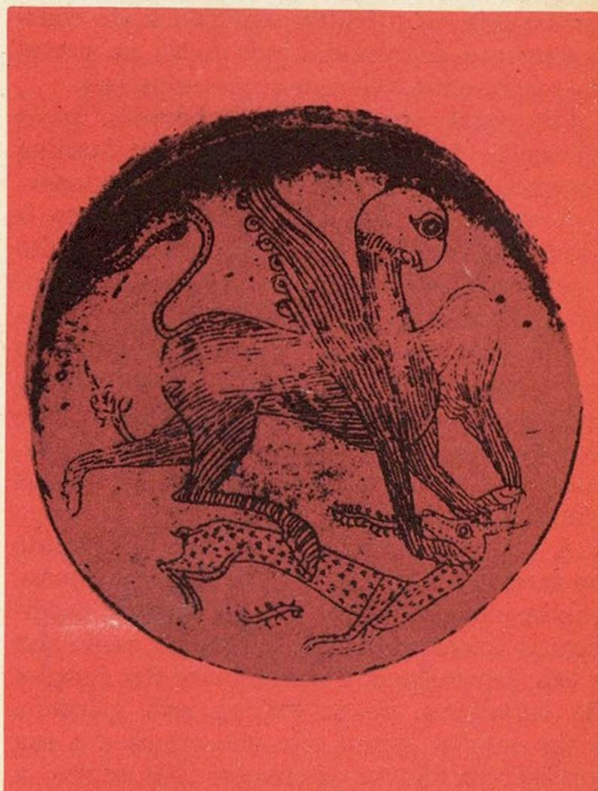
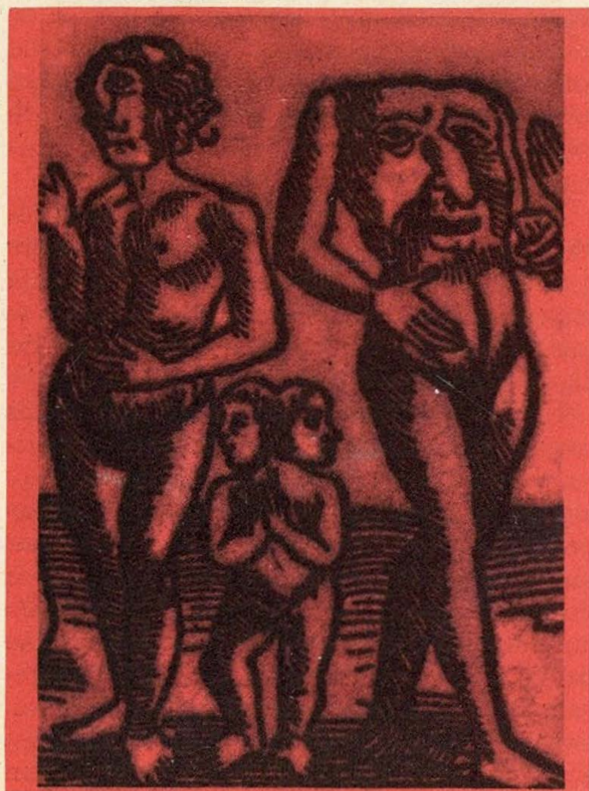
Além dos pigmeus devem citar-se os macrobíos, com os seus doze côvados de altura e que têm lutas terríveis com os grifos (ferocíssimos bichos com corpo de leão e asas de águia). Os brâmanes atiram-se ao fogo para mais depressa alcançarem a outra vida. Mas matam os pais e comem-nos, considerando pecadores aqueles que assim não procedem; outros comem peixe cru e bebem água do mar.

MONSTROS HUMANOS

A Índia é habitada — segundo o nosso bom Honorius — por monstros humanos. Por exemplo os sciópodos têm um único pé mas correm mais depressa do que o vento e com esse pé fazem uma sombrinha para se abrigarem do calor. Citemos também os homens sem cabeça com os olhos nos ombros e o nariz e a boca no peito.

Na Índia há serpentes que chegam a atingir 300 pés de comprimento. E uma outra coisa ainda que não é menos para admirar, e que Honorius quase não acredita: a pedra imã, imagine-se! Uma pedra que atrai os objectos de ferro e que só se dissolve com sangue de bode!

quando os macrobios lutavam com os grifos



AS HORMONAS

O trabalho fisiológico executado pelas glândulas do organismo animal efectua-se em dois tempos. No primeiro, as células glandulares retiram do sangue diversas substâncias à custa das quais o seu protoplasma elabora os produtos de secreção. Assim, as glândulas salivares fabricam o fermento e o muco da saliva, o fígado segrega a bÍlis, o pâncreas gera as diástases do suco pancreático, as glândulas mamárias produzem leite, as glândulas sudorÍparas elaboram os elementos que constituem o suor, os rins segregam a urina. Num segundo tempo os materiais elaborados pelas células glandulares são lançados nos canais evacuadores. Estas glândulas dizem-se exócrinas ou de secreção externa porque lançam para fora do organismo, do meio interior, os produtos da sua actividade secretora.

Há, porém, glândulas de outra categoria: as glândulas ditas endócrinas ou de secreção interna, que desempenham na vida dos organismos um papel considerável. As suas células elaboram igualmente substâncias específicas que constituem o produto da sua secreção. No entanto estas glândulas não têm canais evacuadores.

As suas secreções lançam-se no meio interior, isto é, no sangue. Levadas pela corrente circulatória, os produtos segregados são constantemente distribuídos por todas as partes do corpo, onde exercem acções especiais.

São estas substâncias, elaboradas pelas glândulas de secreção interna, que Starling designou em 1905 pelo nome de «hormonas».

A noção de secreção interna remonta a Claude Bernard, a quem se deve o conceito e o termo. Este grande fisiologista descobriu, em 1865, a função glicogénica do fígado; impressionado pelo facto de o açúcar elaborado neste órgão «em vez de se lançar no exterior ser transmitido directamente ao sangue» considerou isto um caso de «secreção interna». Alguns exemplos mostrarão a importância das glândulas endócrinas.

A glândula tiroideia lança constantemente no sangue uma hormona que regula o desenvolvimento do esqueleto e do cérebro, modifica as trocas nutritivas e mantém assim sob a sua dependência a maior parte das funções do organismo. Se se extirpa esta glândula a um animal jovem este não cresce e a sua inteligência não se desenvolve. No adulto, a mesma operação dá lugar a perturbações gra-

ves da inteligência e da nutrição, provoca um edema particular da pele (mixedema) e leva finalmente a um estado de desnutrição, de caquexia, a que se segue a morte.

As cápsulas suprarrenais elaboram hormonas que são ainda mais necessárias à vida: depois da sua ablação, conta-se por dias ou por horas o tempo de sobrevivência dos animais da experiência. O pâncreas, que produz o suco pancreático, funciona, além disso, através de algumas das suas células como glândula de secreção interna, lançando no sangue uma hormona que orienta a distribuição do açúcar no meio interior. A extirpação do pâncreas leva a uma diabetes grave, que se acompanha de emagrecimento considerável e conduz à morte.

O ovário elabora uma hormona que condiciona os chamados «caracteres de feminização» como as penas das aves, e desencadeia, nos mamíferos, o ciclo sexual da fêmea. A glândula genital masculina lança no sangue uma hormona que tem sob a sua dependência os caracteres sexuais masculinos como a crista no galo, os chifres no carneiro, a barba no homem, o desenvolvimento das glândulas sexuais acessórias, próstata e vesículas seminais. A hipófise, situada na base do cérebro, segrega uma multiplicidade de hormonas.

Das suas acções destacamos: o regulamento do crescimento em «colaboração» com a tiroideia, acção sobre a esfera sexual, acção sobre as cápsulas suprarrenais, acção sobre o metabolismo dos açúcares e, através do seu lobo posterior, acção sobre as funções renal e uterina.

Além destas glândulas, várias outras se conhecem; as paratiroideias, com acção sobre o metabolismo do cálcio e do fósforo, e cuja falta ou excesso provoca afecções ósseas, e as que condicionam o complicado mecanismo da digestão dos alimentos.

Estes exemplos mostram como os produtos lançados no sangue pelas glândulas endócrinas estabelecem, à distância, correlações fisiológicas extremamente importantes e muitas vezes inesperadas. Algumas destas hormonas são mesmo indispensáveis à vida. Três grupos de factos o põem em evidência. Em primeiro lugar estudam-se os resultados da supressão da glândula produtora: depois de suprarrenalectomia, morte rápida; depois de tiroidectomia, conjunto de sintomas graves, progressivos e mortais; depois de hipofisectomia num animal jovem, paragem de crescimento e per-

sistência de um estado infantil sem aquisição da maturidade sexual, depois da ablação das glândulas genitais masculinas, desaparecimento de todos os caracteres sexuais secundários, etc.

Em segundo lugar verificou-se que o enxerto ou implantação da glândula extirpada impede as consequências dessa ablação ou faz desaparecer os sintomas que dela resultaram. Por último procura extrair-se de cada glândula o seu produto de secreção, a sua ou as suas hormonas, de maneira a conseguir uma substância tão pura quanto possível que se possa aplicar em terapêutica.

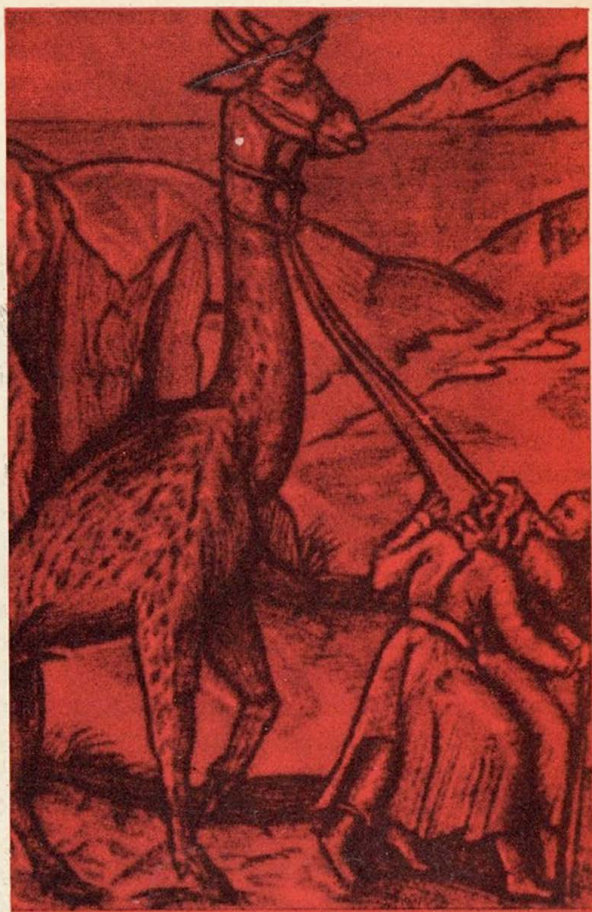
A glândula suprarrenal compreende duas porções: uma, a medular, segrega a adrenalina e a nor-adrenalina. Actuam sobre os nervos do sistema simpático levantando assim a pressão arterial. A constituição química destas hormonas é bem conhecida e podem fabricar-se por síntese. A outra porção, a porção cortical ou córtex, compreende várias hormonas que actuam sobre o metabolismo da água e dos sais, sobre o metabolismo dos prótidos, lípidos e glicídicos e sobre a esfera sexual. A insuficiência suprarrenal, conhecida por doença de Addison, ou doença do bronze, trata-se hoje com extractos hormonais.

A tiroideia produz várias hormonas que contêm iodo, hormonas já isoladas em estado puro. Em 1922, Banting e Bert, em engenhosas experiências, isolaram a insulina do pâncreas e permitiram o tratamento eficaz da diabetes, doença contra a qual até então havia muito poucos recursos.

Obtêm-se hoje extractos puros de hormonas do ovário, do testículo e da hipófise.

Pensou-se que as hormonas fossem substâncias comparáveis aos fermentos que actuam na digestão. Sabemos hoje que não é assim. As hormonas pertencem a várias categorias químicas. Umhas são de natureza albuminóide; outras são desprovidas de azoto: são compostos ternários solúveis no álcool, no éter, na acetona, na benzina. É por vezes muito difícil precisar a natureza química destas hormonas. Isso deriva em parte do facto de actuarem em doses muito fracas, não podendo preparar-se senão pequenas quantidades.

Foi necessário tratar convenientemente 250 quilogramas de testículos de touro para obter quantidades utilizáveis de hormona masculina. Esta, mais tarde, passou a ser preparada sinteticamente.



Os estudos dos endocrinologistas conduziram a um novo capítulo da química biológica. E serão os químicos quem, com métodos cada vez mais apurados, irão obtendo as hormonas puras tão necessárias em certas afecções particularmente graves.

O PESCOÇO DA GIRAFA

As primeiras descrições deste singular animal encontram-se nos escritos de Plínio, de Heliodoro e de Estrabão. Júlio César levou para o circo girafas vivas, com grande espanto dos romanos. Impressionados pelo comprimento do pescoço, que faz pensar no dos camelos, e pela distribuição de manchas na pele, os antigos tinham dado a este ruminante o curioso nome de «cameleoparadalis» ou camelo-leopardo.

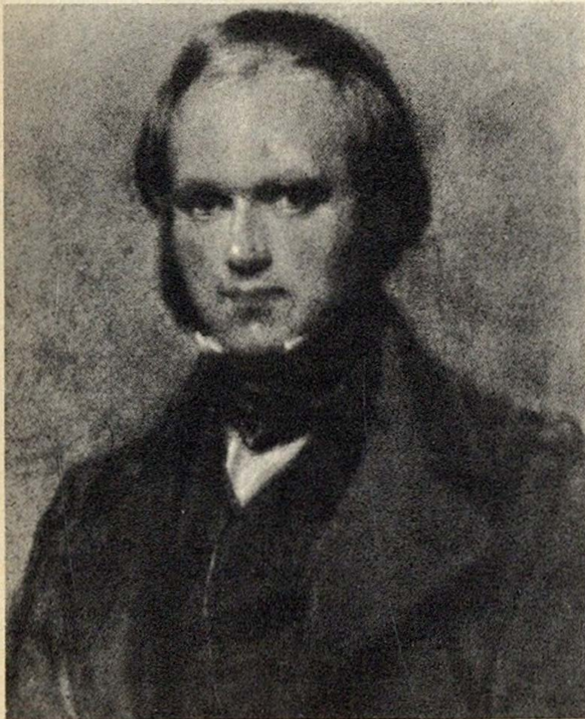
As patas da frente parecem à primeira vista mais compridas que as de trás. Na realidade essa diferença é pequena. O aspecto particular da girafa deriva do facto de o pescoço ser demasiadamente grande e pouco flexível, pelo que o animal anda quase sempre com ele direito. Por outro lado a saliência decrescente

das apófises espinhosas das vértebras torácicas determina uma queda da linha das costas desde as espáduas à garupa; é esta última disposição, sobretudo, que dá às patas tra-seiras a sua aparente brevidade relativa.

O pescoço da girafa tem mais importância que uma simples curiosidade. Constitui um exemplo clássico das transformações que as diversas teorias da evolução têm, umas após outras, procurado explicar.

Para Lamarck são os hábitos, os esforços dos animais, o uso que fazem dos seus órgãos que pouco a pouco os modificariam, os modelariam, iriam adaptando a estrutura à função: «A girafa», diz ele na sua **Filosofia Zoológica**, «vive em locais onde a terra, quase sempre árida e sem ervas, a obriga a ir morder a folhagem das árvores, esforçando-se continuamente por atingi-la; deste hábito comum a todos os indivíduos da raça durante muito tempo resultou que as pernas da frente ficaram maiores que as de trás e o pescoço alongou-se tanto que a girafa, sem precisar de levantar do chão as patas da frente, levanta a cabeça e atinge seis metros de altura».

Esta explicação, considerada válida durante muito tempo, é um pouco pueril. Admite que basta fazer esforços no sentido de alongar o pescoço para que este apresente, com o tempo, por milagre, o desejado aumento das vértebras cervicais. Pode perguntar-se porque



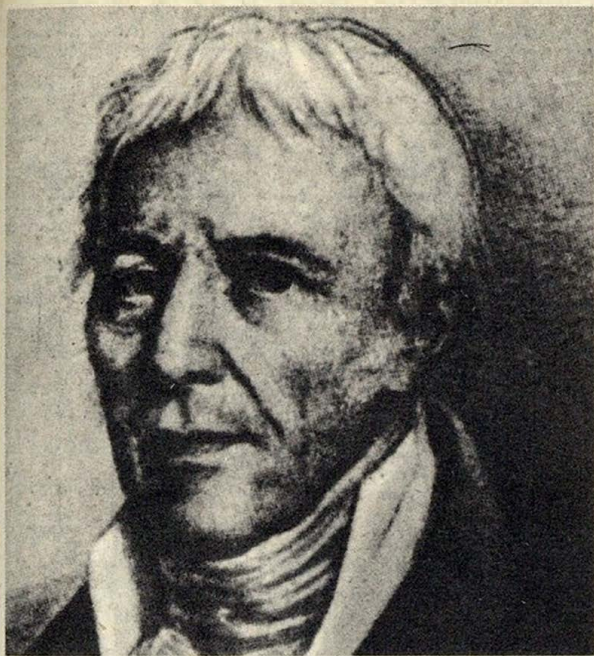
é que tantos outros herbívoros que vivem nas mesmas condições, e deviam portanto sofrer das mesmas necessidades, fazer os mesmos esforços, não viram estes coroados de êxito.

Se as girafas tinham realmente necessidade de comer as folhas das árvores, de que teriam vivido os seus antepassados, durante séculos, quando o pescoço lhes não tinha ainda crescido o suficiente? E que pensar dos filhos das girafas, destinados a morrer de fome enquanto não chegam ao tamanho dos animais adultos? Estas duas observações mostram que não houve e que na realidade não há qualquer necessidade de os animais terem o pescoço tão comprido: essa famosa necessidade, invocada por Lamarck, mesmo admitindo que o mecanismo imaginado seja sustentável à luz da fisiologia, não pode ter sido o **primum movens** desta transformação.

A escola darwiniana apresenta as coisas de uma maneira diferente. O ponto de partida é o mesmo: os antepassados da girafa deviam já viver em territórios áridos onde não podiam alimentar-se senão de ramos de árvore. Nesta busca de alimentos os indivíduos que por acaso tivessem o pescoço um pouco mais comprido estavam mais aptos a sobreviver e a perpetuar-se — legando portanto de uma maneira geral aos seus descendentes essa particularidade útil. Destes aqueles que tivessem por sua vez o pescoço ainda mais comprido iriam dar origem a um novo ciclo. Assim, através de centenas de gerações, durante milênios, uma selecção natural teria levado a um alongamento progressivo do pescoço.

Esta hipótese só é sustentável admitindo que em cada geração as girafas com o pescoço mais curto morriam de fome, isto é que a selecção se fazia de uma maneira inexorável. Ora é absurdo pensar que uma diferença, por exemplo, de um centímetro tivesse trazido consequências desta ordem. E, mais uma vez, não pode esquecer-se que numerosos herbívoros habitantes das mesmas regiões e providos de pescoço normal conseguiram subsistir; não pode deixar-se de continuar a pensar nas jovens girafas que a selecção eliminaria de uma maneira absoluta, pois as diferenças de estatura entre elas e os pais são maiores que as diferenças existentes, num dado momento, entre os vários animais adultos.

Perante estas dificuldades, alguns autores pensaram que a utilidade do alongamento do pescoço residia antes na possibilidade de me-



lhor aperceber os carnívoros, leões e panteras, dissimulados atrás dos arbustos. A cabeça alta da girafa seria como um cesto da gávea para os olhos. Há aqui contradição no que diz respeito ao **habitat** e aos costumes atribuídos à girafa. Pelas necessidades da teoria diz-se-nos que o animal vive em regiões áridas, nas dunas de areia onde só crescem magros grupos de árvores; e agora aparece-nos roendo a erva entre arbustos que escondem perigosos carnívoros. Não é de negar que a girafa está em melhores condições para ver o que se passa à volta, e se defender de outros herbívoros mais baixos — mas estes já teriam desaparecido e o mundo pulularia de girafas se a teoria correspondesse estritamente à realidade.

Os transformistas modernos inclinam-se mais a ver no alongamento excessivo do pescoço da girafa o resultado de uma destas variações bruscas, muitas vezes de grande amplitude e sempre hereditárias que se chamam «mutações». Esta hipótese tem em seu apoio a existência de mutações comprovadas e observadas. Uma cadela nascida sem membros anteriores, por exemplo, deu à luz cãezinhos que apresentavam a mesma anomalia.

Viram-se aparecer também, devido a mutações, cavalos, cães e gatos sem cauda, ratos e cães sem pêlos, touros sem chifres, etc. Tais variações produzem-se, ao acaso, num só indivíduo e não podem em princípio atribuir-se a qualquer causa determinada. Mas, graças a elas, há como um salto na natureza, produzindo um tipo novo que pode per-

sistir ou desaparecer. Se a disposição inédita apresenta alguma utilidade isso é também produto do acaso, sua consequência, e não causa, da transformação.

Os progressos recentes das ciências biológicas e físicas têm vindo a dar acuidade ao problema das mutações. Estas passam-se nas células germinais, alterando a constituição cromossômica — base provável do que viria a ser o animal adulto. Sabemos hoje que as radiações provocam ou induzem mutações — o que se aproveita em experiências de laboratório com resultados úteis — mas é esse um dos grandes perigos das radiações provenientes da explosão de bombas atômicas de urânio ou hidrogénio. Além das doenças degenerativas — como a leucemia, por exemplo — que vão atingir tardiamente a geração contemporânea da explosão, numerosos e temíveis taras hereditárias cairão, como uma maldição antiga, sobre a sua descendência — como está a acontecer hoje em Hiroshima e Nagasaki.

Em todo o mundo espíritos esclarecidos desde S. S. o Papa até sábios atômicos como Einstein, Niels Bohr, Joliot-Curie, Oppenheimer, passando por homens da craveira de um Bertrand Russell, um Huxley ou de um Albert Schweitzer ergueram as suas vozes prevenindo o mundo contra uma guerra nuclear que teria para a Humanidade consequências trágicas.

O progresso das ciências guindou o homem a uma posição de domínio sobre a natureza nunca antes atingida, mas os perigos que acarretou por ter passado a servir de arma para interesses que nada têm a ver com a ciência ou com a felicidade dos homens, deviam estar presentes no espírito de todos.

O único povo do mundo que tem uma noção exacta dos perigos de uma guerra nuclear é o japonês. O valor da energia atômica aplicada a fins pacíficos é inestimável. Uma consciência universal de todo o problema é necessária. Desde os estudos desinteressados de um Lamarck até aos modernos centros de pesquisas biológicas e nucleares a ciência passou a intervir cada vez mais na vida dos homens. E a partir de considerações tão particulares como as feitas sobre um pescoço de girafa chegou-se à fase em que carregando num botão se podem aniquilar milhões de homens.

A ciência não é uma faca de dois gumes. É faca de um só gume — e corta ou não consoante quem a maneja.



OS CONSELHOS DE SALOMÃO

A fama da miraculosa sabedoria de Salomão estendera-se por todo o universo. Sabia-se também que ele não desdenhava dar provas da mesma a quem quer que as pedisse, e de todos os lados vinham a ele, consultavam-no sobre os casos mais urgentes e os assuntos mais espinhosos.

Um rapaz, da cidade de Lajazzo, chamado Melisso, pôs-se a caminho para o consultar. Durante a viagem encontrou outro jovem, cujo nome era José, que ia igualmente pelo mesmo motivo. Chegou-se a ele, entrou em conversa, interrogou-o a respeito de seu nascimento, sua pátria, sua condição, o fim e o objectivo de sua jornada. Respondeu José que ia consultar Salomão sobre o procedimento que deveria seguir em relação à mulher mais difícil, mais desagradável, mais perversa que existira e sobre a qual os rogos, as ameaças, as carícias, as lisonjas não puderam até então produzir o menor resultado. Sendo por sua vez interrogado por José, tal como o interrogara, respondeu-lhe Melisso:

«Eu sou de Lajazzo; moço, rico, generoso, mantenho uma casa hospitaleira, onde homenageio todos os meus concidadãos, e sou tão infeliz quanto você. Mau grado todas as mi-

nhas despesas, ainda não consegui encontrar um amigo. Vou, como você, ver Salomão, e pedir-lhe que me ensine um meio de ser amado.»

Chegados a Jerusalém, foram ambos conduzidos perante o rei. Melisso apareceu em primeiro lugar e contou a sua história. «Ama», respondeu-lhe Salomão; e o mancebo saiu após essa curta resposta. Veio José e relatou a sua desdita. «Vai à ponte dos Patos», foi o conselho único que pode obter. Quando de novo se viram, comunicaram um ao outro as respostas que tinham recebido, e consideraram-nas como enigmas cuja solução não lhes era dado encontrar; ou como palavras vagas, que não tinham qualquer ligação com os seus casos, parecendo terem sido proferidas por zombaria. Muito descontentes com os nulos resultados da viagem, deixaram Jerusalém e retomaram o caminho da pátria.

Após alguns dias de marcha, chegaram a um profundo rio sobre o qual havia uma magnífica ponte. Nesse momento passava uma grande fila de cavalos e de burros carregados que lhes impediam a passagem e viram-se portanto obrigados a esperar. Desfilaram todos até que faltava apenas um

jumento teimoso que não queria avançar. O almocreve pegou num bastão e bateu-lhe a princípio com pouca força; mas o burro ia para a direita, ia para a esquerda, às vezes recuava, e não andava um passo para a frente. Novas pancadas por parte do almocreve nos flancos, no focinho, na garupa: tudo inútil. José e Melisso que aguardavam que a passagem ficasse livre, gritaram, movidos pela piedade:

— Carrasco! Desejas matá-lo, não podes experimentar levá-lo com mais brandura? Ele caminharia muito melhor se o tratasses com menos crueldade.

— Senhores — respondeu o almocreve. — Vós conheceis os vossos cavalos; eu conheço o meu jumento, deixai-me pois proceder como acho conveniente.

Com estas palavras, redobrou a pancada e tanto fez que o burro acabou por avançar. Antes de sair da ponte, José perguntou a um homem que nela estava sentado como se chamava aquele lugar.

— Senhor — respondeu o homem. — É a ponte dos Patos.

Recordou-se então José das palavras de Salomão.

— Começo a ver claro — disse José ao companheiro. — Percebo agora o conselho que me foi dado. Não tenho sabido bater em minha mulher, mas aquele almocreve deu-me uma lição que saberei aproveitar.

Chegados os nossos viajantes a Antióquia, José convidou Melisso para que repousasse em sua casa durante alguns dias. Foi ele muito bem recebido pela esposa, a quem mandou preparar uma ceia conforme o seu amigo indicasse. Este, obrigado a ceder perante tal gentileza, deu algumas sugestões, mas, nenhuma foi aceite e a ceia saiu exactamente ao contrário do que fora proposto. Irritado, José perguntou à mulher.

— Não te disseram qual deveria ser a nossa ceia?

— E que tem isso? — respondeu ela azedamente. — Que tenho eu a ver com as opiniões dos outros? Fiz o que me apeteceu. Tanto se me dá como se me deu que a ceia te agrade ou não.

Espantado com a resposta daquela mulher, Melisso não pode deixar de a censurar. José, porém, mais zangado que surpreso, disse:

— Continuas tal qual te deixei. Mas acredita que saberei modificar o teu carácter — e, voltando-se para o companheiro, explicou-

-lhe: — Veremos se o conselho de Salomão é bom, mas peço-lhe, meu amigo, que não leve a mal que eu o ponha em prática na sua presença, e que não considere uma brincadeira o que vou fazer. Não me perturbe, e lembre-se da resposta que nos deu o almocreve quando tivemos pena da sorte do burro a quem ele batia.

— Estou em sua casa — replicou Melisso — e resolvi fazer apenas o que lhe fosse agradável.

Tendo encontrado um bastão de carvalho ainda verde, subiu José ao quarto onde sua mulher fora dar largas ao seu despeito. Agarrou-a pelos cabelos, jogou-a aos pés e bateu-lhe como um desesperado. A princípio ela gritou, ameaçou; mas como não dessem resultado os gritos e as ameaças, recorreu às súplicas: jurou, prometeu no futuro fazer tudo quanto quisessem. Apesar de assim parecer arrependida, as pancadas sempre lhe zurziam as costelas, as coxas, as espáduas, e afinal, só o cansaço pôs termo a essa tarefa.

Voltou o marido para junto de Melisso e disse-lhe:

— Veremos amanhã que milagre terá conseguido o conselho de ir à ponte dos Patos.

Depois de repousar um momento, lavou as mãos, foi para a mesa, e chegando a hora de dormir, foram deitar-se. Entretanto, a pobre criatura levantou-se do chão, atirou-se para cima de uma cama e procurou descansar o melhor que lhe foi possível. No dia seguinte, levantou-se cedo, foi procurar o marido, e perguntou-lhe o que desejava para o almoço. Riu-se ele muito, na companhia de Melisso, do bom êxito do seu expediente e disse à esposa quais os seus desejos. Chegada a hora de comer encontraram a mesa servida de acordo com as ordens dadas. José e Melisso concordaram, pois, quanto à justeza do conselho que a princípio não haviam compreendido.

Alguns dias mais tarde, já de volta a sua casa, Melisso confiou a um sábio homem a resposta de Salomão. Disse-lhe esse sábio:

— Ele não vos poderia dar melhor conselho. Bem sabeis que ninguém amais. As festas que oferecis, os prazeres que dais aos vossos conhecidos, são para vós, apenas para vós, para satisfazer a vossa vaidade. Amai, portanto, como vos indicou Salomão, e sereis amado.

E foi assim que José conseguiu corrigir a esposa, e Melisso ter amigos.

cartas de amor célebres

ABELARDO E HELOÍSA

«Tu sabes e ninguém o ignora, perdendo-te, tudo perdia. Só tu podes entristecer-me, só tu podes alegrar ou adormecer os meus desgostos.»



DE HELOISA PARA ABELARDO

A carta que tu, meu bem amado, enviaste para consolação de um dos teus amigos veio por acaso para às minhas mãos.

Bastou-me um único olhar para logo reconhecer que era tua, e empreguei tanto mais ardor em lê-la quanto eu quero à mão que a escreveu.

Queria ao menos lá encontrar alguma reminiscência daquele que perdi. Ah! Quase todos os pormenores dessa carta vêm cheios de fel e de absinto, porque não continham outra coisa mais do que a narrativa dolorosa da nossa conversão, das tuas constantes mágoas, meu amor!

Em nome de Cristo, que parece ainda proteger-te para Seu serviço, e de quem somos bem pequenos servos, como de ti, ah!, suplicamos-te que te dignes escrever-nos com frequência. Dize-nos em meio de que naufrágios andas ainda balouçando; precisamos de sabê-lo. Só nós te restamos no mundo, deixas-nos a nossa parte nas tuas dores e nas tuas alegrias. Os corações feridos acham algumas consolações na piedade que inspiram; um fardo suportado por vários é levado com mais facilidade e parece mais ligeiro.

Querido, querido, tu sabe-lo e ninguém o ignora: perdendo-te, perdi tudo: o crime infame que te roubou à minha ternura roubou-me também a mim mesma; mas, pensando em ti, a grandeza da minha perda esvai-se ainda na dor incomparável que sinto por te haver perdido. Quanto mais pungentes são os meus desgostos mais eficaz consolação exigem. E não é de outra pessoa, é de ti, que eu a espero, a fim de que da fonte dos meus desgostos provenha também o benefício da cura. Só tu podes entristecer-me, só tu me podes alegrar ou aligeirar os meus sofrimentos. Sòmente tu a isso és obrigado, porque eu enchi a medida das tuas vontades e, de preferência a contrariá-las fosse no que fosse, tive a coragem de a mim mesma me perder para te seguir. Fui ainda mais longe; e por um esforço maravilhoso, o meu amor chegou a tal loucura que sacrifiquei, sem esperança de regresso, o único objecto dos seus arden-tes votos. Por tua ordem tomei com outro coração outro hábito, para te mostrar, por

este grande sacrificio, que tu eras o senhor único do meu corpo e do meu coração.

Dize-me unicamente porque é que, depois da nossa conversa, que tu violaste sem me consultar, de tal modo me puseste de parte, de tal modo me esqueceste, que me não foi dado alcançar a tua presença para retemperar a minha coragem, nem sequer uma carta para que eu melhor suportasse a tua ausência.

Nas horas encantadas dos nossos transportes amorosos havia a incerteza se eu seguia o impulso do meu coração ou o instinto do prazer. Agora o desenlace dos acontecimentos explica o que se passou. Eu interdise os meus sentidos para obedecer à tua vontade. Toda a minha ambição foi tornar-me tua. Que injustiça grande é, portanto, a tua se, à medida que os sacrificios aumentam, o reconhecimento diminui e se esvaece por completo, principalmente quando te pedem uma coisa tão fácil?

Por esse mesmo Deus a que te consagraste, suplico-te que me restituas a tua presença da única maneira possível, isto é, pela virtude consoladora de alguma carta.

Adeus. És tudo para mim.

DE ABELARDO PARA HELOISA

Se, depois que trocámos o mundo pela religião, te não fiz ainda ouvir a voz que exorta e que consola, não o imputes à minha negligência, mas sim à confiança absoluta que a tua prudência me inspira. Nunca supus que fosse necessário semelhante auxílio àquela a quem o Senhor enriqueceu com todos os dons da graça e que, pelo ascendente da sua palavra e do seu exemplo, é capaz de conduzir ao bom caminho os que se extraviavam, consolar os pusilânimes, exortar os fracos.

Porque não te iludas, Heloisa, adoro-te com mais ardor do que nunca. Cumpre que te abra o meu coração: ocultei a minha paixão ao mundo depois do meu retiro por vaidade e tu por ternura; eu queria curar-te pela minha indiferença affectada e poupar-te



os males cruéis de um amor sem esperança. Eu mesmo tentei, não podendo já viver contigo, apagar-te do meu coração. Procurei, na filosofia e na religião, armas para combater essa paixão.

A solidão em que julguei achar um asilo contra ti, desocupado de todo o resto do mundo, deixa-te sôzinha encher o meu coração e o meu espírito e estou convencido de que é cuidado inútil procurar meio de te não amar. Muito acautelado serei se só a ti descobrir a minha confusão e a minha fraqueza. A minha razão põe-me diante da vista toda a extensão dos meus deveres. Não tenho um momento de sossego, porque ora me pungem os remorsos ora me atormenta o amor; por mais que de ti me afaste, a tua imagem e a minha paixão seguem-me por toda a parte; nada tenho a esperar do amor, e não posso dedicar-me à virtude.

.....

Perguntas-me porque instei contigo a que fizesses votos antes de mim: como nada te posso ocultar, Heloísa, aí vai o meu segredo.

Quando teu tio me transformou em exemplo para os amantes temerários, a minha fraqueza tornou-me ciumento; julguei que tu, não encontrando já em mim senão desejos, procurarias noutrem um amante mais sólido. O amor acredita no que receia; eu quis tranquilizar-me; e instando contigo para que fizesses os votos, estimei mais perder-te a arriscar-me a ver-te partilhada, e adiei a minha profissão para depois de tu fazeres a tua, a fim de te: a liberdade, se resistisses a fazer esses votos, para te seguir por toda a parte, para fazer a felicidade da tua vida se tu continuasses a amar-me sempre, ou para ser teu algoz, se me fosses infiel.

É interesseiro este amor, confesso-o; mas qual é o amor que o não é? Quem é que ama sem o desejo de ser correspondido? Há muito que experimento que se pode amar sem prazer; mas não está na alçada do coração amar por muito tempo sem ser amado; e eu sinto, com vergonha da minha paixão, que as minhas cadeias se fortalecem com as tuas.

DE HELOISA A ABELARDO

Apesar de todos os juramentos que fiz de não pensar senão em ti, de me não ocupar

senão de ti, bani-te do meu pensamento; esqueci-te; já não farás a minha felicidade, deliciosa ideia de um marido que eu adorava! Querida imagem de Abelardo, que para toda a parte me seguias, já não quero lembrar-me de ti! Mérito deslumbrante de um homem que é, mau grado os seus inimigos, a admiração do seu século! Prazeres encantadores, aos quais Heloísa se entregava sem reserva, tu constituís o túmulo da minha memória! Abelardo, confesso-te, sem corar, a minha infelicidade. Que a minha constância ensine ao universo que se não deve contar com as promessas dos homens: estão todos sujeitos a mudanças. Perturbas-te, Abelardo! Esta nova surpreende-te? Tu não podes supor que Heloísa seja infiel. Ela sentiu por ti uma tão forte inclinação que não podes compreender como a pode o tempo destruir.

Sai do teu erro; vou revelar-te a minha perfídia; e, em vez de me exprobares, estou persuadida de que verterás lágrimas de alegria. Quando te tiver dito o nome do rival que te roubou o meu coração hás-de pedir a esse rival que nunca mais consinta que eu dele me aparte. Por aqui debes já supor que foi Deus quem te tirou Heloísa. Sim, meu querido Abelardo, é ele quem restitui ao meu espírito a tranquilidade que a viva recordação das nossas passadas desventuras me não permitia saborear. Justos Céus! Que outro rival me poderia arrancar a ti? Suspeitaste porventura de que um mortal te pudesse ter desvanecido o meu coração? Foste tão injusto que me julgaste capaz de sacrificar o virtuoso e sábio Abelardo a outrem que não fosse Deus? Não, lisonjeio-me de que me prestaste justiça.

.....

Começo a notar, oh Abelardo, que tomei prazer excessivo em escrever-te: era melhor queimar esta carta; ela vai dizer-te que continuo a sentir por ti a mais desgraçada paixão do mundo; e quando a comecei, a minha ideia era persuadir-te exactamente do contrário. Incessantemente me agitam movimentos de graça e dor da minha paixão; cedo alternadamente a um ou a outro. Tem compaixão, Abelardo, do estado a que me reduces de maneira que os últimos dias da minha vida sejam tão tranquilos, como agitados foram os primeiros.



O AFGANISTÃO um fóssil vivo

1) HISTÓRIA ANTIGA

A mais antiga referência ocidental à cadeia de montanhas hoje conhecida por Indo-Kuche encontra-se na *Meteorológica*, de Aristóteles (c. 330 A. C.).

Pouco se sabe da história dos povos que desde a antiguidade têm habitado estas montanhas e os vales dos rios que entre elas correm. Das viagens de conquistadores e peregrinos ficaram quase sempre relatos que chegaram até nós; a tradição oral e escrita local conservou, por outro lado, uma mistura de factos e lendas muitas vezes inverosímil. É sobre este material inexacto e tendencioso que o historiador se debruça ao procurar definir uma linha coerente de acontecimentos.

Alguns grandes factos porém são certos — e todos eles realçam a importância da situação do país que, ocupando uma área um pouco maior do que a da França, se encontra situado de maneira a constituir a porta de entrada — e de saída — da Ásia. Por lá passou Alexandre no seu caminho para a Índia; Asoka, o rei indiano do século III A. C. pacifista e budista, defendeu-se aí dos «bárbaros do norte»; muitos séculos depois, séculos que pertencem à história privada do Médio Oriente e em que o islamismo se expandiu e consolidou, os mongóis de Gengis Kan, por volta de 1220, retalharam, destruíram, reduziram a pó cidades e povoações que mais tarde foram reconstruídas. No primeiro quartel do século XVI, Babur, o grande rei, funda um império que se estende até à Índia.

Em 1747, finalmente, um antigo chefe de guardas, Ahmed Xá Durrani, da família Sadozai, tornou-se o primeiro rei do Afeganistão.

O império sofreu variações de fronteiras até encontrar os seus limites actuais. A família Sadozai reinou de 1754 a 1818 e sucederam-lhe depois os muamadzais, cujo grande rei foi Dost Muhamad.

E com o século XIX começa a vital importância do Afeganistão no desenvolvimento político da Ásia Central.

A Inglaterra e a Rússia, na sua expansão colonial, ao lutarem pelo predomínio económico do Médio Oriente vieram muitas vezes encontrar-se com os emires de Kabul em delicadas missões diplomáticas, e por três vezes no meio das inumeráveis guerrilhas de fronteira, a Inglaterra e o Afeganistão travaram guerras. Guerras sangrentas em que à superioridade técnica e táctica dos ingleses se opunham o conhecimento do terreno e a barbárie afegã. Os exércitos ingleses chegaram por vezes a Kahal, que destruíram quase; as tribos afegãs muitas vezes chacinaram companhias inteiras nas passagens traiçoeiras das montanhas agrestes e erçadas de rochas. Foram três as guerras afegãs: a primeira, de 1838 a 1842, a segunda, de 1875 a 1879, e a terceira, de 1919 a 1921.



2) HISTÓRIA MODERNA

Mas pode falar-se em Afeganistão? Falar-se em Afeganistão como se fala na Suíça ou na Inglaterra? Existe uma consciência de ser afegão? Existe uma realidade que corresponda a essa consciência? Aquilo que no estrangeiro se chama o Afeganistão, aqueles que para o estrangeiro falam em nome do Afeganistão — são, não um país, mas meia dúzia de famílias. A estrutura do país é feudal; os antigos chefes de tribos, meio ocidentalizados, continuam a ter a terra e o poder e a restante população arrasta a sua miséria pelas cidades de terra batida e pelos campos pobres e incultos. Ocupando, como dissemos, uma área maior do que a da França e com uma população de dez milhões, um terço da

qual é constituído por nómadas, o Afeganistão tem uma economia precária vivendo de auxílios internacionais e da exportação de astracã, essas peles caras e macias de carneiros arrancados antes de tempo ao ventre das mães, que as elegantes do mundo inteiro ostentam com regalo.

Entretanto o subsolo é riquíssimo mas encontra-se praticamente inexplorado — o auxílio do estrangeiro visa mais as vantagens estratégicas do que a resolução eficaz dos problemas locais; o governo, por outro lado, e as dez famílias, como são ricas, preferem manter a situação actual a arriscar-se às evoluções sociais por vezes surpreendentes que a industrialização de um país sempre acarreta.

Houve todavia em Kabul, no meio desta mistura de turbantes, de chacinas, de arroz, de mau cheiro, de mulheres veladas, de presença de petróleo, de calor, de varíola, de poeira e de camelos, um rei genial. Chamava-se Amanulah e reinou de 1919 a 1929.

Durante o seu governo o país conheceu inesperados benefícios: a situação da mulher foi revista — os véus e a poligamia abolidos; o aproveitamento dos recursos naturais do país foi encarado seriamente — mandaram-se bolseiros para a Europa e a América em todos os ramos da técnica moderna; procedeu-se à reforma do ensino, e quando a reforma agrária ia ser promulgada a revolução estalou. Apoiados pelos ingleses, os sacerdotes muçulmanos mais extremistas dentro do país e os chefes de tribos mais poderosas uniram-se contra Amanulah, e, após um período confuso, em que chegou a ser rei do Afeganistão um antigo aguadeiro, foi colocada no trono a actual família reinante. Sob a sua égide o Afeganistão tem atravessado um período de paz exterior, apenas interrompido de vez em quando por escaramuças na fronteira paquistanesa, mas os problemas internos do país não foram resolvidos.

O governo domina pela força. As comunicações do mundo moderno acabaram com as regiões isoladas. A população começa a conhecer «o que se passa lá fora», a comparar, a desejar, a reivindicar, a perturbar o bem-estar dos governantes. Ao turista europeu, preocupado com o pitoresco, de Kodak, «shorts» e óculos escuros, estes aspectos podem não ser imediatamente evidentes.

O Oriente conserva ainda um grande poder de encanto, certas tardes de passeio no



Stalinabad

Kerki

Termes

Fainabad

2760

Mary

Taškurgan

Kundus

Kusk Turkmen

Maimana

3750

Kabul

1762

Sefid K.

4760

1029 P. de Khyben

Herat

Heri rud

Sefid Kuh

Farah rud

5143

Kandahar

1605

Chaman

Quetta

1680

Nushki

Kalat

Kharan

2067

Hamoun & Mashkel

Dera Isma Khan

P U

3430

Dera Ghazi

Bahar

Shikarpur

Sukkur

Jaisalmer

M. Kirthar

Bela

Sind

Raj

Jo

bazar de Kabul, as noites durante o jejum do Ramadão, com as luminárias e as libações, em que o bazar enfeitado e multicolor se reflecte nas águas negras do rio, ficam como recordações inesquecíveis para aqueles que as experimentaram — e mascaram os problemas mais duros, menos agradáveis e mais urgentes da população indígena.

Para o viajante que chega o Afeganistão é ainda um país de mistério. A estrada da fronteira paquistanesa a Kabul tem 360 kms, que se percorrem em dez horas mesmo com os mais modernos automóveis e estão semeados de pontes destruídas, passagens perigosas de montanha e frequentes assaltos. A polícia, fora de Kabul, está desarmada para evitar revoltas e reprime o banditismo à pedrada. Antes de Kabul pouca presença humana se depara. Apenas Jalalabad, em cujo antigo palácio real existe hoje um hotel — que viajantes insuspeitos consideram o pior do mundo — ergue as suas tristes paredes à volta do que foi um dos mais belos jardins do mundo: o jardim do palácio de Halibulah, pai de Amanulah, que teve 3.000 mulheres e cujos faustos ficaram na história da Ásia com esplendor não inferior aos de Harum-al-Rachid. Esse jardim foi queimado pelos ingleses durante a terceira guerra afegã. Jalalabad é hoje uma cidade de segunda ordem que apenas o tráfico da estrada Peshawara-Kabul justifica.

O viajante, de resto, ao chegar ao Afeganistão vindo da Índia surpreende-se primeiro com o aspecto dos habitantes: são da mais pura raça indo-europeia e, se bem que atravessando muitos deles uma situação actual precária, mantêm na fisionomia e no porte uma dignidade que as castas inferiores da Índia há muito perderam. É esta talvez a grande descoberta para quem vem do Oriente. Logo nos postos fronteiriços do Paquistão a diferença se verifica: de um lado uma excelente estrada alcatroada, escritórios de eficiência britânica, impecáveis fardas dos funcionários, tudo isto habitado por uma fauna humana tiszada, sorrateira, estranha aos nossos olhos europeus; do outro, estrada de macadame, habitações semiarruinadas, andrajos quase — e uma população amável, directa no trato, fidalga e orgulhosa. A confiança no material humano é de resto a grande esperança dos países subdesenvolvidos.

3) KABUL

Kabul é uma cidade antiga na tradição e recente nos edifícios. As mais antigas construções datam de há duzentos anos — porque as guerras e os terramotos não têm deixado pedra sobre pedra da obra dos homens.

Situada num planalto a 1.800 m de altitude, cercada de montanhas, Kabul alinha rectangularmente as suas ruas tristes ladeadas de muros de jardins altos de um andar e pintados de branco sujo, apenas animada pelos bairros comerciais, os bazares de Chan-I-Não e da Bedaryah. O palácio real, os dois cinemas, os liceus francês, inglês e alemão, os quartéis e as mesquitas são os pontos mais altos na arquitectura plana da cidade. Esta arquitectura é, como toda a cultura afegã, importada sem crítica. Assim como as crianças aprendem, de cor e em árabe, o Korão, desde os cinco anos — assim os tectos das casas são planos como no Norte de África e na Arábia. As consequências num país onde neva e chove em quatro meses por ano e as casas são feitas de barro seco, são fáceis de calcular. E todavia Kabul é a cidade mais progressiva e moderna do país, muito à frente de Kandaar de Hérat e de Magm-I-Sharib. Nela se situam as missões diplomáticas, desde a excelente embaixada inglesa, onde os lagos, os campos de golfe e de ténis, as instalações sumptuosas e o chá revelam a presença sempre bem característica do Império Britânico, até às obscuras missões da Arábia Saudita, que acampam de tenda nos jardins e trazem quatro mulheres por diplomata.

4) O PAIS E A GENTE

Os afegãos são maometanos e polígamos, ainda que a poligamia esteja em decadência... por ser muito cara. Só nas regiões rurais mais atrasadas, onde o trabalho da mulher é compensador, ela se mantém. Há, aliás, províncias em que as mulheres são mais bonitas e baratas, e os noivos compradores deslocam-se lá para o negócio. Os afegãos mais ricos e cultos, portanto mais ocidentalizados, são monógamos — o que não os impede de ter concubinas (que o Korão permite, com sabedoria, em número ilimitado). Esta poligamia, até há pouco preponderante, faz com que no Afeganistão haja famílias numerosíssimas e muito poucas famílias: todos são primos, todos os problemas se resolvem entre primos: o rei deposto é primo do

rei que o depôs, o polícia primo do ladrão, o «mullah» primo do herege. Só escapam a esta regra os mongóis, que desde Gengis Khan por lá ficaram e vivem uma subexistência, meio escravizados, ocupando-se dos trabalhos pesados e dos serviços domésticos mais sujos, verdadeiros párias sem futuro e sem esperança. As mulheres na rua usam véus que as cobrem da cabeça aos pés, o *xadri*, com uma pequena rede para os olhos. À saída do liceu feminino a revoada de *xadris* é fantasmagórica e uma coisa que surpreende o estrangeiro é a maneira como as amigas se reconhecem sob os véus, todos iguais, todos de cor escura, todos orlados de lama em baixo no Inverno ou cobertos de poeira no Verão. As *afegãs* são geralmente morenas, de olhos escuros e grandes, e muitas delas de grande beleza. As poucas que o ocidental conhece — devido ao rigor religioso que proíbe a mulher de ser vista por homens que não sejam seus familiares — pertencem às famílias mais ricas e ocidentalizadas, que admitem por vezes estrangeiros nas suas festas. Na pele e nos olhos dessas mulheres gentis fixa-se uma indefinível tristeza, que a falta de sol e de convívio pode justificar.

E só quem deixou um país muçulmano

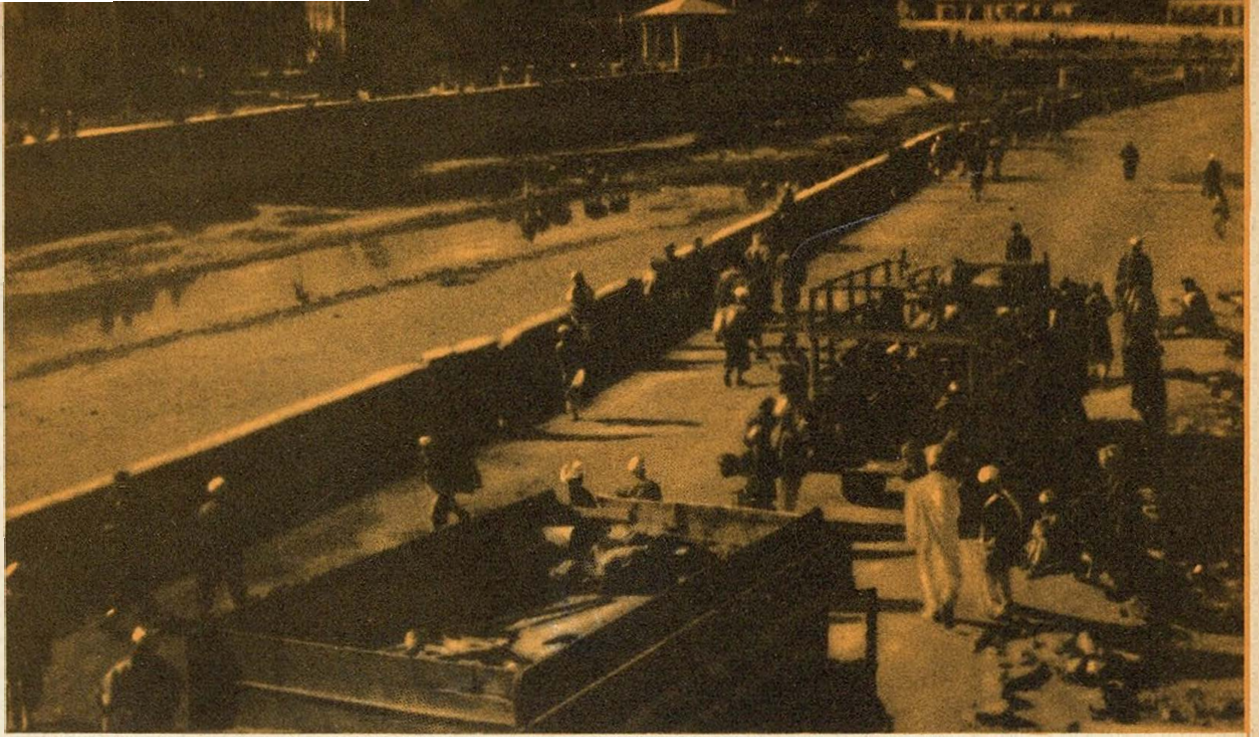
de avião e chegou horas depois a uma cidade da Itália ou da França pode compreender a graça, e cor e a alegria que as mulheres dão às ruas. Nem mesmo durante as festas do jejum de Ramadão, em que os muçulmanos não podem comer nem beber do nascer ao pôr do Sol, e se entregam à noite a libações e a cantos escapa a esta impressão que o ocidental experimenta de não ver nas ruas um único rosto de mulher. Durante as festas do Ramadão com vinho e o *haxixe* os *afegãos* tornam-se agressivos: os seus sentimentos religiosos e patrióticos exacerbam-se e muitas vezes, ainda hoje, a polícia tem de defender os estrangeiros das suas empertigadas atitudes.

5) OS ESTRANGEIROS

Os estrangeiros que visitam o Afeganistão dividem-se em dois grupos: os que vão exercer qualquer actividade e os turistas. Estes últimos são raros e pouco contam na vida do país. Os primeiros constituem a quase totalidade da colónia flutuante ocidental, constituída por muita e variada espécie de gente.

Um quarto da população *afegã* vive ainda em regime nómade. As caravanas percorrem o país e assentam, aqui e além, as suas tendas miseráveis. **A direita:** Em baldes modernos transporta-se água.





Vista de Kabul junto do rio, no bairro chamado de Bedaryah.

Há, primeiro, os diplomatas. Os diplomatas ocidentais que caem em Kabul ou são muito jovens ou perderam já qualquer hipótese de carreira no seu Ministério. Arrastam em Kabul a existência estúpida dos diplomatas perdidos no pequeno país provinciano ao qual, desde que o telégrafo cobre o mundo, já nem se exige originalidade.

Depois os técnicos, os professores dos liceus ocidentais, da Faculdade de Medicina, de Escola Militar (que são turcos), os engenheiros das missões americanas e da O. N. U., os agrónomos, os peritos em assuntos culturais da U. N. E. S. C. O. e um agente comercial suíço.

Para estes o Afeganistão é um excelente negócio, recebem bons salários, têm um largo campo de trabalho, cumprem contratos de dois ou três anos em que reúnem um apreciável pecúlio, levam durante a sua estadia no país uma vida que as mulheres depois lamentam na Europa. A mulher de um professor francês de Medicina regressada a Toulouse, seu ambiente natural, queixava-se ao marido da falta que lhe faziam os seus sete criados, como aqueles africanistas que se sentem tristes na metrópole porque o facto de serem brancos não chega para os colocar imediatamente numa situação privilegiada.

Por último há os idealistas. Estes não são missionários — são arqueólogos. A riqueza arqueológica do Afeganistão está ainda longe de ter sido completamente explorada, e há

trinta anos uma missão francesa, cujo pessoal se vai renovando, investiga e cava nos sítios onde as cidades históricas ergueram os seus muros e as grandes batalhas se travaram.

O museu de Kabul tem-se enriquecido com maravilhosas peças de arte greco-búdica e muito ainda decerto virá a ser encontrado e a ter entrada numa história de arte que não queira ser considerada incompleta.

Mas todos estes estrangeiros, sejam eles diplomatas, técnicos, comerciantes, ou arqueólogos-idealistas, se encontram diante do país e dos seus habitantes com a mesma estranheza. O mundo afegão é, com efeito, um mundo diferente. Os aspectos medievais da sua estrutura social e da sua cultura, a estranheza da língua, da alimentação, da paisagem e do clima e essa impressão de estar isolado do mundo que todos quantos viveram em Kabul conhecem, contribuem para a desadaptação inicial do europeu. E, mais que os pratos de galinha com arroz, pinhões e passas de uva, mais do que os barretes de astracã e os turbantes, mais do que os problemas que os camelos levantam numa rua poeirenta a quem conduz automóvel, mais do que a chuva que cai em fios dentro dos quartos do hotel de Kabul são lembradas e contadas com gosto pequenas histórias afegãs que, sem terem a profundidade das **Pequenas Histórias Morais da Velha Pátria**, de William Saroyan, não deixam de ser instrutivas.

PEQUENAS HISTÓRIAS AFEGÁS

O CANÁRIO DA SR.^a FOUQUET

A Sr.^a Fouquet era casada com um arqueólogo francês colocado em Kabul, e enquanto o marido trabalhava passava longas horas sòzinha em casa e aborrecia-se. Um dos criados, Karimdah de seu nome, vendo a tristeza da senhora, veio um dia oferecer-lhe um pequeno pássaro afegão, parecido com o canário no trinado e nas penas. A Sr.^a Fouquet comprou uma gaiola onde instalou o canário, e, sensibilizada, quis pagar a Karimdah o preço que ele dera pelo canário. Karimdah recusou primeiro mas, muito instado, aceitou em confessar quanto lhe custara o pássaro: 30 afeganes. A Sr.^a Fouquet deu-lhe cinquenta e contava a quem a queria ouvir aquela simples e comovente história de compreensão humana.

Mas o canário entristecia. E a Sr.^a Fouquet procurou no bazar outro canário que alegrasse o isolamento do seu.

Numa loja viu um igual e perguntou o preço:

— Três afeganes.

— Três afeganes?! — respondeu, estupefacta.

— Dois! — atalhou pressuroso o dono da loja.

O POÇO

Um engenheiro afegão disse a um colega seu, americano, a propósito de um poço que se ia abrir:

— Em vez de seis metros de diâmetro, vamos abrir o poço com três e assim a água sobe com o dobro da força.

AS BICICLETAS

O directôr da Faculdade de Medicina francesa, que dista 5 quilómetros de Kabul, quis comprar bicicletas para alguns dos seus alunos. E, no bazar:

— Por quanto me vendes uma bicicleta?

— 1.000 afeganes.

— E vinte bicicletas?

— 22.000 afeganes.

— Então eu compro-te vinte bicicletas e tu, em vez de me fazeres um desconto, levas-me mais caro?

— Se tu compras vinte e não uma é porque és rico e podes portanto pagar mais que os outros.

PARKER DA F. A. O.

A F. A. O. (Food & Agricultural Organization) é um departamento das Nações Unidas que envia mensalmente peritos para os países subdesenvolvidos. Há peritos de tudo: de bichos de seda; de tosquia de carneiros do lado direito; de tosquia de carneiros do lado esquerdo; de cogumelos brancos; de cogumelos pretos; de águas potáveis; de águas inquinadas; de tudo enfim, e todos estes homens ficam depois no calor ou no frio das cidades orientais à espera que o governo local lhes dê que fazer — que o governo muitas vezes manda-os buscar só pelo gosto oriental de lidar com técnicas desconhecidas ou pelo desejo de parecer ocupar-se com a economia do país.

O enviado da F. A. O. chega, mostram-lhe duas ou três plantações, dois ou três rebanhos e destinam-lhe uma casa na cidade. O enviado contrata um criado, arranja parceiros, instala-se, joga o bluff e bebe.

Parker, da F. A. O., era um americano culto. Explicava que Chopin era «**The man who wrote the music**», (1) e não o professor de piano da filha, respeitava supersticiosamente o número de livros que os seus amigos arqueólogos tinham em casa e sobre as culturas, as plantações, as espécies vegetais tinha apenas e sempre a mesma frase: «**They'll grow up, they'll grow up**» (2). Excelente homem de resto, descendente de finlandeses e grande apreciador de whisky.

Parker tinha, como todo o estrangeiro em Kabul, um smoking e um criado. Periòdica-mente roubavam-lhe o smoking; periòdica-mente dois dias depois o criado encontrava no bazar um smoking igual, que Parker comprava gratificando-o ainda porque o smoking «era exactamente igual, uma sorte danada, exactamente igual» ao seu. O criado sorria modesto e Parker gabava aos amigos a sua argúcia excelente. Isto aconteceu seis vezes. E quando, transferido para Bangkok, Parker abandonou Kabul despediu-se daquele criado exemplar com lágrimas nos olhos e ofereceu-lhe o smoking como recordação.

(1) O homem que escreveu a música.

(2) Não-de crescer, não-de crescer.



cartão de identidade da sueca

É ROBUSTA — A rapariga sueca média, segundo as estatísticas oficiais, é robusta mas não pesada: mede de altura 1^m,62, pesa 61 quilogramas, tem 97^{cm},5 de anca e 0^m,98 de peito. Tem cabelo louro, pele rosada e olhos claros.

É EDUCADA — É notável a sua educação. Tem nove anos obrigatórios, seis na escola primária e três na secundária. 51,2 por cento das raparigas frequentam cursos que as habilitam a vir a ser secretárias, assistentes sociais, enfermeiras ou artífices. 48,8 por cento frequentam cursos superiores de médicas, farmacêuticas, engenheiras e professoras. As mais importantes especializações em medicina são odontologia, pedagogia, pediatria, neurologia e psiquiatria.

É INDEPENDENTE — Aos dezoito anos a rapariga sueca é completamente independente, mesmo que não tenha casa própria e viva ainda com os pais. Até do ponto de vista jurídico a maioridade é atingida aos dezoito anos.

É POUCO FALADORA — Se bem que a rapariga sueca já considere prometedor o cumprimento de um rapaz que lhe diga, o que acontece muitas vezes, que ela é elegante, existe uma terminologia mais sentimental: também na Suécia se diz: «Gosto de ti (**jag tycker om dig**)», «Amo-te (**jag alskar dig**)» e, em teoria, «Adoro-te (**jag avgudar dig**)». Mas esta expressão emprega-se apenas para Deus.

MÃES SOLTEIRAS — Na Suécia, entre 7.350.000 habitantes, 75.000 raparigas solteiras têm filhos; mas desse número 40 por cento vêm geralmente a casar com os pais das crianças.

OS JOVENS NÃO SE PRECIPITAM PARA O CASAMENTO — A rapariga e o rapaz suecos encaram o casamento com muita seriedade: graças à educação que têm podem avaliar com conhecimento de causa os prós e os contras de uma ligação que prende duas pessoas para toda a vida para comprar uma momentânea ilusão de amor eterno. A mulher casa geralmente por volta dos vinte e seis aos vinte e sete anos e o homem dos vinte e oito aos vinte e nove.

CASAMENTO E DIVÓRCIO — Na Suécia há, por ano, 52.000 casamentos e 8.900 divórcios, e portanto, com as ressalvas a que um raciocínio estatístico obriga, podemos supor que em cada 100 casamentos 94 são felizes e 6 falham. Devemos salientar que os felizes normalmente são-no pela vida inteira e não temporariamente.

OS ESTRANGEIROS — Quando dizemos que a rapariga sueca gosta de estrangeiros, e em particular dos latinos, estamos muitas vezes a fazer uma afirmação inexacta. E verdade que estes (os latinos) lhes agradam: a percentagem de casamentos com os estrangeiros (5,4 por cento) é elevada: mas as causas são mais afectivas e psicológicas que físicas.

as atitudes da felicidade SUÉCIA!

Karim Norlander
sofre por não rece-
ber cartas de amor



Estocolmo, Junho.

«A coisa de que mais gostaria seria receber uma carta de amor», diz-me uma rapariga. Isto seria natural se não se passasse a 60° de latitude norte, onde as raparigas apaixonadas se comportam de maneira bem diferente das da Europa Latina. O nome da rapariga que me fala é Karim Norlander, tem dezoito anos e olhos verdes, este verde-prata tão comum aqui, nos pequenos lagos gelados e nos olhos das mulheres. Tem também o cabelo louro, a pele rosada e o corpo alto e bem feito tão semelhante aos dos milhares de raparigas que encontramos todos os dias na estrada, nos autocarros ou no Tunnel-Bana. Em nenhum país europeu há tantas raparigas bonitas como na Suécia, e são todas do mesmo tipo, tipo de que Fröken Norlander, Miss Norlander, é o modelo amável. Podemos segui-la durante um dia para termos uma ideia mais exacta de como a rapariga sueca trabalha, ama e se diverte.

O trabalho é o mais importante elemento da vida destas mulheres e a causa da sua independência; na realidade todas têm um emprego, começando pelas princesas reais, e oito em cada dez cumprem regularmente os seus deveres. A filha do grande Olivercrona está empregada. As filhas dos ministros e dos altos funcionários são professoras, assistentes sociais e até caixeiras. Karim é secretária. Todas as manhãs, às oito e meia exactas, chega ao grande edifício da Kooperative e entra no elevador n.º 1, que se destina a certa categoria de empregados. Nunca lhe passaria pela cabeça tomar o elevador n.º 2 transgredindo o regulamento. Karim cumpre sempre o regulamento. No seu gabinete trabalha com a tradicional calma sueca (rodeada de todo o conforto, da iluminação ao telefone privativo, mas também sem perder um minuto a arranjar-se ou a conversar com as colegas). É paga como um homem, tem os mesmos direitos e é tão independente como ele; mas sabe que tem de **produzir** como um homem.

Em casa foi criada como os irmãos, sem beijos nem sopapos, dentro dos modernos conceitos de pedagogia, e com muitas vitaminas, muita ginástica e liberdade moral, todas as coisas em resumo que são boas para a saúde do corpo e do espírito. Na escola recebeu instrução profissional e estudou obrigatoriamente duas línguas: inglês e alemão, às quais acrescentou o francês, o que acon-

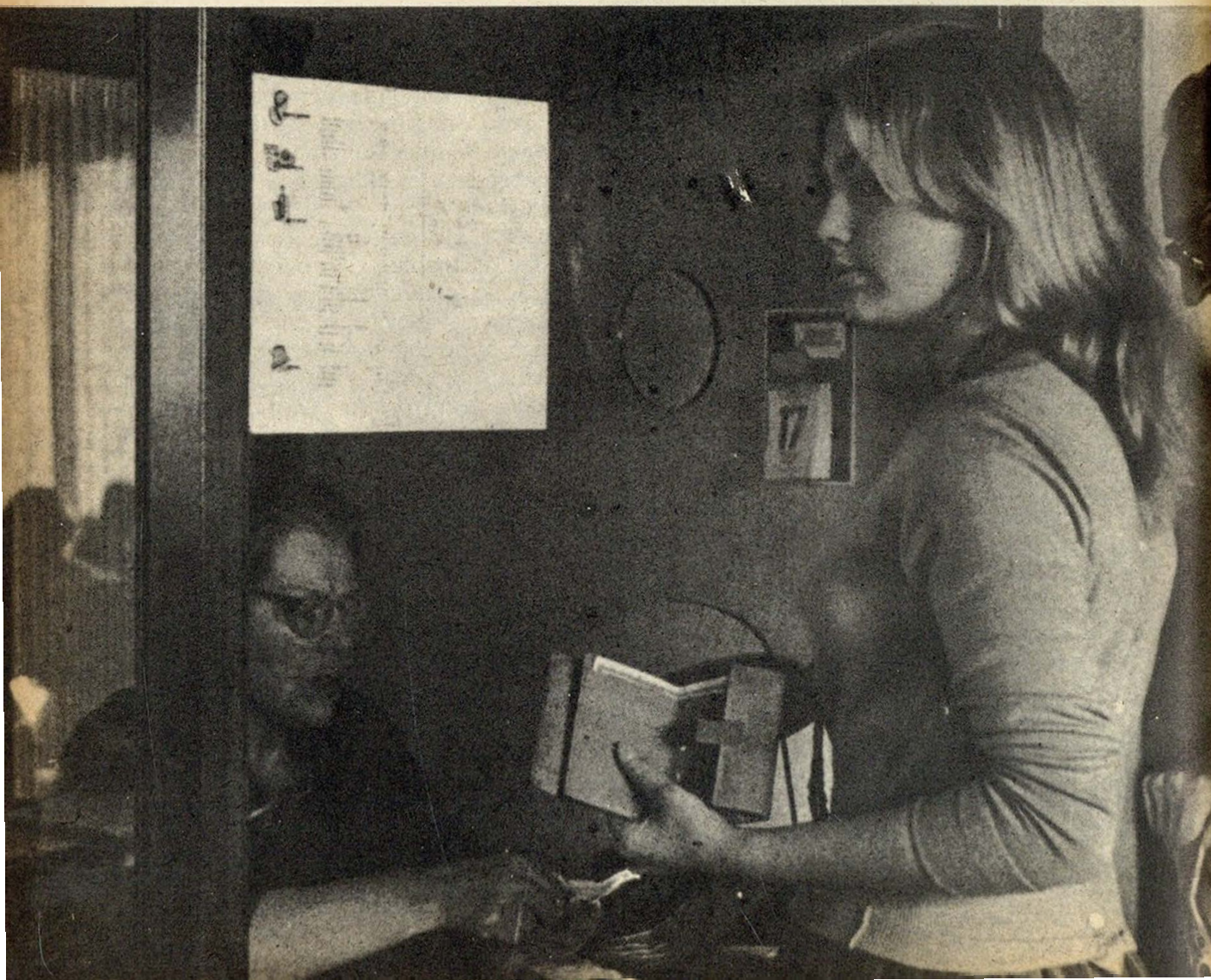
tece às raparigas estudiosas ou às de vida mais desafogada. Karim estudou na Franska-Scolen, a escola **chic** de Estocolmo, aonde vão os filhos da nobreza e do corpo diplomático.

Com o conhecimento de três línguas estrangeiras foi-lhe fácil arranjar um bom emprego e ir viver sòzinha aos dezanove anos incompletos num pequeno rés-do-chão na parte oriental da cidade a dois quarteirões da casa de seus pais.

Assim faz de resto a maioria das raparigas assim que ganham o suficiente para se sustentarem — os pais nunca põem objecções. A liberdade da rapariga é completa — mesmo quando ainda se encontram na casa dos pais.

Karim ganha 1.100 coroas suecas por mês e é paga todos os quinze dias. No ordenado é-lhe descontado o preço do almoço, que todos os dias, entre as onze e a uma, toma no refeitório da firma (há vários turnos para o almoço e o trabalho nunca se interrompe).

O almoço é constituído por flocos de aveia, **vinebröken** — uma espécie de brioques — e leite frio que as raparigas suecas bebem em grande quantidade atribuindo-lhe o mérito da maravilhosa compleição que têm e, dizem também, do seu feitio doce. Às cinco e meia Karim deixa o emprego mas nem sempre vai logo para casa. Muitas vezes vai às compras aos grandes armazéns — que fecham às seis horas — o Rub ou o Nordiska Companie; outras vezes tem encontros marcados com os amigos em qualquer restaurante de **self service**, onde pode escolher a sua refeição entre uma dúzia de pratos da mesa **smörgasbord**, mesa em que apenas há **hors d'oeuvre** (bacon, truta fria, **cocktail** de lagosta, carne de rena). Mesmo quando acompanhada por um rapaz paga a sua parte no cinema, no restaurante ou numa **boîte**. Quando sai à noite para dançar, de resto, vai mais frequentemente com amigas que com amigos, não gosta de ter sempre o mesmo par e é frequente ver-se nos



dancings de Estocolmo duas ou três raparigas sòzinhas a uma mesa.

As amigas de Karim estão empregadas como ela: Annika trabalha no centro de estatística; Inge na Criminal Polis, e veste-se com a farda azul-cinzenta da polícia de trânsito soviética a quem chamam **lapp-lisa**, isto é, «a rapariga das multas». Annika, que é de origem lapónica, tem olhos alegres e rasgados e cabelo mais escuro, que faz realçar o ouro-palha do cabelo das outras. As três são lindas mas ninguém parece dar por elas. E quando lhes perguntei se ninguém as seguia, responderam-me, surpreendidas e ligeiramente indignadas: «Nunca!».

O sueco não conhece aquilo o que chamamos **piropo** e nunca se mete com uma mulher na rua. O sueco, para dizer a verdade, nada conhece que possa chamar a atenção de uma mulher. É educado e discreto. Tem o horror das palavras que todas as mulheres desejam ouvir, incluindo a mulher sueca. A sua linguagem amorosa é muito simples; quando diz a uma rapariga que ela é **sung**, isto é elegante, quer dizer ao mesmo tempo que é bonita e desejável. É tudo. E as manobras que são o á-bê-cê da estratégia amorosa do francês do italiano, do português? Nem falam delas. Além disso o sueco vive atormentado por um temperamento excessivamente seco de que se liberta apenas bebendo — mas quando bebe não fica atencioso mas antes malcriado e rude. «O amor aqui», diz Karim, «é uma coisa mais ou menos rápida e nenhuma mulher meridional ficaria satisfeita com ele». «Mas talvez», acrescenta Annika, «seja também um pouco a nossa culpa. Há trinta anos que fazemos todos os esforços para não parecermos fracas e vulneráveis, recusando orgulhosamente toda a protecção dos homens. Podemos escolher qualquer profissão, somos ministros e motoristas, dirigimos hospitais e pertencemos à cavalaria do exército, queremos ser tratadas como os homens em todos os campos, e somos também como eles no que diz respeito ao amor».

Porque iriam os homens perder tempo a tecer-nos madrigais? Juntamo-nos e separamo-nos. Tudo é muito simples».

Simple e sem qualquer mistério. Para dissipar o mistério iniciam os rapazes e raparigas de dez anos nos segredos e na anatomia do sexo, com cursos expressamente preparados, panfletos, espectáculos, programas de rádio. Se os rapazes têm algumas dúvidas vão ao

centro de informações sexuais ou ao pastor luterano do seu bairro. E assim não crescem com curiosidades mórbidas nem recalcamientos. No Inverno rapazes e raparigas passam o fim de semana nas montanhas para fazer **ski** e dormem juntos nos abrigos da montanha. No Verão vão juntos para as ilhas verdes que formam o pequeno arquipélago ao largo de Estocolmo e aí tomam sol (de fato de banho) ou tomam banho (sem fato). Annika conta-nos como conheceu o seu «primeiro amor» durante uma dessas excursões. Ela tinha dezasseis anos e ele vinte e quatro. Quando os seus olhos se encontraram ele estava deitado num barco, secando ao sol, vestido apenas com um jornal na mão esquerda e um par de óculos escuros. Namoraram-se ainda algum tempo. Annika visitou a casa onde ele vivia sòzinho, Bertil visitou-a na casa dos pais. Nessas ocasiões os pais dela, discretos, iam deitar-se cedo e a mãe preparava no dia seguinte mais um pequeno almoço.

Este «noivado» durou seis semanas (a palavra noivado tem na Suécia um significado muito lato, como pode ver-se por exemplo nas listas de pretendentes a apartamentos, onde muitas vezes está registado: «noivos com filhos»).

Foi Annika quem deixou Bertil, e o rapaz, ainda que tivesse pena, não tentou vê-la de novo. Depois de Bertil, Annika teve outros noivos; quer casar, mas como considera o matrimónio uma coisa extremamente importante, não quer aceitar levemente o marido. Annika é extremamente séria. Neste ponto podemos perguntar o que se entende na Suécia por uma rapariga séria. Depois de um momento de perplexidade a polícia Inge responde: «Quando é falsa e artificial. Quando bebe e namora de mais. Quando não se porta bem em público. Quando mente ao namorado». Com esta resposta penso que poucas mulheres na Suécia podem ser consideradas não sérias. A mulher sueca é sincera e simples. Não fuma nem bebe muito. Não beija o namorado na rua (quando muito dentro de uma cabina telefónica). E no que diz respeito a mentir, para quê fazê-lo? É dona de si própria; pode deixar o namorado quando já não gosta dele mesmo que esteja grávida, pois daí não lhe vem razão para qualquer vergonha. O Estado protege-a, há casas especiais para a receber, o pai da criança (quer queira quer não) é obrigado a pagar-lhe uma pensão e as pessoas não estabelecem além

disso uma grande diferença entre filhos legítimos e ilegítimos. Por tudo isto a mulher sueca é forte, corajosa e capaz, se necessário for, dos maiores sacrifícios. Vejamos o caso de Inge: há três anos apaixonou-se por Gumar e resolveram casar depois de terem juntado o dinheiro suficiente para montar casa. Mas uma noite, depois de uma festa em que bebera de mais, o noivo teve um acidente no seu Volvo e escapou vivo por milagre. Esteve de cama seis meses e os médicos dizem que terá de andar dez anos de muletas. Entretanto perdeu o emprego e ficou sem um tostão. «Não te preocupes», disse Inge, «eu estou aqui», e para ajudar o namorado, começou

que se apaixonam tantas vezes pelos estrangeiros e particularmente pelos latinos; muitas vezes os latinos comportam-se de maneira que lhes desagrada. «Às vezes», diz Karim, «querem beijar uma rapariga num táxi ou quando o comboio passa por um túnel!», mas com eles o amor passa-se de uma maneira diferente: razão que lhes causa de vez em quando algum sofrimento.

Assim 200.000 suecas descem todos os anos até ao sul da Europa. E, em Estocolmo, os cafés e **dancings** italianos, do Boulevard à Kafeteria, na Kungsgaten, estão sempre cheios de raparigas bonitas e sentimentais «que aprendem o italiano sem mesmo o estu-

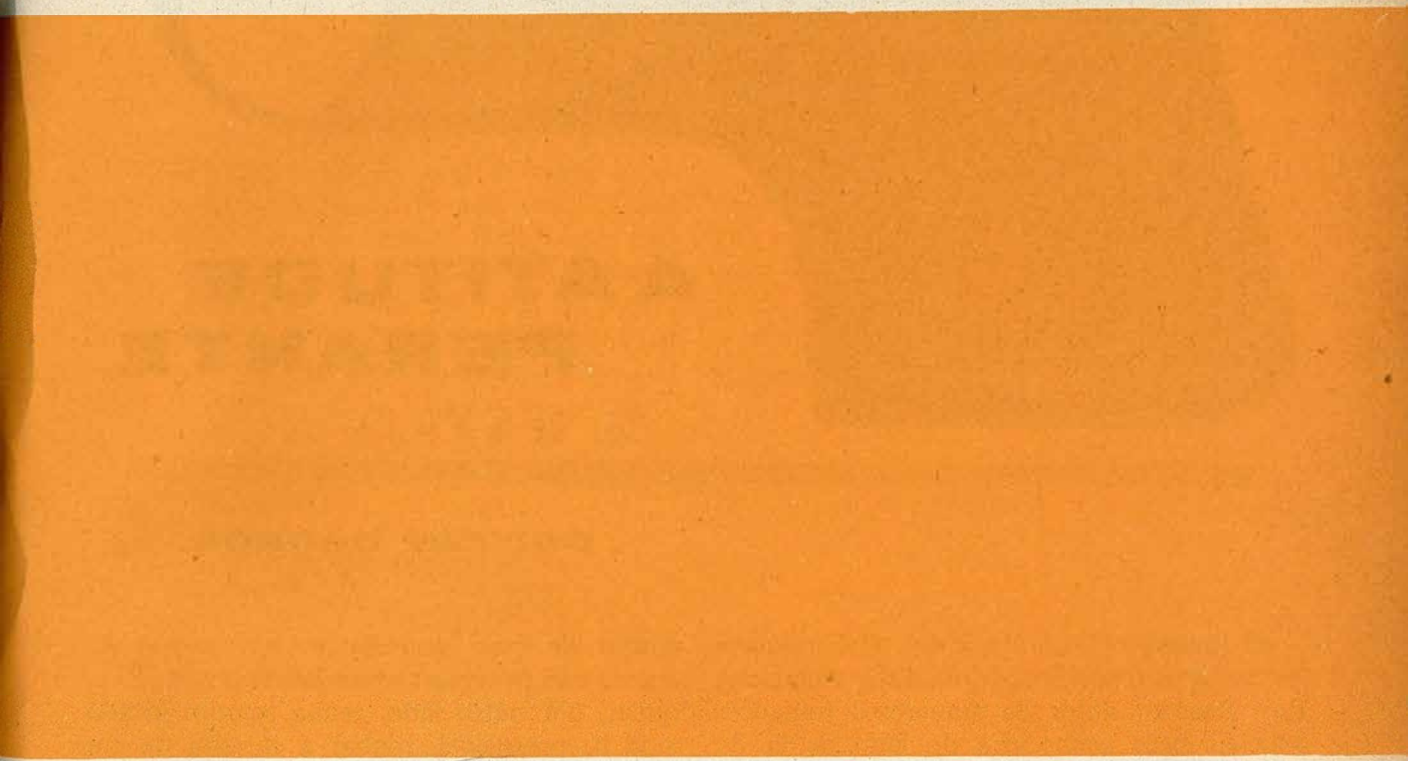


a poupar dinheiro, comendo o mínimo que podia e chegando a andar sem meias. Hoje Gumar coxeia mas recuperou o seu emprego e devem casar no próximo mês.

Deve dizer-se que a sueca, apesar da sua independência, é muito sentimental. Karim escreve um diário e poemas (como muitas raparigas da sua idade). Sonha com um homem «que se interesse muito por ela», «que a faça conhecer o verdadeiro amor, com todas as suas penas e alegrias, pois sem esse amor a vida da mulher não é completa». «Como assim?», exclamei eu. «Vocês, suecas, que têm tudo, não se sentem completas?» Karim responde que é mesmo assim: têm tudo mas falta-lhes qualquer coisa porque não conhecem o sofrimento. Esta é a razão por

darem». (O gerente do Boulevard, antigo músico de orquestra italiana, contou-me como às vezes lhe é difícil reprimir a maneira viva como os seus compatriotas ensinam italiano às suecas).

Karim diz-me que conheceu na montanha, há duas semanas, um jovem que iria provavelmente fazê-la sofrer. O nome dele é Peter, é inglês e a mãe franco-italiana: é uma prometedora mistura de raças. E, de facto, Peter é muito ardente, muito moreno, completamente diferente de qualquer sueco. Há poucos dias, quando deixou a Suécia para regressar a Londres, prometeu escrever-lhe em breve — e agora a bela Karim anseia pela primeira carta que (esperemos) será uma carta de amor.





A ATITUDE PERANTE A VIDA

por roy benson

«O presente conto é um dos mais célebres do malogrado escritor e jornalista americano Roy Benson, autor de numerosos romances policiais bem conhecidos do lado de lá do Atlântico. Nascido em Chicago, em 1911, foi sucessivamente vendedor de laranjas, criado de hotel, gerente de uma loja de discos, repórter mundano, director de uma biblioteca rural e finalmente correspondente de guerra do *Times of Chicago* ao serviço do qual veio a morrer na batalha de Arnheim, em 1945. A medalha do Congresso foi-lhe atribuída a título póstumo. O conto que hoje apresentamos intitula-se no original inglês *Whisky and Soda* e recebeu em 1940 o prémio Eberhard, da Academia de Psicologia Criminal de Chicago».

— As acções têm importância na medida em que o actor as valoriza. Para quem tenha morto seis pessoas matar a sétima não deve provocar grande abalo de consciência. Em

tempo de paz, entenda-se: em tempo de guerra não provoca certamente nenhum. Para quem, por outro lado, tenha sempre levado vida irrepreensível, roubar a carteira de um amigo pode constituir causa de profundo remorso e amargas recriminações. Pois não lhe parece?

O homem alto e forte, de olhos azuis sorridentes, olhava, esperando a resposta, para o seu interlocutor. Este era tão alto como ele, mas magro e moreno e havia em toda a sua figura qualquer coisa de falso e de afectado. Quando cruzava as pernas um dos pés ficava balouçando no ar e não descalçara as luvas cinzentas.

— Isso é ver as coisas exclusivamente pelo prisma do actor. Para ele talvez seja, de facto, assim; agora para os outros não me parece tão claro como isso tudo. Preferiria que me roubassem a carteira a que me assassinassem. E você?

O louro deu uma gargalhada, enterrou-se mais na sua poltrona cor de vinho e respondeu:

— Não, você não pode pôr a questão nesse pé. É um pé absurdo. Compreende, nada há aqui que ver com preferências. Você nada tem que preferir, ninguém lhe disse que escolhesse entre as duas colsas. Tudo na vida acontece sem que o possamos determinar antecipadamente. A mim, na medida em que nada posso prever ou modificar no futuro, creio bem que tanto faria uma coisa ou outra. Você não pode discutir o assunto assim.

— Mas ouça, por exemplo, esta história. Suponha um casal que vive feliz. Suponha que a mulher encontra outro homem. Suponha que só por erotismo, ou exotismo, ou qualquer outro ismo, tem com ele uma aventura, que depois se separam, que ela continua a viver com o marido de quem no fundo sempre gostou, o qual de nada sabe. Que importância tem para este casal o que se passou? Ele não soube. Ela, como não gostou do outro, não valorizou o incidente. Vivem os dois felizes. E, no entanto, objectivamente como você diria, ela deitou-se com outro homem. Mas que importância teve isso

para ela? Só um vago remorso, que passou, porque continuou a viver com o marido e este de nada soube.

«Suponha agora que essa mulher tinha conhecido alguém de quem julgara gostar. Suponha que por escrúpulo, porque vira que se tratava de algo que profundamente a afectara, se recusara a ser amante desse alguém, contara tudo ao marido, viveram todos anos atormentados, à volta afinal de quê, objectivamente de quê, não me dirá? De nada. Ela nunca traiu, efectivamente, o marido. Mas, e aqui está porque eu penso que tenho razão quando afirmo que as acções têm importância na medida em que o actor as valoriza, o drama para eles existiu, total, terrível, e na outra hipótese que lhe pus, apesar de se terem passado incidentes mais graves, não houve drama. Não está de acordo comigo?»

O magro teve um sorriso:

— Você encara a vida por um prisma inteiramente subjectivo. O que para si não digo que não seja cómodo. — Relanceou os olhos e fez um gesto largo do braço direito, abrangendo a confortável e luxuosa casa do amigo. — Agora para mim, bem vê... Eu não possuo, como você sabe, os seus confortos,

3 conjuntos de obras fundamentais nos domínios da ficção policial, aventura e antecipação científica

O Crime Também Diverte
por Craig Rice

Seara Sangrenta
por Dashiell Hammett

colecção

Consórcio-Dinamite
por Horace McCoy

A Caminho de Santa Fé
por William Herman

Voando Para o Perigo
por Arthur Mailey

A Grande Pirâmide
por Hans Dominic

Os livros são indicados em 3 séries de 2 livros cada.

3 = C

nem, como lhe disse já, maneira de os obter nestes tempos mais próximos. Acho uma certa graça ao seu gesto por psicologias — mas, francamente, tenho necessidade de ser o mais objectivo possível.

O louro, a rir, levantou-se.

— Adoro aquilo a que chamo «as minhas pequenas experiências psicológicas». Divertem-me imenso e são uma fonte constante de aprendizagem. Em nós e nos outros. Mais um **whisky**?

O magro que o olhava com um ar estranhamente divertido, fez com a cabeça um sinal afirmativo. Ao passar por ele para ir ao pequeno bar que ocupava o espaço entre as duas janelas, o outro tropeçou no seu pé, que balouçava, e quase caiu sobre ele, tendo de se apoiar atabalhoadamente no seu ombro e nas costas do sofá. Parou imediatamente a perna, contrafeito, e disse alto, enquanto o outro, de costas, preparava a bebida:

— Tiques nervosos.

— Soda?

— Sim, bastante. — O barulho do esguicho do sifão encheu a sala. O magro ergueu-se devagar, tomou de cima da mesa a faca de cortar papel e aproximou-se silenciosamente do amigo. Este, ainda de costas, disse, numa voz que ria:

— Adoro as experiências psicológicas.

Mas antes de poder continuar tinha a faca de cortar papel cravada no coração. Esbugalhou muito os olhos, virou-se ainda, deu um passo trôpego e caiu morto no tapete.

O magro olhou-o durante segundos e suspirou. Pobre diabo, que adorava as experiências psicológicas e tinha sido podre de rico. Foi à gaveta da secretária e encheu os bolsos com os maços de notas de mil dólares que sabia lá estarem. Guardou também as pontas dos cigarros que fumara e foi à casa de banho lavar o seu copo. Quando voltou olhou em redor a ver se alguma coisa faltava, trancou todas as janelas, apagou a luz e saiu para a escuridão fresca e tranquilizadora da noite, fechando devagar nas costas a pesada porta de macacaúba.

À medida que se ia afastando da casa a tensão nervosa ia diminuindo, e depois de andar durante cinco minutos sentia-se quase calmo e capaz de pensar.

Pobre idiota. Fora a sua casa apenas para lhe pedir um pequeno empréstimo. Ele recusara, amável mas cruelmente, talvez até, pensava agora, por experiência psicológica.

Depois a conversa derivara. E agora lá estava, subjectiva e objectivamente morto, com os olhos azuis muito esbugalhados.

Estremeceu ao lembrar-se dos olhos do amigo. No fundo lamentava-o. Mas, por outro lado, reconhecia a existência em tudo de uma certa justiça. Ele, que era um homem de inteligência e de acção, já várias vezes tivera a vida encravada por lhe faltarem uns míseros milhares de dólares. O outro, um diletante, um **propre-à-rien** no fundo, contara sempre com um cómodo património. Agora ao menos havia-se reparado essa discrepância do destino. Sim, porque tinha a certeza de não vir a ser descoberto. Não deixara vestígios seus. Tinham-se conhecido em África, ninguém sabia das suas relações, não tinham amigos comuns. O morto deveria partir no dia seguinte para o estrangeiro com demora de seis meses e despedira na véspera os criados. O corpo só seria provavelmente descoberto passados alguns dias. Estava-se a uma terça; lá para sábado, quando viessem limpar a casa. Enfim, não havia motivo para sobressaltos.

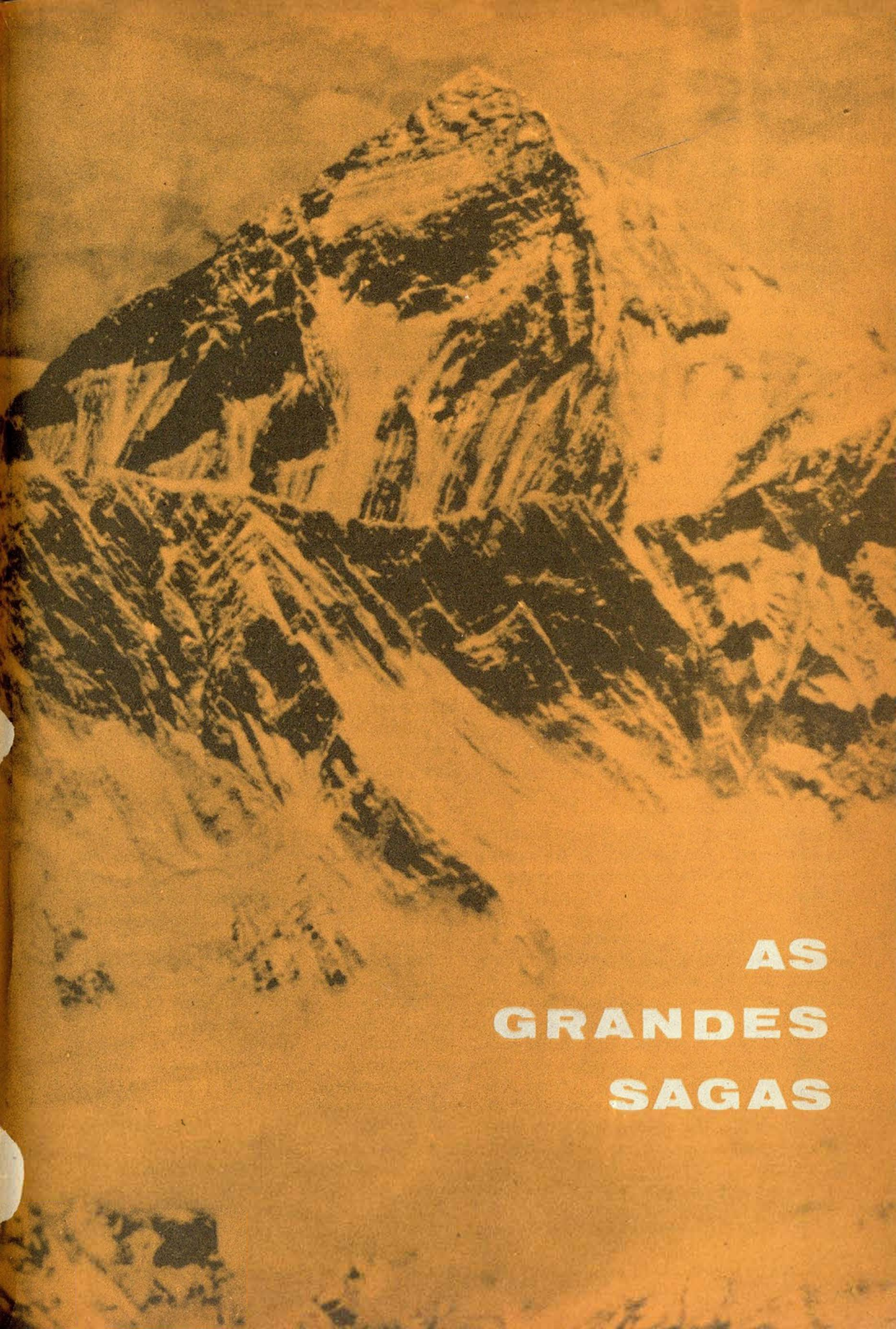
Caminhava já há cerca de um quarto de hora. Sentia-se extraordinariamente cansado e tinha-se afastado de casa do amigo o bastante para poder tomar um táxi. Entrou no primeiro que viu, deu a morada ao **chauffeur**, recostou-se no banco de trás, fechou os olhos e sorriu.

«Pobre pateta», pensou. «O ponto a que uma existência afastada dos problemas vitais pode levar o cérebro de um homem inteligente. Porque o amigo fora incontestavelmente inteligente. E chegara, sinceramente, por artificios de que nem se apercebia, a considerar tão importante a morte de um homem como o roubo de uma carteira». Suspirou. «Se pudesse talvez agora concordasse em que havia uma certa diferença».

Pobre pateta das pequenas experiências psicológicas e da noção subjectiva da existência. Admitindo que o pudesse fazer, talvez agora reconhecesse a inutilidade de semelhantes especulações.

O táxi parara à sua porta. Maquinalmente levou a mão ao bolso do interior do casaco para pagar. Uma sensação de frio invadiu-o todo, o coração começou a bater-lhe violentamente e sentiu-se perdido.

O amigo, na sua paixão pelas pequenas experiências psicológicas, ao apoiar-se nele, quando tropeçara para preparar outro **whisky**, tinha-lhe roubado a carteira.



**AS
GRANDES
SAGAS**

a conquista do everest

Chegou um dia aos ouvidos do jesuíta António de Andrade a notícia de que para além dos montes Himalaias havia uma terra habitada, tão alta que muitos eram aqueles que lhe chamavam «O Tecto do Mundo».

Era uma terra muito rica de pedras preciosas, uma terra em que os templos estavam cobertos de ouro. Pelas descrições ouvidas convenceu-se o bom do padre de que seria cristã a gente que havia por lá: os sacerdotes não viviam com mulheres e sujeitavam-se a um bispo que era santo (o dalai-lama) e que a António de Andrade parecia ser uma réplica oriental do Papa. Por outro lado, os templos tinham altares e imagens — coisas estas em tudo semelhantes ao que podia ver-se nas cristianíssimas terras de Dom Filipe, que era então, para mal dos nossos pecados, rei e senhor de Portugal. Não seriam os tibetanos perfeitos exemplos da mais fiel ortodoxia romana no Tecto do Mundo, tão longínquo das baixas terras da distante Europa; a doutrina puríssima sofrera certamente desvios — em tudo isto convinha o P.^o Andrade. E se assim era qual o dever do cristão ardente? O P.^o Andrade não hesitou dois tempos: chama o irmão leigo Manuel Marques e propõe-lhe a ida de ambos ao Tibete.

O COMEÇO DA VIAGEM

Os dois, com alguns criados, puseram os pés ao caminho. Era preciso ir salvar aquelas ovelhas tresmalhadas e trazê-las de novo para a ortodoxia.

Partia então de Deli uma peregrinação ao santuário de Badrinате, que ficava numa das nascentes do Ganges. E os portugueses juntaram-se àqueles romeiros porque era esse um modo fácil de se aproximarem da terra prometida.

Ao longo do Alacuando (afluente do Ganges) lá seguiram eles em demanda dos tibetanos. Viagem fácil a de todos aqueles peregrinos — velhos e novos? De modo nenhum. O P.^o Andrade não podia deixar de admirar-se da coragem e do espírito de sacrifício dos romeiros.

Durante cerca de dois meses foram todos caminhando no meio das maiores dificuldades. Estreitas passagens sobre abismos medonhos, um frio terrível, sanguessugas que aos milheiros os atacavam e os obrigavam a

mudar de pouso, mosquitos que não os deixavam dormir — eis algumas das pragas que os atacavam! Entoando cânticos, unidos entre si por uma fé imensa na purificação que os esperava nas águas de Badrinате, os romeiros não tinham um único desfalecimento. «Que magnífico material humano para crer em Cristo», pensava o jesuíta. E naquela babel de múltiplas línguas erguia também os seus cânticos ao Senhor. Podiam lá aqueles homens saber que não era o Nirvana que ele procurava!

SRINAGAR E BADRINATE

Em Srinagar tiveram de se sujeitar a uma inspecção policial. Que homens eram? Onde vinham? Escondida sob as vestes semelhantes às dos romeiros, descobriram os funcionários de Srinagar a sotaina preta, bem estranha naquelas paragens. Presos, valeu-lhes o espírito finório do P.^o Andrade. «Traziam aqueles fatos negros», disse ele, «porque iam visitar um parente moribundo. Aquelas vestes eram o luto que já levavam para o caso de o encontrarem morto.»

Vencida a dificuldade, de novo reunidos ao rebanho cujo rumo era Badrinате, lá foram eles jornadeando por montes e vales. Os rios estavam gelados e havia sempre o perigo de se lhes abrir na frente um abismo mais fundo do que a caldeira de Pêro Botelho, um abismo que definitivamente os levasse para as profundezas do Inferno. Encomendavam a alma ao Criador e lá seguiam com os olhos congestionados pela brancura infundável da neve que os cercava.

Badrinате era uma autêntica babilónia, encruzilhada religiosa de todos os caminhos que ao Nirvana se dirigiam. Pagodes monumentais que maravilhavam os portugueses, baracas onde nada faltava, domadores de serpentes, homens que se mantinham horas e horas de cabeça para baixo, cânticos — tal era o panorama que se oferecia aos olhos e aos ouvidos. Badrinате era centro religioso, era feira, era romaria. «A água de Badrinате», disseram-lhe, «havia tido em tempos que já lá iam a virtude de transformar em ouro qualquer objecto que nela se mergulhasse. Mas veio a cobiça humana que tudo deitou a perder. Veio um homem com um grande carregamento de ferro para o conver-

ter no ouro desejado. E nunca mais, a partir de então, o milagre se realizou».

O TIBETE

Não era ainda chegada a época em que as gargantas que durante dez longos meses fechavam as portas para o Tecto do Mundo se abrissem de par em par. «A neve impedia ainda a passagem», diziam os guias, «e era preciso esperar». O ânimo do nosso P.^o Andrade é que não sofria aquela longa demora.

De nada mais quis saber, reuniu-se aos seus amigos e — pernas e mãos para que vos quero! — lá foram trepando pela montanha!

Vieram as autoridades para os dissuadir de tal viagem, mas o P.^o Andrade a nada se moveu. Com dois moços e sem guia continuou para a frente. Caminhavam enterrados na neve até aos joelhos, até ao pescoço quantas vezes! Gelados, mal podiam dormir. Não sentiam os pés nem as mãos. Quase sem que o padre desse por isso, caiu-lhe um dos dedos da mão! Por aquelas paragens, muitos séculos depois, viria a suceder o mesmo a Herzog e a Lachenal, mas com uma diferença: a gangrena esteve para matar os homens do século XX, que só a muito custo e com muita medicina se puderam salvar. António de Andrade não ligou importância ao facto... Mas os dois moços que com ele seguiam quase chegaram com a brancura sem fim. E o padre, perdido naquele imenso lençol de neve, tinha de os amparar, de os guiar como um cão de cego. E, como eles desesperassem não teve remédio senão voltar para trás e levá-los a bom recato, a menos que os deixasse morrer.

Uma semana depois chegavam à aldeia de onde haviam partido.

Descansados, bem comidos, bem dormidos, partiram ao fim de um mês para a jornada final. Os Himalaias abriam agora os seus portões de neve e já não era difícil trepar até ao Tecto do Mundo.

De princípio desiludiram os tibetanos. «Que pretendiam aqueles pobres homens que nenhum comércio traziam nos alforjes?», foi a pergunta do governador da região.

Quando o bom do padre lhe explicou ao que ia, ele sorriu com tolerância. Com tanta tolerância, que o português teve autorização para erguer uma igreja consagrada à Senhora da Esperança. Porque, afinal, os tibetanos não eram cristãos...

Mais tarde regressou o P.^o Andrade a Goa, onde chegou a ser provincial da Companhia

de Jesus. Ironia da sorte! Este homem, que conseguira vencer tantas dificuldades, acabou por morrer envenenado quando se preparava para ir pregar num auto de fé.

DOIS SÉCULOS DEPOIS

Passaram-se cerca de dois séculos sobre esta audaciosa viagem do jesuíta português, feita sem intuítos de publicidade ou de comércio, e que provocou o encontro de duas das mais perfeitas e evoluídas religiões do mundo.

Dois séculos em que o progresso humano e a expansão europeia tiveram interpretação diferente na Europa e na Ásia: na Europa o enriquecimento provocado pelas conquistas ultramarinas e o avanço das ciências elevou o nível de vida e as estruturas sociais a pontos nunca antes atingidos. A Ásia, pelo contrário, foi vítima desse progresso e dessa expansão. Como consequência, as relações nem sempre foram cordiais e o governo do Tibete expulsou, em meados do século XVIII, os últimos jesuítas, e fechou as suas portas ao Ocidente.

Na Índia, os ingleses foram dominando e a sua acção teve aspectos civilizadores inegáveis, entre eles o levantamento topográfico da península indostânica. Sob o comando do coronel Georges (mais tarde Sir Georges) Everest, em 1841, foi medido o monte mais alto do mundo (8.848 m).

Só sessenta anos mais tarde, em 1921, as relações entre o Tibete e a Inglaterra permitiram que uma missão científica se deslocasse a estudar as possibilidades de acesso ao Everest.

Antes disso tinha havido outras incursões, mas de carácter militar. O Tibete é um estado feudal onde o tempo parou e é curioso o que dele disse, em 1904, um jornalista do **Daily Mail**, durante a campanha do general Younghusband — campanha que levou o dala-lama a refugiar-se em Pequim.

«...Matámos alguns milhares desses homens corajosos e mal armados, e, como a história da batalha nem sempre é agradável de ler, parece-me justo, antes de descrever o lado punitivo da expedição, deixar bem claro que as operações militares eram inevitáveis — que fomos lançados para o vórtice da guerra, contra a nossa vontade, pela loucura e obstinação dos tibetanos...»

E mais adiante, depois de declarar que os lamas empregaram métodos de terrorismo es-

piritual para manter o seu sistema de governo, diz que o justificavam pelo seu próprio medo de uma «época de materialismo e razão em que, pouco a pouco, os seus ignorantes servos venham a estar em contacto com os factos da vida e comecem a inquirir acerca da justiça das relações que têm existido durante séculos entre eles e os seus governantes. Mas, no presente momento, o povo é medieval não apenas no sistema de governo e na religião, na inquisição, na feitiçaria, nos sacrifícios com fogo e azeite a ferver, mas em todos os aspectos da sua vida quotidiana».

Essa primeira expedição científica de reconhecimento, comandada por Howard Beny, fez a primeira vítima europeia da Deusa Mãe dos Ventos — o major Kellas, morto com um ataque de coração, e nela seguiu também aquele que antes de Hillary e Tensing, foi o mais célebre explorador do Everest — o inglês Mallory, professor primário de vinte e poucos anos que a curiosidade e o gosto pela aventura levaram até ao Tecto do Mundo.

A missão explorou a vertente norte, especialmente o glaciário de Rong-buck. Fizeram interessante trabalho científico mas o mau tempo impediu-os de atingir grandes altitu-

des. Mesmo assim Mallory, Bullork e Wheller conseguiram subir à crista norte a 24 de Setembro.

A MORTE DE MALLORY

Em 1922, uma outra expedição, a primeira que utilizou *sherpas* como carregadores, comandada pelo coronel Bruce, tentou alcançar o Everest antes da monção de Junho. Colocaram um posto de reabastecimento a 4.950 metros. A 21 de Maio Mallory, Norton e Somewell chegaram, perto da crista da vertente norte, à altitude de 8.100 metros. A 25 Finch e J. Bruce partiam da base 3.^a, estabeleceram mais acima uma outra e, usando pela primeira vez máscaras de oxigénio, atingiram 8.190 metros.

Uma terceira tentativa redundou em desastre.

A 7 de Junho, Mallory, Crawford e Somewell com catorze *sherpas* seguiam pela garganta norte quando uma avalanche apanhou a caravana e a arrastou durante 50 metros.

Os europeus ficaram ilesos mas sete *sherpas* perderam a vida e a expedição regressou.

Mas o Everest obcecava aqueles que ven-



Dois anos depois uma nova expedição de que faziam parte muitos dos componentes da anterior dispôs-se a tentar de novo a grande aventura.

Os ventos fortíssimos começaram por atormentar a expedição e um **sherpa** e um **ghunka** perderam a vida. Penosamente conseguiram estabelecer a sua quarta base por uma rota diferente das anteriores. Bruce, gravemente enfermo, viu-se obrigado a retirar e Norton tomou o comando.

Dramaticamente quatro carregadores **sherpas** foram salvos numa falha de gelo pela abnegação de Mallory, Norton e Somewell. A marcha era penosa e dura, entrecortada de acidentes que preludiavam ainda mais tragédia.

Os **sherpas**, exaustos, marcham com dificuldade e é o espírito desportivo dos ingleses que mantém a caravana. A 4 de Junho, Norton e Somewell atingem 8.040 metros, a 5 8.400 e a 6 Norton chega ao ponto que até 1953 ficou o mais alto pisado por pés humanos: 8.430 metros.

E no mesmo dia 6 começou a tentativa de Mallory e Irvine que, usando as ainda deficientes máscaras de oxigénio, iniciaram a escalada final e entraram trôpegamente, sobre a neve, na História e na legenda.

A 8 estabelecem num ponto mais elevado uma pequena base onde resolvem passar a noite. Dos 7.711 metros Odell podia vê-los. O tempo estava óptimo e o vento fraco. E é da narrativa de Odell que nos chegou o que sabemos sobre a última viagem de Mallory e Irvine. De manhã o tempo piorara e um nevoeiro denso descera sobre os picos.

Odell pôde seguir com a vista os seus dois companheiros e reparou que iam com notável atraso em relação ao horário previsto. Às 12 horas e 50 viu-os pela última vez — ou julgou vê-los — dois pequenos pontos negros subindo lentamente a encosta abrupta e branca.

Depois das 2 horas da tarde a neve recomeçou a cair. Odell subiu penosamente até à base estabelecida pelos companheiros. Ao cair da noite foi forçado a retroceder depois de ter gritado e assobiado em vão. A tenda da base dava apenas para dois — e se Irvine e Mallory regressassem durante a noite precisariam dela. O luar não deu também qualquer indício. A 10 Odell tornou a subir à base, já quase desfeita pelo vento, e colocou em T os sacos de dormir dos companheiros,

signal que 1.200 metros abaixo o resto da expedição recebeu.

Odell convenceu-se de que Mallory e Irvine poderiam ter atingido o cume. Quando os viu pela última vez, às 12 e 50, estariam apenas a 250 metros de lá e às 16 horas era o limite de tempo para poderem atingi-lo com suficiente margem para o regresso.

Mas hoje pensamos improvável que assim tenha acontecido. As extremas dificuldades da subida e a deficiência dos aparelhos de oxigénio não devem ter permitido a Mallory e a Irvine pisar o Tecto do Mundo.

Em 1933 a expedição comandada por Rutledge, descobriu, 20 metros abaixo da costa norte, o machado de Mallory. Foi este o único vestígio até hoje encontrado dos dois malogrados exploradores.

O LOUCO DO EVEREST

A morte de Mallory e Irvine abre um capítulo novo na história do Everest. Decerto já anteriormente numerosos **sherpas** lhe tinham sacrificado a vida, mas para o mundo civilizado os **sherpas** eram todos iguais, não tinham nome. Mallory e Irvine, um professor primário e estudante de Oxford, da Inglaterra individualista e diferenciada, sensibilizaram a imaginação europeia. E começou para o Everest a idade da lenda.

Em 1933 Honston, aproveitando o Verão, sobrevoa o Everest e em 1934 um inglês destemido, Maurice Wilson (que na guerra de 1914-18, desarmado, tomara um carro de assalto alemão desembaraçando-se a murro dos ocupantes e trazendo-o até às linhas inglesas) resolve voar num pequeno avião de turismo até às encostas mais elevadas e aí pousá-lo o mais suavemente possível e andar o resto a pé. O governo indiano não o autorizou a levantar voo. Partiu sozinho para o Tibete, onde discutiu religião com os lamas.

Daí, sempre sozinho, com um mínimo de mantimentos, Wilson partiu para o Everest.

Em 1935 a expedição de Shipton, a 6.400 metros de altitude, no glaciário de Rongbuk, descobriu o cadáver daquele a quem chamaram o «Louco do Everest».

NOVAS TENTATIVAS

Em 1936 e 1938 há mais duas tentativas falhadas dirigidas respectivamente por Rutledge e Tiburan. E veio a guerra. O alpinismo passou a segundo plano e os homens dedicaram-se então a ocupações menos desportivas. A guerra acabou — e com ela surgiu a

impossibilidade para os ocidentais de atacar o Everest por onde sempre o tinham feito: a vertente norte.

Os russos fizeram uma tentativa infeliz em 1952 — seis mortos. A montanha continuava a vingar-se da impertinência dos homens.

Em 1951, entretanto, o governo nepalês autoriza a passagem pelo seu território e a vertente sul do Everest começa a ser explorada. As expedições sucedem-se. Em 1951 mesmo uma expedição comandada por Shipton e levando já consigo Hillary — que conhecia as duas montanhas da Nova Zelândia — faz o reconhecimento completo da vertente sul e escala o glaciér que Mallory já avistara do oeste. O mau tempo obriga-os a regressar mas os dados conseguidos foram de uma utilidade extrema para os empreendimentos futuros.

Na Primavera de 1952 uma expedição suíça comandada por Wiss Dumant realizou extraordinárias façanhas de alpinismo — tão extraordinárias que um dos glaciares da região se chama hoje «Glaciér des Genevoix». Lambert, acompanhado pelo *sherpa* Tensing, que viria a ser o companheiro de Hillary, atinge 8.400 metros a 27 de Maio usando máscaras de oxigénio.

Mas o mau tempo precipita derrocadas de gelo e obriga-os a regressar.

A expedição do Outono de 1952, dirigida pelo suíço Chevolly, não tem melhor sorte.

De novo o mau tempo a fustiga e a 20 de Novembro desistem definitivamente da tentativa. E chegamos a 1953. A Deusa Mãe dos Ventos está cansada. Os homens assediam-na cada vez mais de perto. A cooperação é mais perfeita entre as equipas e há um maior conhecimento geográfico da região. As expedições suíças e francesas ao Himalaia acrescentaram um ponto fundamental: os *sherpas* são homens como os outros, e tratados e equipados como os outros o seu rendimento duplica. Para além de todos estes factores a ciência e a técnica progrediram também. Os fatos e os aparelhos de neve são mais leves e mais eficazes e — ponto capital — os aparelhos de oxigénio aperfeiçoados permitem lutar melhor contra a atmosfera rarefeita que aumenta o número de glóbulos vermelhos do sangue densificando-o, obriga a um maior número de inspirações por minuto e leva portanto cada gesto a um muito maior dispêndio de energias. Isto, somado ao frio e ao perigo do próprio terreno, coberto de neve, movediço, íngreme

e cheio de falhas, dá uma pálida ideia das dificuldades da empresa.

A VITÓRIA

A expedição do coronel John Hunt levava a sua rota minuciosamente estudada. As bases foram colocadas nos pontos devidos e o assalto final foi feito por duas equipas. Bowdillon e Evans tentaram seguir pela garganta sul usando máscaras de oxigénio em circuito fechado.

De uma base mais elevada com máscaras de circuito aberto, permitindo uma participação do ar exterior, subiram Hillary e Tensing. A 7.200 metros estabeleceram nova base e prepararam-se para o ataque final. A 26 de Maio Evans e Bowdillon subiram o pico sul (8.610), mas começara a escurecer e tiveram de regressar. A 28 Lowe Gregory e o *sherpa* Ang Nyima estabeleceram uma pequena base a 8.370 metros. Aí Hillary e Tensing passaram a noite. Às 9 horas do dia seguinte chegaram ao pico sul e às 11 e 30 pisaram pela primeira vez o cume imaculado do Everest.

★

A lenda do Everest acabou a essas 11 e 30 de 29 de Maio de 1953. Mas a sua história continuou.

A expedição Hunt não sucedera por acaso. Sucdera porque um número grande de condições técnicas e humanas fora preenchido e porque as conquistas da ciência tinham permitido saciar essa curiosidade nobre e desinteressada que desde os obscuros e desconhecidos habitantes indígenas até Hillary e Tensing, passando pelo P.^o Andrade, por Mallory e Irvine, por Wilson, e por outros mais consumira a imaginação de tantos homens.

Em 23 de Maio de 1956 os suíços Ernest Schmidt e Jurg Mannet e a 24 os seus compatriotas Adolf Reist e Hans Rudolf von Gunten chegaram também ao cume do Everest e é provável que outros venham a consegui-lo — ainda que as expedições não tenham já o incentivo da «primeira vez».

Nenhum retrato há de Hillary no ponto mais alto do mundo. A fotografia divulgada e conhecida é a de Tensing segurando um mastro com as bandeiras da Índia, do Nepal e da Inglaterra e, ao alto de todas, das Nações Unidas.

«Tensing», explicou Hillary mais tarde, «não era fotógrafo e o Everest não era propriamente o sítio ideal para o ensinar».

Rank Organisation presents

LIETTE O. W.
GRECO FISCHER

A LENDA DO RENO

MURIEL PAVLOV · WILLIAM SYLVESTER · MARIUS GORIN
STORY BY LAWRENCE F. BACHIN · PRODUCED BY GEORGE FITCHER · DIRECTED BY LEWIS ALLEN

UM FILME POR MÊS

Estreia-se este mês no São Jorge o notável fonofilme inglês **A LENDA DO RENO (Whirlpool)**, uma produção J. Arthur Rank, distribuído pela Jaro-Filme e contracenando Juliette Greco, O. W. Fischer, Muriel Pavlov e William Sylvester.

Herman (William Sylvester), indivíduo de baixo estofo e burlão inveterado, ao descobrir-se que o dinheiro com que paga é falso, anavalha um homem numa cervejaria. Lora (Juliette Greco), sua cúmplice e criada da cervejaria, consegue apagar as luzes, e no meio da confusão que se estabelece fogem ambos.



Lora e Herman separam-se. Lora tenta obter uma boleia a bordo de uma das barcas que descem o Reno para Estrasburgo.

Encontra Derek (Richard Palmer) no cais e este apresenta-a ao capitão da barcaça onde trabalha. Nesse dia estão precisamente a celebrar o aniversário do casamento de dois outros membros da tripulação, Georg (Marius Goring), que vem apertar a mão de Lora, e Dina (Muriel Pavlov). Ralph (O. W. Fischer), o capitão, observa.



Lora desorganiza um pouco a vida de bordo. Dina tem ciúmes do seu patente poder de atracção e aproveita todas as ocasiões para a rebaixar. Aqui a vemos repreendendo Derek por perder tempo conversando com Lora em vez de trabalhar.





Ralph mostra o seu interesse por Lora, apesar de ela ser procurada pela polícia, comprando-lhe um par de socos com que ela se maravilha.



Em pouco tempo a polícia localiza a barcaça. Com Lora escondida no porão, os inspectores contam a Ralph que conhecem a presença de Lora a bordo, mas que a querem usar como isco para apanhar Herman, que, estão seguros, a procurará. Ralph encontra-se de novo com os polícias, Braun (Peter Illing) e Wendell (Geoffrey Bayldor), numa pequena cidade da margem do Reno a que a barcaça acosta. Braun mostra-lhe a folha de cadastro de Herman. Ralph promete ajudá-los.



Ralph apaixonou-se por Lora e durante um piquenique confessa-lhe o seu amor e afirma estar disposto a ajudá-la.

Herman aborda, eventualmente, a barça e surpreende Lora na sua cabina.

Esta não diz a Ralph que Herman pretende uma boleia. Não sabe tão-pouco que a polícia vigia a barça.



Ralph e Lora travam a amarga batalha do amor e todas as complicações que dela advêm. Ela primeiro resiste-lhe mas, inevitavelmente, acabam por beijar-se.



Herman e Ralph lutam a bordo da barça quando esta sulca os traçoeiros rápidos de Lorelei. No meio da luta Herman cai para fora da borda e é apanhado pelo hélice de um vapor, que o mata.





A polícia espera para levar Lora. Ralph pede-lhe para voltar logo que a sua pena seja cumprida. Ela acede.

fim



CASANOVA

O nome de Casanova tornou-se tão lendário que hoje, na linguagem comum, é sinónimo de D. Juan, o perfeito conquistador. Na verdade, ao escrever, septuagenário, os seus extensos doze volumes de **Memórias**, o pseudo-cavaleiro de Seingalt, contribuía conscientemente para a aura de mistério que envolve o mito do **Burlador de Sevilla** ou do amante irresistível. A narrativa, minuciosa e repleta de lances do melhor romanesco, flui saborosa, excitante, no estilo directo do autor, transportando os leitores para os últimos anos despreocupados do **ancien régime**.

Naturalmente, as **Memórias** de Giacomo Casanova, essa figura de «libertino» tão característica da época, não deixaram de ser alimentadas pela imaginação. O autor «colabora», sem dúvida, com a própria biografia, limando algumas arestas, compondo a sua figura, corrigindo detalhes que não lhe agradavam. Isso não diminui, porém, o imenso interesse histórico, sociológico e humano da obra. Resumo de uma vida dissipada, mas de inegável brilho e inteligência. Sem dúvi-

de terceiros, bom princípio para uma educação desregrada.

Aos nove anos é mandado para a vizinha cidade de Pádua, que, cultivando a memória de Tito Lívio, ali nascido, mantinha com a sua multissecular Universidade a tradição escolástica. Pensava Zanetta fazer o filho padre, e realmente, ao completar dezasseis anos, recebia o jovem veneziano as quatro ordens menores. Assim que chegara à cidade de Santo António, hospedado em casa de um preceptor, enamorara-se de Bettina, irmã daquele, inaugurando precocemente a interminável série de aventuras e escândalos que foi a sua própria vida. Mas este primeiro amor (Bettina era três anos mais velha do que ele) não o desarmou para a carreira eclesiástica, e na Igreja de San Samuelle, no Canal Grande de Veneza, ensaia as primeiras prédicas, parece que sem grande sucesso; maior sucesso tinha o jovem padre com as raparigas que encontrava e que, ao primeiro olhar, o deixavam perdido de amor. Lúcia, filha do intendente de Pasean, Ângela e as duas irmãs

um certo giacomo casanova

da, Giacomo Casanova jogou «intensamente» o seu destino de sedutor, vivendo até às últimas consequências de um modo que não pode deixar de interessar os existencialistas contemporâneos, a sede de existir que o levou de seminarista a industrial e de Veneza a Paris, através de um labirinto de experiências diversas e contraditórias transpostas nos tomos das **Memórias**.

ANOS DE APRENDIZAGEM

Na Sereníssima República de Veneza, no ano da graça de 1725, nascia, filho dos actores cómicos Zanetta e Gaetano Casanova, um menino de sexo masculino que as más-línguas da Vermelha Rainha do Adriático diziam provir realmente dos amores da actriz com um nobre, Michele Grimani.

O actor Gaetano morreria pouco tempo depois, e Zanetta, requestada pelo palco e pelos admiradores, entregou a criança aos cuidados

Nanetta e Marta, sempre carinhosas com ele, foram as paixões da sua ardente adolescência.

Embora soubesse de cor a obra de Horácio e boa parte do **Orlando Furioso**, não deixou de sofrer as sanções das autoridades religiosas, que o confinaram, primeiro, no seminário de Murano e, depois, como castigo, no Forte de Santo André, um dos muitos cárceres que haviam de acolhê-lo... Terminado o período de punição, mandam-no para a Calábria, prestar serviço junto do bispo de Martirano.

Após muitas aventuras, chega ao lugarejo perdido. Horrorizado com aquele «desterro», foge para Roma, não sem antes ter dito ao bispo: «Dê-me a bênção e a licença de partir, ou antes, venha daí comigo. Juro-lhe que faremos os dois fortuna!»

Em Roma, ao mesmo tempo que se entretém com a mulher de um advogado, a apetitosa Lucrécia, torna-se zeloso secretário do

cardeal Acquaviva, posto que ocupa até que um pequeno escândalo o obriga a sair da cidade papal.

Dirigindo-se a Veneza, decide abandonar a batina, que realmente não lhe ia bem, e enfeitar-se com uma farda de oficial, primeiro degrau da série de avatares que havia de encarnar pela vida fora: mágico, desocupado, médico, economista, diplomata, industrial, espião, literato. Dava-se o nome imaginário de cavaleiro de Seingalt e sabia fazer-se insuspeitavelmente simpático, mesmo para aqueles a quem enganava, fosse como amante ou como charlatão, prometendo tê-los em comunicação com o «além» ou revelando-lhes o método infalível de encontrar a pedra filosofal.

Teve para Casanova a maior importância o ocasional encontro com o senador veneziano Matteo Giovanni Bragadin (em dialecto veneziano Zuan Bragadin). A este, que havia de ser o seu grande protector, extorquiu o aventureiro quantias elevadíssimas, mas nem por isso Bragadin deixou de lhe dispensar sempre amiga e generosa protecção. A grande afeição do senador por Casanova nasceu de um acaso feliz: Casanova, que por esse tempo, para sobreviver, tocava violino num teatro, encontrou noite alta, ao regressar do trabalho, um velho muito decaído, que socorreu caritativamente acompanhando-o a casa de gôndola. Era o senador Bragadin, que talvez

tivesse passado desta para a melhor se Casanova, feito médico improvisado, não o tratasse e curasse, ganhando assim a sua eterna gratidão.

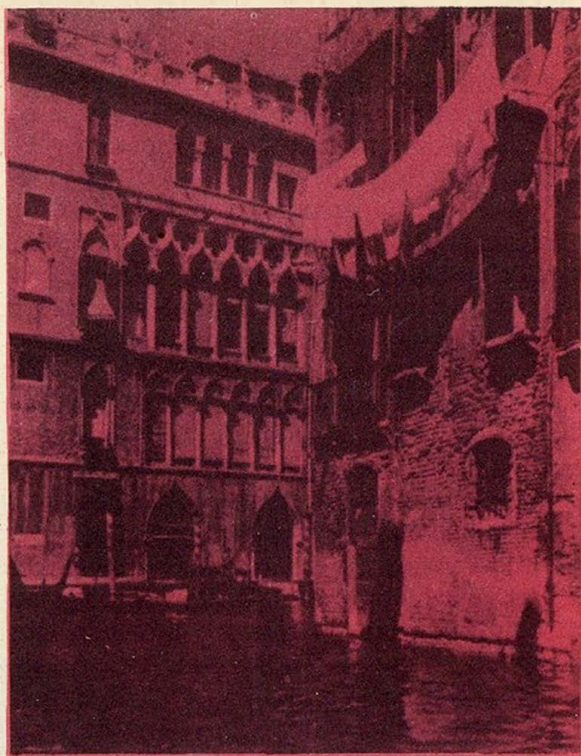
Sob a protecção do senador, o nosso homem refloresce e depressa conquista um lugar na alta sociedade veneziana. Mas o gosto pela intriga, a arrogância e o feitio perdulário multiplicam os seus inimigos. Notado já pelos inquisidores do Estado, segue Casanova os conselhos do bom Bragadin e muda de ambiente, partindo, em 1750, para Paris.

Em Paris, Casanova teve rapidamente acesso à melhor sociedade, mercê da protecção da bela Silvia Balletti, actriz italiana, cujo filho fora companheiro de viagem do cavaleiro de Seingalt. O jovem veneziano era mestre na arte de fazer amigos e de insinuar-se em qualquer meio. Foi-lhe fácil ganhar a amizade do velho Crebillon, o concorrente de Voltaire; conheceu a Pompadour, Fontenelle e uma infinidade de comediantes italianos, e gozou a vida.

Depois de ter passado algum tempo em Dresde e em Viena, regressou a Veneza, onde retomou a vida dissoluta, sempre a meter-se em aventuras e intrigas. O dinheiro do velho Bragadin continuava a correr e as mulheres não se faziam muito rogadas. (Para a lista: Catarina, que o pai acabou por fechar num convento, e Madalena).

Convive com o embaixador de França, o





«libertino» abade de Bernis, e com os jovens mais afortunados de Veneza, mas a Inquisição não dormia, e, em 25 de Julho de 1755, foi condenado pelo Tribunal dos Inquisidores a cinco anos de prisão «por muitas reflexíveis culpas, principalmente o desprezo público pela Santa Religião».

Encarcerado, quinze meses depois Casanova consegue fugir, arriscando várias vezes a vida numa evasão que hoje chamaríamos «rocambolesca...»

NO PARIS DE LUIS XV

Após a dramática fuga, Casanova, que toma outra vez o caminho do exílio, vai reencontrar em Paris os velhos amigos: Manon Balletti, a filha de Sílvia, crescera e tornou-se gentilíssima, e o senhor de Bernis, que regressara do posto de Veneza, era agora um homem de alta influência.

Foi justamente a influência de Bernis que ajudou o cavaleiro de Seingalt a guindar-se de novo a uma posição confortável. Um projecto de lotaria do Estado, apresentado a pedido do ex-embaixador em Veneza, mereceu em poucos dias a aprovação oficial, e Casanova, seu autor, passa a receber uma lisonjeira percentagem sobre os lucros. Tornase rico e estimado, a ponto de lhe confiarem uma delicada missão de espionagem militar

em Dunquerque. Mas o espírito de aventura é nele mais forte que o desejo de estabilidade e segurança, e em breve Casanova começa a explorar hábilmente a marquesa d'Urfé, velha com a mania das ciências ocultas e senhora de grande fortuna...

Com a promessa de a transformar em homem e pô-la em contacto com os «espíritos elementares», o aventureiro consegue extorquir-lhe, durante anos, avultadas quantias.

Os ventos sopram favoravelmente e Casanova leva uma vida de estadão, rodeado da admiração de todos. Mas a roda da fortuna não pára no seu giro: o herdeiro da velha marquesa denuncia a manobra do veneziano. Não é fácil, contudo, desmascará-lo e, sempre sob a protecção de Bernis, Casanova desempenha, com assinalado êxito, uma importantíssima missão financeira na Holanda. Em Amsterdão não perde tempo: explora, com as ciências ocultas, o riquíssimo Hope. (Para a lista: Ester, a filha da vítima...).

Volta a Paris, instala-se numa luxuosa vivenda, retoma o «negócio» com a marquesa d'Urfé, funda uma fábrica para estampagem de tecidos de seda, que é mais um harém do que um estabelecimento industrial, fica noivo de Manon Balletti e atura-lhe os fortísimos ciúmes... A roda da fortuna vai precipitá-lo mais um vez: os tecidos não se vendem (está-se em guerra), as operárias-odalisca são um luxo, o caixa esvazia-lhe os cofres.

O COMEÇO DO DECLÍNIO

Falência, prisão. Em 1759, após dois dias de internamento em Fort-l'Evêque, a fiel marquesa d'Urfé consegue libertá-lo. Diz adeus à noiva e à França. Fixa-se alguns meses na Holanda, mas tem de mudar de ares...

Salta para Colónia. (Para a lista: a mulher do burgomestre da cidade...). A polícia interessa-se por ele muito de perto. Agora, em Coblença, uma actriz consegue convencê-lo a segui-la até Estugarda, de onde uma estúpida aventura de jogo o obriga a fugir como um vulgar ladrão.

É a vez de Zurique: apresenta-se a todos como cavaleiro de Seingalt, mas não tem um tostão no bolso. Deprimido, chega a formar o projecto de entrar num convento, mas, entretanto apaixonase (?) pela baronesa Roll (mais uma para o rol) e muda, é claro, de ideias. A Sr.^a Dubois, governante que con-

tratara, depressa substitui a baronesa e segue-o até Berna.

A vida está para o «nosso» homem cada vez mais intrincada. A polícia, que ainda não era a eficiente Interpol, não lhe dá sossego. Da Suíça passa a França, de França a Itália, de Itália novamente a França. Pisa terrenos sempre mais perigosos, reencontra velhos amores, conhece filhos que «semeara», mas não se comove muito. Quer é mudar constantemente de cidade e fazer novas conquistas.

Vítima das mulheres, como a si mesmo se considerava, cai nas unhas de Catarina Renaud, astuta bailarina, e é expoliado até ao último ceutil. Lá vem a marquesa d'Urfé socorrê-lo e ser explorada mais uma vez.

Em 1763 parte o triste cavaleiro de Seingalt para Londres. Encontra Mariana Charpillon, e nesse dia, como depois se aperceberá, «começa a morrer». É levado pela jovem cortesã até ao limiar da loucura, mendiga o seu amor e por fim vai parar à prisão, com a perspectiva de uma condenação à morte. Livre do incidente, é no entanto forçado a fugir de Londres por ter pago uma dívida com um cheque falso.

Retoma as suas peregrinações. Berlim, onde conhece Frederico II, foi a escala seguinte. Sucedem-se Riga, S. Petersburgo, Moscovo, e nesta última cidade encontra-se várias vezes com a grande Catarina. Íntimo das cabeças coroadas, vê-se presenteado, em Varsóvia, em 1765, com duzentos ducados, dádiva do rei Estanislau Poniatowki. Mas não só dádivas terá em Varsóvia: também contratempores e dos maiores. Insultado pelo marechal Saverio Branicki, desafiou-o para duelo e feriu-o no ventre com gravidade. É expulso da Polónia, volta a Dresde, demora-se em Viena, é expulso de Viena, passa a Augusta, depois a Spa. Aqui propõe ao príncipe da Curlândia um meio infalível de encontrar a pedra filosofal. É visto, pouco depois, em Paris.

O caso da marquesa d'Urfé já era do domínio público e uma ordem de expulsão assinada pelo punho do próprio rei força-o a seguir para Espanha.

Denunciado pela Inquisição, é metido numa prisão em Madrid. Meses depois acontece-lhe o mesmo em Barcelona e acaba por ser expulso do país.

A nostalgia da bela Veneza mordida-lhe o coração. Bragadin, que sempre o tratara como a um filho, morrera, e o cavaleiro, apesar

dos seus quarenta e poucos anos, sentia-se no ocaso. Quando, na viagem de regresso, pára em Aix, conhece Cagliostro, então no início da sua carreira de charlatão internacional, e mais se convence do seu imparável declínio.

Para obter o perdão das autoridades de Veneza, Casanova escrevera, nos cárceres de Barcelona, uma ópera em defesa das instituições da República: «**Confortações de Amelot de la Houssaye**». Hão-de passar anos, contudo, antes que a ópera tenha o efeito desejado. Gira o aventureiro por Itália, já entretido com pequenos casos, e acaba por se domiciliar em Trieste, onde presta, como espião, informações ao governo. Em 1774, finalmente, é autorizado a regressar a Veneza e, para viver, oferece os seus serviços ao Tribunal dos Inquisidores por quinze ducados mensais. Mas como espião não era zeloso e não denunciava ninguém, o que o leva a ser cortêsmente despedido pouco depois.

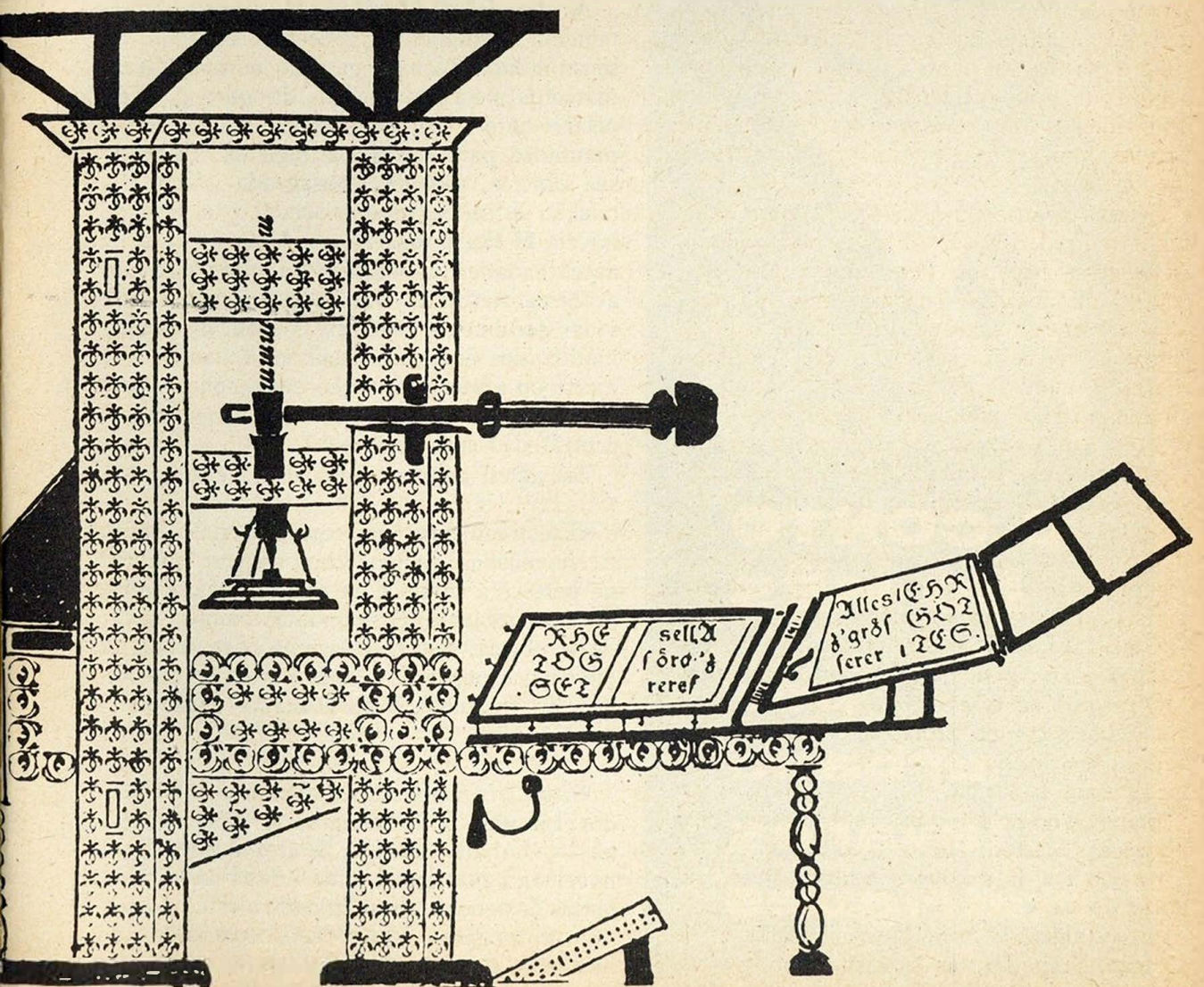
Tentou, então, com maior persistência, a carreira de escritor e chegou a editar uma revista teatral que ele mesmo escrevia de uma ponta à outra. O seu anjo consolador era uma humilde costureira, com quem vivia numa modestíssima casa.

O triste cavaleiro teria acabado serenamente em Veneza os seus agitados dias se um libelo seu (**Nem Amores, nem Mulheres**), não o tivesse feito incorrer, mais uma vez, no ódio dos compatriotas, forçando-o novamente a exilar-se — e agora para sempre!

Pela Europa levou então vida de judeu errante, mas sempre cheio de projectos: construir um canal de Bayonne a Narbonne, emigrar para Madagáscar, ajudar os irmãos Montgolfier nas suas experiências, etc. Fixado, por um tempo, em Viena, consegue entrar, como secretário, ao serviço do embaixador de Veneza, mas quando este morre Casanova cai na miséria mais negra. Salva-o o jovem conde de Waldstein, sobrinho do príncipe de Ligne (um dos seus melhores amigos), que o admite como bibliotecário no castelo de Dux.

O «fauno de meias de seda» começa, então, a remontar o curso da sua atribulada existência, chegando a dedicar treze horas por dia à redacção das **Memórias**. Quando, anos depois, estas foram publicadas — morrera, entretanto, Casanova, em 4 de Junho de 1798—, muita gente pensou que semelhante homem nunca existira, que só a imaginação dera vida ao herói das **Memórias**...

ARMAZÉM DAS LETRAS & DIVERSOS





**O CONTO
DO MÊS**

**por
urbano
tavares
rodrigues**

Nasceu em Lisboa, em 1923, mas passou a sua infância e grande parte da adolescência no Alentejo. Dedicou-se depois ao jornalismo, e entretanto licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa. De 1949 a 1955 viveu em França exercendo as funções de leitor de Português nas Universidades de Montpellier, Aix, Marselha e Paris. Em viagens de estudo ou em missão jornalística percorreu vários países da Europa Ocidental, da África e Ásia Menor. Esteve recentemente no Brasil.

Presentemente, Urbano Tavares Rodrigues, embora não tenha abandonado o jornalismo, exerce as funções de assistente da Faculdade de Letras de Lisboa. É membro da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores. E recebeu o Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa, pelo seu livro **Uma Pedrada no Charco**.

As suas novelas, de atmosfera predominantemente cosmopolita, reflectem aspectos da sensibilidade de uma geração europeia traumatizada pela experiência da guerra, e especialmente a reacção dos portugueses transplantados para terras estrangeiras. Parte da sua obra é, todavia, consagrada a uma recriação lírica ou mesmo social; é o caso da novela **O Monte das Rosas**. Uma procura de autenticidade na pesquisa da motivação dos actos caracteriza as suas personagens, envolvidas geralmente em intrigas eróticas. A dilemática dos sexos conduzindo à náusea e à morte ou a uma frustração melancólica, a um misticismo estético, apareceu como motivo central das suas ficções.

Eis agora algumas opiniões da crítica:

«Efectivamente, não conheço na história da novelística nacional um escritor que tão de perto e a fundo haja estudado caracteres, tipos e ambientes cosmopolitas como o autor dessa novela, sem dúvida uma obra-prima da novelística portuguesa, que é o trecho **Escumbros** do volume **A Noite Roxa**».—(João Gaspar Simões).

«Com três livros fortes, aliciantes—**A Porta dos Limites**, **Vida Perigosa** e **A Noite Roxa**—, Urbano Tavares Rodrigues trouxe à novelística portuguesa uma lufada da vida intensa, de generosa humanidade e sábia poesia, sem optimismos fáceis, sem concessões ao idealismo burguês, pelo contrário, com notações corajosas do sujo, do torpe ou da sim-

ples mesquinhez quotidiana — um realismo estreitamente ligado ao seu modo de sentir a vida, às experiências radicais das suas personagens, realismo integrado, afinal, na qualidade subjectiva das suas novelas». — (Jacinto do Prado Coelho).

Nem toda a crítica é favorável, claro está. Embora reconhecendo as qualidades do escritor, ela lamenta, por vezes, a «imoralidade» que invade a sua obra. É nesse sentido que V. Sobreiro escreveu na *Brotéria*: «Este volume (*Vida Perigosa*) reúne quatro novelas de tamanho desigual: *Melancolia*, a que dá o título ao livro, *Lodo* e *À Luz do Verão*. As três primeiras movem-se em ambientes cosmopolitas e os protagonistas nacionais de origem arrastam a vida entre uma sensualidade dissolvente e uma certa—vaga—

saudade, entre uma imoralidade cobarde e alguns sobressaltos de dever».

Obras do autor:

Santiago de Compostela — 1949.

Manuel Teixeira Gomes (Introdução ao Estudo da Sua Obra) — 1950.

A Porta dos Limites (Contos e novelas) — 1954.

Présentation de Castro Alves — 1954.

Vida Perigosa (Novelas) — 1955.

Jornadas no Oriente — 1956.

A Noite Roxa (Novelas) — 1956.

Uma Pedrada no Charco (Novelas) — 1957.

Alentejo — 1958.

Jornadas na Europa — 1959.

As Aves da Madrugada (a publicar).

DOIS BURGUESES E UM CADÁVER

António Ouriço pensava apenas na tulha onde ia poder estender-se em chegando à vila quando o automóvel veio contra ele, como um espanto de ferro e fogo, e ali, redondo, o matou. Um segundo antes pedira ele a Deus ou ao Diabo que lhe abreviasse a jornada, fosse como fosse, que não podia mais. Doíam-lhe as pernas de tanto andar, mendigando e penando por aquelas estradas de Cristo. Mas nem raiva trazia pegada aos calos da consciência. Nem raiva nem esperança. Nada. Lembrava-se lá, todo ele cansado, de que tivera filhos, e que esses filhos cedo haviam morrido (um com as bexigas negras, outro com febres ruins, pior que nas letras dos fados) e uma elefantina mulher sandia, agora encerrada num hospital de abortos! Tal e qual: «num hospital de abortos», como diria o jornaleco de província, indiferentemente piedoso e aliterado, que no dia seguinte lhe fez o epitáfio, tão longe, valha a verdade, de pressupor o efeito de semelhante lamentação. Não. Frangalho de carne velha isso é que ele era, a vergar-se, a desfazer-se, carne de série, submissa tão-somente às cobiças e aos alívios fisiológicos... Não: nem memória do passado nem projectos de futuro. Só o instante próximo, cada vez mais próximo, e ainda sempre adiado, do repouso, como cabo dos seus desesperos. Esperança, apenas a das pernas que ansiavam pela palha do celeiro. Torturavam-no as veias, inchadas

do esforço da marcha, e os ombros e a cabeça pendiam-lhe para a frente. Mas o que parecia impossível era sempre possível. Mais duzentos, trezentos metros... Os últimos é que custariam mais, como de costume.

Afinal, não alcançou sequer a orelha do povoado, onde os cães soíam saltar-lhe em volta do bordão e os ouvidos se lhe enchiam de gente, de vozes em movimento. Era cego de nascença, e no entanto viu o clarão dos faróis. Nunca vira mesmo, em toda a sua vida, uma chama assim. Foi a primeira e a última vez. Caiu de costas, largando o cajado e o alforge, que foi parar à valeta, pendurado das sarças; e ficou-se. Um sangue preto na boca, os olhos logo vítreos. Desmesuradamente abertos, dir-se-ia que observavam, frios e fixos, os dois homens a saírem do carro, batendo com as portas desaustinadamente. Por fora, tivera sempre as pupilas como as das criaturas sãs. Uns olhos de medo, agora mortos pela segunda vez.

Debruçou-se sobre ele o condutor do Porsche e em vão lhe auscultava o pulsar do coração, ajoelhado na estrada lamacenta, sobre um jornal dobrado que, ainda previdente, sacara do bolso do impermeável. Tomou-lhe depois o pulso; deixou cair por fim, de manso, aquela mão encardida e arrelhiadoramente inerte, ergueu o rosto desiludido para o companheiro, que o perscrutava com gravidade de ocasião. E, simulando um compungimento

que ele próprio se admirava e intimamente se acusava de não sentir, declarou, com fúnebre pompa, abanando a cabeça:

— Coitado! Estava escrito!... — Logo, porém, o instinto de defesa o desviou dessa composição obrigatória do pesar, para a questão, bem mais importante, da sua inocência no desastre: — Mas também, que raio!, quem o mandou meter-se à frente do carro?

O outro baixou-se, por seu turno, sobre o cadáver, com tal ou qual convicção de testemunha, que lhe dava sobre o automobilista desorientado um quase voluptuoso sentimento de poder, em meio daquele «doçorosa e aflitiva situação» e, mais calmo, mais perspicaz, afirmou-se no ténue véu alvacento que esmaíava as pupilas do morto.

— Ó doutor — disse, antegozando, por trás da sua solenidade de rigor, o efeito pavoroso da descoberta —, olhe que o homem era cego!

— Hã? Pode lá ser! Isto é... Sim... Talvez você tenha razão. Ora que chatice! Bom, de toda a maneira, o senhor bem reparou, que podia eu fazer? Quem adivinha um coisa destas?

— Pois claro, doutor — apoiou o Figueiredo, saboreando a sua condescendência, a sua solidariedade. E, achando-se satisfatoriamente generoso, apertou-lhe o braço com os dedos grossos e viris, a reconfortá-lo: — Não se inquiete, meu amigo, ninguém pode culpá-lo por um azar desta natureza. Mais a mais, o senhor até vinha devagar...

— Vinha, pois vinha, não é verdade? — acudiu imediatamente o Dr. Couceiro, já certo, certíssimo, de que assim fora e registando com sofreguidão aquele depoimento providencial, reconfortante. É que lá se ia, chixa!, toda a sua reputação se aquele sujeito não quisesse encarar o caso com amizade. E, súbitamente, compreendeu que havia laços profundos, inaparentes talvez mas autênticos, a ligarem-no àquele gordo e plácido escrivão de província. Um tipo porreiro no fundo! Eram ambos pessoas de posição, ao fim e ao cabo, companheiros de hotel, estranhos naquela fechada terra alentejana. Tinham algo de comum a defender: a sua tranquilidade e o seu bom nome. Ele, então, nomeado, havia tão pouco tempo, delegado do Instituto Nacional do Trabalho, que seria da sua carreira, se aquele estúpido acidente degenerasse em escândalo?!

— Metemo-lo no carro? — perguntou o Figueiredo, num tom baixo de vaga cumpli-

cidade, estendendo o beijo inferior de uma viscosa saliência, corruptiva, e com e'le o queixo largamente refogado, para o macabro fantoche atravessado na estrada. «Teria morrido de síncope?», perguntava a si próprio, pesando o grau de responsabilidade do companheiro nessa alternativa.

Ao pegarem no corpo, sujo e gelado de morte, ficaram ambos incomodados. Esfregando as mãos nos lenços, prolongadamente, retomaram os seus lugares na dianteira do veículo. O Dr. Couceiro achou enfim a chave que rebuscava nos múltiplos bolsos do colete de camurça, estreado naquele mesmo dia e que lhe dava, a despeito do cenho contrito, certa jucundidade abdominal de feirante de fantasia. Ligou atentamente o motor e meteu a primeira velocidade.

Tinham caído unş pinguichos ao fim da tarde, mas a chuva encolhera-se: não queria nada com o Alentejo. Amolecera, em todo o caso, as lamas da véspera.

O céu estava já todo marchetado de estrelas e o frio voltava à planície, transfigurada por uma grande lua cheia que baixava, veloz, no horizonte, sobre os olivais fuscus à medida que o Porsche corria para ela. Os postes de iluminação, muitos raros, espargiam pela orla da estrada umas luzenças funestas e vacilantes, que se embrenhavam nos valados sem som (pois a roncadura continua do motor abafava toda a respiração da natureza) e ressaltavam a crueldade hirta das figueiras mais próximas, fantasmagóricas, oníricas sentinelas do campo trevoso, onde a angústia do Dr. Couceiro levantava os horrores eternos da noite. Figueiras que se pareciam a cachos de forcas entrelaçadas.

— No fundo, tenho asco a esta terra — disse o doutor, ensimesmadamente.

— Em lhe faltando o sol é triste como um purgatório — obtemperou o Figueiredo, que se criara nas veigas ridentes de Coimbra. E, volvendo o olho papudo sobre o ombro, relanceou o cadáver que se agitava e se contorcia, accionado pelos solavancos bruscos, na banquetta de trás. Não chegava a ser macabro: era esquisito e desconsolador. Cego ainda por cima! No fundo, talvez fosse melhor assim. Para o que o desgraçado devia padecer!...

Couceiro guiava com a mão direita e levava o braço esquerdo de fora da vidraça corrida, dois dedos somente apoiados no volante. Abrija a janela, sem consideração pelo

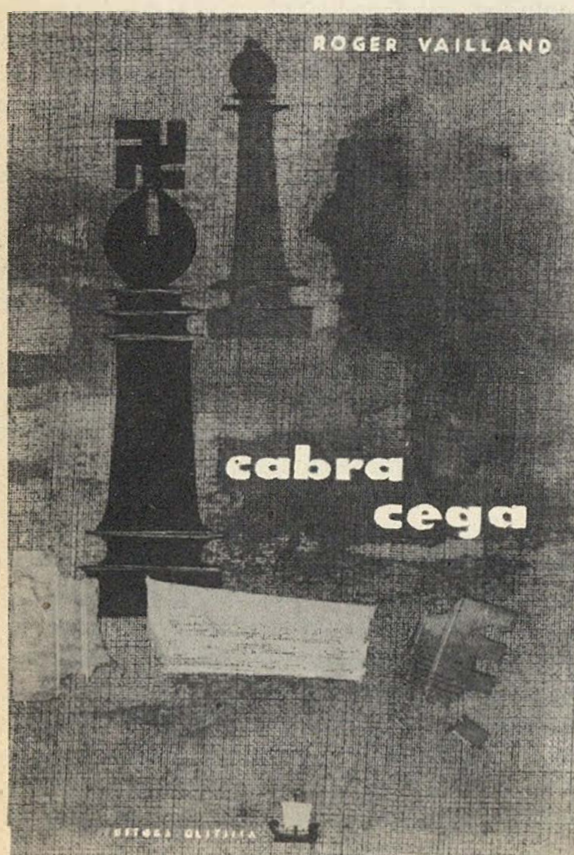
zimbros, que em geral o constipava, para arejar o carro, por causa daquela coabitação forçada e tão desagradável... Não escapava da constipação, com certeza. Tanto pior! O raio daquela noite já lhe tresmalhara todos os hábitos. Agora... paciência!

A primeira criatura viva que se lhes depa-rou foi uma mulherzinha acurvada, que vinha a reбуçar o queixo no xaile preto e nem lhes deu um olhar. E, de repente, o povoado, de cal e argila, já endorminhado, sob a doçura falsa do plênilúnio, surgiu, liso, sem perspectiva. E com ele a iminência das chatices, a amargura das explicações a dar na Guarda Republicana. Couceiro estava quase certo da compreensão do chefe do posto, mas tinha de passar por aquilo tudo, claro. Dentro dos muros brancos, arrabaldeiros, iam aparecendo os carros de lavoura, tombados, alpendres de tijolo cozido, à claridade verdoenga dos gá-sómetros. Uma porta ainda aberta, aos rés da estrada, amostrava o poial de ladrilho, pobre, e a pilheira aberta na parede, por cima da chaminé, com tachos de arame, daqueles bem areados que o Dr. Couceiro, noutras alturas, gostava de remirar com protectora simpatia: o que de melhor aquela gente sabia fazer.

Homens, só mesmo já nas vendas, encostados ao balcão, escorropichando aguardentes, abrigados nos samarrões de borrego, como bichos friorentos eles próprios. Uma concertina. Mas soava longe. O que o Dr. Couceiro ambicionava era ver tudo aquilo terminado. Tinha fome. E depois? Que culpa tinha ele de ter fome? Chegava a enfurecer-se, por dentro, quando alguém ou alguma coisa atentava contra a hora das suas refeições. Tinha um estômago certo e exigente. Não que comesse muito, mas comia a horas. Passava tormentos nös jantares de cerimónia com os aperitivos palavrosos, a seco, e com os intervalos de conversa entre os pratos. E então nas assembleias que transpunham a meta das oito da noite, ou nos comboios, e nos velórios!... É certo que aquele morto, de certo modo, lhe pertencia mais do que os outros. Mas, por outro lado, nem sequer o conhecia. Até preferia não saber mais nada dele. Que ganhava em arreliar-se?! A menos que desse uma esmola vultosa a algum parente que ele tivesse. Boa ideia! Era um sacrifício, mas valia a pena, como prova da sua bondade. Que, apesar de tudo, humanidade não lhe faltava. Talvez não fosse, porém, de boa tác-

tica falar já nisso ao chefe do posto: podiam confundir com remorso esse rasgo de caridade. Que tempo-ia perder, entretanto!... A açordinha à espera no hotel («todos têm que comer para viver, pois então!»). E a botija a escaldar de que os seus pés quase dormentes traziam saudade!... A presença envolvente daquela criada morenaça, com formas musculosas, e ao mesmo tempo bailadas, de amazona rupestre, de olhar sorrateiro e cúmplice, sob as sobranceiras de crina, tão grossas, tão pretas! Era ela, fatalmente, quem lhe levava ao quarto, sempre de bom modo, a água quente para ele se desenfarruscar quando, de longada, ali batia com os ossos, ausentando-se por uns dias da capital do distrito, e chegava assim já tarde, com o hotel já sonarento, quase silencioso. Até isso agora, com as delongas da praxe, o azar lhe roubava: entretanto a moça deitava-se, pela certa, e lá se ia aque'le momento, já seu conhecido, de excitante esperança e hesitação, à espreita de um gesto dela, uma expressão mais clara, uma palavra que o incitasse finalmente às ousadias seguras e lhe franqueasse, o que não havia de ser difícil, aquelas rijas intimidades, que lhe desatasse, de vez, a ela, num franco consentimento, o riso bronco e tentador, tão femeal. Mas tinha de se respeitar. Celibatário era ele, sim, o que sempre lhe dava margem para certos dichotes equívocos, mas oneravam-no as próprias funções que desempenhava agora. Se fosse mal sucedido, logo constaria que gostava de mulheres cheirando a cebola. Seria a risota dos pedantes da vila. Não, não podia correr, naquele hotel de boataria, o risco de um escândalo vexatório, ele, que superintendia agora em todos os organismos da zona, com acção disciplinar e regulamentar nas relações jurídicas de trabalho. Fiscalizava paternalmente as firmas para fazer cumprir as determinações legais. Sabia-lhe bem a certeza desse poder, de que não abusava, pelo contrário. Era preciso saber viver, ser por vezes condescendente! E aquela ameaça agora a enfrenesiá-lo!

— Não se apoquente, doutor — acudiu, bonacheirão, a reconfortá-lo, o Figueiredo, que lhe seguia, pela inquietação das visagens, o curso dos pensamentos, com uma solércia meio regozijada meio compassiva. — O sargento da Guarda, o Gonçalves, esteja descansado, é bom tipo: não vai querer arranjar-lhe sarilhos. A vida é assim mesmo: temos de ser uns para os outros...



O LIVRO

do mês

Roger Vailland nasceu em Acy-en-Multien (Oise), em 1907, de uma família da pequena burguesia. A sua adolescência aparece em certa medida descrita em **Un Jeune Homme Seul**, adolescência a que se sucedeu um período de choque com a sociedade cosmopolita do pós-guerra, quando Michel Leiris, no meio do histerismo colectivo do patriotismo, atirava corajosamente o berro dos combatentes atraídos: «Abaixo a França!»

O jovem Vailland, como tantos outros, iniciava então a sua vagabundagem de inadaptado pelo roteiro parisiense dos intelectuais sem esperança que se consideravam traídos pelas promessas não cumpridas da «sociedade radiosa» que surgiria depois da primeira guerra mundial. Wilson e Clemenceau tinham

para eles faltado à palavra. O modernismo, o futurismo e o dadaísmo, expressões de revolta contra o mundo do pós-guerra, eram para a geração de Roger Vailland insuficientes para significar toda a sua fúria de traídos. As organizações fascistas recrutam parte dessa juventude desorientada e não é portanto de estranhar que Claude Roy, grande amigo de Vailland e hoje autor de prestígio e patriota dos mais coerentes, tivesse aparecido nos quadros da Action Française sob a égide de Maurras e Daudet.

Outra juventude, porém, escolheria as vias do materialismo ou da pura boémia intelectualizada, com drogas, sessões de ocultismo e vagabundagem — os álcoois — destinados a provocar o mal-estar da burguesia preconceituosa.

Roger Vailland foi um destes. Montmartre e o Quartier Latin eram o continente escolhido da militância para-intelectual dos devotos de Sade e Max Ernst. Vivia-se em amizade de desgraça: tertúlia de café, escândalos públicos, uma ou outra tradução de circunstância, etc. A vida errante dos rebeldes ilustrados, com todo o exotismo dos «desgraçados», de Saint-Germain-des-Prés, antecipada de vinte anos.

O caminho natural que se deparava então a Roger Vailland tinha de ser uma curiosa mistura de Bukarin, de Baudelaire e de Sade, que lhe disse, por um lado a revolta voluptuosa e por outro o processo organizado do mundo em conflito. A solução é o surrealismo e Vailland, que públicamente insultava a literatura, apregoando em contrapartida a rádio e o cinema como as artes legítimas do mundo contemporâneo, constitui com Daumal, Gilbert-Lecomte e Sima o grupo de **Le Grand Jeu**, revista do pensamento e da literatura surrealista da mais exigente ortodoxia.

O escritor fazia assim a sua apresentação oficial. Dali para o futuro, uma actividade variada de jornalista há-de lentamente absorvê-lo, impondo-o como colaborador destacado dos melhores periódicos literários, até que, depois da guerra, o seu nome figura entre os mais reputados correspondentes de **France Observateur**, **Le Monde**, e **Parallèle 50**. Em 1940, depois da capitulação da França, Vailland entrou na Resistência, onde desempenhou um papel relevante na ligação do **maquis** com os centros britânicos de informação. Marat, a figura que nos descreve em **Cabra-Cega**,

tem muito da sua biografia desses anos de actividade clandestina.

Acabada a guerra, regressa ao jornalismo, mas a literatura tenta-o. Nova reviravolta sensacional: o surrealista Vailland renega o surrealismo. Entretanto dedica-se ao teatro (**Heloise et Abelard** e **Le Colonel Foster**) e prossegue no estudo, há muito iniciado, da literatura francesa do século XVIII, em particular da obra de Casanova, Laclos e Stendhal. Desse trabalho curiosíssimo resulta uma interpretação empolgante do individuo de formação libertina.

Roger Vailland, escritor consagrado com os prémios Interaliado, Renaudot e Goncourt, abandonou o jornalismo e vive actualmente numa propriedade perto de Grenoble. Os seus passatempos favoritos são as matemáticas e a biologia.

Cabra-Cega, o primeiro romance de Vailland, trouxe à literatura contemporânea um novo tipo de herói, de herança stendhaliana. A obra obteve o prémio Interaliado de 1945 e foi destacada como «relato fiel e apaixonante da vida da Resistência em Paris» (**Tribune de Genève**). Marat, protagonista do romance, é um jornalista de grande experiência da vida parisiense, dos seus **potins** e dos seus subterrâneos sociais à mais variada escala que na luta clandestina contra o invasor se torna um elemento precioso. Individualista extreme, a sua adaptação à disciplina política é admiravelmente descrita em cenas absorventes de imprevisto e riqueza humana. Marat é um homem seguro de si mesmo que se mede com fria independência palpitante, os ventos da coragem e da morte varrendo a cidade conferem a **Cabra-Cega** um interesse excepcional e obrigam a uma leitura ansiosa, entremeada de pausas de beleza. É particularmente no tratamento das figuras femininas como Annie, Chloé, Mathilde — e na observação perspicaz das paixões que Roger Vailland supera qualquer outro romancista francês do pós-guerra. E é também essa capacidade objectiva de narrar e de conduzir o leitor de página para página num galope turbulento que deu ao autor de **Cabra-Cega** um lugar de destaque entre os grandes romancistas da actualidade — lugar confirmado de resto com a sua última obra, **La Loi**, à qual foi atribuído o prémio Goncourt e que o cinema adaptou, com Gina Lollobrigida no primeiro papel feminino.



publicações recentes

FERNANDO PESSOA, POETA DA
HORA ABSURDA,

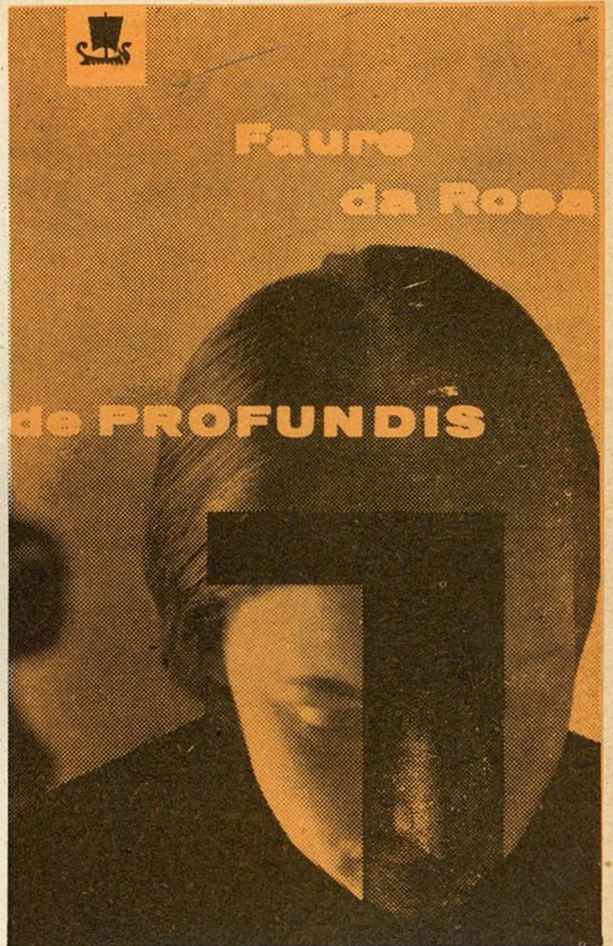
por Mário Sacramento

Mário Sacramento nasceu, em Ilhavo, em 1920. Licenciou-se na Universidade de Lisboa e exerce actualmente clínica na sua terra natal e em Aveiro. Colaborador de vários jornais e revistas, autor já de uma importante obra ensaística e, mais recentemente, de quatro pequenas peças teatrais (*Teatro Anatómico*), Mário Sacramento é um dos mais notáveis críticos da sua geração. Um dos seus livros (*Eça de Queirós — Uma Estética de Ironia*) é um modelo de inteligência e de clareza.

Em *Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda*, Mário Sacramento procura estudar o poeta da *Tabacaria* de acordo com uma nova perspectiva, uma perspectiva social — digamos assim. Como já disse alguém, Mário Sacramento procurou ser em relação a Pessoa o que António Sérgio foi em relação a Guerra Junqueiro. Terá conseguido esse objectivo?

Seja como for, este é um daqueles livros que tinha de ser escrito para que fosse superado o estado presente dos estudos acerca de Pessoa. Segundo o autor, «abrem-se assim, para nós, no plano de uma crítica actual, duas ordens de problemas em relação a Fernando Pessoa: por uma, visaremos o escandaloso absurdo de uma genialidade que, a continuar a aceitar-se, só poderíamos definir pela negação dos valores mais inerentes ao próprio conceito de génio, dado o mesmo Pessoa ter feito dessa base um remédio ou compromisso de realização artística; por outra, procuraremos integrá-la no lugar a que tem o mais indiscutível jus como expoente máximo que foi de um período literário que, embora secundíssimo, pôde, não obstante, conceder-lhe os meios de se realizar como seu típico, sim, mas superior poeta nos termos de uma obra que, de acordo com ele, a um mesmo tempo sabe aliciar e constranger».

Edição Contraponto.



Faure da Rosa nasceu em 1912 na cidade de Nova Goa, Índia Portuguesa, onde decorreu a sua infância até cerca dos oito anos. Tirado o curso dos liceus, emprega-se num pequeno escritório. Escreve em 1941 o seu primeiro romance (*Fuga*) que só em 1934 virá a ser publicado. A crítica recebeu calorosamente este livro a propósito do qual João Pedro de Andrade disse:

«Faure da Rosa é o primeiro romancista da sua geração que procura fundamentar no estudo dos seres um conflito de ordem social».

Nesta ordem de ideias — o que demonstra a unidade do autor — João Gaspar Simões disse, a propósito de *Retrato de Família*, o segundo romance de Faure da Rosa: «(ele) dá-nos a impressão de que se prepara para ser o que o romancista social entre nós não tem sido: o analista dos sentimentos que as situações sociais determinam». O seu terceiro

romance — *Espelho da Vida*, publicado em 1955 — é um desabafo amargo, o indirecto desabafo de um escritor que, obrigado a trabalhar mais de catorze horas diárias, durante cerca de oito anos, pouco pudera escrever. Mas ainda dessa vez a crítica se entusiasmou. «Faure da Rosa tem em *Espelho da Vida* um dos testemunhos mais lúcidos, mais dramáticos e mais emocionantes da época em que vivemos», afirmou um crítico.

De Profundis, o romance agora publicado, representa, muito provavelmente, o início da maturidade deste autor, que é, certamente, um dos mais notáveis escritores portugueses depois de Raul Brandão.

De Profundis é a história moderna de um amor impossível. Impossível não porque algum estranho se oponha a esse amor, mas porque um dos amorosos se revela escravo do dinheiro, com toda a desumanidade que essa escravidão implica.

Norman Mailer é talvez o mais famoso dos romancistas americanos do pós-guerra. Nasceu em Long Branch, Nova Jersey (31-1-1923), tirou o curso liceal e chegou a frequentar a Universidade de Harvard com a intenção de se diplomar em Engenharia Aero-náutica. Começa então a escrever e recebe em 1941 o prémio literário da revista **Story**. Desiste do curso de Engenharia e tenta publicar, sem êxito, um romance. Em 1944, pouco antes de partir para a guerra, casa-se com Beatrice Silverman (da qual se divorciou mais tarde). «Soldado banalíssimo», conforme ele próprio confessa, desempenhou os mais variados cargos durante a guerra. Em 1946 foi licenciado, levando consigo (as palavras são de Norman Mailer) «a preocupação permanente de escrever um livro de guerra».

Os Nus e os Mortos é esse livro, um livro extremamente violento em que a guerra nos

surge como o próprio ar que uma geração desencantada respira. Epopeia gigantesca, **Os Nus e os Mortos** são (citemos o próprio romancista) «um conflito entre a besta e o homem que interroga o futuro». Daí a pergunta de uma das personagens do romance no momento em que avançava de carabina engatilhada: «E depois? E depois disto?».

Obra-prima do romance moderno, **Os Nus e os Mortos** é um livro inesquecível, um livro verdadeiro e por isso duro embora não cruel naquilo que revela de simpatia, imensa e evidente, pelos homens que a Norman Mailer serviram de exemplo e pela força que a mensagem contida nas suas páginas nos descobre e jamais deverá ser esquecida. Uma obra para ser profundamente sentida e inteligentemente compreendida.

(Tradução de António Neves Pedro, precedida de um prefácio de José Cardoso Pires — Editora Ulisseia).





NO REINO DE PACHECO

A segunda metade do século XIX foi fértil em polémicas literárias no nosso país: a que ficou conhecida por «Bom Senso e Bom Gosto» e teve como principais protagonistas António Feliciano de Castilho e Antero de Quental; a questão à volta da colonização portuguesa no Oriente entre Pinheiro Chagas e Eça de Queirós e tantas outras que apaixonaram ou divertiram os nossos bisavós.

De todas elas uma que não temos visto referida mas que apresenta interesse actual foi a travada em 1877 entre um jornalista e um escritor hoje desconhecidos — Leal Júnior e Monterroso Bandeira.

Apresentamos hoje a tréplica de Leal Júnior, que encerrou a polémica, e que é por si só suficientemente explícita.

«Senhor Director dos «Ecos de Lisboa» — Venho uma vez mais ocupar precioso espaço na folha que V. Ex.^a tão cavalheirescamente dirige. A questão arrasta-se como uma cobra que brandamente rasteje sob o calor deste sol de Agosto e — antes de esgotado o assunto — começa a esgotar-se a paciência dos leitores.

Porém, a última carta do sr. Monterroso Bandeira pode induzir o leitor menos infor-

mado em lamentáveis erros e, por isso mesmo que esses erros me diriam respeito, vejo-me obrigado a pegar de novo na pena mais penoso do que irritado.

O sr. Monterroso Bandeira é, diz ele e confirmam os seus vizinhos, um grande escritor. Os jornais dos seus amigos louvam-lhe os méritos literários e não hesitam em compará-lo a Barbey d'Aureville, a Almeida Garrett ou ao sr. Champfleuri.

As academias concedem-lhe as suas benesses e as costureiras sabem-lhe de cor o nome.

El-Rei, quando em férias, recebe-o a almoçar em Sintra e os ministros dos impérios estrangeiros condecoram-no.

Mas o sr. Monterroso Bandeira é insaciável.

Estas pompas não são suficientes à sua avidez de fama. Exige mais. E a sua imaginação é tão ardente que depois da estima dos poderes estabelecidos, dos governos estrangeiros, das costureiras e das academias pretende também a estima dos homens de letras, dos críticos literários sérios, do público em geral. Exagera.

Se me dirigisse pessoalmente a S. Ex.^a dir-lhe-ia: «Não pode ter-se tudo neste mun-

do, sr. Monterroso Bandeira. A César o que é de César — e não é pouco». Mas eu não me dirijo pessoalmente a Sua Ex.^a Dirijo-me ao público — é para seu esclarecimento dentro das modestas possibilidades do meu saber e do meu labor que preencho estas tiras de papel. Para esclarecimento do sr. Monterroso Bandeira não vale a pena.

Quando aos cinquenta a gente se conduz como o sr. Monterroso Bandeira ou já se esclareceu e insiste por má fé ou uma esclerose pétreia impediu o esclarecimento e nada vale a pena fazer nesse sentido.

Sou novo. Tenho — ou tinha há dois meses — pelo sr. Monterroso Bandeira o respeito que a sua idade e a sua fama quando atingidas durante uma vida de honestidade e trabalho merecem. Nada me movia contra ele. E há dois meses o sr. Monterroso Bandeira procura-me à minha banca de trabalho com recortes de «interviews» concedidas a repórteres franceses e críticas de jornais de Paris pedindo-me que sobre a sua pessoa e os seus livros publicasse uma local. De entrada não compreendi bem e esbocei depois algumas desculpas delicadas — falta de tempo, melhor oportunidade.

Sobre este ponto o sr. Monterroso Bandeira saca do bolso do paletó alvadio duas tiras de papel eriçadas de uma escrito miúda igual e diz-me:

«Se é tempo que falta a V. Ex.^a aqui tem uma local já redigida, que pode servir, acompanhada do meu daguerreótipo.»

Levantei-me pálido e mostrei-lhe a saída:

«V. Ex.^a», disse, «enganou-se na porta.»

O sr. Monterroso Bandeira saiu. Nunca mais o vi.

Um mês depois tive que apreciar, nas minhas funções, a «Sara Raquel», do sr. Monterroso Bandeira. Fi-lo com isenção e probidade — e se as minhas opiniões não foram encomiásticas isso deve-se certamente mais a características intrínsecas do livro do que a pré-intenção minha.

Que faz sobre isto o sr. Monterroso Bandeira?

Dirige-se à folha que inseria à data as minhas críticas — e por satânicas influências logra apoderar-se do meu escrito e emendá-lo, transformando-o a seu bel prazer.

Avisado por F..., meu amigo e colaborador na folha em questão, logro sustar a saída da crítica emendada e inserir o original.

O sr. Monterroso Bandeira, juntando então à torpeza o ódio, manobra as suas altas influências e consegue que a administração da folha me feche as portas. E para finalizar a sua obra escreve no jornal de V. Ex.^a que a minha prosa tivera por motivo a raiva que eu, Leal Júnior, lhe votava a ele, Monterroso Bandeira, por me não ter facilitado um empenho que lhe teria pedido, o que é evidentemente falso.

O leitor atento dirá agora: «Alto lá! O sr. Monterroso Bandeira queria fazer passar o sr. Leal Júnior por uma coisa que ele não é. Aqui há marosca. Marosca tão grave quanto me parece que o sr. Monterroso Bandeira é que é essa coisa — ou pior ainda».

É tristemente verdade, leitor atento, pior ainda. Já que o sr. Monterroso Bandeira a isso me levou contei o que comigo se passara mas devo ainda acrescentar:

Que no procedimento de levar aos jornais, revistas e almanaques, locais já redigidas e altamente laudatórias da sua pessoa, é useiro e vezeiro o sr. Monterroso Bandeira.

Que, deslocando-se muitas vezes a Paris, leva para os meios literários da capital francesa recortes dessas locais por si redigidas, que apresenta como sendo a opinião que a seu respeito se forma entre a gente culta de Portugal.

Que de regresso a Portugal procura convencer os seus amigos e os amigos dos seus amigos do sucesso que os seus livros obtêm em França, país medíocre, onde apenas florescem um Zola ou um Flaubert, talentos rasteiros ao pé da árvore robusta que é o sr. Monterroso Bandeira.

Senhor Director — tudo isto é reles e a náusea que me provoca escrevê-lo aliada ao respeito que V. Ex.^a e a sua folha me merecem impedem-me de prosseguir.

Mas, ferido na minha honra, vi-me forçado a defendê-la — pese isso aos que guardavam do sr. Monterroso Bandeira a ideia que ele fornece à vista: a de um **gentleman**, cultivado e elegante, preocupado intimamente com altos ideais.

Mais uma vez pedindo-lhe desculpa pelo espaço que lhe roubei, ponho uma pedra sobre o assunto.

Lisboa, 21 de Junho de 1872.

De V., etc., LEAL JÚNIOR



NAUFRÁGIO NA ILHA DOS LADRÕES

NAUFRÁGIO

E havendo já doze dias que aqui (uma ilha que se dizia «dos Ladrões», por estar mais fora da enseada que todas as outras) estavam, e todos com muito desejo de darem efeito a isto que tinham assentado, quis a Fortuna que com a conjunção da lua nova de Outubro, de que nos sempre tememos, veio um tempo tão tempestuoso de chuvas e ventos que não se julgou por cousa natural. E como nós vínhamos faltos de amarras, porque as que tínhamos eram quase todas gastadas e meias podres, tanto que o mar começou a se empolar e o vento sueste nos tomou em desabrigado e travessão à costa, fez um escarcéu tão alto de vagas tão grossas que, conquanto se buscaram todos os meios possíveis para nos salvarmos, com cortar mastros, desfazer chapitéus e obras mortas de popa e de proa, alijar o convés, guarnecer bombas de novo, baldear fazendas ao mar, e ahustar calabretes e viradores para talingar em outras âncoras com a artilharia grossa que se desencarretara dos reparios em que

por fernão mendes pinto

estava, nada disto nos bastou para nos podermos salvar. Porque como o escuro era grande, o vento muito rijo, o mar muito grosso, o tempo muito frio, as águas cruzadas, o escarcéu muito alto e a força da tempestade muito terrível, não havia coisa que bastasse a nos dar remédio senão só a misericórdia de Nosso Senhor, por quem todos com grandes gritos e muitas lágrimas continuamente chamávamos. Mas como, por nossos pecados, não eramos merecedores de nos Ele fazer esta mercê, ordenou Sua divina justiça que, sendo já passadas as duas horas depois da meia-noite, nos deu um pegão de vento tão rijo que todas as quatro embarcações assi como estavam vieram à costa e se fizeram em pedaços, onde morreram quinhentas e oitenta e seis pessoas, em que entraram vinte e oito portugueses.

E os mais que nos salvámos pela misericórdia de Nosso Senhor (que ao todo fomos cinquenta e três, de que os vinte e dois foram portugueses, e o mais escravos e ma-

rinheiros) nos fomos assi nus e feridos meter num charco de água no qual estivemos até pela manhã. E como o dia foi bem claro, nos tornámos à praia, a qual achámos toda juncada de corpos mortos, cousa tão lastimosa e espantosa de ver que não havia homem que só desta vista não caísse pasmado no chão, fazendo sobre eles um tristíssimo pranto, acompanhado de muitas bofetadas que uns e outros davam em si mesmos.

UM HOMEM CONFIANTE

Durou isto até quase à véspera em que António de Faria (que prouve a Deus que fosse um dos que ficaram vivos, com que tivemos algum pequeno de alívio) reprimindo em si a dor que nós outros não podíamos dissimular, se veio aonde todos estávamos, vestido numa cabaia de grã que despira a um dos que jaziam mortos. E com rosto alegre e olhos enxutos, fez a todos uma breve fala, tocando por vezes nela quão várias e mentirosas eram as cousas do mundo, pelo que lhes pedia como a irmãos, que trabalhem

todo o possível para porem em esquecimento, visto como a lembrança delas não servia de mais que de magoarem uns aos outros. Porque visto bem o tempo e o miserável estado em que a Fortuna, por nossos pecados, nos tinha posto conheceríamos e entenderíamos quão necessário nos era o que nos dizia e aconselhava, porque ele esperava em Deus Nosso Senhor que ali naquele despovoado e espesso mato lhes havia de trazer cousas em que se salvassem, porque se havia de crer firmemente que nunca Ele permitia males que nunca fosse para muito maiores bens. Pelo que ele esperava com firme fé que, se ali perdêramos quinhentos mil cruzados, que antes de pouco tempo tornaríamos a ganhar mais de seiscentos mil.

A qual breve prática de todos foi ouvida com assaz de lágrimas e desconsolação. E provendo-se logo no enterrar dos mortos que havia na terra, se gastaram nisso dous dias e meio, em que também salvámos algum mantimento molhado para nos sustentarmos.



O qual, inda que foi muito, não durou mais que só cinco dias de quinze que aqui estivemos, porque, como vinha passado de água salgada, apodreceu de maneira que nenhum proveito nos fazia o comer dele.

Passado com assaz de trabalho estes quinze dias que digo, prouve a Nosso Senhor, que nunca falta aos que n'Ele confiam de verdade, trazer-nos milagrosamente o remédio com que assi nus e despidos como estávamos nos salvámos, como logo direi.

O QUE VEIO A ACONTECER NO DIA DO ARCANJO SÃO MIGUEL

Todos ós que escapámos daquele miserável naufrágio, que atrás deixo contado, andámos nus e descalços por aquela praia e por aqueles matos, passando tantos frios e tantas fomes que muitos dos companheiros, estando falando uns c'os outros, caíam súbitamente mortos em terra, de pura fraqueza. E não causava isto tanto a falta do mantimento quanto ser-nos esse que comíamos muito prejudicial, por ser todo podre e bolorento, e, além de feder incomportavelmente, amargava de maneira que não havia quem o pudesse meter na boca.

Mas como Deus Nosso Senhor de sua própria natureza é bem infinito, não há í parte tão remota nem tão deserta onde se lhe possam esconder as misérias dos pecadores, e onde os não socorra com uns efeitos da sua infinita misericórdia tão alheias da nossa imaginação que, se pusermos bem os olhos nos termos por onde eles correm veremos claramente que são mais obras milagrosas de suas divinas mãos que curso de natureza com que o nosso fraco juízo muitas vezes se engana.

Digo isto, porque estando nós um dia, que era o em que se celebra a festa do Arcanjo São Miguel, derramando todos muitas lágrimas, e com tanta desconfiança de todo o remédio humano quanta nos dava a fraqueza da nossa miséria e pouca fé, passou acaso voando por cima de nós um milhano que vinha detrás de um cabeça que a ilha fazia contra a parte do sul, e peneirando no ar com asas estendidas lhe caiu das unhas um muge fresco de quase um palmo de comprimento. E dando junto donde estava António de Faria, o fez ficar um pouco confuso e indeterminado até que conheceu o que era.

E depois de estar um pouco olhando para o peixe, se pôs em joelhos e em meio de

muitas lágrimas que lhe corriam pelo rosto abaixo, arrancando do mais intrínseco do seu peito um grande suspiro, disse:

— Senhor Jesus Cristo, eterno filho de Deus, peço-Te humildemente, pelas dores da Tua Sagrada Paixão, que nos não acoimes a desconfiança em que a miséria da nossa fraqueza nos tem postos, porque muito bem creio que aquele que antigamente foste para Daniel no lago dos leões quando pelo profeta Habacuc o mandaste prover esse por Tua misericórdia nos serás agora aqui, e o serás em toda a parte onde qualquer pecador chamar por Ti com firme fé e esperança. Pelo que, Senhor meu e Deus meu, Te peço que não por mim, senão por Ti, e pela intercessão deste teu Santo Anjo cuja festa a Tua Santa Igreja hoje nos representa, não ponhas os olhos no que Te merecemos, mas no que Tu mereceste para nós, porque assi tenhas por bem de nos conceder o remédio que só de Ti esperamos, e nos mandes por Tua misericórdia com que daqui nos leves a terra de cristãos, onde perseverando em Teu santo serviço, acabemos como fiéis.

E tomando o mugem o assou numas brasas e o deu aos doentes que tinham dele mais necessidade.

E olhando para a parte do oiteiro donde o milhano viera, vimos outros muitos que voando se alevantavam e abaixavam, pelo que se suspeitou que poderia haver ali alguma caça ou carniça em que aquelas aves se cevavam e como todos estávamos desejosos de alguns remédios para os doentes, que tínhamos muitos, nos fomos em procissão o melhor que pudemos, com nossa ladainha envolta em lágrimas para aquela parte. E subidos acima do morro, descobrimos um vale muito plano de muitas árvores e diversas frutas, e pelo meio dele uma ribeira de água doce; e antes de chegarmos a ela nos deparou Nosso Senhor um veado degolado de aquela hora que um tigre começava a comer. E dando-lhe todos uma grande grita, no-lo deixou assim como estava, e se foi fugindo para o mais espesso do mato.

UMA VELA AO LONGE

Nós vendo isto, o tomámos em bom prognóstico, e nos descemos abaixo à ribeira, e nela nos agasalhámos aquela noite, com grande banquete, assi deste veado como de muitos mugsens que nela tomámos, porque havia ali

muita quantidade de milhanos que desciam à água, onde tomavam muitos daqueles peixes, e com as gritas que nós lhe dávamos, lhe caíam muitas vezes das unhas.

Nesta ribeira continuámos esta nossa pescaria desde a segunda-feira que chegámos a ela até o sábado seguinte. No qual logo pela manhã vimos vir uma vela desmandar a ilha, e estando nós duvidosos se ferraria ela o porto ou não, nos descemos abaixo à praia onde nos tínhamos perdido e passado quase meia hora enxergámos que era coisa pequena, pelo que nos foi forçado tornarmo-nos a meter para dentro do mato, por nos não verem.

Chegada ao porto esta embarcação, que era uma formosa lanteaa de remo, os que nela vinham a atracaram com dous proízes de popa e de proa com a ribanceira que a ponta da calheta fazia, para se poderem servir com a prancha. E desembarcados todos em terra, que seriam até trinta pessoas pouco mais ou menos, entenderam logo em fazerem aguada e lenha, lavarem sua roupa e guisarem de comer, e alguns se ocupavam em lutas e em outros passatempos bem fora de lhes parecer que podia haver ali quem os estorvasse.

Vendo então António de Faria quão descuidados e desordenados todos andavam, e que na embarcação não havia pessoa nenhuma que no-la pudesse tolher, nos disse, estando nós todos juntos:

— Bem vedes, senhores e irmãos meus, o triste estado em que nossos pecados nos têm posto de que eu creio e vos confesso que sós os meus foram causa. Mas, como Nosso Senhor é infinitamente misericordioso, eu espero n'Ele que não há-de permitir que acabemos aqui tão miseravelmente. E ainda que sei quão escusado é trazer-vos à memória quanto nos importa trabalhar por tomarmos esta embarcação que Nosso Senhor milagrosamente agora aqui nos trouxe, todavia vo-lo lembro, para que todos, assim como estamos, do Seu santo nome na boca e no coração, arremetamos juntamente a ela, e antes que nos sintam nos lancemos todos dentro. E como a ganharmos vos peço que não entendamos em mais que em nos apoderarmos das armas que acharmos, por que com elas nos possamos defender e ficar senhores disto em que, depois de Deus, está toda a nossa salvação. E tanto que eu disser três vezes **Jesu, nome de Jesu**, fazei o que me virdes fazer.

A que todos responderam que assi o fariam sem falta nenhuma.

O ASSALTO

E preparados nós no modo conveniente a tão bom propósito, António de Faria fez o sinal que disse e arremeteu logo correndo, e nós todos juntos com ele. E chegando à lanteaa, nos apoderámos logo dela sem contradição alguma, e largando os proizes com que estava atracada, nós afastámos ao mar obra de um tiro de besta.

Os chins, que estavam descuidados disto, tanto que sentiram a revolta acudiram logo à praia com grande pressa, e vendo a embarcação tomada ficaram tão pasmados que nenhum deles se soube dar a conselho; e tirando-lhe nós com um meio berço de ferro que traziam na lanteaa, se acolheram todos ao mato, onde então ficaram chorando o successo da sua má fortuna como nós até então tínhamos chorado o nosso.

Depois de sermos todos recolhidos na lanteaa, e seguros de não nos poderem os chins empecer em cousa alguma, nos pusemos a comer muito descansadamente o seu jantar que um velho lhe tinha aparelhado, o qual era dous tachos de arroz com adens e toucinho picado, que então nos foi a todos de muito gosto segundo o apetite que todos lhe tínhamos.

Depois que acabámos de jantar e demos

graças a Deus pela mercê que nos fizera, se buscou a fazenda que vinha na lanteaa e se achou nela sedã, retrós, citins, damascos e três boiões grandes de almíscar, e tudo foi avaliado em quatro mil cruzados, afora uma boa matalotagem de arroz, açúcar, lacões e duas capoeiras de galinhas, que então se estimaram mais que tudo para convalescerem os doentes, de que ainda havia muitos. E começando uns e outros a cortar pelas peças sem medo, nos provemos de toda a falta que então tínhamos.

UM MININO DE DOZE ANOS

António de Faria vendo um minino que também ali estava de doze até treze anos, muito alvo e bem assombrado, lhe perguntou donde vinha aquela lanteaa, ou por que causa viera ali ter, cuja era e para onde ia.

O qual lhe respondeu:

— Era do sem-ventura do meu pai, a quem caiu em sorte triste e desaventurada tomar-des-lhe vós cutros em menos de uma hora o que ele ganhou em mais de trinta anos. O qual vinha de um lugar que se chama Quoa-mão, onde a troco de prata comprou toda essa fazenda que aí tendes, para a ir vender aos juncos de Sião que estão no porto de Comhay. E porque lhe faltava a água quis a sua triste fortuna que a viesse tomar aqui para vós lhe tomardes sua fazenda sem nenhum temor da justica do Céu.





Antônio de Faria lhe disse que não chorasse, e o afagou quanto pôde, prometendo-lhe que o trataria como filho porque nessa conta o tinha e o teria sempre.

A que o moço, olhando para ele, respondeu com um sorriso, a modo de escárnio:

— Não cuides de mim, inda que me vejas minino, que sou tão parvo que possa cuidar de ti que roubando-me meu pai me hajas a mim de tratar como filho. E se és esse que dizes, eu te peço muito muito muito, por amor do teu Deus, que me deixes botar a nado a essa triste terra onde fica quem me gerou, porque esse é o meu pai verdadeiro, com o qual quero antes morrer ali naquele mato, onde o vejo estar-me chorando, que viver entre gente tão má como vós outros sois.

Alguns dos que ali estavam o repreenderam, e lhe disseram que não dissesse aquilo porque não era bem dito.

A que ele respondeu:

— Sabeis porque vo-lo digo? Porque vos vi louvar a Deus depois de fartos, com as mãos alevantadas e c'os beijos untados, como homens que lhes parece que basta arreganhar os dentes ao Céu sem satisfazer o que têm roubado. Pois entendi que o Senhor da mão poderosa não nos obriga tanto a bulir quando nos defende tomar o alheio, quanto mais roubar e matar, que são dous pecados tão graves quanto depois de mortos conhecereis no rigoroso castigo de Sua divina justiça.

Espantado Antônio de Faria das rezões deste moço, lhe disse se queria ser cristão, a que o moço, pondo os olhos nele, respondeu:

— Não entendo isso que dizes, nem sei que cousa é essa que me cometes. Declara-mo primeiro, e então te responderei a propósito.

E declarando-lhe Antônio de Faria por palavras discretas ao seu modo, lhe não respondeu o moço a elas, mas pondo os olhos no Céu, com as mãos alevantadas, disse chorando:

— Bendita seja, Senhor, a Tua paciência, que sofre haver na Terra gente que fale tão bem de Ti e use tão pouco de Tua lei, como estes miseráveis e cegos, que cuidam que furtar e pregar-Te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na Terra.

E não querendo mais responder a pergunta nenhuma, se foi pôr a um canto a chorar, sem em três dias querer comer cousa nenhuma de quantas lhe davam.

A black top hat is centered against a blue background. The hat has a wide brim and a cylindrical crown. The word "surprise" is printed in white lowercase letters on the front of the crown, and the word "PARTY" is printed in white uppercase letters below it.

surprise

PARTY

A-PE-RI-TI-VO

Quantas vezes recorreremos às pastelarias quando, afinal, poderíamos nós próprias resolver os nossos problemas? Servir um **hors d'oeuvre** fica sempre bem. Quantas vezes o não servimos porque dá muito trabalho a pensar em fazê-lo ou a pensar em encomendá-lo?

Será difícil de preparar o **Cancanbre au Roqueford**? Aqui tem resolvida a dificuldade, minha senhora. Quantas visitas espera? Duas? São ao todo quatro, não é? Contamos, é claro, com o marido, e pensamos que os filhos irão para a cama.

Compre então um pepino de tamanho médio, umas cinquenta gramas de Roquefort, outro tanto de queijo branco e grãos de aipo (uma colher das de sobremesa chega).

Corte agora umas rodela de pepino, que terá o prévio cuidado de não descascar. Tire o recheio de cada rodela até metade e encha depois as rodela com uma mistura dos dois queijos temperados com grãos de aipo. Depois... frigorífico até que chegue a hora de servir os acepipes.

Muito difícil, muito trabalhoso, muito caro, não é? E já agora, outra receita difficilima:

ESPARGOS COM NOZES

As visitas são as mesmas, nós somos os mesmos e os meninos foram para a cama. De que precisamos então? Precisamos de espargos, para começar. E que lhes fazemos?

Cortamos-lhes os pés — deixando apenas um pedacinho de modo a que possamos depois pegar neles sem o auxílio de palitos... (E a propósito: nunca se esqueça de pôr na

mesa um ou dois pratinhos para que as visitas coloquem aí os palitos de que já não necessitam. Não lhes crie problemas, minha senhora. Pode dar-se o caso de os seus convidados serem tímidos, e à falta de sítio onde os ponham, meterem-nos no bolso do colete ou no fundo dos maples).

Descascamo-los primeiro, cozemo-los depois em água e sal. Entretanto preparamos um molho derretendo a manteiga (40 grs) e juntando-lhe nozes picadas, sumo de limão e uma pitada de pimenta.

Coloque depois os espargos (bem escorridos) em rodela de pão torrado. Regue-os com o molho.

Misture um terço de **gin**, um terço de vermute doce francês, um terço de vermute seco italiano. Ponha uma azeitona.

Misture um terço de **gin**, um terço de licor de cacau e um terço de nata. Agite. Ponha gelo, caso lhe apeteça. (Este **cocktail** foi servido no casamento da actual rainha-mãe de Inglaterra).

Ponha na coqueteleira um torrão de açúcar, uma colher das de chá com água, o sumo de meio limão, meia medida de brande e uma medida de conhaque. Misture ge'lo e agite. Sirva com uma rodela de limão.

Misture dois terços de **gin**, um terço de vermute seco italiano e limão; acrescente limão ou laranja à vontade, desde que não chegue a atingir um terço da medida. Agite e sirva.

**OS
TRÊS
AMORES
DA
BB**



Os «magazines» de todo o mundo falaram no caso. Os «fans», contemplando os retratos na parede aos pés da cama, imaginaram. Os guitarristas sentiram-se surpreendidos como classe. Os intelectuais não perceberam — Brigitte Bardot, vinte e quatro anos, vinte de província e quatro de cinema, ia casar-se numa pequena cidade francesa com Sacha Distel.

Estava apertando o calor. Na pequena vila do Sul onde passavam as férias B. B. e Sacha pareciam conhecer uma perfeita felicidade. Tinham-se conhecido quando das filmagens de *La Femme et le Pantin*, em que a B. B. contracenava com António Vilar. Sacha ensinara-a a tocar guitarra, e ao som doce e cadenciado das cordas meridionais e tensas as suas relações foram passando das de mestre e aluna para as de aluno e mestra. A B. B. apaixonou-se e, como uma aranha, foi envolvendo, paralisando, devorando o bom do músico.

Tudo isto, bem entendido, na mais perfeita pureza e com grande afecto mútuo. Chegaram a publicar-se os banhos. E de repente... a B. B. rompe o noivado, o guitarrista cai no esquecimento, os intelectuais compreendem, as senhoras de idade rejubilam intimamente, os agentes de publicidade começam a pensar noutra coisa.



Quando Brigitte vivia em Paris, no Bairro das Colónias deles...

A B. B. fora «descoberta» pelo primeiro marido, o cineasta francês Roger Vadim. Melhor, Vadim descobrira a rapariga de quem veio a fazer a B. B. como a conhecemos.

A B. B. era uma rapariguinha de província — toda da província: a cara, a voz, os vestidos, as ideias. E lentamente, com vagares pigmaleónicos de artista, Vadim foi transformando a rapariguinha da província naquela que iria encher as capas das revistas, os olhos

da juventude, as paredes dos prédios, que viria a simbolizar: **A MULHER**.

E quando, depois da B. B. pronta e conhecida, depois de *Et Dieu Créa la Femme*, o matrimónio se desfez, Vadim com profissionalismo de artista seguro, pegou numa jovem nórdica e recomeçou o seu delicado trabalho de ourivesaria humana. Veremos o produto do seu trabalho em *Les Liaisons Dangereuses* e teremos de curvar a cabeça. A B. B. é uma obra de juventude cheia de vigor e «élan» mas ainda não completamente acabada; esse requinte que lhe falta encontramos-lo em V...

A B. B. tem hoje vinte e cinco anos, sadicamente, plenamente vividos. E depois do intelectual Vadim, do instintivo Distel, as máis-línguas farejam-lhe um novo romance — o jovem actor francês Jacques Charrier.

Quem é Jacques Charrier? Filho de um coronel, de vinte e dois anos, curso dos liceus incompleto, passagem numa escola de belas-arts de Strasbourg, escapadas a Paris, gosto pelo teatro, papel no *Diário de Anne Frank*, passagem ao cinema com o principal papel em *Les Tricheurs*, sucesso, «fans», dinheiro, contracena agora com a B. B. em *Babette s'en va-t-en Guere*.

Os galãs do cinema têm variado: o romântico Rodolfo Valentino, da geração de 30, Clark Gable, homem experiente e sabido, Gary Cooper, Cary Grant — os heróis másculos e protectores; e a nova geração: os Deans, os Brandos, que andam à chuva, gostam de bichos e lêem os filósofos.

Jacques Charrier é diferente de todos estes e dos outros de que não falámos.

É um jovem tranquilo e tímido, sentimental, burguês à sua maneira, com um excelente sorriso franco e um olhar azul e límpido. Modesto nos fatos, nas conversas, nos automóveis, é um bom filho e um bom camarada, ouve a sua música clássica e lê o *Tin-Tin*.

As meninas adoram-no. O seu brando feitio de herói bondoso e infantil cai como sopa no mel numa geração de mulheres economicamente independentes.

E a B. B. parece que se deixou comover e que o seu atribulado coração encontra de novo as alturas diáfanas do romance.

Pode ser que seja apenas um boato. Ou pode ser que depois do inteligente Vadim, do instintivo Distel, do sentimental Charrier, a B. B. reúna estas três parcelas da psicologia clássica — e encontre por fim um homem.



Tout passe, tout casse, tout lasse... et tout se remplace... E Vadim vai fazendo pela vida com a sua nova mulher, Annette



Sacha, meu amor...

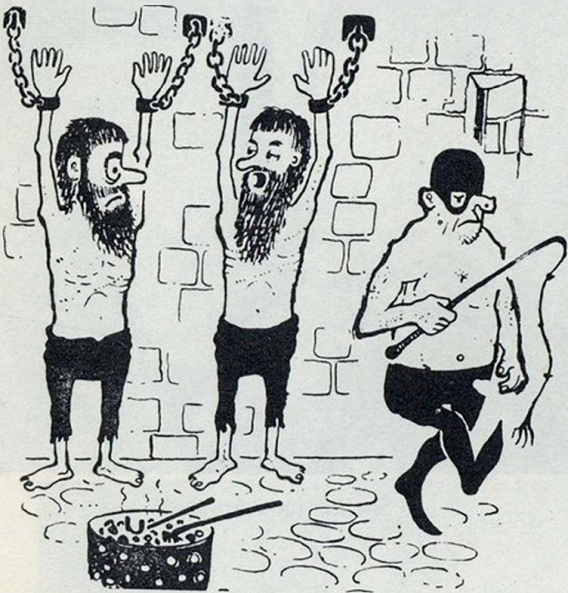
Brigitte e Jacques Charrien, o «ménage» ideal...



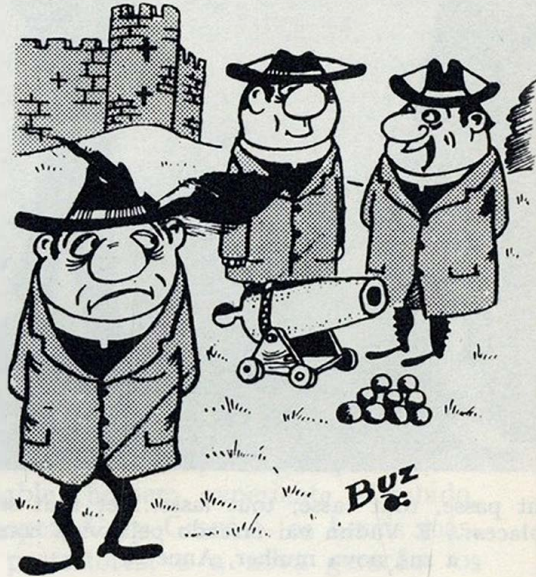
James Meyer



— Chiu! lembre-se de onde está.



— Aqueles que lidam mais com ele dizem que não é mau tipo.

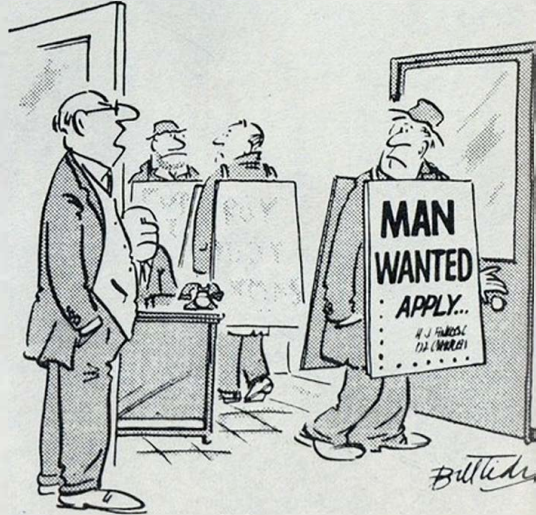


— Bem sei que é uma frivolidade, mas eu gostaria imenso de disparar o canhão.

MAGICIANS CLUB



— Vamos, meus senhores, não percam a calma!



— ...a propósito, Johnson, devo informá-lo que a partir de segunda-feira dispensamos os seus serviços...!



Harry Harris

— Um cientista, diz aqui que toda a matéria é energia. É óbvio que não te conhece.

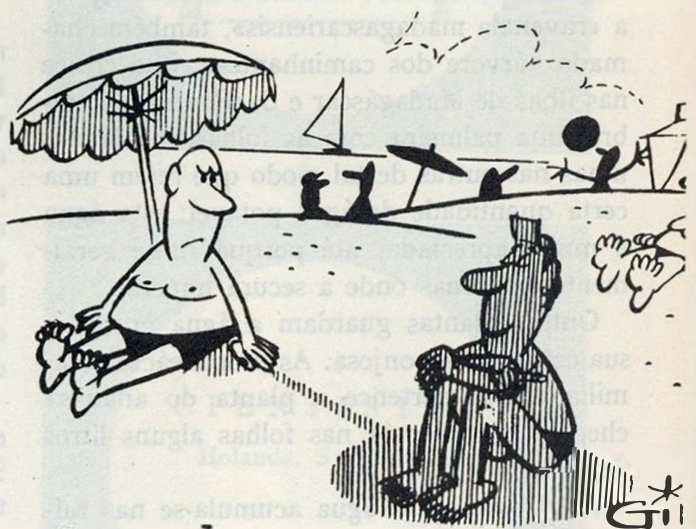


BILL HARRISON

— Está cá há muito tempo?



— Veio um homem atrás de ti — está nevoceiro?



G.



— Lamento muito mas não é este o cão que perdi.

saber inútil

Certas plantas são autênticos reservatórios de água das chuvas, verdadeiros manás para os exploradores ou os viajantes perdidos.

Como guardam elas a água? Uma guardam-na nas folhas. Pertence a esta categoria a «ravenala madagascariensis», também chamada «árvore dos caminhantes», que cresce nas ilhas de Madagáscar e da Reunião. Lembra uma palmeira com as folhas encaixadas umas nas outras de tal modo que retém uma certa quantidade de água potável; esta água é muito apreciada, até porque surge geralmente em zonas onde a *secura impera*.

Outras plantas guardam a água graças à sua estrutura esponjosa. As bromeléáceas (família a que pertence a planta do ananás) chegam a conservar nas folhas alguns litros de água.

Noutros casos a água acumula-se nas raízes. Isso sucede, por exemplo, numa árvore australiana, o «*eucalyptus globulus*» e são as raízes, que se estendem horizontalmente a uma profundidade que não vai além de uns seis centímetros, que conservam a água potável.

Atingindo, por vezes, comprimentos de 10 e 15 metros, essas raízes podem constituir preciosos reservatórios para o viajante. Basta cortá-las, vedar as extremidades com argila e levá-las ao ombro, como se fossem bambus...

OS STRADIVARIUS NA MÓ DE BAIXO

Contrariamente à opinião geral, a sonoridade dos Stradivarius não é superior à dos violinos modernos de boa qualidade.

No entanto, dirá o leitor, vendem-se periodicamente por somas astronómicas os famosos violinos de Cremona.

De acordo! Mas esse valor (fomentado, de resto, pela especulação dos negociantes) deriva mais da antiguidade e da raridade dos célebres violinos que da qualidade sonora de que dão provas.

Hoje em dia essa qualidade pode ser não só atingida, mas até ultrapassada. O moderno fabricante de violinos tem, por um lado, a vantagem de beneficiar dos ensinamentos e das conquistas dos modelos antigos e, pelo outro, ele dispõe de madeiras mais velhas, especialmente conservadas para tais fins. É evidente que na época de Stradivarius não havia grandes reservas de madeira seca, coisa que só se tornou possível com a existência de grandes organizações industriais.

Já tem havido concursos de sonoridade entre os modernos violinos e os Stradivarius. Será preciso acrescentar que a vitória pertence, geralmente, aos primeiros?

SALVAMENTO QUASE MILAGROSO

Um dos salvamentos mais extraordinários da história da aviação foi certamente este, sucedido na base aérea de San Angelo (Texas) em 1954.

Um avião militar de treino dava voltas desesperadas à pista sem se atrever a pousar porque o trem de aterragem estava avariado se deslocava.

Quando a gasolina estava quase no fim o comandante da base recorreu a um meio desesperado. Subiu para um outro avião, levantou voo e, colocando-se ligeiramente abaixo do aparelho avariado, começou a colidir com a ponta de uma asa no trem de aterragem imobilizado.

Este, depois de alguns encontrões, desceu por fim e tudo terminou da melhor maneira.

LEIA, MEDITE E RESPONDA

P I N T O R

Itália, S. XV, XVI

V I

E S C R I T O R

França,
S. XVII, XVIII

M E

P O L Í T I C O

Polónia, S. XIX, XX

P I

C I E N T I S T A

Holanda, S. XVII

H S

A C T R I Z

Suécia, S. XX

G O

F I L Ó S O F O

Grécia, S. IV

A S

A V I A D O R

América, S. XX

L.....H

S A N T O

Portugal, S. XII

A.....O

SOLUÇÃO: 1 — Vinci; 2 — Mollière; 3 — Pilsndsky; 4 — Hengens; 5 — Aristóteles; 6 — Garbo; 7 — Lindbergh; 8 — António;

- Qual destes mares tem águas mais frias?
 - Oceano Ártico;
 - Oceano Antártico;
 - Mar Báltico.
- Qual é o autor da «Sinfonia Fantástica»?
 - Beethoven;
 - Schumann;
 - Berlioz.
- Qual a média da duração da vida das vacas?
 - Dez anos;
 - Vinte anos;
 - Quarenta anos.
- Qual o principal actriz do filme americano **Rainha Cristina**?
 - Louise Rainer;
 - Greta Garbo;
 - Lilian Harvey.

leia

assine

divulgue

O
FALCÃO

O JOGO DA CANASTA

A canasta é hoje tão conhecida como o alecrim, o falecido Gago Coutinho ou a procição da Senhora da Saúde. Originariamente argentina, a canasta espalhou-se e hoje joga-se por esse mundo fora: nas casas particulares, nos hotéis, nas praias, nas estâncias de «ski», nos comboios, nos paquetes, nos hospitais e nas prisões.

Em Lisboa os dias-canasta repetem-se, uns de simples prazer, outros numa intenção muito pura de fraternidade e beneficência:

2 — Com dois ou três jogadores, cada um joga individualmente. Quatro ou mais formam duas equipas. Com quatro pessoas os parceiros sentam-se alternados à roda da mesa. Sendo cinco, jogam dois contra três, jogando os três alternadamente e ficando sempre um de fora em cada jogo.

Com seis pessoas, jogam três de cada lado e sentam-se também os parceiros alternadamente à roda da mesa, de forma a nunca ficarem dois parceiros ao lado um do outro.



a favor das vítimas das cheias do Tejo, a favor dos presos das cadeias, a favor dos meninos sem lar, a favor das crianças húngaras emigradas.

Todavia, apesar de tão espalhado o jogo — que desbancou o mah-jong e faz as senhoras dizer quando querem faltar a um compromisso: «não posso, tenho hoje uma canasta», resolvemos publicar as suas regras fundamentais que admitem, evidentemente, as variações que a imaginação dos jogadores lhes queira imprimir.

REGRAS DA CANASTA

OS JOGADORES

1 — A canasta pode ser jogada por dois, três, quatro, cinco ou seis jogadores. É mais interessante com quatro ou cinco pessoas.

AS CARTAS

3 — Joga-se com dois baralhos de 52 cartas mais quatro bestões, baralhando-se as 108 cartas juntas.

4 — Os bestões e os «bests» (todos os duques) têm o valor que lhes quiser atribuir.

PRELIMINARES

5 — Estendem-se na mesa as cartas, de face para baixo e cada jogador escolhe uma. As duas ou três cartas mais altas jogam contra as duas ou três mais baixas. A mais alta de todas é que escolhe o lugar onde se quer sentar.

Para valorizar considera-se:

Naipes mais alto: espadas, depois copas, ouros e paus; de cada naipe a carta mais

alta é o ás, depois rei, dama, valete, etc., até ao duque (a mais baixa). Os bestões não contam: tirando um compra-se outra carta.

6 — O jogador que comprou a carta mais alta é o primeiro a jogar, portanto o jogador à sua direita dá as cartas. O jogo segue sempre da direita para a esquerda.

7 — O jogador à direita daquele que dá as cartas parte o baralho depois de este ter sido baralhado por qualquer dos jogadores. Não se pode «cortar» deixando um dos montes com menos de quatro cartas.

8 — Dão-se onze cartas a cada jogador, uma a uma, sempre rodando, a começar pelo jogador à esquerda do que está a dar e acabando em si. (Com três jogadores dão-se treze cartas a cada um e com dois dão-se quinze).

9 — Dadas as cartas, as que sobram são postas em monte de face para baixo no meio da mesa. Volta-se a carta de cima e põe-se ao lado do baralho. Todas as seguintes cartas rejeitadas vão-se amontoando em cima desta carta; se o primeiro jogador não a quiser só a última carta a ser jogada fica visível.

AS FLORES (TERNOS ENCARNADOS)

10 — Se a primeira carta a ser voltada for uma flor (terno encarnado), um «best» ou um bestão, cobre-se imediatamente com a carta seguinte do baralho e o monte fica «congelado».

11 — As flores são cartas bónus, contando a favor ou contra os que as têm, mas nunca fazem parte do jogo na mão. Logo que lhe chega a vez de jogar, cada jogador deve pôr na mesa, de face para cima, a flor que tenha na mão (se tiver) e comprar outra para a substituir. Depois disto pode comprar e jogar segundo a regra 15.

12 — Comprando-se uma flor do baralho, deve pôr-se na mesa e comprar imediatamente outra carta substituta. Uma flor comprada do monte é também posta na mesa, virada para cima, mas não se compra qualquer outra carta em sua substituição.

13 — Cada flor vale 100, excepto quando algum dos lados compra as quatro flores, que nesse caso passam a valer 200 cada uma, ou seja 800 as quatro. Quando o jogo acaba, o lado que completou pelo menos uma canasta conta as flores a seu favor, contando-as contra si o lado que porventura não tenha feito qualquer canasta.

ORDEM DO JOGO

14 — O adversário à esquerda do jogador que dá as cartas é o primeiro a jogar, passando depois a vez ao jogador que lhe fica à esquerda e assim sucessivamente. Cada jogada compreende: comprar uma carta, pôr jogo na mesa (facultativo) e deitar fora uma carta.

15 — O jogador, quando chega a sua vez de jogar, pode sempre comprar a carta de cima do baralho conforme regras enunciadas mais adiante; e também algumas vezes comprar o monte se o pode utilizar para o pôr na mesa e para acrescentar ao jogo que tem na mão.

16 — A carta a deitar fora tem sempre de ser da mão e nunca do jogo da mesa. Deitando fora uma carta está a jogada terminada e não pode comprar-se carta ou pôr na mesa jogo esquecido.

CANASTAS

17 — O objectivo principal do jogador é formar canastas, começando com três ou mais cartas da mesma espécie, com ou sem «bests».

18 — Uma série é válida se tem pelo menos duas cartas iguais e não mais de três «bests». Os ternos pretos não podem pôr-se na mesa a não ser na jogada de acabar. Bestões e «bests» nunca se põem só por si para fazer canasta.

19 — O jogo, para ser contado positivo, tem de ser exposto na mesa. Cartas guardadas na mão quando o jogo acaba são sempre a descontar mesmo quando formem canasta. Todo o jogo posto na mesa é colocado em frente de um dos parceiros.

20 — O jogador pode acrescentar uma ou mais cartas iguais ou «bests» ao jogo posto na mesa pelo parceiro ou por si próprio.

21 — O jogador pode abrir quantas canastas quiser, quando lhe chega a vez de jogar, e acrescentar também cartas a canastas já começadas. Não se podem pôr cartas no jogo do adversário.

22 — Uma série de sete ou mais cartas é uma canasta. A canasta pode ser começada por uma série de três ou mais cartas e acrescentadas depois noutras jogadas até fechar. (A canasta é duplamente importante: uma vez feita tem um prémio especial e não pode acabar-se o jogo sem ter pelo menos uma completa).

23 — Sete cartas iguais (sem «bests») formam uma **canasta limpa**, que vale 500. Uma canasta feita com a ajuda de 1, 2 ou 3 «bests» é **suja** e vale 300. Cartas acrescentadas à canasta não aumentam o prêmio, só contando a mais pelo seu próprio valor. Um «best» acrescentado a uma canasta limpa torna-a suja.

24 — Nenhuma carta, uma vez posta na mesa, pode tornar a ser retirada da série em que foi posta. Os «bests» não podem ser negociados.

25 — As cartas têm os seguintes valores:

Bestão («poker»)	50	cada
«Best» (duques)	20	»
Rei, dama, valete, dez, nove e oito	10	»
Sete, sena, quina, quadra e terno	5	»

26 — A primeira canasta começada por uma das equipas é a sua canasta inicial. Para abrir jogo é necessário pôr na mesa uma contagem mínima que depende das pontuações feitas em jogos anteriores.

Pontuação total	Abertura
— negativos	0
— 0 a 1.495	50
— 1.500 a 2.995	90
— 3.000 ou mais	120

27 — Para cumprir esta contagem, as séries postas na mesa têm de somar, pela pontuação das suas cartas, pelo menos o valor requerido. Pode obter-se a contagem necessária abrindo mais do que uma série.

28 — Não pode começar-se a pôr jogo na mesa sem a pontuação mínima requerida.

COMPRAR O MONTE

29 — O monte está congelado, isto é, inutilizável, para qualquer dos lados que ainda não tenha aberto jogo. A abertura só pode ser feita com cartas da mão ou com a ajuda da carta de cima do monte. O monte, uma vez que se tenha jogo na mesa, deixa de estar congelado, a não ser que esteja «adicionalmente congelado» (ver regra 30).

30 — Mesmo para o lado que já abriu jogo, o monte está congelado quando contém um terno encarnado (comprado no baralho e logo jogado) ou «best» (comprado no baralho ou de reserva na mão). O monte mantém-se congelado até ser comprado. O novo monte

não é congelado a não ser que se jogue outro «best» ou terno encarnado (podendo no entanto estar congelado para os adversários segundo a regra 29).

§ único. — Podem também congelar o monte as cartas de que existam já canastas feitas (senas, valetes, etc.).

31 — Quando o monte está congelado (para um ou os dois lados) só pode ser comprado por um par «limpo» de mão. (Par limpo: que não utiliza «best»).

32 — Quando o monte não está congelado pode ser comprado com uma carta igual à da última jogada mais um «best», podendo também ser comprado se a carta de cima for aplicável ao jogo que está na mesa.

33 — Ao comprar o monte o jogador deve primeiro pôr na mesa as cartas necessárias para poder fazer a compra. Sendo abertura de jogo, deve primeiro pôr à vista a pontuação requerida, podendo esta ser também de outras séries. Só depois de ter a pontuação necessária feita com cartas da sua mão e auxílio da primeira do monte é que pode pôr cartas do monte na mesa.

34 — O monte não pode ser comprado quando tem em cima um «best» ou um terno preto. (Diz-se que o monte está travado).

35 — Quando o monte não está congelado ou travado pode ser comprado se a carta que está por cima forma série com o jogo que se tem na mão. Deve então pôr-se primeiro a carta na canasta que lhe compete sobre a mesa e só depois levantar o resto das cartas. Mas quando o monte é só de uma carta e o jogador também só tem uma na mão, não a pode comprar a não ser na circunstância referida na regra 36. (Em qualquer caso não pode acabar sem apresentar uma canasta).

36 — Acabadas as cartas do baralho o jogo continua enquanto as cartas deitadas fora pelo jogador da direita (o monte) servirem ao jogador seguinte. Não é obrigatório comprar o monte mesmo que sirva ao jogo na mesa. O jogo acaba ou quando o monte não é comprado ou quando o jogador não pode ou não o quer levantar.

ACABAR

37 — O jogador acaba quando tem possibilidade de deitar fora a última carta que tem na mão ou incluí-la dentro do jogo que tem exposto na mesa.

38 — Não se pode acabar sem se ter pelo menos uma canasta na mesa. De contrário tem de se conservar pelo menos uma carta na mão.

39 — Podendo acabar depois de comprar, o jogador pode perguntar ao parceiro se quer acabar. O parceiro pode responder «sim» ou «não» e o jogador tem de seguir a sua resposta. Não pode fazer-se a pergunta fora da vez de jogar ou depois de ter posto jogo na mesa (pode-se sempre acabar sem pedir a opinião do parceiro).

40 — Não é necessário deitar fora uma carta para acabar. Também se acaba podendo-se pôr todas as cartas da mão no jogo da mesa.

41 — Quando um jogador «acaba», o jogo também acaba. A contagem é feita então.

CONTAGEM DO JOGO

42 — O lado que acaba faz a sua contagem do jogo da forma seguinte:

a) Soma a pontuação das cartas todas do seu jogo de mesa (regra 25).

b) Soma todos os prémios por esta tabela:

Por acabar	100 p.
Por cada flor (regra 13) 200 ou 100 p.	
Por cada canasta limpa	500 p.
Por cada canasta suja	300 p.
Por acabar de mão (regra 50)	100 p.

c) Soma a pontuação das cartas que ficaram na mão do ou dos parceiros quando o jogador acabou. Subtrai esta soma da totalidade dos pontos obtidos em a) e b).

43 — Os adversários que não acabaram contam da mesma forma, não tendo, evidentemente, direito aos prémios «por acabar». Se não têm pelo menos uma canasta completa na mesa, o valor das flores que tenham também é deduzido, assim como a soma da pontuação das cartas que ficaram na mão.

44 — Se a última carta do baralho for uma flor, o jogador que a compra não é obrigado a deitá-la fora, podendo acabar o jogo. Este também acaba quando o baralho se esgota e o jogador que tem a vez de jogar não compra o monte. Em qualquer destes dois casos a contagem é feita segundo as regras 42 e 43, não havendo prémios de acabar nem de acabar de mão.



A CONTAGEM DA PARTIDA

45 — A partida é ganha pelo primeiro lado que atinge a contagem total de 5.000 ou mais pontos positivos. Se ambos os lados atingem ou ultrapassam 5.000 no mesmo jogo (o último jogo acaba-se sempre embora se saiba que um dos lados atinge 5.000 no fim do jogo), o lado com soma mais elevada ganha.

46 — Não há prémio por ganhar a partida. A vantagem é a diferença entre as contagens dos dois lados que são as somas totais dos jogos anteriores.

47 — A contagem deve ser assente em papel, em duas colunas (uma para cada lado). A contagem de cada jogo é feita somando ou subtraindo os jogos seguintes em cada coluna. A abertura de cada jogo está portanto dependente da soma total.

ACABAR DE MÃO

48 — Um jogador acaba de mão se pode pôr o seu jogo todo na mesa de uma vez, sem antes ter posto nenhuma carta na mesa.

Acabando de mão não pode acrescentar nenhuma carta sua ao jogo posto na mesa pelo parceiro.

49 — Se o parceiro não tem nenhuma canasta completa na mesa, o jogador só pode acabar de mão tendo uma canasta na mão.

50 — Por acabar de mão recebe-se um prémio de 100 pontos a acrescentar aos 100 de acabar.

IRREGULARIDADES

51 — Se o jogador errado dá as cartas, o jogo é válido; mas se se dá pelo engano a tempo, o jogador a começar é o que deveria ter dado as cartas. E dá depois as cartas no jogo seguinte.

52 — Vai o jogo abaixo se uma das cartas é virada para cima ao ser dada ou se se encontra alguma virada no baralho, ou se o jogador não dá as cartas correctamente; ou se algum dos jogadores não tem o número requerido de cartas.

53 — Se um jogador compra cartas a mais, tem de corrigir o engano não comprando quando lhe chega de novo a vez. Se um jogador deita fora sem comprar é obrigado a comprar a carta de cima do baralho, se se dá por isso antes de o jogador seguinte ter comprado.

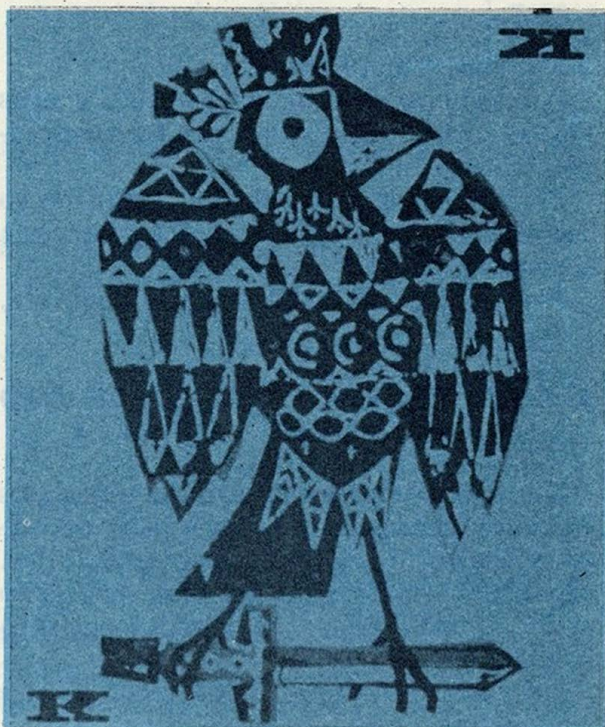
54 — Se um jogador põe por engano cartas no seu jogo de mesa que não formem série, tem de as deixar à vista e vai-as deitando fora quando lhe chega a vez de jogar podendo no entanto conservá-las se conseguir completar a ou as séries com cartas que compre do baralho ou do monte, ou colocando-as em séries que o parceiro ponha na mesa.

55 — Se um jogador abre sem ter pontos suficientes e sem possibilidade de, com mais cartas da mão, os conseguir, aplica-se a regra 54. Se comprou monte tem de o restituir antes de deitar fora uma das cartas expostas.

56 — Se um jogador tem, de abertura ou compra, uma flor e não a declara antes de o jogo acabar (tendo-lhe chegado a vez de jogar pelo menos uma vez) tem de multa 500 pontos.

57 — Se um jogador compra o monte e levanta as cartas sem mostrar o par necessário para isso, pode ser obrigado pelos adversários a repor as cartas na mesa. Havendo algumas dúvidas sobre as cartas que pertenciam ao monte, os adversários é que decidem quais pertencem.

58 — Se um jogador abre uma série com mais de três «bests» ou acrescenta um «best» a uma série que já tem três, deve tentar corrigir o erro passando o (ou os) «best» para outra série na mesa ou abrindo outra série onde possa ser utilizado. Se não pode corrigir o engano, o «best» ou «bests» extra



bem como qualquer carta erradamente jogada sofrem a regra 54.

59 — Se o jogador pergunta ao parceiro se quer acabar é obrigado a isso se este responde que sim. Os adversários podem obrigá-lo a acabar se o jogador põe jogo na mesa antes de receber a resposta do parceiro, ou se pela resposta negativa deste se pode deprender uma indicação. Se em tal caso o jogador não puder acabar é obrigado a expor a sua mão e fazer séries conforme puder — sofrendo as outras cartas a regra 54.

60 — Se um jogador compra o monte sem ser a sua vez de jogar, ou se põe jogo na mesa também fora de tempo, aplica-se a regra 54 com a diferença de que as cartas expostas não podem formar séries mas têm de ser simplesmente deitadas fora.

61 — Não há penalidade se um jogador joga antes de o adversário ter acabado a jogada, não se lhe tendo chamado a atenção para isso, mas cartas ou séries expostas ilegalmente não podem ser rectificadas e têm de ser outra vez levantadas.

PENALIDADES

As infracções pagas com multas em vez de castigos são preferidas por muitos jogadores. Portanto é facultativa a utilização das seguintes penalidades por pontos. Os casos expressos nas regras 51 e 60 não são remíveis, sendo a multa acrescentada.

Multas:

Por uma compra irregular, 50.

Por comprar fora de tempo, 100, e mais 100 se a carta assim comprada for acrescentada ao jogo da mão.

Por não poder acabar tendo perguntado ao parceiro se este queria e recebido resposta afirmativa, 100.

Por pôr jogo na mesa sem ser a sua vez, 100.

ALGUNS FACTOS COMUNS QUE NÃO CABEM NAS REGRAS

São usos e termos habituais da canasta os seguintes: chama-se «monte» à pilha de cartas rejeitadas; o acto de comprar estas cartas, «apanhar o monte»; deitar fora um terno preto ou um «best» chama-se «congelar o monte».

Um lado que atinge 3.000 pontos diz-se «vulnerável».

O primeiro jogador a abrir jogo na mesa põe-no à sua frente e o parceiro encarrega-se da contagem.

A contagem pode fazer-se num vulgar bloco de «bridge» com «Nós» e «Eles» à cabeça das colunas.

Quando o jogo acaba aponta-se primeiro a sua contagem e depois o resultado total da partida.

No fim da partida faz-se a diferença das contagens subtraindo a menor da maior. Deste resultado toma-se o número das centenas, considerando 50 ou mais pontos como uma centena. Assim, por exemplo, se o resultado da diferença das contagens for de 1.440, a vantagem do lado vencedor será de 14. Sendo o resultado de 1.455, a vantagem seria 15.

Completa uma canasta, faz-se um monte das cartas pondo por cima uma de pintas vermelhas se é limpa e uma de pintas pretas se é suja.

OBSERVAÇÕES SOBRE O JOGO

A finalidade imediata deste jogo é fazer canasta. Tendo bom jogo é conveniente abrir o maior número de séries possível, pois cada série aberta é mais uma possibilidade para fazer canasta. Sendo possível é bom ter um «best» de reserva na mão. Não convém pôr «bests» em série na mesa a não ser quando há perigo de os adversários acabarem.

É quase sempre de uma grande vantagem comprar o monte, sobretudo se já contém mais de três cartas.

Em geral vale mais a pena fazer um jogo grande do que acabar, excepto quando se tem a possibilidade de aproveitar a posição dos adversários para os colocar com pontuação negativa.

Não convém em geral abrir precipitadamente e ficar com menos de seis cartas na mão. O ideal é portanto abrir jogo com o mínimo de cartas requerido. Ás, ás e «best» quando a abertura necessária for 50; ás, ás e bestão, quando forem precisos 90...

Também é bom conservar na mão um terno preto para o jogar num momento oportuno, tal como: depois de abrir jogo pôr um terno preto na mesa para o adversário não o poder comprar.

Só vale a pena um «best» no monte se é urgente congelá-lo para diminuir o risco de este ser comprado pelo adversário.

ILUSIONISMO

QUANTAS FICAM?

Este passatempo curioso necessita para sua execução de uma certa quantidade de pequenos objectos: botões, fichas, fósforos. Vamos executá-lo com moedas.

O «adivinho» coloca-se de costas e um ajudante, sob indicações daquele, coloca sobre a mesa uma fila horizontal com o número de moedas que lhe apeteça. Abaixo desta dispõe outra fila que contenha menos uma unidade que a primeira. Se na primeira pôs, por exemplo, doze, na segunda deve pôr onze, etc.

Então o artista, que está de costas e ignora o número de moedas das filas, manda executar as seguintes operações:

- 1.^a — Retirar N moedas da primeira fila;
- 2.^a — Retirar da segunda fila tantas moedas quantas ficam na primeira;
- 3.^a — Retirar todas as moedas da primeira fila.

Feito isto o artista, sem se voltar, anuncia o número exacto de moedas que ficam na mesa.

Solução: Ficam sempre $N-1$ ou seja, o número de unidades que se mandou retirar da primeira fila, menos uma.

UMA SOMA RÁPIDA

Neste passatempo aritmético o operador simula estar dotado de uma grande facilidade em somar. Consegue com efeito somar oito parcelas de 6 algarismos em poucos segundos o que é realmente extraordinário. O truque é fácil e passa-se tal como vamos expor:

Convidam-se três amigos a escrever cada um numa folha de papel ou de bloco um número de seis algarismos, colocados debaixo uns dos outros para os somar. O operador escreve a seguir outros três; mas não de uma maneira arbitrária: os algarismos de cada um estarão formados respectivamente pelos complementos para nove dos algarismos dos três primeiros excepto os algarismos das uni-

dades que se completam para dez. Assim se a primeira parcela for, por exemplo, 281357 o artista formará a quarta com: 718643. Constitui um ponto fraco do jogo o facto de escrever ele próprio três parcelas, mas pode ficar em parte dissimulado pelo pretexto de não fatigar o público e, além disso, acrescenta-se a estas seis parcelas mais duas que o público escreve à vontade o que facilita mais o disfarce do truque. Pode mesmo pedir-se a algum amigo industriado já nas regras do jogo que escreva as três parcelas-chave, o que adensa, evidentemente, o mistério.

Uma vez na posse das oito parcelas diz-se: «Eis aqui uma soma que levaria normalmente muito tempo a fazer. Eu vou resolvê-la rapidamente. Peço a algum dos circunstantes que conte os segundos pelo relógio»... etc.

E, com efeito, em poucos segundos o adivinho executou a soma e entrega o bloco para que se possa confirmar o resultado.

Exemplo:

Parcelas escritas	{	281596
à vontade do público		747318
		854335

Parcelas escritas pelo artista	{	718404
		252682
		145665

Parcelas indiferentes escritas pelo público que o artista deve somar

{	482597
	135264

3617861

Segredo:

Escritas as oito parcelas nas condições indicadas, o operador tem apenas que somar as duas últimas e acrescentar à esquerda do resultado um 3 ou um 4: um 3 se da soma das duas últimas parcelas não «vai» nenhuma unidade e um 4 se vai uma.



O JOGO DO MINOTAURO

A tradição faz remontar o jogo do Minotauro aos gregos. Como certo porém aparece-nos pela primeira vez em meados da Idade Média. A tradição conta que Carlos Magno, na véspera de ser coroado em Roma, passou a noite jogando o Minotauro. Praticado nas cortes da Europa foi levado pelos portugueses para o Oriente, onde se transformou no Okais-Uto japonês, que se joga com bagos de arroz. Na França de Versailles uma variedade de Minotauro, o Minotauro de tabuleiro, conheceu o seu máximo esplendor — Luís XIV oferecia tabuleiros de Minotauro aos nobres da sua companhia cuja susceptibilidade queria apaziguar e Maria Antonieta, já condenada à morte, jogou uma partida de Minotauro com o seu confessor.

Abolido por decreto pela Convenção voltou a readquirir prestígio e expansão durante a segunda metade do século XIX.

As regras que hoje apresentamos são as do Minotauro inglês, compiladas em 1923 por Lord Boyd-Baden.

REGRAS DO JOGO

1. Podem jogar o Minotauro até um máximo de seis pessoas dispostas porém de maneira que apenas quatro entram de cada vez numa partida. Admite a formação de parceiros.

2. O material necessário ao jogo é constituído por um tabuleiro ou cartas devidamente marcadas, cinco Argonautas (peões pequenos) e um Minotauro (peão grande). Utilizam-se além disso alternativamente, dados ou cartas. Joga-se por fora com fichas cor-de-rosa, meia coroa (2 xelins) para as fichas azuis e 1 guinéu para as fichas brancas.

3. O tabuleiro tem um traço ao meio que o divide em duas porções iguais dispostas um à esquerda outra à direita do observador colocado na posição dos argonautas. Sorteado pela carta maior o jogador que fica com o Minotauro, sai jogando aquele com pontuação imediatamente abaixo. Conforme a pontuação dos dados deslocam-se os argonautas de unidades previamente marcadas, avançando no sentido da direita os argonautas pretos e no da esquerda os brancos.

A pontuação 1:1 dá direito a repetir a jogada e a 6/6 é eliminatória.

4. O Minotauro joga com um dado apenas e desloca-se para a direita, (esquerda dos argonautas) ou para a esquerda (direita dos argonautas) segundo a pontuação é par ou ímpar, de unidades duplas das arbitradas para os argonautas. **Quando o Minotauro se encontra à esquerda da linha vale como se fosse dois Minotauros (sendo todavia apenas um).** É esta a regra fundamental do jogo, nem sempre bem compreendida mas de transcendente importância. **O Minotauro vale dois mas é afinal apenas um.**

5. Quando o Minotauro encontra um argonauta come-o tendo porém que o devolver ao tabuleiro se fizer a seguir três jogadas de pontuação ímpar ou três jogadas de pontuação par. É neste ponto que o jogo se torna fora do tabuleiro mais vivo. Dos quatro jogadores um joga com o Minotauro, outro com os argonautas, outro aposta também fazendo a banca e o último colocado à retaguarda faz

de morto e defende simbolicamente o Velo de Ouro. Não pode apostar mas recebe a terça parte dos lucros da banca de três em três jogadas.

6. Os argonautas defendem-se do Minotauro aproveitando as falhas deste. Há três circunstâncias em que o Minotauro é vencido numa só jogada interrompendo-se o jogo.

a) **Quando, estando do lado direito, jogue como se fosse dois em vez de um:**

b) Quando, estando do lado esquerdo, procura defender em barreira o Velo de Ouro em duas posições.

É essa a única circunstância em que **valendo dois é afinal apenas um.** É dos três o caso mais frequente.

c) Quando sai sete vezes seguidas no seu dado o número cinco.

Fora destes casos o jogo termina ou quando os argonautas conseguem colocar quatro elementos junto do Velo de Ouro ou quando o Minotauro comeu todos os argonautas não os tendo devolvido ao tabuleiro.

No primeiro caso o jogador que joga com os argonautas ganha recebendo o dinheiro da banca, o do Minotauro e metade do do morto. No segundo caso o Minotauro recebe todo o dinheiro menos o do morto.

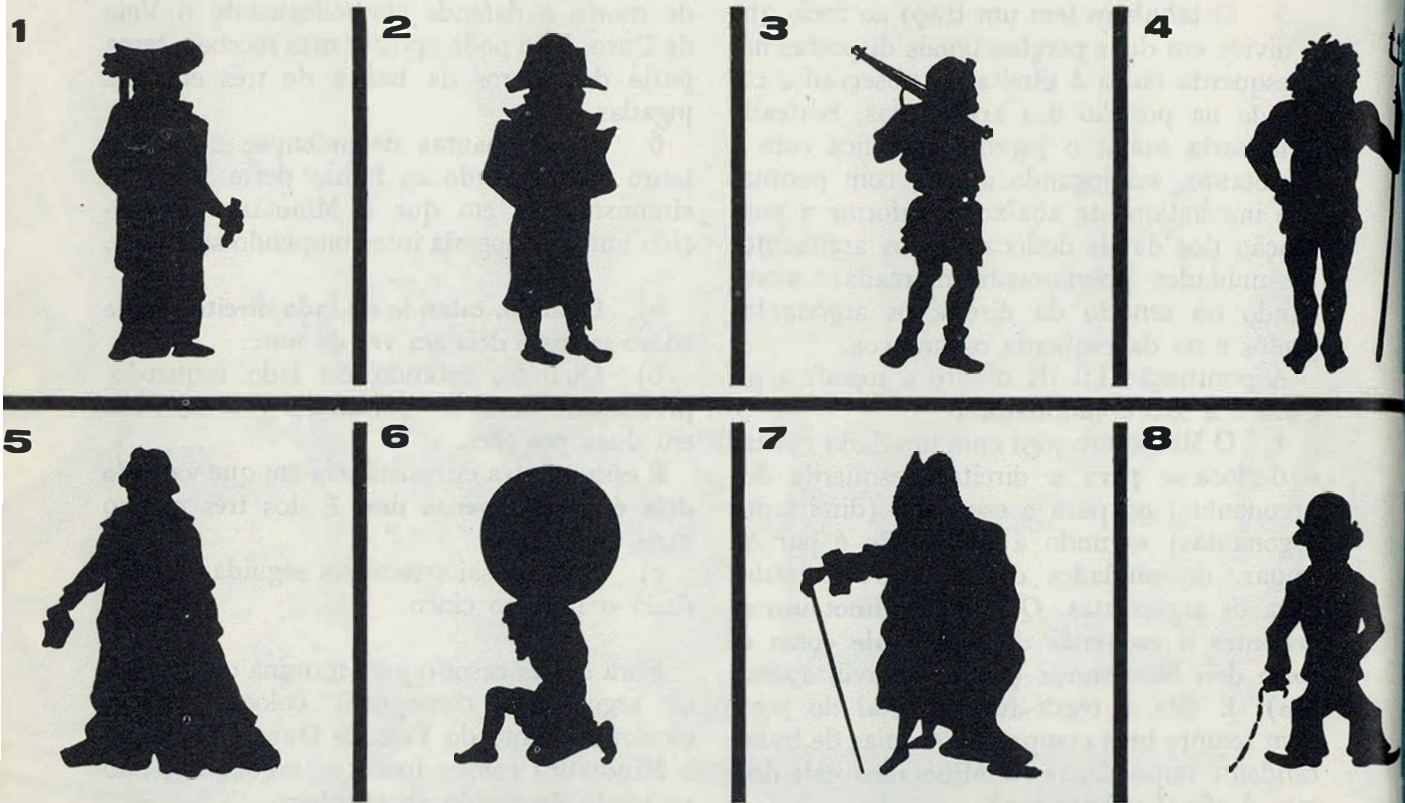
A série três jogos constitui uma partida, indo os jogadores rodando à volta do tabuleiro como na canasta. As partidas marcam-se num papel vulgar dividido em colunas.

leia

assine

divulgue

O
FALCÃO



SILHUETAS CÉLEBRES

A que figuras célebres da história e da mitologia pertencem estas silhuetas?

A PACIÊNCIA DOS ASES

Utilizar um baralho completo.

Baralham-se e partem-se as cartas. A começar pelo duque, nomeiam-se depois as cartas pela sua ordem natural e tiram-se uma a uma ao mesmo tempo que se vão descobrindo.

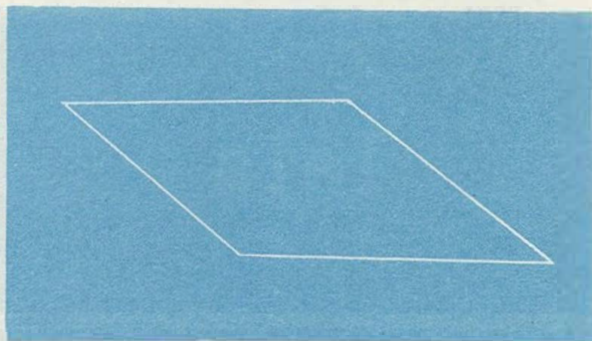
Sempre que o nome corresponde à carta que se descobre, esta é disposta num maço ao lado.

Terminada a passagem das cartas, recorre-se ao maço que foi posto de lado, tendo o cuidado de previamente o inverter; posto isso, repete-se o que se havia anteriormente feito com o baralho completo. Vão-se repetindo estas operações até que fiquem no resto apenas os ases (nesse momento a paciência terá terminado).

Nota — Se numa das passagens se não deitar qualquer carta para fora, é inútil continuar a paciência.

SOLUÇÃO — 1 — Infante D. Henrique; 2 — Napoleão; 3 — Guilherme Tell; 4 — Neptuno; 5 — Richeieu; 6 — Atlas; 7 — Luís XIV; 8 — Charlot.

o sentido das proporções



Não. Não se trata de um paralelogramo, por muito estranho que isso possa parecer. Mas antes de pegar na régua, veja se descobre a olho nu a ordem de grandeza dos lados desta figura. Não há dois lados iguais em comprimento — avisamos desde já. Ponha o n.º 1 naquele que lhe parece mais pequeno, o n.º 2 no seguinte e assim por diante até ao n.º 4, que será o lado maior. A solução vem na pág. 164.



Presley retratado por uma admiradora

ELVIS PRESLEY

o deus vivo de que crença?

Durante a última guerra mundial, num inquérito realizado entre as forças armadas americanas em que se perguntava aos soldados por que se batiam, conta-se que um deles respondeu — pelas pernas de Betty Grable.

O bom humor que esta resposta despertou era injustificado. Ela era precursora de uma complicada série de fenómenos que os sociólogos e educadores americanos se os já compreenderam — não puderam ainda convenientemente atalhar.

Onde Elvis e o «rock'n'roll» chegam as

salas enchem-se, as bichas impedem o trânsito, as «fans» acotovelam-se, rasgam-se, esmagam-se para o alcançar. A sua voz faz desmaiar jovens e velhas, o público entra em paroxismo — melhor que o «baseball» ou o rãguebi, mais barato, mais cómodo e menos perigoso que o álcool.

Elvis arrasta as multidões ao delírio, emulações entre os jovens estudantes americanos cheios de saúde e desejosos de triunfar na vida, enche os álbuns e os corações das meninas casadoras, e os bolsos dos magnates

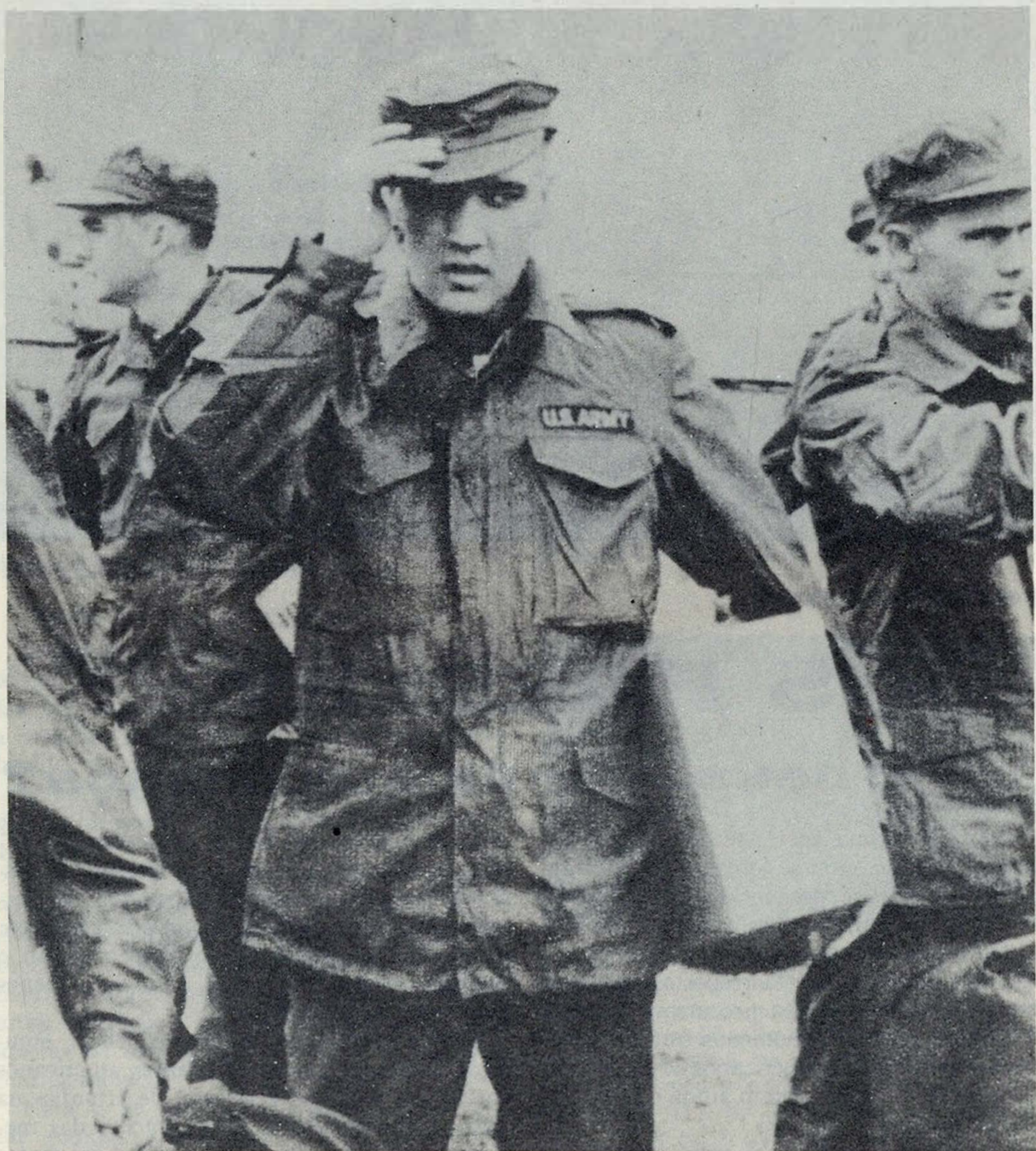
da TV, dos agentes de publicidade, dos directores das inúmeras revistas — «Rock and Roll Rivals», «Movie Life», «TV Star Parade», «TV Movie Stars», «Hollywood Sone & Tragedy», Elvis Presley, etc., que mensalmente enriquecem o património dos E. U. e constituem, com os livros policiais e o golf — conforme as idades — os entreténs decentes do americano médio.

Quando o serviço militar o chamou à defesa da pátria o choro das «fans» não tinha cobro e as revistas passaram a vir cheias de cenas

da sua nova carreira — Elvis de espingarda, Elvis de capacete, Elvis de metralhadora, Elvis abraçado por admiradoras alemãs, protestos por Elvis não ser destacado para serviços especiais, Elvis na caserna,, Elvis, Elvis, Elvis — «Elvis the Pelvis» como lhe chamaram já.

Da sua vida sentimental não se fala: Está noivo? Esteve noivo? Irá estar noivo? Com quem anda? Porquê? Por onde? Para quê?

Num concurso organizado por uma revista recolheram-se, de todos os E. U. milhares





de poemas e desenhos de admiradoras alguns dos quais nos deixam perplexos:

«Um único poema não pode cantar
A tua simpatia, o teu ardor, o teu pensar»
etc.

... ..
de outros

Vi-o e quando o vi julguei estar vendo
Um corcel dourado levando a crina ao [vento
etc.

... ..

Numa confusa mistura vêm-se página e contrapágina fotografias do funeral da mãe, versos que lhe mandam meninas de dezasseis anos, e retratos seus comendo um qualquer fruto predilecto ou tangendo o violão de que se acompanha.

Elvis hoje é mais que um homem ou que um mito — é uma organização. Nas páginas das revistas que citamos, todos os pormenores da sua vida — reais ou inventados — vêm mencionados e esquadrihados admiravelmente.

E desenhos, um dos quais reproduzimos junto.

Nesta altura as jovens admiradoras de Elvis perguntarão:

— É Rodolfo Valentino? E Ramon Navarro? E James Dean?

Era diferente. De Rodolfo a Dean o herói

é ainda o herói romântico, melhor o herói lúcido, o herói inteligente. Dean foi o símbolo de uma posição perante a vida ao mesmo tempo emotiva e cerebral em que aos choques temperamentais se opunham as atitudes reflexivas.

Há até, na figura, uma certa melancolia que a torna simpática.

Através de Dean o mundo abre-se. A sua «fan» encontra um universo novo. A «fan» de Presley não encontra mais do que uma momentânea alienação que os sentidos lhe fornecem.

Mas não vamos discutir agora a razão dos mitos como o de Presley — ou até mesmo o de Dean.

Limitamo-nos a constatar-los. E a denunciar aqueles que contra as gerações futuras do país alimentam as fornalhas da insanidade mental. Não o pobre Elvis — bom rapaz de 24 anos, certamente estúpido mas que não fuma nem bebe, filho de um casal humilde e que comprou para os pais uma casa maravilhosa com o dinheiro ganho no trabalho.

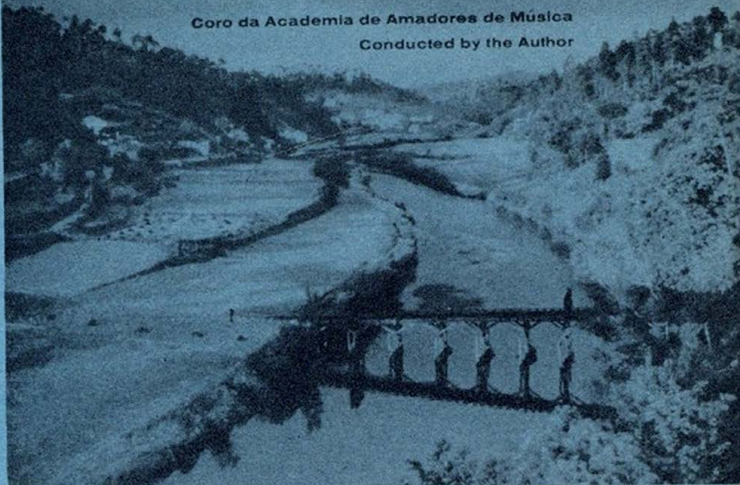
Hoje está milionário, é benemérito, corre em automóveis de corrida e coleciona — «hobby» favorito — ursos de peluche.

O pior são os outros. No fim de «Sangue y Arena» Blasco Ibañez diz que a única fera é o público. Ele é que mata os toureiros e não o touro. Aqui as feras são precisamente os interesses ligados à rádio, ao cinema, e à TV, aos «magazines» populares que encontraram o fácil filão para imprimir e lucrativamente prenetarem a juventude.

DISCOS

FERNANDO LOPES GRAÇA
PORTUGUESE FOLKSONGS FOR MIXED CHORUS

Coro da Academia de Amadores de Música
Conducted by the Author



A MÚSICA POPULAR PORTUGUESA, OU A BELA DESCONHECIDA

Dentro de meia dúzia de anos que terá acontecido à música popular portuguesa? Dentro de meia dúzia de anos que canções se cantarão em Portugal? Estas perguntas podem mesmo ser enunciadas, em grande parte, no presente do indicativo ou mesmo no pretérito: que aconteceu à música portuguesa? Que se canta hoje em Portugal?

É sabido o grave equívoco em que se vive. **Música portuguesa** significa, na linguagem radiofónica, música do Parque Mayer. É essa música inclassificável que as nossas estações emissoras enviam para os numerosos aparelhos de rádio situados pelo país fora. São essas canções que hoje se ouvem por toda a parte. As outras... E se os especialistas não se apressarem a gravar a música, amanhã já não o poderão fazer. A memória dos homens tê-la-á esquecido para sempre. Em vez do «Digo-Dai», ou da «Marcela», ouviremos «Olha a Mala» ou outra qualquer obra-prima da inventiva dos nossos **compositores populares** — para empregar a terminologia jornalística. Pergunta-se: quais os dicionários onde popular é considerado sinónimo de mau ou de péssimo?

Mas seria injusto não chamarmos a atenção dos leitores para o esforço persistente de Fernando Lopes Graça.

Mercê da boa vontade da His Master's Voice foram gravados dois discos de grande importância: **Canções Populares Portuguesas** pelo coro da Academia de Amadores de Música, e **Canções Populares Portuguesas** por Arminda Correia. Lopes Graça dirigiu o coro e acompanhou ao piano Arminda Correia.

Na impossibilidade de fazermos hoje qual-

quer referência mais pormenorizada a estes discos, não queremos deixar de louvar esta iniciativa, devida, afinal de contas, a uma empresa de discos estrangeira. Pois quê? As casas de discos portuguesas apenas apreciam a música popular no sentido radiofónico da palavra?

E é tão grave o problema que pensamos que o Estado ou uma forte instituição privada que à cultura dedicasse o melhor do seu tempo, talvez pudessem valer ainda ao património português de música popular.

À falta de música, à falta de podermos gravar aqui a voz tão pessoal de Arminda Correia, transcrevemos da brochura que acompanha o disco His Master's Voice DLPC 18 a letra de duas canções:

I

DIGO-DAI...

Tenho um amor, tenho dois
(Digo-dai, digo-dai, dai-dai)

Tenho três, não quero mais
(Teté,

Ó tirolé, dai-dai,

Ó tirolé)

Para que hei-de ter amores,
(Digo-dai, etc.)

Se eles me são leais?

(Teté, etc.)

Eu tenho quatro namoros,
(Digo-dai, etc.)

Dois de manhã, dois de tarde;
(Teté, etc.)

Com todos me rio e brinco
(Digo-dai, etc.)

Só a ti fa'lo verdade.

(Teté, etc.)



Ó MINHA AMORA MADURA

Ó minha amora madura
Diz-me quem te amadurou:
Foi o sol e a geada
E o calor que ela apanhou.

E o calor que ela apanhou
Debaixo da silveirinha:
Ó minha amora madura,
Minha amora madurinha.

ABERTURAS DE MENDELSSOHN

Recebemos de Estabelecimentos Valentim de Carvalho as aberturas de Mendelssohn (Decca ACL 33) numa interpretação da Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direcção do maestro Carl Schuricht.

O disco compreende as seguintes aberturas: «Hébridas» ou «A Gruta de Fingall», «A Bela Melusina», «Ruy Blas» e «Mar Calmo» e «Próspera Viagem» compostas entre 1828 e 1839, já sob a influência da experiência pessoal do compositor como é o caso das «Hébridas», já sobre temas de prestígio na época: «Ruy Blas» de Vitor Hugo, «Mar Calmo» e «Próspera Viagem», que colheram a sua inspiração nos poemas de Goethe, Mecsstille e Glückliche Fahrt, que sugeriram também peças musicais a Beethoven e a Schubert.

A interpretação da Orquestra Filarmónica de Viena é correcta e a direcção do maestro Carl Schuricht (que vimos entre nós, trazido pela Fundação Gulbenkian) das que mais fielmente mantêm o espírito de Mendelssohn.

Gravação cuidada e capa de disco, com a apresentação da entrada da gruta de Fingall, composta com bom gosto gráfico.

KEELEY SMITH

— nova voz da canção

Keeley Smith é uma nova estrela da canção que em pouco mais de seis meses alcançou por duas vezes o Hit Parade.

É certo que o seu êxito foi facilitado, por um lado, pelo facto de Keeley ser casada com o chefe de orquestra Louis Prima e, pelo outro, porque as boas estrelas de Doris Day, de Dinah Shore e de Peggy Lee iam empalidecendo. Mas que aquelas palavras não sejam interpretadas como uma tentativa de recusar a Keeley Smith o talento real de que tem dado provas. A sua versão das «Folhas de Outono» é verdadeiramente sensacional e demonstrativa de como uma velha canção pode sempre ser enriquecida graças à inteligência e à sensibilidade de um artista.





UM MODERNO CLASSICO DO JAZZ:

MILES AHEAD ou o triunfo de gil evans

Passaram-se quase dois anos sobre a gravação do **Miles Ahead**, que por muitos foi então considerado como um dos momentos decisivos da história do jazz. Passados os primeiros instantes de exaltação pode perguntar-se: não teria sido exagerado um tal entusiasmo?

Talvez seja ainda cedo para responder.

A publicação do **Miles Ahead** seguiu-se de perto à nova gravação do **Ko-Ko** (1956), em que Duke Ellington, a grande esperança passada, falhava rotundamente.

Os olhos desiludidos dos amantes do jazz viravam-se então para Gil Evans, que parecia reunir as condições necessárias para continuar a viagem iniciada por Duke Ellington.

Em boa verdade, aquando da gravação do **Miles Ahead**, o nome de Gil Evans estava quase esquecido. Não era trompetista, nem cantor, nem chefe de orquestra e a memória dos homens esquece muitas vezes, no universo do jazz, os criadores. Certo é que a palavra «criador» atribuída a Gil Evans pode levantar dúvidas. Os seus arranjos, as suas orques-

trações, são notáveis; mas **Blues for Pablo**, a única peça da sua autoria neste disco, é fraca.

Como esquecer porém a sua prodigiosa capacidade construtiva? Gil Evans combina as dez peças que constituem **Miles Ahead** numa vasta **suite** onde cada trecho se transforma na introdução do outro; a unidade que daqui resulta é tal que, mau grado a diferente sucessão dos **tempos**, qualquer pessoa desprevenida ignorará que os temas pertencem a autores diversos: Brubeck, Davis, Kurt Weill... Nesse sentido, Gil Evans revela-se um autêntico criador.

Bartock e Strawinsky não escreveram autênticas obras-primas, riquíssimas de unidade, utilizando temas alheios?

A interpretação de Miles Davis é notável. Dois anos depois da gravação deste disco, podemos ainda dizer que ele é o mais lírico de todos os **jazzmen** modernos. Podemos ainda dizer que esta gravação continua a ser um dos mais belos momentos da história moderna do jazz.



Rosita Serrano foi na sua época de ouro «a voz das cem cores», como dela diziam os círculos da propaganda mais ou menos associados às ordens oficiais de Goebbels. A nova Alemanha do pós-guerra apresentou uma nova vedeta: Caterina Valente e com um **slogan** dez vezes mais valioso: «A voz das mil cores». É que, na realidade, não houve na cançoneta ligeira quem, como Caterina Valente, interpretasse maior variedade de géneros, cantando em tantas línguas (alemão, inglês, francês, espanhol, português, italiano, sueco e japonês) e desdobrando tanto a sua personalidade vocal que desde o **lied** clássico ao **jazz** e às canções de **vaudeville** nada, pode dizer-se, deve ter escapado ao «curriculum» desta artista.

Caterina ocupou assim o lugar do monstro de ouro das receitas mundiais do disco, só comparável ao de Modugno depois do sucesso de **Nel Blu Dipinto di Blu** e, posteriormente, de **Piove**. Mas as suas receitas são mais cons-

CATERINA

tantes e as suas gravações enchem diariamente as prateleiras das «novidades» das discotecas do mundo inteiro. «Caterina é um **solovox** inesgotável», disse Gilbert Bécaud, seu companheiro dos espectáculos do Casino de Paris. «Nunca encontrei alguém com tantas possibilidades de **espectáculo** musical nem com tantos e tão variados recursos vocais como ela.»

Bécaud dizia isto em 1950. A sua opinião foi confirmada. Caterina Valente, que hoje tem a sua carreira consagrada com o Óscar da Música Ligeira, é detentora do maior contrato de gravação em disco da Decca, e porventura um dos maiores de toda a história das gravações comerciais.

A FILHA PRÓDIGA E O PRÍNCIPE DE BERLIM

Em 1937 a família Valente era uma espécie de «troupe» que andava pelos teatrinhos baratos de Hamburgo tocando e fazendo números de variedades sob o comando de Maria

Valente, a «Mamã Valente», que fazia em público papel semelhante ao do «Professor» da orquestra americana de Cab Calloway. Compunha-se de cinco figuras: Mamã Valente e os quatro seus filhos — Sílvio, Caterina, Pietro e Nina — cantando e tocando clarinete e acordeão.

A modesta companhia, de origem italiana, desmantelou-se com a guerra, mas em 1947 recompôs-se, desta vez, ao que parece, com melhor sorte do que no passado, pois em 1949 encontrava-se em Paris. Foi aí que Caterina decidiu ensaiar a prova do êxito, deixando a família na sua peregrinação artística pelos pequenos cafés de Montmartre e tentando a sorte num **music-hall** das vizinhanças do Arco do Triunfo.

Daí a pouco tempo era chamada ao cinema, recebia contratos da Bélgica e apresentava-se oficialmente na Rádio Luxemburgo — uma estação que é como a antecâmara do alto mundo da rádio e da TV.

Vem então o acaso na pessoa de Eric Lindor, director de programas da Rádio Zurique. O acaso chegou num encontro de café e a sorte foi lançada. A experiência das primeiras gravações radiofónicas de Caterina Valente resultou em cheio e de tal forma que o rei do **jazz** alemão, Kurt Edelhagen, ouvindo-a, pensou nela como a «cantora instrumental» (uma cantora que se integra na orquestra sem se destacar dela, fazendo **hot** com a voz, à maneira de Ella Fitzgerald) e, de que precisava para a sua orquestra.

Deste modo deu Caterina entrada na catedral das estrelas de música ligeira: os estúdios da Südwestfunk. Nessas salas de paredes frias, funcionais como um gabinete anatómico, gravou ela as três canções que a haviam de lançar ao mundo: **Istambul**, **O Mama**, **I love Paris**, acompanhada da orquestra de Edelhagen.

O resto é conhecido do grande público. Está no êxito que obteve como cantora de **jazz**

A VOZ DAS MIL CORES

Mas as suas primeiras gravações foram um desastre. A filha pródiga regressou à «troupe» materna, que, na altura trabalhava no Teatro Hansa, de Hamburgo. Conheceu então um berlinense de sangue aventureiro que seria o grande estímulo da sua vida. Eric von Aro. Casaram, como nas histórias cor-de-rosa, quase às escondidas. E, como nas histórias cor-de-rosa, têm sido muito felizes. Fim da primeira parte.

UMA CARREIRA EM «ROULOTTE»

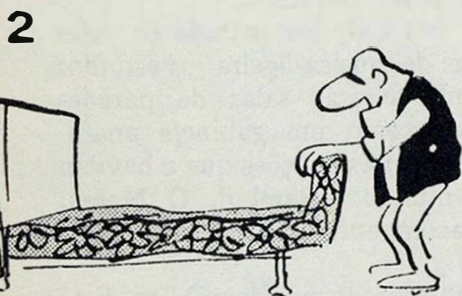
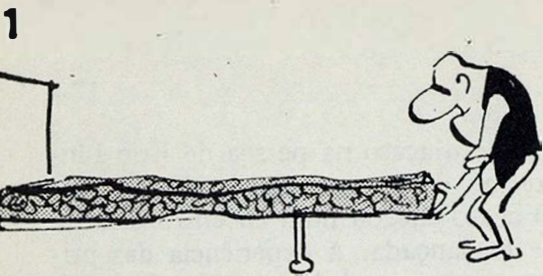
A segunda parte da carreira de Caterina Valente passa-se quase toda em **roulotte**. Casada, estrela de variedades sem brilho, deixou outra vez a família e partiu com o marido numa **roulotte** que tinham comprado, fazendo uma lua de mel um tanto ou quanto comercial, pois por onde passavam ofereciam os seus serviços nos teatros e nos circos. Foi assim que Grock, o magnate dos Circos Grock, os veio a conhecer e contratou Caterina para uma série de intervenções musicais nos seus espectáculos.

no Salão Internacional de Paris, em 1954, no sucesso dos **mambos** que cantou nalguns filmes e sobretudo nos discos com que assaltou o mercado.

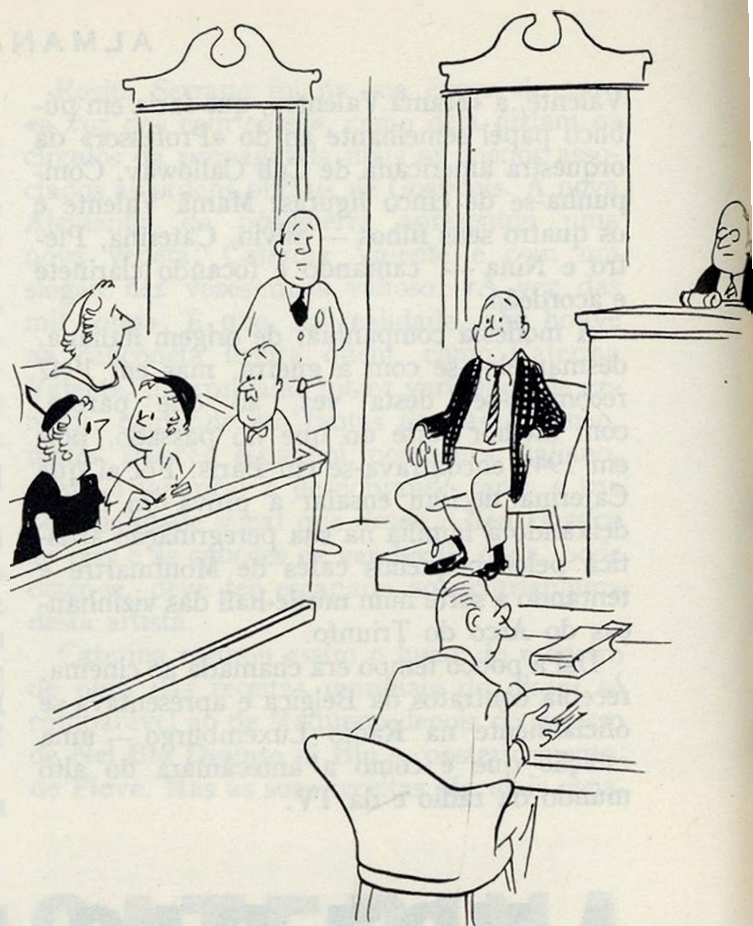
Malagueña, a célebre **Malagueña**, fê-la conhecida nos Estados Unidos, que a contratou imediatamente para a televisão. Em 1955 cinquenta milhões de americanos viam e escutavam Caterina. E aplaudiam.

A Fox e a Metro-Goldwin-Mayer preparavam-lhe ofertas quando de Londres lhe vinha a proposta substancial para tomar parte na revista **Cancan**, de Cole Porter. Cinema, televisão, **music-hall** tornaram-se géneros familiares a Caterina mas a sua base foi e continua a ser o disco.

Acompanhada do marido, seu empresário e conselheiro, e do filho, o pequeno Eric, que felizmente para ele, anda longe de toda esta corrida de celebridade, «a mulher da voz de mil cores» continua a ser uma estrela errante que sobe, sobe, no mercado internacional à razão (actual) de 250 discos por hora.



Lantz



— Para mim um julgamento não é julgamento se o réu não for arrumado!



— Que graça é que tem em deixar o meu cérebro à ciência?

charles
strauss



— Como pode constatar deve ficar-lhe óptimo!

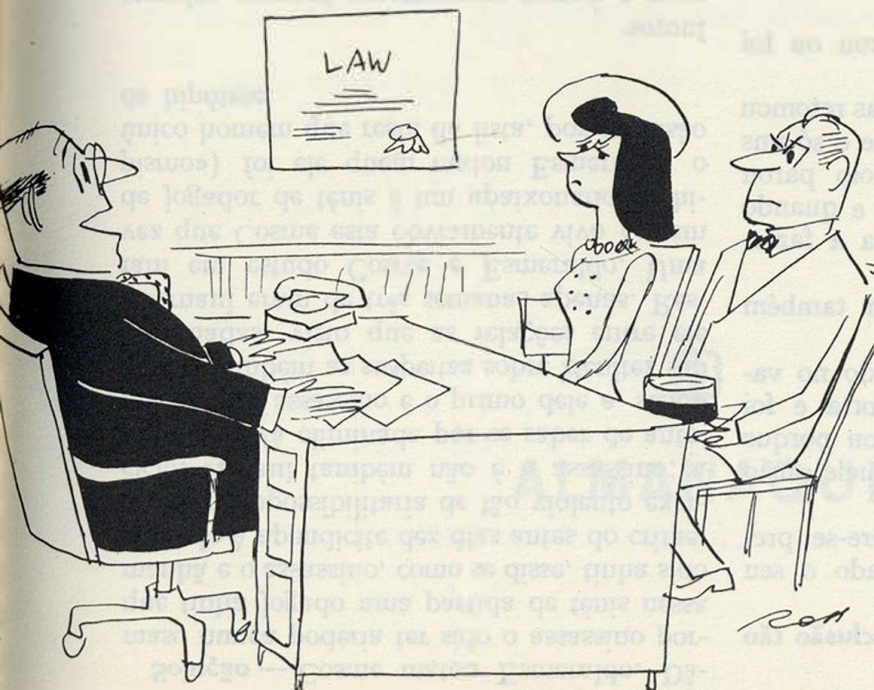
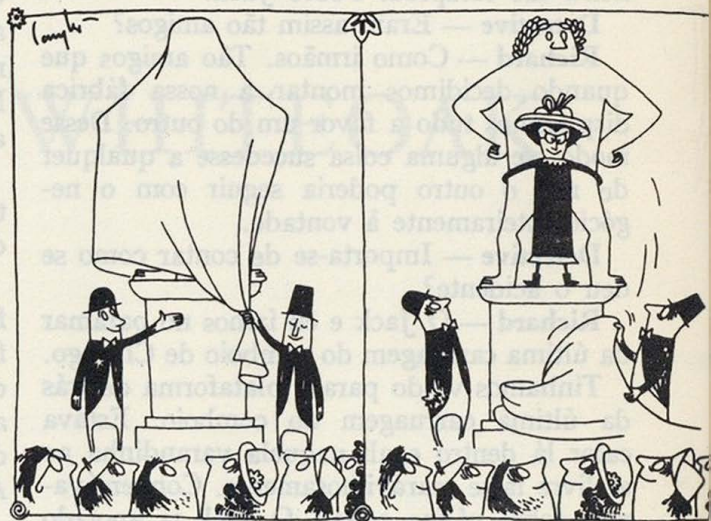


— Tome uma de quinze em quinze segundos.

REG HIDEK



— Agora percebo porque passa as noites no seio da família.



— E que tal uma reconciliação até eu ter tempo para me ocupar do vosso caso?



Barr

O CRIME AO ALCANCE DE TODOS

I) CRIME NO COMBOIO

O detective conversa com o jovem Richard Gardner num gabinete da estação do caminho de ferro de X...

Richard — Não consigo habituar-me à ideia de ter perdido para sempre o meu melhor amigo. E ainda por cima morto daquela maneira tão estúpida. Pobre Jack!

Detective — Eram assim tão amigos?

Richard — Como irmãos. Tão amigos que quando decidimos montar a nossa fábrica dispusemos tudo a favor um do outro. Desse modo, se alguma coisa sucedesse a qualquer de nós o outro poderia seguir com o negócio inteiramente à vontade.

Detective — Importa-se de contar como se deu o acidente?

Richard — O Jack e eu íamos no patamar da última carruagem do comboio de Chicago.

Tínhamos vindo para a plataforma de trás da última carruagem do comboio. Estava calor lá dentro e ali naquela varandinha ao ar livre ia-se maravilhosamente. Conversávamos sobre várias coisas. O Jack ia apoiado à balaustrada, meio sentado, meio de pé. De repente o comboio estacou e nesse sacão inesperado o Jack desequilibrou-se e tombou para trás por cima da varanda.

Detective — Mas o comboio parou ou foi apenas uma mudança brusca?

Richard — Parou um segundo mas retomou logo o andamento. Toquei o alarme e só uns duzentos metros adiante o comboio parou definitivamente. Corri como doido e quando cheguei ao pé do Jack nada havia a fazer, estava esfacelado contra os rails.

Detective — E porque não caiu também o senhor?

Richard — Porque não ia apoiado no varandim. Ia de pé encostado à porta e foi precisamente a porta que me salvou porque me agarrei a ela quando se deu aquele sacão brusco.

Detective — Entendido. Considere-se preso, Sr. Richard, por ter assassinado o seu amigo.

Que levou o detective a essa conclusão tão rápida?

Solução — Uma brusca e momentânea trajetória a vítima para a frente e não para trás. vagem num comboio em andamento projet-

II) JOGO DE CARTAS

Cinco indivíduos — Dâmaso, Esmeraldo, Cosme, Benítez e Arnaul — frequentadores assíduos de uma banca clandestina, envolveram-se em desordem por questões de jogo. No meio da refrega, um deles matou outro a tiro. **Quem foi a vítima e qual o assassino?**

Apuraram os investigadores que: Dâmaso tinha jogado na manhã do crime uma partida de ténis num retiro dos arredores da cidade.

O assassino era primo de Arnaul, com quem fora criado e educado. Esmeraldo era amador fotográfico e Cosme, além de exímio jogador de ténis, era um apaixonado do hipismo. O assassino tinha sido operado à apendicite dez dias antes. O conhecimento de Benítez com Arnaul datava de três semanas apenas.

Arnaul tinha vivido com a mãe durante todo o ano anterior e voltara agora para junto dela. Dâmaso era um excelente pianista. Benítez e Cosme costumavam praticar hipismo juntos.

Solução — Cosme matou Esmeraldo. Dâmaso nunca poderia ter sido o assassino porque que tinha jogado uma partida de ténis nessa manhã e o assassino, como se disse, tinha sido operado à apendicite dez dias antes do crime, o que o impossibilitaria de tão violento exercício. Arnaul também não é o assassino; a hipótese está eliminada por se saber de antemão que o assassino é o primo dele e, sendo assim, também as suspeitas sobre Benítez são infundadas, visto que as relações entre ele e Arnaul eram de três semanas apenas. Res-tam em estudo Cosme e Esmeraldo. Uma vez que Cosme está obviamente vivo («além de jogador de ténis é um apaixonado de hipismo») foi ele quem matou Esmeraldo, o único homem que resta da lista, por exclusão de hipótese.

TIPOGRAFIA NACIONAL

MAZO DE LA ROCHE

GRUPO DE PUBLICACIONES PRODUCTAS

OS IRMAÑOS WHITEOAK



ALMANAQUE

GRUPO DE PUBLICACIONES PRODUCTAS

ALMANAQUE DE 1954

Impreso en México

TÍTULO ORIGINAL

WHITEOAK BROTHERS

COPYRIGHT BY MACMILLAN

TRADUÇÃO DE
RUTH DELGADO

III. JOGO DE CARTAS

— Certo indivíduo — Dignity — Fazer-lhe
Cousa, Dignity e Arnold — 100 mil dólares
valendo de uma única declaração, e a
sua vida em dependência dos caprichos de...

— O primeiro dos jogos de cartas, uma guerra
de cartas e de dinheiro. Entretanto era a
briga de Dignity e Cousa. Não se podia jogar
de novo, era um apelo ao Dignity. O
segundo jogo era a guerra e a dependência dos
dois lados. O terceiro jogo de cartas com
Arnold estava de fora, sempre o mesmo.

Arnold tinha vindo para a vida durante
tudo o dia seguinte e voltou agora para jogar
de novo. Dignity era um excelente jogador. De
mais a mais, Cousa costumava praticar bônus
jogos.

— Certo indivíduo — Dignity — Fazer-lhe
Cousa, Dignity e Arnold — 100 mil dólares
valendo de uma única declaração, e a
sua vida em dependência dos caprichos de...

— O primeiro dos jogos de cartas, uma guerra
de cartas e de dinheiro. Entretanto era a
briga de Dignity e Cousa. Não se podia jogar
de novo, era um apelo ao Dignity. O
segundo jogo era a guerra e a dependência dos
dois lados. O terceiro jogo de cartas com
Arnold estava de fora, sempre o mesmo.

1959
GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
LISBOA

Nessa manhã ao vestir-se, Finch Whiteoak reparou na transformação das suas mãos. Era estranho não o ter notado há mais tempo. Parecia que súbitamente, como da noite para o dia, se tinham tornado longas e delgadas, os dedos finamente articulados, as juntas mais salientes, o polegar mais independente. Pareciam mãos capazes de efectuar qualquer coisa de valor. E sorriu orgulhosamente, ao pensar que realizaria qualquer coisa de valor. Depois ficou muito grave e aprumou-se. Era o dia 1 de Março, dia do seu décimo quinto aniversário. Era natural que estivesse a modificar-se. Perguntou a si próprio se já teria um começo de barba, mas ao passar a mão pela cara, sentiu-a tão macia como um ovo. Com certeza estava a crescer rapidamente, pois os fatos já lhe ficavam muito apertados. E ao lembrar-se disso, esboçou um trejeito de desagrado. Nunca teria um fato feito à sua medida? Era obrigado a usar sempre os que já não serviam a Piers, e quando um fato já não servia a Piers quem o queria? Não Finch. Ele desejava um fato novo em folha.

Era geralmente nas manhãs de domingo que vestiam roupa limpa, mas, como fazia anos, mudaria nesse dia. Descalçou as peúgas, que estavam rotas nos calcanhares e, abrindo a última gaveta da cómoda, já esmurrada e sem alguns puxadores, tirou outras peúgas e roupa interior. Esta estava tão encolhida por sucessivas barreiras que, depois de conseguir enfiá-la, mal o deixava mexer-se. Fez alguns movimentos para atenuar aquele desconforto, em posições tão grotescas que Piers, acordando nesse instante, soltou uma risada trocista. Piers ia brevemente fazer dezanove anos.

Finch empertigou-se e perguntou:

- Que te deu?
- Tu.
- Eu? Que queres dizer?
- Devas ver a tua figura.
- Não tenho culpa de toda a minha roupa estar demasiadamente apertada para mim - replicou Finch, com voz forte.
- Claro que não - respondeu Piers, muito calmo. - E não é por tua culpa que tens um aspecto tão engraçado. Mas não podes esperar que não me ria.
- Eras capaz de rir da nossa avó... se tivesses coragem.
- Tenho boa disposição e tu ajudas-me a mantê-la.
- Cala-te.

Piers apoiou-se no cotovelo, com o rosto, branco e rosado, súbitamente sério.

- Não estás zangado, pois não?

Finch, calado, ia calçando as peúgas.

- *Estás?*

- Não - resmungou Finch.

Sabia bem que não valia a pena zangar-se com Piers, demais a mais no dia dos seus anos. Devia estar de bom humor. E talvez Piers tivesse um presente para ele. Lembrava-se de que, no último aniversário, lhe dera qualquer coisa. Que tinha sido? Ah! Sim, uma gravata, e bem bonita. Era ainda uma das melhores que tinha. Pô-la-ia nessa manhã. Era uma maneira delicada de lembrar-lhe o dia dos seus anos. Estranhava que Piers ainda não tivesse falado nisso, pois geralmente era ele o primeiro a manifestar-se, com uma forte palmada, por cada ano de idade, e outra, mais puxada, para "te fazer crescer". Olhou de relance para o irmão, a ver se reparava na gravata, mas Piers pousara de novo a cabeça na almofada e fechara os olhos. Estava a gozar da liberdade de sábado, dia em que não tinha aulas. No seu rosto saudável brilhava a expressão feliz e descuidada que Finch tanto lhe invejava e de que ao mesmo tempo desconfiava. Invejava-a porque sabia que nn

vejava-a, porque sabia que nunca poderia experimentar tal sensação, e desconfiava porque era muitas vezes o prenúncio desse humor implicante. Durante alguns minutos ficou a olhar o irmão, com a gravata na mão. E então reparou que Piers tornara a adormecer de repente, como costumava, como se pudesse adormecer ou acordar conforme lhe apetecesse.

Para Finch, quinze anos era de certo modo como que uma baliza. Sentia-se diferente, já não era um rapazinho. Uma certa dignidade enobrecia o quinquagésimo aniversário - dentro de seis anos atingiria a maior idade. Como seria então? "Perguntou a si próprio." Muito diferente do que hoje era. E, alteando os ombros, empertigou-se. Mas apenas por momentos - realmente era demasiado esforço logo de manhã.

E que manhã! Uma chuva gelada batia nos vidros da janela, correndo em lúgubres bátegas e formando poças no peitoril. O velho cedro, próximo da janela, parecia ter sido arrancado, todo gotejante, de um regato. Não seria apenas a chuva que podia molhá-lo assim! Para além da árvore Finch via a massa esbatida das cavalariças e a silhueta de um criado a dirigir-se para lá em correria. Benny, o cão pastor, dirigia-se plácida para casa, como se não se ralasse com a chuva... Que dia para aniversário! Mas, apesar de tudo, Finch sentia, no fundo de si próprio, uma deliciosa excitação.

Despejou no balde a água em que Piers lavara as mãos na noite anterior e encheu a bacia com água limpa do jarro, notando com desagrado o círculo gorduroso que ficava à volta. Lavou a cara, passou as mãos molhadas pelo cabelo, liso e castanho claro, e enxugou-se ligeiramente. Por que diabo Piers se servia também da sua toalha e depois deitava ambas para o chão? Perguntou a si próprio se lavaria ou não os dentes e resolveu optar pela negativa.

Muito desejava que alguém lhe desse uma escova nova para o cabelo e um pente. Os seus estavam realmente muito estragados. Não se lembrava a quem já tinham pertencido, ou há quanto tempo ele próprio os usava, e contudo recordava-se bem de coisas passadas há muito. Quando acabou de pentear-se, a cabeleira húmida e luzidia ficou bem assente, mas depois de vestir-se, uma mecha rebelde fugiu e caiu-lhe, rígida, pela testa. Limpou as unhas e então, com profunda emoção, avançou ao encontro do seu aniversário.

No cimo da escada hesitou antes de ir ver Eden, que dormia no quar-

to próximo e cuja porta deixava sempre aberta. Deitado de costas, os braços lançados para trás da cabeça e os cabelos de ouro brilhante espalhados pela almofada, Eden deu-lhe uma impressão de mal-estar, quase tristeza. Mas havia sempre qualquer coisa de triste numa pessoa profundamente adormecida. Eden tinha um aspecto quase humilde, como se se sentisse envergonhado por ter sido suspenso na Universidade no último período e tencionasse nunca, nunca mais proceder mal. Contudo, logo que abrisse os olhos, essa expressão desapareceria e não ficaria satisfeito se visse o irmão a observá-lo. Finch perguntou a si mesmo se Eden teria um presente para ele.

No corredor encontrou a irmã, Meg, que levava pela mão o membro mais novo da família. Porque o levaria ela como se fosse um bebé, se ele ia fazer sete anos em Junho próximo? Porque o vestia e penteava com mil cuidados e o amimava de todas as maneiras possíveis? Havia outros que mereciam um pouco mais de atenção e não a tinham.

- Então, querido Finch - perguntou Meg, com ar reprovador - porque vestiste o teu fato dos domingos? Hoje é sábado. Ou enganaste-teno dia?

Esteve tentado a gritar-lhe: "E o dia dos meus anos, não é? Uma pessoa tem direito de usar o seu melhor fato no dia dos anos, não tem?" Mas nada disse e ficou-se a olhá-la de boca aberta.

O pequeno Wakefield puxou pela mão de Meg e interrompeu-os com a voz choramingas que reservava especialmente para a irmã.

- Quero o meu almoço. Quero o meu almoço.

- Ouve, Finch - explicou Meg, conciliadora - Vais tirar esse fato. Foi limpo e passado a ferro há pouco tempo e não quero que o sujes. Vá, sê bom rapaz...

Finch deitou a correr pela escada acima.

- Está bem - gritou com a voz trémula de cólera. - Vou despir-me e venho com os meus velhos farrapos. Não te aflijas.

Meg, admirada, levantou para ele os olhos azuis.

- Como estás mal-disposto! Se Renny te ouvisse, não sei que diria.

-Dava-lhe uma boa bofetada - observou Wakefield, transformando-se de súbito de bebé num detestável rapazote.

- Cala a boca - berrou Finch.

E Wakefield, um verdadeiro diabrete:

- Cala-te tu!

- Não vos admito tais modos - ralhou Meg - E, agarrando com mais firmeza na mão do pequenito, começou a descer a escada para o vestíbulo.

Finch desejava ardentemente não ter de mudar de fato ante o olhar trocista de Piers. Viu, satisfeito, que não acordara Eden - apenas se pusera de bruços - e que Piers dormia ainda profundamente, a face rosada, apoiada na mão. Todo trémulo, arrancou o casaco, o colete e as calças, atirou-as para o chão e deu-lhes um violento pontapé. Sentia-se envergonhado e aborrecido com a sua cólera. Tirou do guarda-fatos as calças, já vergonhosas, manchadas de tinta nos joelhos, e um velho pull-over cinzento, já rto nos cotovelos. Se Meg queria vê-lo miseravelmente vestido no dia dos seus anos, com certeza ia dar-lhe esse prazer. Não podia compreender Meg. Estava sempre a censurá-lo pelo seu desmazelo e, agora que se esmerara, censurava-o na mesma.

A chuva era cada vez mais forte e a fenda do tecto começou de novo a gotejar. Era bem feito para Meggie, era bem feito para Piers, se metessem os pés num charco. Mas a meio caminho da escada arrependeu-se.

"Diabo", pensou, "se resolvesse cometer um crime não seria capaz de levá-lo até ao fim. Deixaria o tipo meio morto". Voltou para trás, despejou a bacia e colocou-a a aparar as pingas, deixando-se ficar imóvel a ouvi-las cair. A princípio quase não faziam ruído, mas com a continuação, produziam um som muito agradável. Não era apenas um tinido, mas uma bela cadência, como os primeiros acordes de uma melodia. Ficou a ouvi-la, de cabeça inclinada, os grandes olhos claros brilhando de êxtase.

Piers acordou, deitou um olhar para a bacia e voltou-se para o outro lado a resmungar.

Em baixo, na sala de jantar, já estavam a tomar o pequeno almoço quatro membros da família: Meg, que apenas tomava chá com uma torrada, o pequeno Wakefield, que abria canais e lagos miniaturais no prato das papas de aveia com leite, e os dois tios, Nicholas e Ernest Whiteoak, que comiam com apetite presunto com ovos. Todos quatro ergueram os olhos para Finch quando apareceu à porta. Os tios deram-lhe os bons dias, mas nenhum falou no aniversário, continuando a discussão sobre o aumento dos impostos em Inglaterra no pós-guerra. Como tinham passado lá a maior e a mais agradável parte da sua vida, embora o casamento de Nicholas com uma inglesa tivesse acabado num divórcio, o seu interesse e as suas conversas versavam muitas vezes sobre Londres e os seus passados prazeres. Lá tinham dissipado o seu património e a sua juventude, regressando a Jalna quando os seus depósitos bancários estavam quase esgotados e recebendo de Philip, o irmão mais novo que herdara a propriedade, generoso e cordial acolhimento.

Ernest tinha agora perto de setenta anos e Nicholas fizera-os havia pouco. Eram belos homens, de uma elegância rara nessa época, embora Nicholas tivesse agora tendência para usar demasiadamente compridos os seus cabelos negros, já um pouco grisalhos e para ser pouco cuidadoso com a cinza dos seus charutos. Mas Ernest era impecável e, como diziam os sobrinhos, sempre com o aspecto de quem estava pronto para sair. Considerava-se um intelectual e passava grande parte do tempo a ler Shakespeare e livros que lhe diziam respeito, apesar da sua fraqueza para esquecer quanto lia. Nicholas tocava piano bastante bem e, se não tivesse tido outras preocupações quando novo, poderia ter-se tornado um excelente pianista. Tinha agora um velho piano no quarto e tocava quase todas as noites. Dizia não gostar tanto do som do piano do salão, mas de facto os seus dedos começavam a ficar enteiriçados e um joelho gotoso obrigava-o a coxear um pouco. Mas gostava de boa comida. Toda a família Whiteoak a apreciava, com aparente excepção de Meg, que contudo limpava um tabuleiro bem guarnecido se o tivesse à sua disposição no seu quarto.

Finch serviu-se de papas de Aveia da terrina e juntou-lhes leite, atentamente observado por Wakefield.

- Que estás tu a olhar? - perguntou Finch

- És guloso.

Meg interveio:

- Come as tuas papas, querido.

- Não quero.

- Não estás bem? - perguntou ela, já ansiosa, perscrutando o rosto aguçado e bastante pálido.

- Do que ele precisa - observou Nicholas - é de ser menos amimado.

- Oh! tio Nicholas, bem sabe que Wakefield não teria resistido, se eu não

olhasse por ele com tanto cuidado.

- De facto é verdade - aprovou Ernest.

O rapazinho olhava-os a todos saboreando a sua fragilidade.

Passos rápidos soaram no vestibulo e o senhor de Jalna entrou na sala, seguido por três cães - dois spaniels e um cão pastor.

- Os cães devem estar a pingar - gritou Meg.

- Não replicou o dono - Sabem que o tempo não está bom para eles. E não se enganam, está um dia horrível.

Pousou levemente os dedos no pescoço, tépido e branco da irmã, e depois de desejar bons-dias dirigiu-se para o seu lugar, na cabeceira da mesa, colocando-se os cães orgulhosamente ao seu lado.

Ernest Whiteoak tinha uma pituitária muito sensível. Notou não só o agradável e fresco aroma do sabão Windsor que se desprendia do sobrinho mais velho, mas também o leve cheiro de cavalaria e do pêlo dos cães, tão característico. Pegou no lenço e aspirou o fresco Vapex de que o impregnara.

Renny, olhando-o de relance, perguntou:

- Está constipado, tio Ernest?

- Não, não. Apenas puz um pouco de Vapex no lenço, como precaução. Nada mais.

- Bom! - Renny serviu-se de papas de aveia e acrescentou: - E uma época propícia às constipações e está um dia horrível. - E voltando-se para Finch: - Aposto que estás contente por não teres de ir às aulas. É sábado, não é?

Finch só desejava gritar-lhe: "São os meus anos, é o que é! E ninguém teve a delicadeza de o lembrar". Mas olhou, carrancudo, para o prato e resmungou, a concordar.

- Sim, tio Ernest. - E fitou-o com meigo desagrado.

- É uma boa coisa habituarmo-nos, quando novos, a acordar de bom humor. Adquiri este hábito há muitos anos e acho-o benéfico para a minha saúde e para o bem-estar dos que me rodeiam.

- É verdade concordou Meg - O tio é um exemplo para todos.

- Eu estou alegre - declarou Wakefield, com a vozita aflautada -, mas não posso comer estas papas. Quere-las tu, Finch?

Finch lançou-lhe um olhar colérico e continuou desconsoladamente a comer.

Nicholas, limpando o bigode grisalho a um enorme guardanapo de linho, observou:

- Estou contente por a Primavera estar à porta.

- Esta chuva vai limpar a última neve. - comentou Ernest.

- Mas se nevar, será um transtorno dos diabos. - disse Renny. - E voltando-se para Wakefield: - Esta manhã, no redil, nasceram dois cabritinhos gémeos.

- Oh! Posso ir vê-los?

- Sim, quando acabares o teu almoço. - E olhou carinhosamente o irmãozinho.

- Renny, achas que poderei ter um poney no dia dos meus anos?

"Agora", pensou Finch, "vão lembrar-se! Vão lembrar-se que é o meu aniversário.

Mas não. Começaram todos a discutir o poney para Waketield como se fosse um assunto de máxima importância. Wragge, o criado que tinha sido ordenança de Renny na guerra e viera com ele em 1919, fixando-se per-

manentemente em Jalna depois de casar com a cozinheira, trazia outro prato de presunto com ovos. Era um homem baixote e empertigado que exercia as suas actividades domésticas com desenvolto bom humor. Falava com pronunciado acento *cockney* e tinha por Renny uma profunda dedicação. Tratavam-no familiarmente por Rags.

Renny Whiteoak tinha então trinta e sete anos. Era alto e magro de cabeça bem modelada, com cabelos de um ruivo escuro, e a pele do rosto um pouco curtida pelo ar livre; os seus olhos castanhos tinham uma expressão cautelosa, como se tivesse vencido bastantes dificuldades na vida, e continuasse disposto a enfrentar ainda mais. As sobrancelhas sobressaíam no rosto, exprimindo rápidamente pelas suas contracções, ou súbitos movimentos, como que independentes uma da outra, a sua disposição colérica, desanimada ou jovial. Ergueu-se ao ver Eden e Piers entrarem na sala e olhou para o relógio de pulso.

- Desculpa - disse Eden, ao beijar a irmã.

- Realmente não vens atrasado, mas as papas devem estar frias.

- Dispensó-as, quentes ou frias. Bons-dias a todos.

Sorridente, sentou-se à esquerda do irmão mais velho, que lhe disse, ao servi-lo de presunto com ovos:

- Estou a reparar no teu vestuário.

Via-se bem que Eden enfiara o casaco e as calças por cima do pijama.

- Se eu, quando rapaz, aparecesse à mesa em tal figura - comentou Nicholas - meu pai obrigar-me-ia a sair da sala.

E olhou com orgulho para o retrato do elegante oficial, de uniforme húsar, que estava por cima do guarda-louça, ao lado do de sua mulher. A presença desse imponente retrato, pintado em Londres há setenta anos, influenciava ainda a segunda geração de Whiteoaks, nascida no Canadá. Na sua infância sentiam-se atraídos pelo esplendor desse uniforme, e à medida que iam crescendo o avô era-lhes apresentado muitas vezes como modelo de verdadeiro oficial inglês, firme na disciplina, rápido na decisão, inexorável na justiça. A sua valentia fora igualada pela sua força de carácter. Mas ninguém lhes falava nas suas fraquezas, que eram encantadoras.

Eden encolheu os ombros - era o seu novo e irritante hábito - e comentou:

- Está bem! Era um verdadeiro militarão, não era? Seria insuportável nos tempos que correm.

- É uma boa coisa para ti - disse Ernest - que minha mãe não tenha ouvido esse comentário.

- Não tive intenção de ser atrevido, tio Ernie, mas as coisas mudaram. Especialmente depois da guerra.

- Para pior - interrompeu-o Nicholas. - Sobretudo no que diz respeito aos jovens.

Eden pousou o talher e riu. Os seus olhos azuis fitavam o seu tio, com irónico divertimento.

- Então, tio Nick, foi sempre bem educado?

- Era humano.

- E eu também... Verdadeiramente.

- Isso nada tem com o facto de vires almoçar de pijama e todo despenteado.

- Acabcu de dizer agora mesmo que as coisas mudaram.

- Não a esse ponto.

- Diga uma palavra, tio Nicholas, e ele vai imediatamente vestir-se. - Observou Renny.

- Não, não. Meg que decida. Se ela não se importa...

Eden, encostado à cadeira, sorria para todos.

- Não me importo - gritou Meg. - Eden fica bem de qualquer maneira que esteja!

- Obrigado, querida Meggie. Aborrecia-me ser obrigado a ir embonecar-me, como um rapazinho. - E atacou, com apetite, o presunto com ovos.

"Como pode Eden ser assim?", pensou Finch. "Não se importa com o que dizem ou é orgulhoso?" Contudo, encolorizava-se mais facilmente do que qualquer dos irmãos, mas nunca se sabia porquê. No ano anterior ficara impassível no meio da tempestade que se desencadeara à sua volta, mas Finch ouvira-o andar no quarto durante a noite. Talvez fosse mais sensível do que parecia.

Nicholas devia ter pensado também nesse acontecimento, porque observou para Eden:

- Naturalmente ouviste dizer que fui expulso de Oxford?

- Claro que sim e não calcula como isso o torna mais digno de estima para mim.

- O avô tinha mais dinheiro do que eu para desperdiçar - disse Renny olhando Eden de frente.

O sustento e a educação dos irmãos mais novos estavam a seu cargo, e Renny era para eles um verdadeiro pai. O sorriso de Eden, quase sempre velado por uma sombra de tristeza que, agora se acentuara, morreu-lhe nos lábios. Ernest, olhando-o com simpatia, começou a falar do tempo, que tinha piorado grandemente. A chuva batia furiosamente nas vidraças, formando como que uma parede entre os que estavam na sala e o mundo desolado do exterior. Ninguém a não ser obrigado, se aventuraria a sair nesse dia.

Comeram-se mais torradas com compota, o enorme bule de chá foi cheio e esvaziado de novo, enquanto as janelas abanavam nos caixilhos e a chuva, alagando o telhado, varria os restos de neve que ainda subsistia em pequenos montículos, no lado exposto ao norte. Wragge, com ar importante, como se executasse uma habilidade de malabarista que a família desconhecia, abriu a porta de dois batentes que dava para a sala de estar, pomposamente chamada "biblioteca", embora as suas estantes não tivessem mais que uma centena de livros. Nicholas, Ernest e Eden guardavam os seus próprios livros nos respectivos quartos. Uma das estantes deste aposento estava repleta de livros sobre a criação de cavalos de desporto, os cuidados a ter com eles, saudáveis ou doentes, a história do Grande Prémio Nacional e livros sobre o tratamento de animais de corrida e seu treino. Eram apenas uma parte dos livros e revistas sobre este assunto que o dono da casa lia, muitos dos quais se encontravam também no seu escritório das cavalariças, ou espalhados no seu guarda-fatos.

- Está frio aqui - observou Ernest, olhando para o fogão da sala - E vento leste.

- Se é leste, a chaminé vai fazer fumo. - acrescentou o irmão.

- É vento sul - declarou Meg. - Vem direito do lago.

- Tenho a certeza de que é leste - teimou Ernest.

- Se é leste, a chaminé faz um fumo dos diabos - declarou Renny.

- É sul - insistiu Meg. - Finch: vai até ao pórtico ver se é do sul.

Olharam todos para Finch, como se se tivesse tornado de súbito numa pessoa interessante. Ele encarou-os com ar colérico. Porque seria ele o escolhido para ir ver, à chuva e ao vento, de que lado soprava o vento? "E no dia dos meus anos!" resmungou:

- É leste.

Não queria que acendessem o fogão, porque certamente seria ele quem teria de ir buscar a lenha. Era sempre ele o encarregado desses desagradáveis serviços.

- Vai ver - ordenou Renny, erguendo as sobrancelhas.

Carrancudo, Finch dirigiu-se para o vestibulo, abriu a porta da frente e, depois de sair para o pórtico, fechou-a com estrondo... Encontrou-se num mundo gélido e alagado, cujos ruídos a violência do temporal exacerbava. Os pesados ramos das árvores de folha perene pendiam sem vida; os troncos despídos dos bordos e dos vidoeiros, que mal se percebiam através da chuva, pareciam não ter significação, como se a vida nunca mais voltasse a animá-los. A seiva descera para as raízes, que se agarravam ao solo encharcado, como se receassem ser arrancadas. Até os pássaros, onde estariam escondidos? Haveria talvez, profundamente enterrados na terra alagada, vermes que sabiam que a Primavera estava a chegar? O primeiro de Março - o dia dos seus anos, de que ninguém tivera a gentileza de lembrar-se! Que lhe importava de que lado soprava o vento? Deixá-lo soprar! Deixá-lo soprar, até derrubar as chaminés!

A porta abriu-se e fechou-se. Renny parou ao lado dele.

- Que te aconteceu, Finch? Quanto tempo precisas para descobrir de que lado sopra o vento?

- Sopra de todos os lados - resmungou Finch, apanhado pela chuva em cheio.

- É uma bonita maneira de te portares... e, demais a mais, no dia dos teus anos.

Finalmente aquelas palavras tinham sido pronunciadas. Finalmente o dia fora mencionado. Mas como? De que maneira? Arremesando-lhe à cara como uma censura. Renny recuou, como que arrependido de ter falado, talvez por não ter nenhum presente para ele, era de supor.

- O vento empurra a chuva para dentro do pórtico, por isso é sul - continuou Renny - Podemos acender o fogão. Vem. - Alegremente agarrou Finch pelo braço e levou-o para a biblioteca.

- O vento - anunciou ele - vem direito do sul. Traz algumas achas, Finch.

- Ajoelhou-se diante do fogão, amarrotou um jornal e tirou um punhado de aparas de madeira de uma pequena arca de carvalho já esbotenada.

Finch trouxe as achas da cave, subindo as escadas a custo, como se elas fossem de chumbo. Diante da porta do quarto da avó, fronteiro à sala de jantar, hesitou, perguntando a si próprio se ela se teria lembrado do seu aniversário. Com o dela fazia sempre grande espalhafato; podia pensar um pouco no dos outros. Enquanto se mantinha, pensativo, de olhos fitos na porta, o ruído da bengala soou no soalho e ela gritou:

- Entra!

Não podia entrar com os braços carregados de achas, embora percebesse, na voz da avó, o tom peremptório que não admitia desobediência às suas ordens. Conservou-se imóvel, sem saber que fazer.

Ela gritou de novo, ainda mais imperiosamente:

- Entra!

Segurando com o braço esquerdo, as achas de encontro ao peito, o agradável encontro de pinheiro a penetrar-lhe pelas narinas, abriu caute-

losamente a porta e espreitou pela frincha. Esse quarto era um mundo diferente, o mundo das pessoas muito idosas. Pesados cortinados castanhos encobriam as janelas e o ar parado estava carregado de perfumes de sândalo, de cânfora e de brilhantina. Na penumbra mal se percebia a forma esbatida da cama e, pousada na almofada, uma cabeça coberta por uma touca.

- Qual de vocês é? - perguntou a voz, idosa mas vibrante.

- É Finch, vóvó.

- Então entra e corre as cortinas.

- Eu... eu não posso. Venho depois.

- Quero já.

- Mas, vóvó, tenho os braços cheios de lenha.

- Pousa-a e entra.

- Vóvó - E a voz de Finch tremia de inquietação - isto suja-lhe o tapete e eu tenho de levar as achas para Renny acender o fogão.

Era demasiado para ela. Se fosse preciso lutar, para ser a primeira a ser atendida, estava pronta .

- Pousa a lenha - ordenou. - E Finch compreendeu que ela se esforçava por sentar-se na cama.

Pousou as achas à entrada do quarto e aproximou-se da avó, que estava apoiada no cotovelo, rindo com gosto pelo seu pequeno triunfo.

- Dá-me um beijo.

Finch estreitou nos braços o velho corpo, vestido com uma pesada camisa de algodão, profusamente bordada. Era o que ela mais apreciava da parte dos filhos e dos netos; um bom abraço e um caloroso beijo que parecia - que lhe infundiam uma nova vida. Tinha noventa e oito anos. Os seus braços, espantosamente fortes, apertaram o neto com carinho.

- Agora corre as cortinas.

- Está um dia horrível. O pior que se possa imaginar, para esta época do ano.

- Que época é... quero dizer, que dia é hoje?

- 1 de Março.

Finch correria as cortinas, descobrindo a janela por onde escorria a chuva geuada. Os ramos despidos de um velho lilás vergavam sob as rajadas do vento.

- 1 de Março, então? E vem como um leão furioso. Bem, bem. Mas que dia para...

Agora, ela ia dizer: "... para aniversário". Mas acrescentou apenas:

- Põe as almofadas atrás de mim. Levanta-me um pouco. - E fungou com força, como se estivesse constipada.

Finch, enquanto lhe ajeitava as enormes almofadas de penas fitava no rosto da avó os olhos ansiosos, implorando do fundo do coração: "É o dia dos meus anos, não te esqueças, vóvó..." Mas como podia ele esperar que uma velha mulher, quase centenária, se lembrasse do seu aniversário?

Quando acabou de a soerguer olhou aquele rosto que desde a sua tenra meninice sempre o fascinara. Os seus olhos eram tão vivos, o nariz tão finamente arqueado, as feições pareciam tão corajosas e arrojadadas que apesar de desdentada, a sua autoridade impunha-se. Mas ao mesmo tempo o seu rosto exprimia tanta astúcia que parecia pertencer a uma velha imperatriz habituada às intrigas de uma corte. Contudo o seu reino fora apenas Jalna e era pouco conhecida para além das propriedades vizinhas.

Na Irlanda, onde passara a mocidade, e na Índia, onde vivera os três primeiros anos de um casamento feliz, numa guarnição militar inglesa, tinham-na esquecido.

- Os meus dentes, dá-me os meus dentes.

A dentadura estava num copo de água, sobre a mesinha de cabeceira, Finch segurou-o, enquanto ela, com uma expressão de contentamento, colocava cuidadosamente, primeiro uma placa, depois a outra.

- Bom, agora...

Mas foi interrompida pela voz do neto mais velho:

- Finch, que diabo estás tu a fazer?

- Oh, meu Deus! - gemeu Finch - As achas!

Renny avançava pelo vestíbulo e, antes que o irmão o detivesse, chegou à porta do quarto, tropeçando na lenha e quase caindo em cima da cama. A velha Adeline estendeu-lhe os braços.

- Valha-me Deus! Que entrada! Que rapaz desastrado! Não vês onde pões os pés?

Sabia-se culpada e procurava abafar a explosão de cólera do neto num abraço. Enquanto Finch apanhava a lenha, ela manteve Renny abraçado, como se aspirasse um novo vigor.

Finch foi encontrar o grupo familiar à volta do fogão, que já crepitava alegremente. Meg fazia qualquer coisa de malha, para Wakefield.

- Deixa-me pôr as achas - pediu o rapazinho.

Finch afastou-se bruscamente e pôs-se a arranjar o fogo, colocando as achas cuidadosamente, quase com carinho, e aspirando com prazer o seu agradável aroma. Wakefield acocorou-se-lhe ao lado, estendendo as mãos para o calor das chamas, que se reflectiam nos seus grandes olhos castanhos. Um súbito desejo de abraçá-lo dominou Finch. Puxou-o para si e manteve o pequeno corpo contra o seu, gozando a sua fragilidade com um prazer quase sensual. Meg fitou-os com um sorriso radiante. Wakefield murmurou com ar malicioso:

- É o dia dos teus anos, não é Finch? Eu sei ...

- Cala-te - interrompeu-o Finch, pondo-o vivamente no chão.

Renny apareceu à porta e disse, com voz decidida:

- A avó acordou, Meg. Já mandei que lhe levassem o almoço. Podes ir lá?

Meg levantou-se imediatamente. Ia fazer trinta e nove anos, dentro de alguns meses, mas parecia mais velha, e os cabelos, castanho-claros, já estavam grisalhos nas têmporas. Tinha um sorriso muito meigo, mas uma natureza inflexível. Profundamente devotada aos irmãos era considerada por toda a vizinhança como irmã, sobrinha e neta modelar.

Os cães tinham-se estendido diante do fogo, e quando Meg saía entraram na sala, mais dois favoritos, passando-lhe ao lado com ar arrogante. Eram *Nip*, um *terrier* de Iorkshire, que pertencia a Nicholas, e *Sasha*, uma gata cor de concha de tartaruga, que era de Ernest. Cada um deles dirigiu-se direito ao dono: *Nip* agatanhou a perna de Nicholas, de maneira peremptória, até ele a pôr nos joelhos; *Sasha*, com um salto gracioso, atingiu o peito de Ernest e depois o ombro, roçando-lhe o focinho pelo rosto.

- Bichano felizardo - observou Eden, espreguiçando com indolência o seu longo corpo flexível.

- Está uma manhã esplêndida para estudar - disse Ernest - Deviam trazer os livros para junto do fogo, rapazes.

- Boa ideia - concordou Piers - Vamos fazer uma corrida até lá acima, Eden?

Como se fossem ambos impulsionados por um arco, arremessaram-se pelo vestíbulo e pela escada acima. Eden subia tão ágilmente, com uma graça tão alada, que custava a crer que momentos antes repousava tão indolente como a gata *Sasha*.

Nicholas enchia o cachimbo, Ernest lia em voz alta qualquer notícia do jornal da manhã. Renny vestia o impermeável e Wragge levava um tabuleiro para o quarto da avó, donde vinha a voz de Meg, falando cordialmente acerca do tempo. A avó dizia:

Foi num dia como este que ele nasceu. Lembro-me muito bem: a mãe esteve com as dores durante seis horas.

Meg interrompeu-a:

- Chut... chut... Ele está no vestíbulo, pode ouvi-la.

No mesmo instante o papagaio rompeu em vigorosas imprecações em hindustânico, referentes ao mau tempo, como a velha senhora gostava de supor.

- Pobre Boney! Pobre Boney! Como ele detesta este clima... e eu também.

- O almoço minha senhora, - anunciou Wragge.

- Esplêndido! - exclamou ela, com prazer - Estou pronta para comê-lo.

Finch, cujo coração se sobressaltara à menção do seu aniversário, pôs-se a subir a escada vagarosamente.

Que se passava com a família? Porque o tratavam todos com tanta indiferença? Quando fizera catorze anos tinham sido bem amáveis. Que aconteceria? Não caíra no desagrado dos professores, nem se tinham queixado dele. E, apesar de tudo, ninguém o presenteara, nem sequer lhe tinham desejado os seus votos de felicidade. Por três vezes tinham aludido ligeiramente ao seu aniversário, mas não tinham continuado, como se fosse uma desonra. Claro, sabia bem que não era tão interessante como os outros rapazes, mas para quê repisar tal facto? Não havia razão... ninguém tinha razão. O próprio mundo era um lugar absurdo e desconcertante. Perguntou a si próprio como poderia suportá-lo, durante cinquenta, sessenta anos, ou - se vivesse tanto como a avó - oitenta anos mais. Mas provavelmente morreria novo. Sim, estava bem convencido de que morreria novo.

No quarto que partilhava com Piers, Bessie a criada, estava a fazer a cama, sacudindo os lençóis com as mãos fortes e desembaraçadas. Desejava que ela lhe dirigisse uma palavra agradável, mas sorria para si mesma, absorvida nos próprios pensamentos. Não havia lugar na casa para ele, nem no espírito de alguém. Estava só - só, talvez como poucas pessoas no mundo.

Nas águas furtadas havia um quarto comprido e estreito, onde guardavam malas, roupa velha, revistas antigas, velhos cestos de piquenique, gaiolas de pássaros, utensílios de pesca, cangalhada diversa. Lá estava, numa velha mala de couro com cintas de cobre, o esplêndido uniforme do avô. Todas as Primaveras, o conteúdo dessa mala era levado, com grande cerimónia, para o relvado atrás da casa e lá, depois de dependurado numa corda, bem escovado e arejado. A avó, apoiada no braço de um dos filhos, presidia sempre àquela cerimónia, e, na sua voz áspera de velha, mas que tinha sido uma das mais suaves da Irlanda, ia comentando:

- Oh! Era um belo homem! Hoje não se vêem como ele. Nem naquele tempo. Como as mulheres o fitavam! Mas eu guardei-o só para mim... Isto é um buraco de traça, Nicholas? Deixa-me ver... Graças a Deus não é... Deixa-me apalpar o tecido... Ah!... - E as lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Finch pousou a mão nessa mala, onde guardavam também o vestido e o véu de casamento da mãe. Quem teria a chave? Meg, certamente. Porque nunca lhe casamento da mãe. Quem teria a chave? Meg, certamente. Porque nunca lhe tinham mostrado essas coisas? Tinha mais direito do que qualquer outro a chorar sobre essas relíquias. A mãe morrera pouco depois de Wakefield vir ao mundo e estivera muito mal quando ele próprio nascera. Dores durante seis horas... como dissera a avó... num dia como aquele... Estremeceu. Porque não podia ver as coisas dessa mala? Porque o tratavam assim? Lá em baixo, aquele triste dia estava a ser passado toleravelmente pelos que se agrupavam à volta do fogo; pela avó, a almoçar confortavelmente na cama; por Renny, nas cavalariças. Ele era um estranho. Sózinho... sózinho no dia dos seus anos... Nem um presente - nem um voto de felicidade - nem mesmo as habituais palmadas de Piers nas costas!

Uma pequena traça voejou à sua volta. Levantou a mão para esmagá-la, mas depois arrependeu-se. Deixá-la pôr os seus ovos onde quisesse. Que os vermes, que nascessem devorassem quanto quisessem. Tinham tanta fome como a avó, diante do seu tabuleiro, e talvez, aos olhos de Deus, tanto direito a comer como ela.

A chuva batia no telhado, caindo em grossos pingos das goteiras. O telhado tinha uma fenda num canto, mesmo por cima do seu quarto... Deixá-lo ter... Não era com ele. Que a traça e a humidade repartissem a casa entre elas... Cansado e melancólico, estendeu-se no soalho, apoiando a cabeça num saco de lona. As lágrimas assomaram-lhe aos olhos e reconfortaram-no um pouco. Estava só, farto de tudo; nada lhe importava. Ouviu alguém soluçar e não sabia que era ele próprio...

Quando acordou sentiu-se frio e inteiriçado. A chuva tinha diminuído, mas o céu ainda estava sombrio, com um novo fardo de água. A voz de falsete do irmão mais novo chegou até ele. "Finch, onde estás? Ia chalandando, enquanto subia a escada, e depois timidamente, como se lembrasse de histórias de fantasmas e feitiçeiças, abriu a porta e avançou a cabeça de cabelos escuros e encaracolados que cercava o pequeno rosto aguçado. Perguntou surpreendido:

- Porque estás deitado no chão?
- Porque não estou de pé, a meter o nariz onde não sou chamado.
- Oh! - E Wakefield assumia a expressão do tio Ernest. - Estão a chamar-te, meu rapaz.
- Quem?
- Todos. São horas de jantar.

A família de Jalna mantinha ainda o costume provinciano de jantar ao meio-dia, acompanhando de chá esta refeição. O "chá" propriamente dito era tomado às cinco horas da tarde e, às oito, havia uma ceia substancial.

- Mas... mas é impossível! - exclamou Finch, a espreguiçar-se. - Estive aqui pouco tempo. Estava a estudar e... - Não, não diria que tinha adormecido.
- Que estavas a estudar? Não vejo livro nenhum.
- Nunca ouviste dizer que se resolvem problemas de cabeça? Era o que eu estava a fazer.
- São horas de jantar. Tens de andar depressa.

O ruído da chuva foi dominado pelo gongo de cobre que Wragge fazia ressoar num crescendo furioso.

- Olha! Não te dizia? - E Wakefield, excitado, saltava de um lado para o outro; correu para Finch e pegou-lhe na mão: - Anda depressa.
- Preciso de arranjar-me.
- Agora não tens tempo.

Finch sentiu súbita ternura pelo irmãozito. Deixou-se levar até à sala de jantar. Estranhou a porta fechada. Com gestos floreados, Wakefield abriu-a de par em par e gritou:

- Ei-lo! Ei-lo!

Finch ficou surpreendido com o que viu. Toda a família, de pé, estava reunida à volta da mesa - Meg e Renny às cabeceiras, a avó e os dois tios de um lado, Eden e Piers no outro, com o seu lugar à espera entre ambos, e Wakefield, que logo correrá para o dele, ao lado de Meg. Um volume dos *Poetas Ingleses*, colocado sobre a cadeira, elevava-o a altura conveniente. Mas porque estavam todos à espera dele? E a mesa? Com certeza não a tinham arranjado assim só por sua causa.

Tinham corrido as cortinas de veludo amarelo, para ignorar o mau tempo. A luz do pesado candelabro de prata pousado sobre a toalha adamacada reflectia-se nos olhos de todos, tornando os sorrisos mais belos. A avó, curvada e com as mãos apoiadas na mesa, os laços da sua mais bela touca a tremelicar, riu alegremente para Finch.

- Feliz aniversário, meu maroto! Vem dar-me um beijo.

- Feliz aniversário! Por muitos anos e bons! - cantarolaram todos, em coro.

Era demasiado quase. Na realidade, era demasiado - a transição de melancolia e de solidão para esse calor familiar, essa radiante celebração do seu aniversário, a brilhante iluminação, as frutas, os pequenos pratos com nozes e passas de uva, como se fosse Natal... Com os olhos embaciados pelas lágrimas, tropeçou em *Merlin* o *spaniel* de Renny, e quase caiu nos braços da avó. O cão ganiu e escondeu-se debaixo da mesa.

- Segure-se, segure-se, velhota! - exclamou Nicholas, amparando a mãe. - Que desastrado és, Finch.

A avó deu-lhe um beijo sonoro; os tios deram-lhe palmadas nas costas e Meg estendeu-lhe os braços gorduchos, estreitando-o de encontro ao peito. - Quisemos fazer-te uma surpresa, querido, fingindo que nos esquecêramos dos teus anos. Não foi engraçado? A ideia foi minha.

- Muito engraçado - concordou ele, encostado ao seu rosto.

- Agora senta-te e come bem. Estás tão magro. Depois verás os presentes.

Wragge tinha pousado uma travessa de carne assada, guarnecida de lorkshire *pudding*, diante de Renny, que imediatamente se pôs a cortá-la, depois de ter experimentado o gume da faca com o polegar.

- Eu sei o que vais receber - segredou Wakefield - Estás morto por que o meu aniversário chegue depressa. Junho é um mês melhor do que Março para nascer.

- Cala-te e come - ordenou Nicholas.

- Nada tenho para comer. Sem gordura, Renny, sim?

- Molho de carne - interrompeu-os a avó. - Gosto de molho de carne... e de lorkshire *pudding* também.

- Aqui tem, vóvó. Sabe o que é bom.

Quando chegou a vez de Finch ser sergido, a sua ração foi tão grande que ele próprio ficou espantado, apesar do seu apetite de rapaz.

- O Renny! Por quem me tomas? Por um rinoceronte?

- Ou antes, por uma avestruz - troçou Piers.

- Ficarás mais interessante quando crescer - disse Ernest, benévolo. - Tem o nariz dos Courts. Com tal nariz, não poderá deixar de ser distinto.

- Que dizem do nariz dos Courts? - perguntou a avó, que era Court.

- Finch tem-no - gritou Wakefield.

Com um pouco de *pudding* agarrado ao lábio inferior, Adeline espreitou

para Finch.

- Não o vejo.

- Tirou-o agora mesmo com o lenço - riu Piers. - Esteve a chorar.

Com a ponta da língua, a avó lambeu o bocado de pudding.

- Não quero que façam troça desse nariz.

Seguiu-se uma animada discussão sobre o aspecto dos Courts e dos Whiteoaks. Finch foi esquecido. Por acaso estava com pouco apetite; mesmo quando apareceu o bolo de aniversário, com as quinze velas, não lhe apeteceu. Tentou apagá-las com um sopro, mas só conseguiu à terceira tentativa.

- Eu teria feito melhor - comentou a avó.

Mais tarde recebeu os presentes, bastante caros. No ano anterior tinham-lhe dado uma bicicleta. Era um rapaz de sorte e sabia-o, mas as sombras da manhã não foram completamente dissipadas pelo brilho daquela hora. Tinham-lhe exprimido votos de felicidade, mas não se sentia tão feliz quanto devia. Pela janela da biblioteca ficou a olhar a chuva, que se tinha tornado em morrinha acinzentada. Do vestibulo chegou-lhe o som do relógio do avó, preparando-se para dar horas - uma espécie de estertor. Mas, antes que soassem, o relógio de mármore preto, com mostrador dourado, que estava no fogão de sala fez vibrar sem estorço as suas notas musicais; uma, duas, três. Logo a seguir, como que ressentido por o outro se ter antecipado, o relógio do avó soou, austero e vigoroso. O relógio de Dresden do salão deu-lhe a sua doce resposta. Todos três pareciam ansiosos por aproximar-se do futuro misterioso.

Por detrás dele, a irmã veio abraçá-lo pela cinta, ela tão encorpada, ele tão magro.

- Acho que foi engraçado tingirmos que nos esquecíamos dos teus anos. Não foi, Finch? E tu acreditaste, não?

- Com certeza. Foi muito engraçado.

- Gostaste da caneta de tinta permanente que te dei? E dos outros presentes?

- E bonita. E tudo muito bom.

- Acho que és um rapaz de sorte.

- Claro que sou.

- Hás-de lembrar-te deste aniversário.

- Podes ter a certeza.

II

O LAGO INDIGO

Bden raras vezes fazia confidências a Piers; por isso, quando lhe acenou que o seguisse e, fechando a porta, lhe perguntou: "Es capaz de guardar um segredo?", Piers ficou entusiasmado.

- Claro que sou.

Eden, empoleirando-se na secretária, acendeu um cigarro.

- Sou tolo em falar-te nisto, mas não posso evitá-lo. É tão interessante.

- Que é?

- Ouve... conheço uma maneira de ganhar bastante dinheiro... se conseguir interessar outras pessoas.

Piers gostava de dinheiro. Todos os jovens Whiteoaks o apreciavam, mas, embora vivessem bem, raramente o possuíam. A avó tinha uma fortuna razoável, vantajosamente empregada, mas detestava separar-se do seu dinheiro. Na realidade gostava que a julgassem em más circunstâncias e nunca fazia qualquer alusão a quem viria a ser seu herdeiro, que contudo, todos estavam convencidos seria Renny. Já herdara os bens do pai- Philip, o filho mais novo de Adeline- com quem ela já vivera. Era natural que agora vivesse com o neto, pois o testamento do marido, estipulava que Jalna deveria ser sempre o seu lar. Nicholas e Ernest, enquanto possuíam dinheiro para gastar, haviam vivido em Londres, regressando a Jalna apenas durante a guerra. Ambos tinham sido bem recebidos, pois todos lhes consagravam grande afeição. Seu irmão, Philip, e a mulher tinham morrido, com poucos meses de intervalo, quando Renny estava em França, com o seu regimento.

- Estou interessado em ganhar dinheiro - afirmou Piers. - Explica como é.

Um sorriso assomou aos lábios de Eden.

- Não tinha pensado em ti. Mas, claro, se queres fazer algum investimento - se tens algum capital - serás bem-vindo.

Piers ficou desapontado.

-Oh! Julguei que te referias a mim.

- Sim... até certo ponto...

Durante os últimos dois anos, nas suas férias, Piers tinha ajudado no trabalho da quinta, lavrando a terra, cuidando do pomar, escolhendo e empacotando maçãs para embarque e ainda ajudando a treinar os cavalos de pólo. No fim do próximo período faria exame e, deixando a escola, dedicar-se-ia à profissão de que gostava. Esperava ansiosamente esse dia. Sem poder dissimular o seu orgulho, confessou:

- Tenho guardados duzentos dólares.

Eden olhou-o surpreendido.

- Como conseguiste isso?

- Trabalhei a valer, não foi? Tu, nas horas livres, só fazes versos.

- Não tenho jeito para o trabalho manual.

- Pois claro, queres ser advogado. Que vida! Credo, eu detestá-la-ia.

Eden sorriu de novo.

- Parece-me que também vou detestá-la. - A sua voz tornou-se confidencial.

- Ouve, Piers. Há dias, na cidade, encontrei um homem, chamado Kronk. Faz parte de uma sociedade que está a explorar uma nova mina de ouro, no Norte. Chama-se "Mina do Lago Indigo". Encontraram-se ricos depósitos. Como ainda estão no começo, interessam-lhes todos os accionistas, mesmo insignificantes - como tu, ou eu.

Piers estava surpreendido.

- Também tens dinheiro, tu?

- Não, não. Mas terei uma comissão nas acções que vender. Olha, o tal Kronk disse-me que as acções estão a subir de tal maneira que um homem que ele conhece está a fazer dez por cento na seu investimento e se quisesse vender agora duplicaria o capital. Mas naturalmente nem sequer sonha em tal.

Os olhos azuis de Piers brilhavam de cobiça.

- Quanto custam as acções?

- Cinquenta cêntimos cada uma.

- Esplêndido! Ficarei com quatrocentas.

Eden sorriu, com ar aprovador.

- Bom rapaz! Logo pensei que querias.
- Que dirá Renny? - perguntou Piers, ansioso - Nunca mo consentirá.
- Escusa de saber. Não tem febra de especulador, só se interessa por cavalos. Devemo-nos calar. Depois, quando tiveres conseguido grandes lucros, gostarás de dizer-lho. - E, dando-lhe um cigarro, acrescentou:- Agora vou apalpar os tios, para ver se querem entrar na brincadeira.

Piers, riu cépticamente. Sentia-se imensamente satisfeito e importante. Expelindo um anel de fumo, observou:

- Nunca mais se meterão em especulações. O tio Ernest fartou-se de perder dinheiro.

- Isto é diferente e absolutamente seguro. Devias ouvir Kronk. Pôs tudo quanto tinha neste negócio. E a mulher também. Tudo o que possuíam.

Piers estava cada vez mais impressionado.

- Como o conheceste?

- No combóio. Hei-de apresentar-to. E um tipo espantoso. Começou sem nada. Vê os prospectos que me deu.

Inclinaram-se ambos sobre os prospectos de cor viva, as mãos musculosas de Piers tocando, por momentos, as de Eden, delicadas e indolentemente cruzadas. Quando Piers se retirou, Eden sentou-se à secretária, apoiando a cabeça nas mãos, com ar cansado. "Porque serei obrigado a proceder assim, para conseguir o dinheiro necessário à satisfação dos meus desejos?" Os tios, quando novos, tinham gozado o prazer de viajar como a coisa mais natural do mundo. Renny também tinha viajado bastante - Irlanda, Inglaterra, França, durante a guerra, Nova Iorque, para montar nos concursos hípicas. Mas ele que desejava de todo o coração ir à França e à Itália - estava amarrado àquele buraco perdido, onde a principal aspiração da família era manter as tradições do passado. A vida tinha algo mais do que boa alimentação, cavalos bem treinados, árvores de fruto viçosas e serviço religioso, todas as manhãs de domingo, na pequena igreja que o avô construira. Tudo isso era muito bom para Renny. Convinha-lhe dedicar-se à terra, assim como Piers, cujo coração a ela se dedicava com o maior gosto. Tudo isso era muito bom para uma mulher quase centenária, mas que tinha tido um colarinho passado na Irlanda e na Índia - embora não vivesse do passado, como fazem geralmente as pessoas idosas. Ela gozava a vida presente e falava muitas vezes no futuro - abençoada alma! Mas não faltaria muito tempo para morrer... e tinha pelo menos cem mil dólares... Supondo que deixasse cinquenta mil a Renny, o resto, dividido igualmente pelos outros netos, seriam dez mil para cada um. Que faria ele com dez mil dólares! Sacudia o estudo de Direito, como uma abominável e sufocante pele de serpente e correria a ver mundo. Mas isso podia fazê-lo com bem menos de dez mil dólares. Apenas com um pouco de dinheiro! Não era insaciável - contudo, durante a sua breve existência, devia sentir-lhe a falta.

Foi encontrar Nicholas confortavelmente instalado, depois de ter feito a sesta - a perna gerosa estendida no sofá, a cabeça com os cabelos grisalhos em desordem, encostada às costas da poltrona, forrada de couro. Tinha os grandes olhos castanhos semi cerrados e segurava numa das belas mãos, ornada com um anel de braço, um cachimbo de espuma, cuja boquilha desaparecia sob o bigode hirsuto.

Quando Eden bateu à porta do quarto respondeu com um indolente "Entre" mas, ao vê-lo, abriu completamente os olhos.

- Olá, Eden. Já acabaste o teu trabalho de hoje? Que dia! Que dia enfadonho! Esta época do ano devia passar-se na Riviera.

- E costumava fazê-lo. não era? Nos velhos tempos...

- Sim, é verdade. Senta-te.

- Não o incomoda se me sentar aqui? Não? Quero falar-lhe.

Sentou-se no sofá, com todo o cuidado para não incomodar Nicholas. Só então reparou em Nip, o minúsculo terrier, aninhado no colo do dono, a cor do seu sedoso e comprido pêlo a contundir-se com o cinzento da fazenda do fato. Nip lançou-lhe um olhar hostil e enroscou-se ainda mais confortavelmente contra Nicholas, que comentou:

- Ele também detesta este tempo.

- É um felizardo, pode esquecê-lo.

- Esta manhã já o puseram lá fora, como de costume, mas não se demorou um minuto mais do que o preciso. Que tens aí?

- Um prospecto de uma mina de ouro chamada "Mina do Lago Indigo". Descobriram-se lá maravilhosos filões.

Com o cachimbo, Nicholas apontou para o papel.

- Deixa-te de especulações. Só causam aborrecimentos e prejuizos. Meu Deus... quanto dinheiro o tio Ernest perdeu!

- Eu sei. Mas isto é diferente.

- É tudo diferente até sermos apanhados. Depois é tudo o mesmo. Perdas e ansiedade e... mais perdas.

- Eu não tenho dinheiro para investir e não espero tê-lo alguma vez. Mas se tivesse .. era nisto que o aplicava. Veja.

Colocou quase carinhosamente o prospecto na mão de Nicholas. O papel tocou o pequeno corpo do cão, que se sacudiu. Eden, cheio de entusiasmo e ardor, encostou-se à perna de Nicholas. Com ar profissional de um prospectador de minas, pôs-se a encarecer as vantagens do investimento.

- Mas que ganhas tu com isto? Se me deixar convencer, do que duvido.

- Recebo uma comissão do Kronk.

- Que dependerá da minha patetice. E melhor dar-te qualquer coisa e acabarmos com isto.

Ofendido, Eden recuou e dobrou o prospecto.

- Não é isso, tio Nick. Trata-se realmente de um negócio. Uma probabilidade única na vida. Gostava que conhecesse Kronk. Quer que lho traga?

- Meu Deus, não! De maneira nenhuma!

- Está bem. Não tentarei convencê-lo, embora seja uma oportunidade maravilhosa. O ouro só espera que o extraiam. O que vai acontecer é os especuladores americanos saltarem-lhe em cima, como costumam fazer, e comprem todas as acções.

Eden, guardando o prospecto no bolso, inclinou-se e pousou o rosto em Nip, que, abrindo os olhos lho lambeu vivamente com a língua aguçada e resolutamente voltou a adormecer.

Nicholas fitou Eden com súbita piedade - inexplicável, pois o rapaz era novo e... que era ele além disso? Como conhecemos pouco aqueles que nos são mais próximos. E Eden era bem íntimo, sobretudo quando lhe lia um novo poema.

- Olhe para este tempo! - exclamou Eden - Olhe para isto e pense que podia estar em Rapallo, ou Veneza, ou Taormina, se...

Sorriu para Nicholas, que, depois de olhar para o exterior, tixou o joelho gotoso.

- Não estou agora em estado de viajar.

- Mas pode melhorar. Passa muito melhor no Verão. Ou vai passar o resto dos seus dias amarrado a Jalna?

Nicholas tirou o prospecto do bolso de Eden. Depois de colocar os óculos,

pôs-se a lê-lo.

- Está bem apresentado. Se tivesse dinheiro disponível resolvia-me.
- Isto é o que se chama entrar pelo rés-do-chão antes que os grandes especuladores façam as acções subir demasiadamente.
- Como falas bem! - riu Nicholas - Quanto custam as acções?
- Só cinquenta cêntimos. É tentador, não é?

A janela estava sombreada pela chuva, mas agora Nicholas via um mar de safira, um muro coberto de madressilvas e mimosas. Via ainda o rosto de sua mulher de quem se divorciara há muitos anos. Mas esse rosto desapareceu. Na verdade já não se lembrava bem dele. O mar e o jardim permaneciam. Remexeu-se na cadeira... Repetiu: "Cinquenta cêntimos cada uma... duas mil acções por mil dólares "

O rosto de Eden aproximou-se mais.

- Tio Nick - murmurou - deve meter-se no negócio.
- Não quero ser vigarizado - resmungou Nicholas.
- Claro que não. De maneira nenhuma. Mas estas acções vão desaparecer como bolos quentes. Kronk diz que para o fim da próxima semana devem estar todas subscritas.
- Vou comprar duas mil. Não deixo passar esta ocasião. Compro quatro mil. Riu com ar triunfante, como de um ministro vencido - Nem uma palavra à família sobre este assunto. Se teu tio Ernest sabe, quer também entrar no negócio e ele já perdeu muito dinheiro.
- Nada lhe direi, mas pode ter a certeza de que não perderá. É seguro tio Nick. É ouro - está ali, nas rochas. Vai passar o próximo Inverno na Itália.

Nicholas levantou-se, colocou cuidadosamente *Nip* na cama e foi a coxear até ao piano. onde estava um sifão com água de Seltz e licoreiro, com garrafas de *scotch* de *brandy* e de *gim*.

- Devemos beber para celebrar. - Deitou uma boa porção de *Whisky* num copo, juntou-lhe umas gotas de água de Seltz e perguntou: - Queres?
- Não, obrigado - respondeu Eden. E pensou: "É melhor não cheirar a álcool quando for falar com o tio Ernest ... "

Já no corredor, hesitou. Que aconteceria se aquelas acções não fossem tão seguras como pareciam? E se... Mas então lembrou-se de Kronk e do ar de segurança que emanava da sua pessoa, e dos seus aposentos bem mobilados. O corretor tinha-o levado lá, em vez de recebê-lo no escritório, porque - explicara - sentia uma simpatia especial por ele.

No corredor, escuro devido à noite que caía rapidamente, Eden encontrou Finch. Segurou-o pelo pulso.

- Não podias ter um ar mais desanimado. És um garoto engraçado. Parece-me que ficaste tão impressionado com a partida que te fizeram que ainda não te refizeste. Bem sabes que foi uma das subtis ideias de Meg. Uma distração para um dia de chuva.
- Foi muito engraçado - respondeu Finch, melancolicamente.

Eden sentia-se tão feliz pelo seu sucesso junto de Nicholas que uma calorosa afeição pelo desastrado rapaz lhe alegrou o coração. Passou-lhe um braço pelos ombros e abraçou-o com força. A ardente reacção do irmão sobresaltou-o - quase o beijava, parecendo um pequeno cão abandonado a quem acarinhassem. Dando um pequeno encontrão a Finch, Eden segredou:

- Tenho de ir falar com o tio Ernest - e não pôde deixar de acrescentar - por causa de um negócio.
- Negócio? - repetiu Finch distraído.
- Sim. Mas não digas a Piers, nem a alguém.

- Nunca falo com Piers a respeito seja do que for - E sentia-se contente por Eden lhe ter confiado qualquer coisa, embora vagamente

Quando ficou só, Nicholas encheu de novo o cachimbo e o copo. Raramente se permitia tomar tanto *whisky*, que lhe agravava a gota. Qual era a nova classificação da sua doença? Artrite. Sim, era isso, mas soava mal. Preferia continuar a chamar-lhe gota. Ficara radiante com a especulação a que se abalançara. Sem dúvida, aquelas minas de ouro existiam e não havia razão para não aproveitar ganhar um pouco de dinheiro, já que a ocasião se apresentava. Realmente aquele prospecto era muito interessante, e as fotografias das actuais explorações. Lago Indigo - um nome que não podia esquecer. Sentia-se inquieto e no entanto feliz. O Inverno fora muito longo e ultimamente supunha-se atingido pela claustrofobia - mais uma palavra moderna. Nada melhor do que um golpe de sorte com o próprio dinheiro e, se o negócio do Lago Indigo prosperasse, investiria ainda mais. Devia aconselhar o velho Ernie a comprar algumas acções; mas por enquanto a transacção seria um segredo entre ele e Eden.

Mas Eden já estava a mostrar o prospecto a Ernest, repetindo tudo quanto tinha dito a Nicholas, sobre a natureza especial daquele investimento. Ernest era um especulador nato. Há muito tempo já que nada tão tentador como o negócio do Lago Indigo lhe tinha sido oferecido. Todo corado, passeava com vivacidade pelo quarto. Nicholas convencera-se a comprar quatro mil acções; Ernest foi até às oito mil. Também gostaria de passar o Inverno na Europa, também se sentia nervoso. A vida já fora uma coisa excitante - uma coisa muito interessante, especialmente por nunca se ter submetido ao jugo do casamento, como fizera Nicholas - mas agora tinha-se tornado um pouco enfadonha. Passar grande parte do tempo a aturar a sua irascível mãe, embora a amasse carinhosamente, era bastante penoso. Estimava os sobrinhos, mas eram muitos e quase sempre barulhentos e maçadores. Uma mudança seria uma coisa deliciosa. Ele e Nicholas nunca mais tinham saído dali, desde a vinda de Invlatterra, durante a guerra.

Concordou com a opinião de Eden em manter secreta a transacção do Lago Indigo - era preferível. Nicholas podia opor-se e tinha uma maneira bastante desagradável de recordar as suas intelizes especulações passadas. Era melhor esquecer tais coisas. Divertia-o conspirar - se assim podia dizer-se, com Eden. Sentia uma especial inclinação por aquele sobrinho que possuía um inegável talento poético e um rosto gracioso e que sabia apreciar as suas próprias ocupações literárias. Eram ambos diferentes do resto da família; ambos falavam a mesma linguagem. Os outros sobrinhos eram bons rapazes, mas Eden...

Quanto a Eden, as dúvidas que o assaltavam foram dissipadas no encontro seguinte com Kronk. Nicholas e Ernest tinham comprado as suas acções na melhor ocasião. No fim da semana não haveria uma única à venda.

Os Kronks, marido e mulher, desejavam ardentemente que a família de Jalna possuísse o maior número possível de acções da Mina de Ouro do Lago Indigo. A senhora Kronk, uma corpulenta mulher de rosto inteligente, com os cabelos louros severamente repuxados para trás, sentia também por Eden um interesse especial e uma grande simpatia pela sua franqueza. Eden perguntou a si próprio que atracção podia ela ter encontrado no pequeno e bilioso homem que - parecia - maltratava e acarinhava alternadamente. E não podia deixar de reparar na mudança da sua atitude para com ele próprio quando a encontrava sózinha. Ela estendia então, os braços pelas costas do sofá e falava-lhe em voz baixa e íntima, como se houvesse no passado de ambos anos de convivência.

O DESPERTAR DA PRIMAVERA

Como frequentemente acontece, a Primavera parecia não querer despertar. Qual pintainho num ovo de casca dura, ia picando levemente a dura casca de Inverno, mal se percebendo a sua húmida presença incipiente. Depois, aparentemente desanimada manteve-se durante algum tempo adormecida, como se jamais devesse eclodir. Finalmente, nos fins de Abril, após uma noite de chuva e ventania, num esforço angustioso, irrompeu de súbito e de manhã estava empoleirada sobre a Terra, se cando ao sol a sua pálida plumagem dourada e os seus olhos - os pequenos charcos brilhantes. E, como bocados de casca que quebrava, ainda se acumulavam, nas covas, restos sujos de neve e gelo.

À medida que se elevava, o Sol ia mostrando, uma vez mais, o poder do seu calor, vivificando cada rebento, pleno de seiva, cada raiz, plena de saúde. Imediatamente, a Terra entregou-se à Primavera. Em Jalna, Piers, mais do que qualquer outro, sentia a sua influência. Os mais velhos tinham a impressão de vê-lo crescer, e de facto crescia, não de uma maneira desajeitada e desengonçada, mas com todo o corpo numa serena harmonia. O pescoço e os ombros tornavam-se mais musculosos; as pernas sustentavam-no como elegantes colunas; da pele clara das faces e do queixo surgia uma autêntica barba alourada. Ao vê-lo barbear-se, Finch passou a considerá-lo mais respeitável. Era um dos predilectos da avó, que costumava exclamar, com grande embevecimento:

- Ah! Estás a ficar um rapagão! Umas costas como as do avô. É o único dos pequenos que as tem. Gosto de um homem bem proporcionado.

- Na minha opinião, todos eles são bem proporcionados - replicava Ernest.

- Bem proporcionados! Concordo que nenhum deles tem as pernas demasiadamente curtas, ou o pescoço muito comprido, com uma grande maçã de Adão, o que detesto.

- Olhe para Renny. É um rapaz elegante - intervinha Nicholas.

- Ora! Olhe para Renny. Olha tu. É o verdadeiro retrato de meu pai - o velho Renny Court - e sabes bem como ele era.

- Temos ouvido descrições tão diferentes dele, mamã.

- E ele era sempre diferente - conforme as ocasiões -, macio como seda, ou rude e grosseiro.

- Não pode negar que Eden tem beleza - acrescentou Nicholas como a desafiá-la.

- Beleza! Claro que tem beleza - a beleza da pobre mãe... Não - nenhum deles será jamais como o avô.

E erguia os olhos, de espessas sobranceiras, para o retrato do marido, o capitão Whiteoak, morto há muito tempo. Esses olhos brilhavam com um amor que os anos não tinham apagado. Um dos filhos, pegando no lenço, limpava carinhosamente as lágrimas que caíam pelo seu nariz aquilino e ela, com

a mão bem feita, segurava a dele, como se quisesse revigorar-se ao seu contacto.

Piers, consciente da sua aprovação, mais se entesava, tentando dar aos olhos a mesma expressão do retrato do avô - aquele que nascera num fole e com uma espada na mão. Já uma vez, na solidão das águas-furtadas, vestira o imponente uniforme e ficara a mirar-se num velho espelho. A sua imagem desapontou-o - o uniforme ficava-lhe muito largo e seriam precisos alguns anos de crescimento para que lhe assentasse bem. Apesar disso era uma bela figura de hussar e gostava de poder apresentar-se assim a família.

Mas nessa adorável manhã, dois meses depois do aniversário de Finch e o primeiro sábado de Maio, sentia-se feliz tal como era, livre como o ar durante todo o dia e pleno de uma incomparável alegria de viver. Assobiou aos cães, mas nenhum respondeu. Como de costume, deviam andar todos à volta de Renny. Atravessou o relvado onde, sobressaindo do verde aveludado da relva nova, as cabeças amarelas dos dentes-de-leão semelhavam brilhantes botões de cobre. Passou pela cancela da sebe e seguiu pelo caminho sinuoso que descia para a ravina. Naquela Primavera o ribeiro tinha inundado as margens, arransando-as e quase arrancando a ponte rústica. Mas agora, passado o primeiro ímpeto, acalmara e sussurava alegremente entre as hastes das espadanas e os tufos dos agriões.

Piers, inclinando-se no parapeito da ponte, pôs-se a pensar no que faria nesse dia. Uma sucessão de agradáveis possibilidades perpassou-lhe pelo espírito. Havia tantas coisas a fazer, mas por agora contentava-se em vaguear pela ponte, acariciando com as mãos fortes o parapeito, cujo rebordo tinha desaparecido há muito, arrancado pelos dedos destruidores dos rapazes. Lá estavam gravadas diversas iniciais - as suas, as dos irmãos, dos tios... Porque seria que o pequeno Finch gravara o nome - Finch - em vez das iniciais? Era um pretensioso, um presumido. Lá estava N W, de Nicholas, e a data 1865, quase apagada; as iniciais da irmã, entrelaçadas com as letras M V. Para se recordar, ainda pensou, durante alguns momentos. Ah, sim! M V eram as de Maurice Vaughan, o vizinho que, anos atrás, estivera noivo de Meg. O noivado tinha sido desteito devido à ligação de Maurice com uma rapariga da aldeia. Apareceu uma criança na soleira da porta dos Vaughans, como num autêntico melodrama da época vitoriana - um escândalo tremendo e o rompimento do noivado. Piers lembrou-se, com um riso trocista de como ficara impressionado quando Eden lhe contara a história. Tinha então catorze anos. Contudo raras vezes relacionava Pheasant Vaughan com tal facto - Pheasant, uma engraçada rapariguinha, bastante bonita e que conhecia desde que ela nascera.

Há meses que não a via. Tinham-se encontrado na estrada, num dia de frio glacial, em Janeiro. Ela caminhava com a cabeça inclinada contra o vento e vestia uma saia demasiadamente comprida, endurecida pela neve quase até aos joelhos. Tinha um aspecto estranho, parecendo uma pequena velhota. Cumprimentaram-se e, depois de se separarem, tinham ambos olhado para trás - ela com os olhos muito abertos, como se estivesse com medo. Devia levar uma vida bem triste, em casa, sózinha entre Maurice Vaughan e a senhora Clineh, a velha governanta. Pensando no contraste daquela casa com Jalna, plena de actividade, lamentou a pobre rapariga.

Já a esquecera quando a avistou, acorada entre os juncos, na margem do ribeiro. Tê-lo-ia visto? De qualquer maneira via-o agora, pois estava a fitá-lo e a acenar-lhe com a mão. Bastou aquele gesto para que ele, em grandes passadas, se aproximasse. Acocorou-se ao lado dela, sentindo um súbito

e inexplicável alvoroço.

- Que é? - murmurou.

- Olha... uma cobra de água.

Perto deles a cobra rastejava devagar, harmoniosamente, ondulando, mosqueada pela luz do sol. Piers admirava-se de que Pheasant não gritasse, como quase todas as raparigas fariam, mas, voltada para ele, os lábios entreabertos, descobrindo uma fieira de alvos dentes, sorria-lhe como a convidá-lo, para alguns momentos de camaradagem. Mas era apenas uma rapariguinha; se fosse mais velha, naturalmente gritaria.

- É feliz, não é? - perguntou num murmúrio.

Boa! Que coisa tão tola para dizer a respeito de uma cobra. Como se ela pudesse ser feliz!

- Gostavas que a matasse?

- Oh! Não. Gosto dela.

Piers desatou a rir. Tinha um riso musical e, como que contagiada, Pheasant riu também. A cobra, fitando-os cautelosamente com os olhos dourados, deslizou sem pressa para a sombra densa dos juncos. Tinha dominado o ribeiro e agora, que se retirara, sobressaíam na margem os pequenos restos brancos das sanguinárias.

Um silêncio palpitante envolvia o rapaz e a rapariga. O húmido e doce aroma da ravina, o sussuro do ribeiro cercavam-nos. Olhando para o charco de água onde estivera a cobra, viram o reflexo dos seus próprios rostos. Os cabelos e os olhos negros de Pheasant pareciam de âmbar, naquela sombra.

O rosado das faces de Piers, o azul dos seus olhos, o dourado do seu cabelo fundiam-se na imagem de um áureo adolescente, prestes a descobrir o significado da Primavera. Durante alguns momentos fitaram-se em silêncio. Depois o braço dele procurou a cintura dela, a sua mão tocou o lugar onde palpitava o coração, como uma andorinha a esvoaçar. Voltaram as cabeças e fitaram-se nos olhos.

Até então, Piers nunca sentira ternura por qualquer ser humano, apenas pelos pequenos cordeiros. Mas agora, de todo o seu corpo vigoroso emanava uma onda de ternura por Pheasant. Ternura e ânsia de protegê-la e ânsia de amá-la. Mas apenas lhe disse lacónicamente:

- És engraçada.

- Tu também - murmurou ela - Muito diferente do que eu julgava.

- Talvez sejamos ambos engraçados. Dás-me um beijo?

Ela acenou com a cabeça, sem falar. Mas nem chegou a ser um beijo, apenas os seus rostos se tocaram suavemente. Contudo por qualquer inexplicável razão, sentiram-se mais próximos, mais íntimos e ousados, estranhamente felizes.

- Quantos anos tens? - perguntou Piers.

- Dezassete... daqui a poucas semanas.

- Eu tenho dezoito, quase dezanove.

Nada mais descobriram para dizer. Ficaram sentados lado a lado, em silêncio, como se o falar dos seus anos os tivesse deixado mudos de espanto. Apenas se ouvia o sussurro do ribeiro. Um pequeno pássaro esvoaçou, com um bocado de cordel no bico, batendo as asas na ânsia de construir o ninho. Por fim, Piers quebrou o silêncio:

- Tenho de ir-me embora.

Ela não disse para esperar.

- Virás amanhã aqui à mesma hora?

Pheasant inclinou a cabeça e, arrancando um pouco de erva, pôs-se a

examiná-la.

- Eu venho cá - continuou Piers.

Deixou-a, atravessou a ponte e subiu o caminho es carpado a correr, como se quisesse mostra-lhe todo o seu vigor.

IV

ALTA DE COTACOES

Fazer versos e ganhar dinheiro" - pensava Eden - "sao duas coisas que se combinam harmoniosamente. Admira-me que os poetas do passado nunca tivessem pensado assim. "

O seu tio Ernest era o único membro da familia a quem confessava abertamente o seu gosto pela poesia. Claro que todos sabiam que fazia versos e, conforme os diversos temperamentos, consideravam isso como agradável passatempo, uma fraqueza herdada da mãe, ou perda de horas preciosas que devia consagrar ao estudo de Direito. Todos excepto Ernest. Apreciava o talento prometedor do jovem poeta e, quando Eden ia ao seu quarto ler-lhe os últimos versos, ficava desvanecido. Os seus dons literários firmavam um laço entre ambos. Ele próprio dedicava-se, ha alguns anos, a preparacao de um livro sobre Shakespeare, embora nunca tivesse mostrado qualquer manuscrito à família e Nicholas duvidasse abertamente da possibilidade da sua existência.

Na intimidade do quarto de Ernest, cujas paredes estavam decoradas por aguarelas de paisagens inglesas, pintadas na sua juventude, e de que havia pelo menos uma em todos os quartos da casa, tio e sobrinho mantinham muitas conversas agradáveis. Contudo, até essa altura, nunca versara assuntos daquela natureza. No passado, as suas conversas sobre dinheiro resumiam-se apenas, da parte de Eden, a lamentar a sua falta e, da parte de Ernest, a rapidez com que ele desaparecia. Mas depois da especulação sobre a Mina do Lago Indigo o assunto financeiro tinha tomado um novo e deleitoso aspecto. Nesse dia sentiam-se ambos satisfeitos.

Desde a própria semana em que Ernest fizera o investimento, as cotações do Lago Indigo tinham subido sem cessar, não de uma forma espectacular, mas regular e firmemente, de maneira a dar confiança aos accionistas. Kronk ia mantendo Eden, dia a dia, a par dos acontecimentos e uma nova brochura de cor viva veio confirmar esses relatórios. Quase todos os dias, depois das alas, Eden ia a casa de Kronk e, se ele não estava, encontrava a Sr^a. Kronk que tinha sempre boas noticias para lhe dar. Otencia-lhe um *cocktail*, em vez de chá, o que lhe dava um prazer que nunca experimentara. Kronk pagara-lhe uma comissão de vinte e cinco por cento, sobre os investimentos dos tios e de Piers; pagou-lha com um sorriso amável, como se realmente ele a tivesse ganho. Nicholas, sonhando com o Inverno na Riviera, dobrou o seu investimento e Ernest, depois de um mês de alta continua, tinha mais que triplicado o seu. Perante um ganho tão espantoso, os seus dedos formigavam, na ânsia de assinar cheques ainda mais importantes.

Era um homem vivo e afectuoso. Na sua alegria, enlacou Eden e deram

a volta ao quarto em passos de valsa. *Sasha*, a gata que dormia na cama, levantou-se para observá-los, arqueando o dorso e estendendo as pernas, com uma expressão desdenhosa no focinho.

- E eu não queria acreditar! - exclamou Ernest, um pouco ofegante, ao acabar a valsa - Tornei-me muito desconfiado a respeito de especulações depois dos meus últimos revezes. Mas isto, meu querido rapaz, é maravilhoso. Dizer que um encontro de acaso, no combóio...

- E se o tio o connecesse! Não tem o aspecto de um empreendedor de grandes negócios; apenas um homenzinho confiante, de maneiras agradáveis. Mas nada há que não saiba acerca de minas. Conhece todo o norte como a palma da mão. Parece ter uma verdadeira simpatia por mim.

Ernest endireitou os ombros.

- Vou comprar mais acções. Achas que devemos talar ao tio Nicholas? E uma vergonha não o deixar participar disto.

Eden reflectiu, sentindo-se entre a espada e a parede.

- Acho que não. É melhor; bem sabe que ele não gosta de especular. - Já estava arrependido de ter feito segredo do negócio. Mas como podia imaginar que se tornaria tão assombroso?

Nicholas ainda que incapaz de valsar, estava profundamente satisfeito. Batendo no braço da cadeira com o punho techado, exclamava: "Por Deus, é a melhor coisa, há anos, que me tem acontecido!" Não sugeriu que o irmão poderia participar no negócio, mas regozijava-se antecipadamente com a surpresa do velho Ernie quando descobrisse o astuto especulador em que ele se tinha tornado.

Quanto a Piers, nunca mostrara tanto ardor no trabalho da quinta, das cavalariças e do pomar - nenhuma tarefa era para ele demasiadamente pesada ou aborrecida. Os bons trabalhadores eram raros e ele trabalhava com um zelo que surpreendia Renny, mostrando ao mesmo tempo uma desconcertante avidez pelo ganho. Com confiança infantil, entregava quanto ganhava a Eden, para novos investimentos. Este, por seu lado, tinha aberto conta corrente num banco, onde depositava, quase religiosamente, as suas comissões e, uma meia dúzia de vezes por dia, tirava do bolso a pequena caderneta e examinava os depósitos, saboreando o aumento do seu pecúlio. Tinha um mapa na secretária e, quando juntou o suficiente para pagar as passagens para a Europa, traçou uma linha vermelha desde Montreal até o Havre e daqui até Paris. Calculou quanto precisaria para passar aí um mês e o dia chegou em que se atreveu a escrever, sempre a vermelho, UM MÊS AQUI. Pediu emprestados aos tios livros sobre Paris. Ernest mostrou-lhe um velho album de fotografias e postais ilustrados de Paris, das Rivas Francesa e Italiana, de Florença, Roma e Sicília e, ao vê-lo com Eden, leu-lhe passagens de um diário que tinha escrito durante as suas viagens. Para esconder o seu entusiasmo um do outro e dos restantes membros da família, Nicholas e Ernest tinham de fazer um grande esforço sobre si próprios. Contudo nem tentavam dissimular uma sensação de bem-estar e bom-humor e as coisas que geralmente os irritavam agora provocavam-lhes apenas um tolerante sorriso. O barulho e as travessuras de Wakefield, a irascibilidade da mãe já nem os incomodavam. Piers continuava a trabalhar com perseverança e com igual perseverança mostrava uma crescente avidez pelos ganhos, que entregava totalmente a Eden, para novos investimentos.

Ainda o Verão mal começara, já Eden tinha conseguido persuadir a irmã a comprar acções da Mina do Lago Indigo. Meg era de natureza pouco especuladora e aborrecia-lhe que a família soubesse que possuía mais do que o pre-

ciso para as suas necessidades. Contudo deixou-se tentar, e quando Eden pôde confirmar-lhe a alta das cotações ficou tão entusiasmada que se ele a não impedisse teria lançado tudo o que possuía na especulação.

Mas o irmão mais novo, a irmã e os tios eram pequenas presas de Eden. Ansiava por um accionista que possuísse fortuna mais substancial e cada vez mais o seu pensamento se fixava na avó. O grande obstáculo era a sua idade. Conseguiria fazer-lhe compreender a sua proposta? Seria possível realizar a transacção sem o conhecimento do procurador, Mr. Patton? Toda a família sabia que a sua fortuna estava aplicada da maneira mais estável, o que os filhos lamentavam, pois assim os seus rendimentos não eram tão elevados como podiam ser, embora eles nunca vissem mais do que o suficiente para as suas pequenas despesas, ou para qualquer presente que lhes dava.

Por diversas ocasiões, Eden dirigiu-se até à porta do quarto da avó, antes de ela se levantar, com o propósito de sondá-la sobre aquele assunto, mas de todas as vezes faltou-lhe a coragem. A avó podia revelar tudo à família, que o censuraria por ter-lhe sugerido tal especulação, e ainda há pouco, devido ao mau êxito dos seus exames, ouvira repreensões bastantes para o resto da sua vida. Contudo não podia afastar do seu espírito a deliciosa perspectiva de apanhar, na sua rede, um peixe tão graúdo. E tudo isso seria parabem dela! Na verdade, devia até ficar-lhe agradecida e aumentar-lhe a parte que, com certeza, lhe deixava no seu testamento.

Aquela indecisão não podia continuar acabou na manhã em que, ao passar pelo quarto, Eden viu a avó sentada numa cadeira baixa, diante de um banco com uma bacia de água, onde lavava os anéis que sempre usava - a aliança de casamento, o anel de noivado e mais cinco, demasiado para uma mulher de bom gosto, e sobretudo para uma mulher de idade avançada. Contudo ficavam-lhe bem e a família não podia imaginar sem eles as suas velhas mãos, ainda bem modeladas.

Ao ver a imagem de Eden no espelho, a avó gritou:

- Vem cá, Eden, vem contar-me as maroteiras que andas a fazer.

Os olhos de ambos encontraram-se no espelho. Sorriram-se e Eden entrou e, fechando a porta, sentiu-se logo envolvido pela atmosfera especial daquele quarto. A avó criada numa época de menos hábitos higiénicos desconfiava do ar da noite, não se importando de deixar o papagaio vaguear pelo quarto, por onde espalhava as suas penas e as sementes de que se alimentava. Porém, nessa ocasião, quase meio-dia, a janela estava aberta e as pesadas flores brancas do lilás próximo misturavam o seu perfume ao da atmosfera do quarto.

Eden, inclinando-se para a avó, beijou-a entre os olhos, sentindo o contacto das suas fartas sobranceiras e da linda guarnição branca da sua touca.

- Que nova maroteira é agora?

- Não há maroteira alguma. Negócios.

A avó pareceu não ter compreendido e continuou a lavar os anéis, respirando ruidosamente.

- Gosto do rubi desse anel.

- É uma bela pedra. Foi um rajá quem mo deu.

- Gostava de conhecer todo o seu passado, vóvó.

Ela riu, satisfeita.

- Qualquer dia conto-to e poderás fazer um poema.

- Uma epopeia!

- Nada consegues de mim com a lisonja.

- Tem uma espuma formidável na bacia. Quer que lhe lave os anéis?

- Não, não. Gosto de ter qualquer coisa com que me entreter. Quando se chega à minha idade, não é preciso muito para nos distrairmos... Um pouco de água e de sabão... alguns anéis para lavar.

Eden ajoelhou-se e o seu olhar brilhante procurou o dela. Vendo-o tão perto, a avó examinou-o com atenção.

- És demasiadamente bonito. Há-de ter aborrecimentos com as mulheres.

- Atrás de Renny é que elas andam.

- Ele! Espero que venha a ser melhor marido do que o meu pai, de quem é o retrato esçarrado.

- Adoro-a quando é vulgar, vóvó.

- Quem foi? Longfellow? Quem disse que não perdêssemos a nossa parte de vulgaridade?

- Foi Longfellow - respondeu Eden, a rir. - A melhor coisa que ele escreveu.

Ela limpou os anéis, meteu-os nos dedos e, estendendo as mãos pôs-se a admirá-las.

- As minhas mãos não são feias para uma mulher da minha idade, pois não? Tenho-as há quase cem anos.

- Sempre admirei as suas mãos, vóvó.

Adeline, cruzando-as mais sobre o regaço, perguntou de súbito:

- Esse negócio? Que é?

Eden já tinha resolvido não lhe falar do seu plano. Era muito perigoso. Mas a avó percebeu a sua hesitação.

- Vá, diz lá. Gosto de ouvir falar de negócios... se forem sérios.

- Acho que isto não lhe interessa.

- Então, porque fechaste a porta?

Era a ocasião própria, não podia resistir. Eden pegou-lhe nas mãos, com os anéis ainda húmidos e disse-lhe, em voz baixa:

- É uma mina de ouro. Lá em cima, para o Norte. Uma ocasião estupenda, para quem tiver dinheiro para colocar... A exploração ainda está em princípio. E um filão extraordinariamente rico. Estão a fazer-se fortunas. Conheço um homem...

- Ouro! - exclamou ela, com avidez - O ouro!

Fosse prata, ou qualquer outro metal não lhe interessaria. Mas a palavra ouro inflamava-lhe a imaginação. O ouro, ela compreendia-o.

O papagaio, que tinha arremessado todas as sementes pelo comedouro fora, à procura das predilectas, levantou a cabeça e pôs-se a gritar:

- Ouro! Ouro! Ouro! Peças de oito! Peças de oito!

Adeline bateu as palmas.

- Ouve-o! Percebe tudo o que dizemos.

- É um bom agoiro - riu Eden, pegando-lhe nas mãos - Ouça, vóvó!

- Sim, sim. Conta-me tudo.

Não estava apenas interessada, mas entusiasmada por ouvir toda a história do Lago Indigo. Eden, transformado em hábil propagandista, desenrolou-a toda, embelezando-a com as trases mais coloridas e poéticas. Inclinação para ele, a boca entreaberta e os pêlos encaracolados do queixo a tremelicar, a avó bebia-lhe as palavras. O papagaio saltou-lhe para o ombro, sempre a gritar, com apaixonada insistência: "ouro... ouro... peças de oito... peças de oito!"

Eden mostrou-lhe o colorido prospecto, com as máquinas da Mina a sobressaírem de um céu azul turquesa e tendo por fundo, o Lago Indigo. A avó pôs-se a examiná-lo atentamente, com uma lente de aumentar. Já tinha aplicado capital em investimentos seguros e garantidos, mas nenhum sobre ouro.

A sua imaginação, que nada agora ocupava, inflamou-se e, surdamente ressentida contra o procurador pelo que considerava as suas despóticas maneiras, saboreou a ideia de logrã-lo.

- Vou fazê-lo - gritou, dando uma palmada no joelho de Eden. - Vou fazê-lo, hoje mesmo.

O coração de Eden bateu com mais força.

- Quanto, vóvó?

Ela franziu as sobrancelhas e depois exclamou:

- Cinquenta mil. Investirei cinquenta mil dólares.

Eden recuou, assombrado.

- Não pode fazer isso. E demais.

- Nunca faço as coisas por metade.

Eden estava apavorado. Já desejava nunca ter talado Enrolou o prospecto e observou-lhe:

- Isto é muito fatigante para si. E melhor não pensar mais no assunto.

- Agora falas como teu tio Ernest. Não me fatiga, até me faz bem.

- Mas não deve investir tanto.

- Quem me diz o que devo ou não fazer?

Assim, já ele não teria responsabilidade alguma. Demais a mais, a avó tinha quase cem anos.

- Suponha que perde o seu dinheiro? E depois!

Ela, alteando a cabeça, falou com voz dura e forte.

- Eu nunca perco. Se o ouro está lá, *está lá*. Ou não está?

Ao ouvir falar de ouro, Bonney repetiu: "Peças de oito! Peças de oito! - Depois acrescentou em hindustânico: *"Kutni - Kutni - Paji - Shaitan Ka khatla!"*

- Sim - respondeu Eden - O ouro está lá. É um negócio maravilhoso, mas previno-a de que comece por pouco. O meu corretor assim aconselharia.

- Cem dólares, então.

Era uma diminuição terrível. Eden hesitou, sem saber que dizer. Percebendo-o a avó acrescentou, com meiguice:

- Quanto? Diz tu.

Não podendo resistir, Eden ouviu-se a si próprio dizer:

- Dez mil?

- É precisamente essa a quantia - concordou ela.

E Eden teve a impressão de que a avó já não distinguia umas quantias das outras, embora gostasse de ganhar. O que mais o preocupava agora que ela concordara em fazer o investimento, era a maneira de efectuar a transacção. Nada percebia de negócios e não se arriscava a informar-se junto dos tios, ou de Renny.

Conseguiu convencê-la a não revelar o projecto à família. Já fatigada, apenas acenava dócilmente com a cabeça, fazendo tremelicar as rendas da touca. Ele próprio sentia-se cansado e limpava o suor da testa, ao fechar a porta do quarto. Vacilava entre a alegria e a ansiedade, quando a imagem de Kronk surgiu no seu espirito. Era o homem mais indicado para resolver o assunto. Iria vê-lo nesse mesmo dia.

Aproveitando a companhia de Renny, foi à cidade. Sentado ao lado dele, no velho carro que seguia aos solavancos, ia observando o duro perfil que conhecia tão bem. Era de facto um perfil notável, com o nariz de narinas orgulhosas, tão parecido com o da avó. Nesse momento a boca e os olhos exprimiam uma atenção desdenhosa, pois Renny não gostava de guiar e desconfiava dos automóveis, considerando-os com uma atitude semelhante à dos seus cavalos. Já na cidade, perguntou:

- Onde queres que te deixe?

Eden hesitou antes de responder.

- Oh! Em qualquer parte.
- Em qualquer parte? Mas onde queres ir?
- Aonde vais? Deixa-me onde te convier.

Renny olhou-o com vivacidade.

- Então para que vieste? Só para passear?
- Na verdade, venho para falar com um colega a respeito de uns livros.
- Para tos emprestar? Oxalá! Os teus livros são caros como o diabo.
- Se ele os tiver, empresta-mos. Mora no edifício Norfolk.
- Está bem; posso levar-te lá. É melhor voltares para casa de combóio.

Era no edifício Norfolk que Kronk vivia. Tinha saído, mas a mulher estava em casa. Eden percebeu imediatamente a sua satisfação ao vê-lo. Tinha pintado os lábios mais do que se usava então e sombreara os olhos, claros e brilhantes. Trazia um vestido curto de cinta comprida, como era moda, e quando se sentou, cruzando as pernas, Eden reparou como eram bem feitas e as meias mais claras e transparentes do que estava habituado a ver. Ela, ao ver o seu olhar, exclamou:

- Depois da última vez que estive aqui fui a Nova Iorque fazer compras. Espero que não ache estas meias muito transparentes. - E estendeu as pernas, lado a lado, com os sapatos de tacão alto, dando assim a impressão de serem demasiadamente pequenas para a sua estatura.

- Acho-as muito bonitas - respondeu Eden, bastante atrapalhado, pois aquele género de mulheres era novo para ele. Depois acrescentou: - Suponho que Nova Iorque é maravilhosa. Nunca lá fui.

- Ah! Maravilhosa! Além das compras, fiz alguma coisa mais. Não reparou?

Eden percorreu-a com os olhos, mas nada descobriu de diferente.

- Parece-me sempre tão bem vestida!
- Não se trata do vestido. Olhe! - Inclinou a cabeça e ele viu que cortara os cabelos.
- Cortou o cabelo!
- Não está apenas cortado, mas a nuca rapada à navalha. Gosta? Meu marido detesta isto. Gostava do meu cabelo comprido, mas era uma maçada.
- Acho que lhe fica muito bem.

Ela endireitou-se e sorriu-lhe com intimidade.

- Estou tão contente. Seria insuportável para mim que não gostasse.
- Mas gosto; gosto imenso. - E corou. Não sabia bem o que ela esperava, mas Eden tinha um único desejo: falar de negócios.
- Vou buscar-lhe uma bebida - disse ela, de súbito, indiferente.

Dirigiu-se para a sala de jantar, separada da saleta apenas por um arco abatido e pôs-se a mexer no guarda-louça. Eden, bastante intimidado, ficou a observá-la. Depois enquanto bebiam o scotch, encheu-se de coragem e começou:

- Suponho que Mr. Kronk foi a Nova Iorque tratar de negócios.

Ela soltou uma gargalhada.

- Certamente e só para isso. Meu Deus, como os Nova Iorquinos açambarcaram as acções do Lago Indigo - Acabou de beber, com pequenos estalos da língua.

Comparadas com isto, as notícias de Eden pareciam insignificantes.

- Minha avó tem um dinheiro que queria investir, mas...

Imediatamente, a Sr.ª Kronk olhou-o, muito atenta.

- Sua avó? Você tem sorte, com parentes tao ricos.

Eden não gostou daquela observação. Respondeu-lhe secamente:

- A dificuldade está em não sabermos como vender os títulos do Estado e depois investir o producto. Ela não pode ir ao banco, já é muito idosa.
- Tem oitenta anos ou mais?
- Mais, muito mais.
- Os seus tios não podem substituí-la?
- Ela prefere que eles não saibam. Estão sempre a aconselhar-lhe prudência.
- Então o que é preciso é uma procuração. Tenho modelos já prontos, basta assinar.

Era tudo tão simples! Quando Eden saiu, com o papel no bolso, a sua alegria era tal que só reparou que chovia depois de ter percorrido alguma distância. Ao meter-se no autocarro, tinha as dobras das calças todas molhadas. No trajecto para a estação, acenderam-se os candeeiros da rua, e, à claridade, avistou numa esquina o velho carro familiar, já com dez anos de existência e, ao volante, o irmão. Como não tinha tempo de esperar pelo bilhete, atirou com o dinheiro ao conductor e saltou do autocarro, mesmo quando a porta ia a fechar-se. Sob as bategas de água, correu para o carro, bateu no vidro e subiu precisamente no momento em que o senhor de Jalna o punha em movimento, com o infalível solavanco que o atirou contra o assento.

- Isso é que foi habilidade! - exclamou Renny.
- Fiquei bem contente quando te vi.
- Arranjaste os livros?
- Que livros?
- Os que o teu amigo queria emprestar-te.
- Ah! Não, infelizmente. Os que ele tinha não me serviam.

O irmão fitou-o com o olhar suspeito que parecia estar sempre alerta, sobre as sobrelhas movediças.

- Quem é esse rapaz?

Eden pensou: "Quando se está atrapalhado, todos suspeitam de nós - especialmente o velho Ruço." O seu espírito estava tão excitado com a entrevista com a Sr.^a Kronk, com a ideia de que tinha a procuração no bolso que era incapaz de defender-se, como habitualmente. Quase gaguejou:

- É um rapaz chamado... e sem poder conter-se, acrescentou: - Kronk.
- Kronk? - repetiu Eden, com entoação ameaçadora - Quem é?
- Não deves conhecê-lo. É de Saskatchewan.
- Estuda Direito?
- Sim.
- Que está a fazer aqui, nas férias?
- Trabalha.
- Como pode viver num edifício tão luxuoso?
- É que... sabes... o pai é muito rico.
- Proprietário de algum rancho?
- Sim, é isso.
- Então, porque não trabalha o rapaz na quinta, onde podia ser útil, em vez de trabalhar na cidade?
- Zangou-se com o pai e não quer ir para casa.
- Ah!

Era evidente que Renny ficara com fraca impressão do jovem Kronk. Com expressão severa, pôs-se a limpar, com um velho farrapo, a humidade do pára-brisas.

Eden perguntou, amavelmente:

- Quando tencionas comprar um carro novo? - Compreendeu, instantaneamente, que era a última pergunta que devia fazer. Seguiu-se um silêncio taciturno

- Nunca penso nisso.
- *Nunca!* Santo Deus!
- Há outras coisas de que tenho mais necessidade.

Naquele local a circulação era intensa ou, pelo menos, assim parecia a aqueles que não podiam imaginar no que se tornaria mais tarde.

- Em 1903 - explicou Renny - havia cento e setenta e oito veiculos automóveis na estrada de Ontário. Agora, vinte anos passados, há duzentos e setenta e oito mil setecentos e cincoenta e dois.
- Como fixaste tu esses números? - perguntou Eden surpreendido.
- Porque me interessa. Detesto estas máquinas - E dirigiu um trejeito irrioso ao conductor de um carro novo que tentava barrar-lhe a passagem.
- Caramba! - exclamou Eden, respirando fundo - Escapámos de boa.
- Precisava de uma lição.

Depois de deixarem para trás a cidade, seguiram pela estrada silenciosa e quase deserta. De um lado estendiam-se os campos de trigo, cujas pesadas espigas pendiam sob a chuva, e os bosques que o crepúsculo já ensombrava; do outro, a extensão acinzentada do lago. Renny parou o carro, acendeu um cigarro e ofereceu outro a Eden, que lhe perguntou:

- Sempre compraste a poldra de que tinhas falado?
- Não, infelizmente. Um homem de Pittsburg andou mais depressa. Comprou-a ontem.

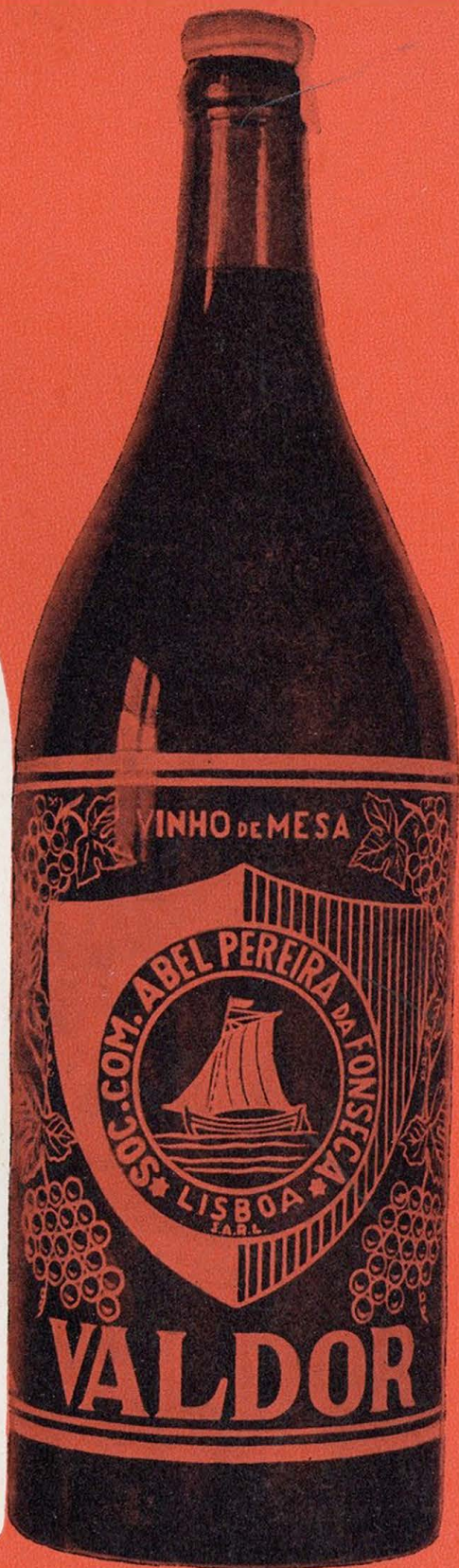
Eden soltou um murmúrio de simpatia; Renny continuou:

- Podia ganhar muito dinheiro com aquela poldra. Era um encanto. Mas é o que acontece quando há pouco dinheiro. - Suspirou, limpou o para-brisas e pôs o carro em marcha.
- Que solavanco! - exclamou Eden, equilibrando-se.
- Arranca sempre assim. - replicou o irmão, lacónicamente.
- Queres que eu guie?
- Não, obrigado.

Eden sentiu um súbito impulso de piedade por Renny. Ali estava ele a precisar de dinheiro e podia ganhá-lo, bem fáclmente, no negócio do Lago Índigo. Pensou em falar-lhe imediatamente. De facto seria injusto, mesmo cruel, nada lhe dizer. Escusava até de o informar que os outros membros da família tinham comprado acções.

- Um rapaz com quem falei esta tarde ganhou bastante dinheiro com umas acções.
- Que acções?
- Mineiras. De uma mina de ouro.
- Pode guardá-las. Com certeza que vai perder. Nunca arriscarei um dólar em acções mineiras. Já há bastantes papalvos sem mim. E agora vou dizer-te uma coisa que me interessa. Na próxima semana há uma venda de gado perto de Stead. Queres vir comigo?

"Bem", pensou Eden, "Nada há a fazer por Renny. Mas como vai arrepender-se, ao ver que se enganou." Um estremecimento nervoso percorreu-lhe o corpo, ao lembrar-se da procuração que tinha no bolso. A chuva continuava a cair e o vento que soprava do lago, refrescara. Quando passaram pela pequena aldeia, próximo de Jalna apenas as luzes na escuridão, ninguém se via. Sob os enormes pinheiros, que há duzentos anos já ladeavam a estrada e que caminhavam para a sua última década, estendia-se a densa escuridão da noite. Entraram no caminho da propriedade, onde se erguiam os cónios e os abetos, fazendo chapinhar a água das poças e passaram em frente da casa brilhantemente iluminada. Eden preferia descer ali, mas iam



a autópsia
dos
ESTADOS
UNIDOS
L.L. Matthias



Um livro-chave
para a compreensão da
vida americana

editora ulisseia